



Da Amnésia à Anamnese

altares da memória no Rio São Francisco



*Nada, em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já
que tudo se passa em ponto numa bola;
e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá
suas voltas.*

- João Guimarães Rosa

Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem...

-J.G.R

Trabalho Final de Graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

Autora *Carolina Guida*

Matricula *140167986*

Orientador *Ricardo Trevisan*

Da Amnésia à Anamnese

altares da memória no Rio São Francisco

Anamnesis: recuperação de uma memória perdida, reminiscência

Amnésia: perda total ou parcial da capacidade de recordar

*A noite que mergulha no sono. [...]
Esse outro hábito do tempo, a noite.
A purificação e o esquecimento. [...]
Que trama é esta
do será, do é e do foi?
Que rio é este cuja fonte é inconcebível?
Que rio é este
que arrasta mitologias e espadas?
É inútil que durma.
Corre no sonho, no deserto, num porão.
O rio me arrebatou e sou o rio.
De matéria precíval fui feito, de misterioso tempo.*

(BORGES, p. 381, 1999)

artista: Sandra Cinto / adaptado pela autora

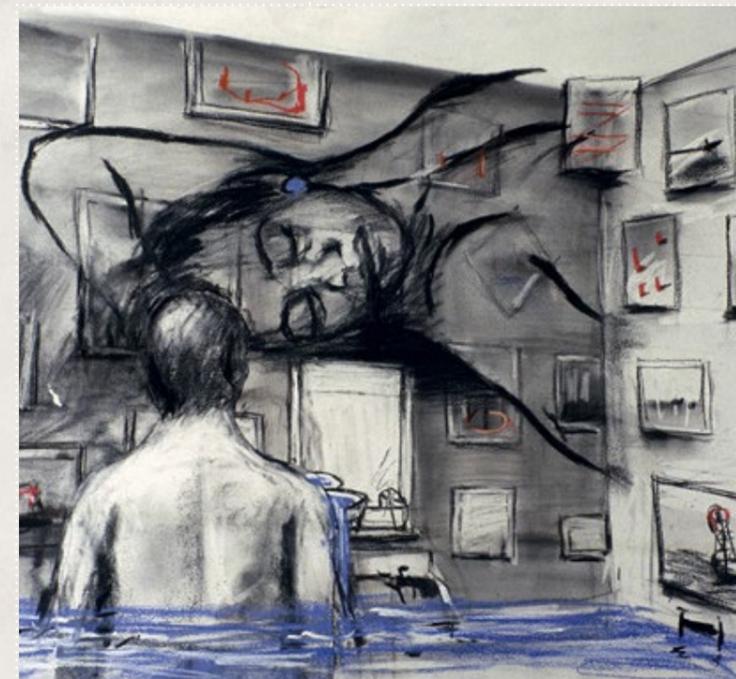
recordar: re-acordar

justificativa pessoal

A escolha do meu tema de diplomação surgiu num momento particular: em plena pandemia de coronavírus. Estava imersa em uma quarentena que já completava um ano e meio, isolada, assistindo a mortes ininterruptas, que somavam o número de quase 600 mil no Brasil e 4,39 milhões no mundo. O perigo eminente de ter contato com pessoas e locais externos à minha casa restringiram minha conexão, sempre tão direta, com o exterior; fazendo com que eu me voltasse cada vez mais para dentro, tanto animicamente quanto fisicamente.

Diante dessa condição introspectiva e ensimesmada, acompanhada da perda progressiva de um referencial externo, barreiras antes construídas - entre o dentro e o fora, o passado e o presente, a memória e o esquecimento, a realidade e o sonho - foram borradas, de forma que meus valores mais primários, de repente, encontravam-se suspensos e embaralhados. Num processo intenso de dissociação, concomitante a um mais lento e doloroso processamento da realidade, vi-me, metaforicamente, a tatear formas incertas num quarto escuro; tendo em vista que a incerteza e a imprecisão, às vezes, são as únicas referências de como construir um sentido.

Nesse percurso, um jeito que encontrei de “enxergar” no “escuro”, foi recorrendo aos recursos da memória, afinal, a memória é capaz de anular distâncias temporais e espaciais - permitindo a deflagração da imaginação, do sonho e do simbolismo -, ao mesmo tempo em que nos lembra que essas distâncias existem e existiram; recapitulando, assim, um sentido de pertencimento no tempo e no espaço. Esse ato de “recordar” ou de “re-acordar” possibilitou também, que lembrasse de minhas origens, assim como de quem eu sou, no presente momento; tal como um rio:



Obras de William Kentridge: Felix in Exile. 1994.

[...] eles endireitaram o rio [...] em alguns lugares, para abrir espaço para casas e terrenos habitáveis. Volta e meia o rio inunda esses lugares. “Inunda” é a palavra que se usa, mas na realidade não é inundação; é lembrança. Lembrança de onde ele costumava correr. Toda a água tem memória perfeita e para sempre tenta voltar para onde estava. Os escritores são assim também: buscam lembrar onde estavam [...] e o caminho de volta ao lugar original. É [a] memória emocional, [...] e uma golfada de imaginação é nossa “inundação”. (MORRISON, 1995 apud FERREIRA, 2016)

O contexto memorial, atrelado à ideia de rios e cidades, foi inicialmente avivado devido à elaboração de uma pesquisa de Iniciação Científica (2020 - 2021) - coordenada pelo meu atual orientador, Ricardo Trevisan - denominada: “Às margens do São Francisco: CHESF e suas cidades novas de realocação”. O trabalho discorre sobre oito cidades novas que foram compulsoriamente realocadas, em decorrência da construção de três hidrelétricas ao longo do rio São Francisco. Ao explorar o universo das cidades novas presentes na pesquisa, mergulhada no impacto causado pelas *barragens* impostas ao longo do rio Velho Chico - levando em consideração a fragilidade de minhas *barreiras* - houve uma mistura entre o sujeito que pesquisa (eu) e o objeto pesquisado (as cidades); de forma que essas águas do São Francisco provocassem, também em mim, *inundações* e *reverberações*.

Perante a repercussão pessoal provocada pelo estudo, três cidades acabaram *transbordando* - Petrolândia (PE), Itacuruba (PE) e Rodelas (BA) - de forma que fui levada a investigá-las mais a fundo, extrapolando as *bordas* da pesquisa em si, abordando-as a partir de outras lentes, no presente Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse decurso, foram entrelaçados *estratos memoriais* e *temporalidades*, tanto das antigas sedes submersas quanto das novas cidades construídas. O Trabalho procura, assim, realizar intervenções simbólicas que evidenciem e atravessem essas *camadas* latentes e sobrepostas na região - particularmente, na porção afetada pela construção da usina hidrelétrica de Itaparica, ao longo do Rio São Francisco.



Obras de William Kentridge: Felix in Exile. 1994.



Sumário

Parte I: O Rio

“Não há mensagem, há mensageiros [...]” 2-5

Parte II: A Nascente

Rios fundam ou afundam cidades? 8-9

Parte III: À Margem

Cidades Barrageiras 12-15

A Barragem 16-19

As Margens

Delineamento físico da área de intervenção 20-35

Índices sociais e distributivos 36-43

Uso do solo e bases produtivas da área de intervenção 44-49

A transposição do rio São Francisco, a sua bacia e a eletricidade 50-59

Parte IV: O Leito

Linha do Tempo 62-63

Percurso linear 64-67

Percurso não-linear 69-69

Parte V: A Correnteza

Reflexos do passado: Reflexões no Presente 76-77

Cidades Inundadas: o começo 78-83

Plano das Cidades: o recomeço 84-89

As Cidades Hoje: o palimpsesto 90-99

Parte VI: O Mergulho

Os Lampejos 104-105

Seu Carlos 106-107

Seu Jailton 108

Dona Primitiva e Lucilene 109

Antiga Rodelas e o Rio São Francisco 110

Antiga Itacuruba e o Rio São Francisco 111

Parte VII: As Sobrevivências

Os Arquétipos

A perpetuação de figuras simbólicas 116-123

Mapeamento dos elementos definidores 124-127

As Sobrevivências

Os vagalumes e a escuridão 128-133

Parte VIII: A Eletricidade

A Eletricidade Hidráulica 136-137

A Eletricidade Celular 138-139

A Memória 140-141

O Esquecimento 142-143

Parte IX: Da Amnesia à Anamnesis

Bases projetuais 150

Programa de necessidades 151

Implantação esquemática 152-155

Terra enterrada

Desterrados: a destruição de memórias e a suspensão de raízes 156-157

Museus

Passado 162-163

Vertentes

Referências projetuais 166-167

Plantas

Fundação 170-171

Térreo 172-173

Primeiro pavimento 174-175

Segundo pavimento 176-177

Terceiro pavimento 178-179

Quarto pavimento 180-181

Cobertura 182-183

Cortes 184-187

Fachadas 188-193

Funções/Fluxos 194-195

Estrutura 196-199

Mirantes

Presente 208-209

Vertentes

Referências projetuais 214-215

Plantas

Fundação 219

Térreo 220

Primeiro nível 221

Segundo nível 222

Terceiro nível 223

Cortes 224-225

Fachadas 226-229

Estrutura 230-233

Galerias

Futuro 236-239

Vertentes

Referências projetuais 240-241

Implantação

Geral 248-249

Itacuruba

Geral 252-253

Museu+ galeria 254-255

Mirante 256-257

Rodelas

Geral 258-259

Petrolândia

Geral 260-261

Museu+ galeria 262-264

Mirante 265

Saveiros

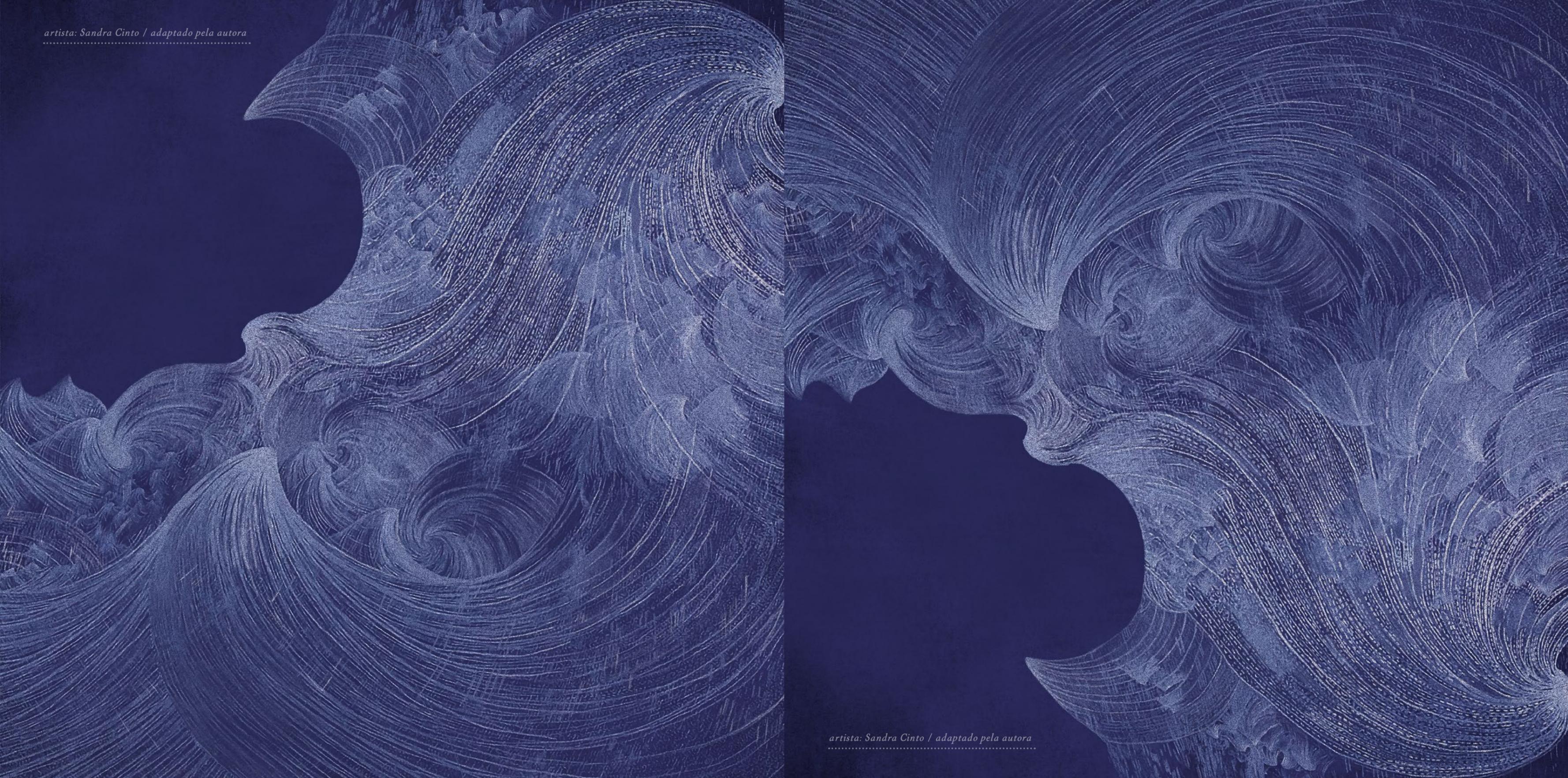
Sinapses 266-275

Circuitos 276-281

Agradecimentos 284-285

Referências 286-289

artista: Sandra Cinto / adaptado pela autora



artista: Sandra Cinto / adaptado pela autora

Parte I: O Rio

-Dize-me também se o rio te comunicou o misterioso fato de que o tempo não existe? [...]

-Acho que te referes ao fato de que o rio se encontra ao mesmo tempo em toda parte, na fonte tanto como na foz, nas cataratas e na balsa, nos estreitos, no mar e na serra, em toda parte, ao mesmo tempo; de que para ele há apenas o presente, mas nenhuma sombra de passado nem de futuro.

(HESSE, p. 90, 2003)

artista: Sandra Cinto / adaptado pela autora

• O Rio •

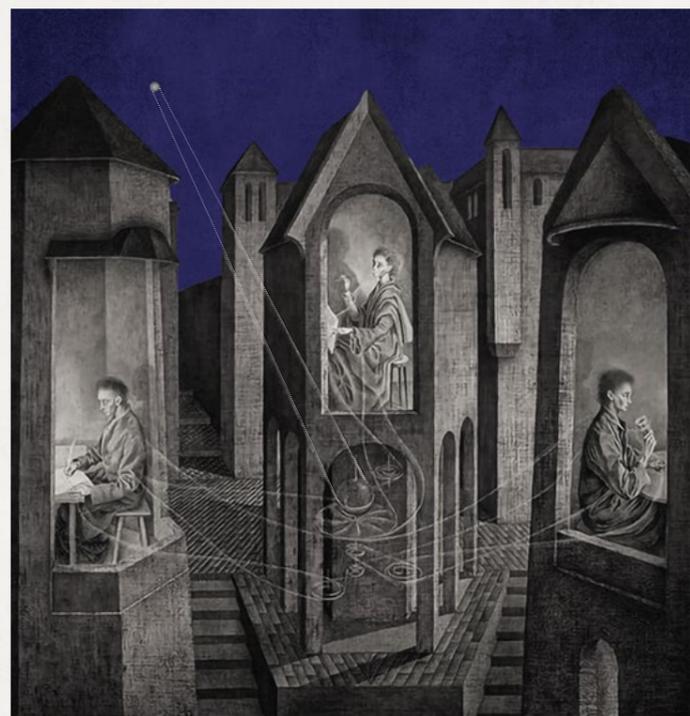
“não há mensagem, há mensageiros, e isso é a mensagem”

(CORTÁZAR, 2009, p.457)

No rio, não existe começo ou fim, pois trata-se de um fluxo: uma estrutura móvel, viva, polifônica e em constante transformação. Muitas vezes demarcado como limite, partição, separação – o rio, talvez, seja antes diálogo, comunicação, meio. Nessa perspectiva, podemos compreender o rio como um “grande recado” que, à medida que é relatado para outro (por exemplo, o tempo), modifica a sua narrativa e, conseqüentemente, sua matéria. Ou seja, a narrativa em si do rio, é inapreensível - visto que conforma um espectro multidimensional e inconstante. Todavia, o que se modifica, incessantemente, é a leitura: a interação do rio com o *outro*.

Nessa perspectiva, ao represarmos o rio, a sua narrativa fluida é interrompida, pois sua matéria é bloqueada. Com isso, essa narrativa se resguarda e concentra naquele local, condensando uma memória material (ruínas) e imaterial (afetiva). Toda uma história extensa e acumulada que existiu, fica ali, afogada.

Todavia, o rio caudaloso que foi represado, continua, fino, e *recomeça*. A lembrança que foi submersa, em parte, segue fluindo: continua por de baixo (no inconsciente) - emergindo de outras formas, em outros lugares, no fundo.

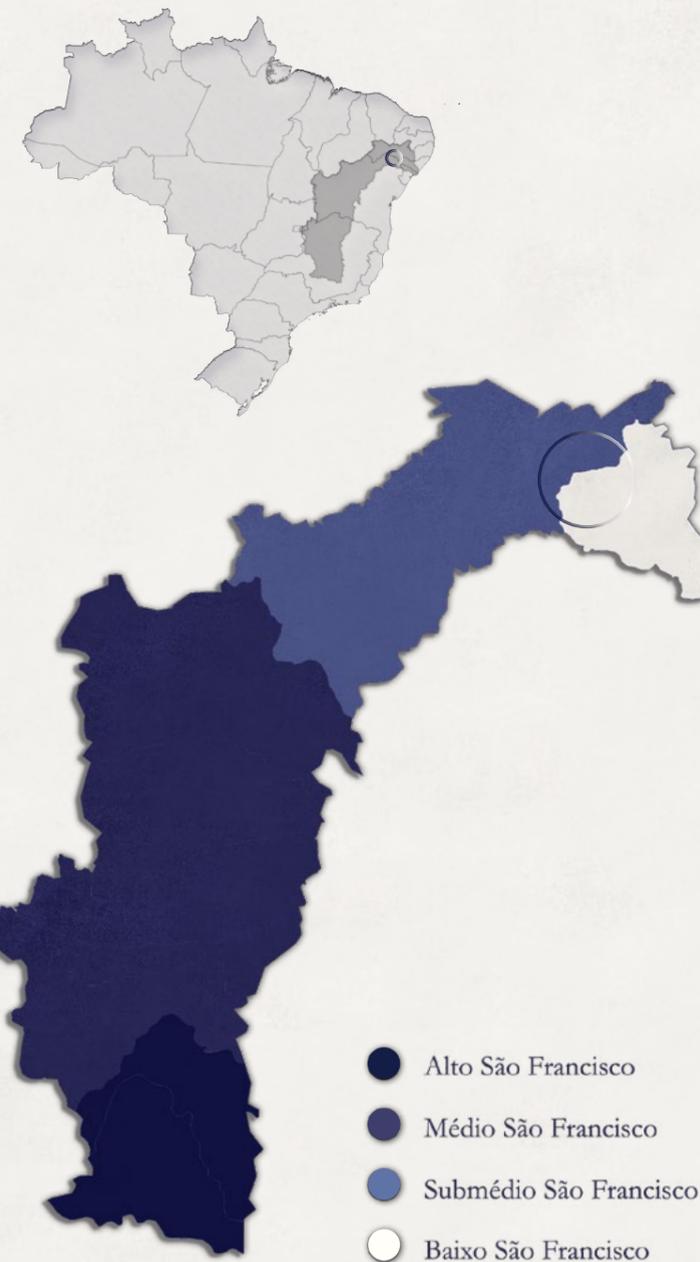


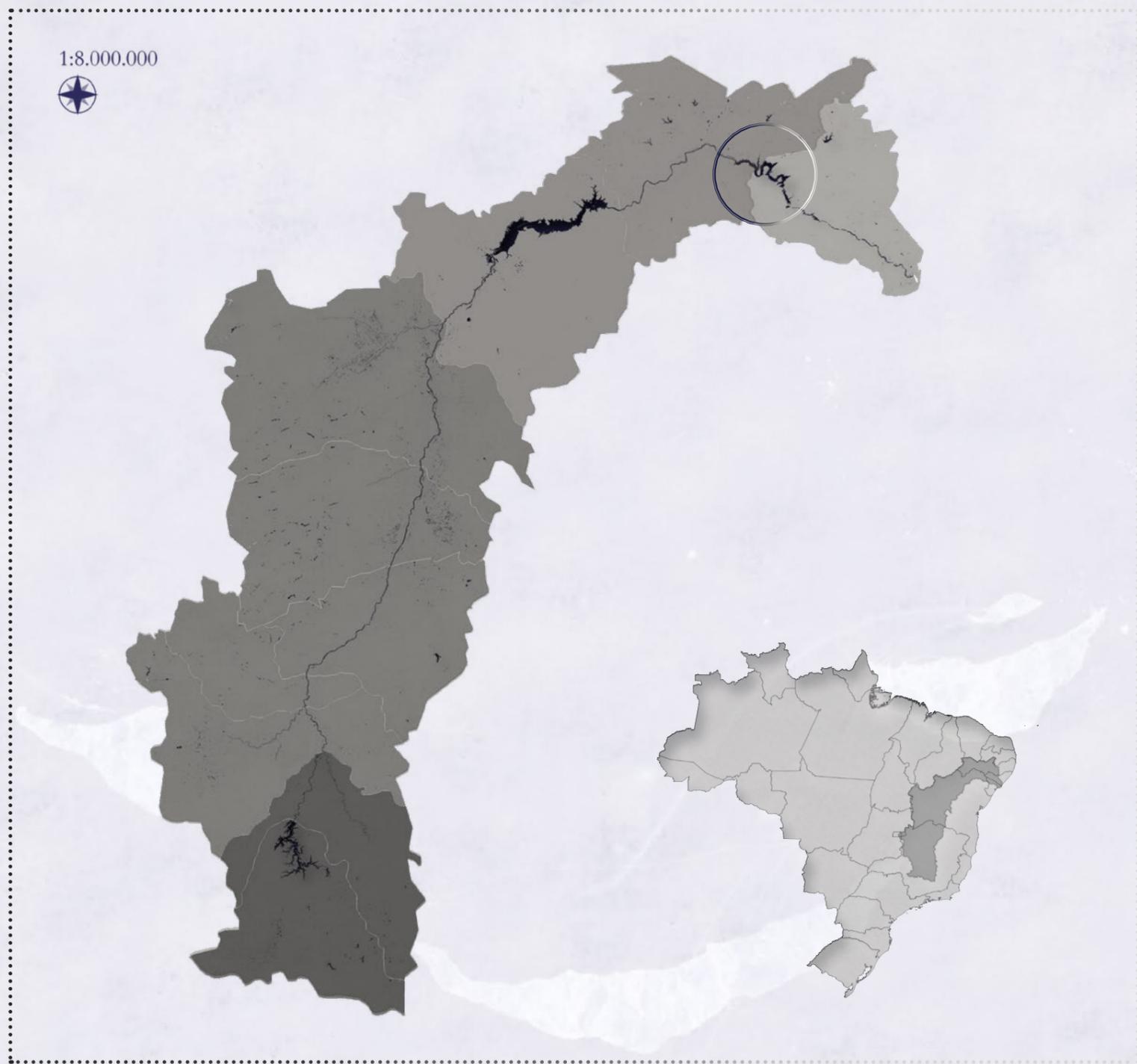
Quadro da artista Remedios Varo (1908-1963)

O caudaloso rio São Francisco, considerado como “o rio da integração nacional”, possui aproximadamente 2.863 quilômetros de extensão e atravessa 503 municípios, cuja bacia hidrográfica perpassa sete unidades federativas: Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Devido a sua extensão, sua bacia é subdividida em quatro regiões fisiográficas, que delineiam sua vastidão: o Alto São Francisco, porção onde se situa a nascente do Rio (na Serra da Canastra/MG) que, por sua vez, corre até a cidade delimitadora de Pirapora (MG); o Médio São Francisco, de Pirapora (MG) à Remanso (BA); o Submédio São Francisco, circunscrito às fronteiras de Remanso (BA) até Paulo Afonso (BA) e, por fim, o Baixo São Francisco, que inclui Paulo Afonso (BA) e se estende até, finalmente, a foz do Rio – no Oceano Atlântico – localizada na divisa dos estados de Alagoas e Sergipe.

A presente pesquisa se concentra na área que distende do leste do Submédio até a região à oeste do Baixo do São Francisco. Na área estudada – caracterizada por profundos ciclos de estiagem – o rio São Francisco é, há séculos, o principal agente responsável pela perpetuação da vida e pela ocupação dos territórios adjacentes a ele.

A **ocupação inicial** do Vale do São Francisco remete há muitos séculos atrás, quando foi, predominantemente, habitado por dezenas de povos indígenas. Após esse período inicial, o desenvolvimento do Submédio e do Baixo do São Francisco, pode ser separados em **três** períodos principais: o **primeiro** (da segunda metade século XVI à primeira metade do século XIX), corresponde ao intervalo histórico de apropriação de tais terras, principalmente, por fazendeiros e estradistas provenientes da Bahia e de Pernambuco; o **segundo** período (desde o fim do século XIX até o início do século XX) é marcado pela abertura de estradas de ferro e de rodagem - construídas pelo DNOCS a partir da seca de 1932 – que permitiram uma maior integração e expansão territorial; finalmente, o **terceiro** período (que coincide com o fim da Segunda Guerra Mundial, após 1945), determina um momento de desenvolvimento e aplicação do planejamento governamental na região, objetivando a implementação de equipamentos que viabilizassem a produção de energia e a agricultura irrigada, promovendo, assim, a industrialização da região (ANDRADE, 1982 apud SUASSUNA, 2005).





Mapa da Bacia Hidrográfica do São Francisco

O senhor vê, nos gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme sobre um rio...

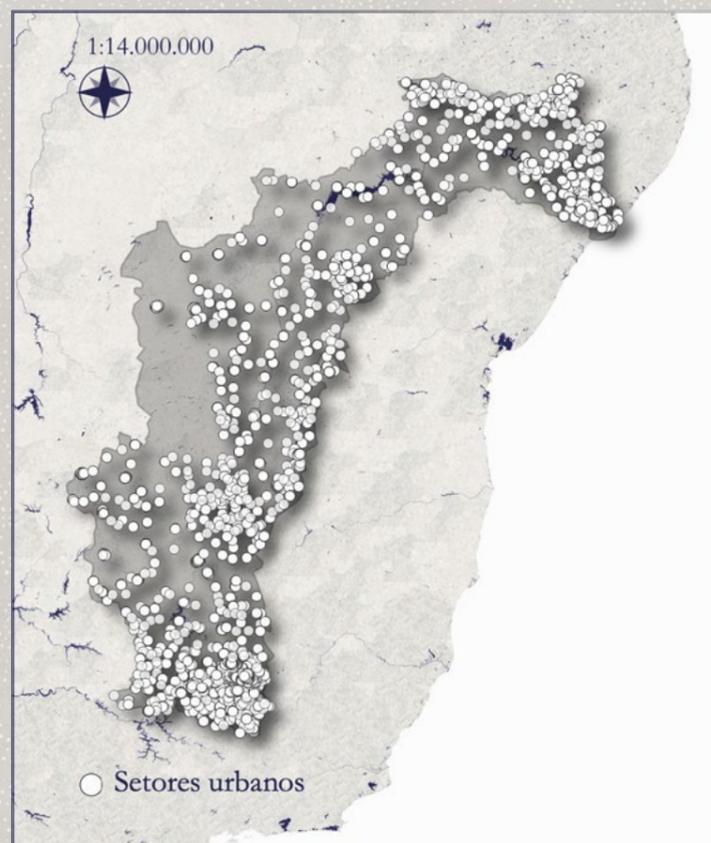
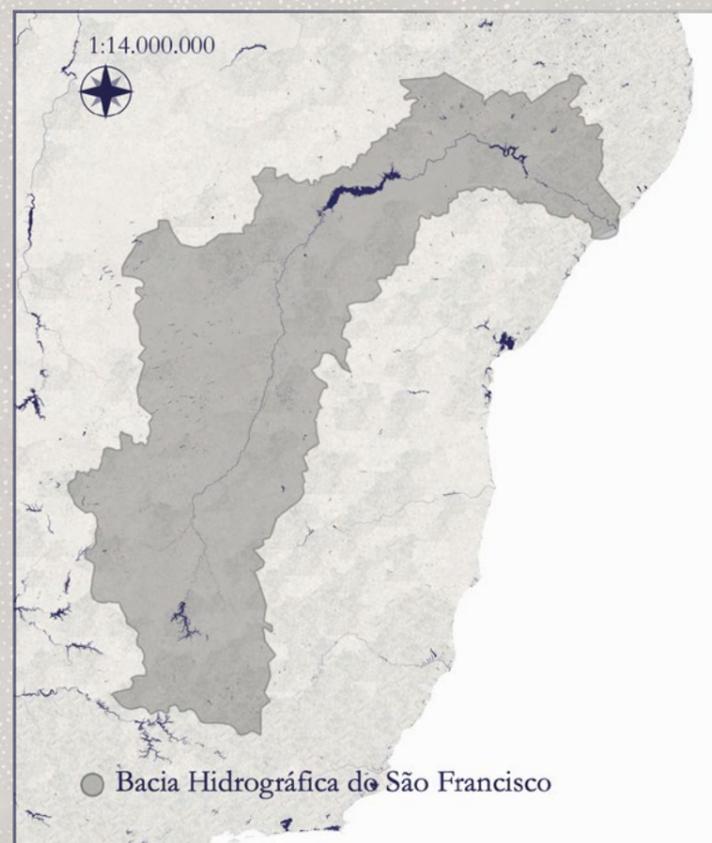
(Grande Sertão Veredas, p. 222)

*Parte II:
A Nascente*



Nascente rios fundam ou afundam cidades?

Segundo os romanos: “*Acqua e condunt urbes*”, ou seja, as águas **fundam** cidades. Em relação ao Rio São Francisco, desde a época colonial até os dias atuais, sua perenidade em plena região semiárida determina um fator privilegiado para **atrair populações e consolidar cidades** (TORRES, 2016).

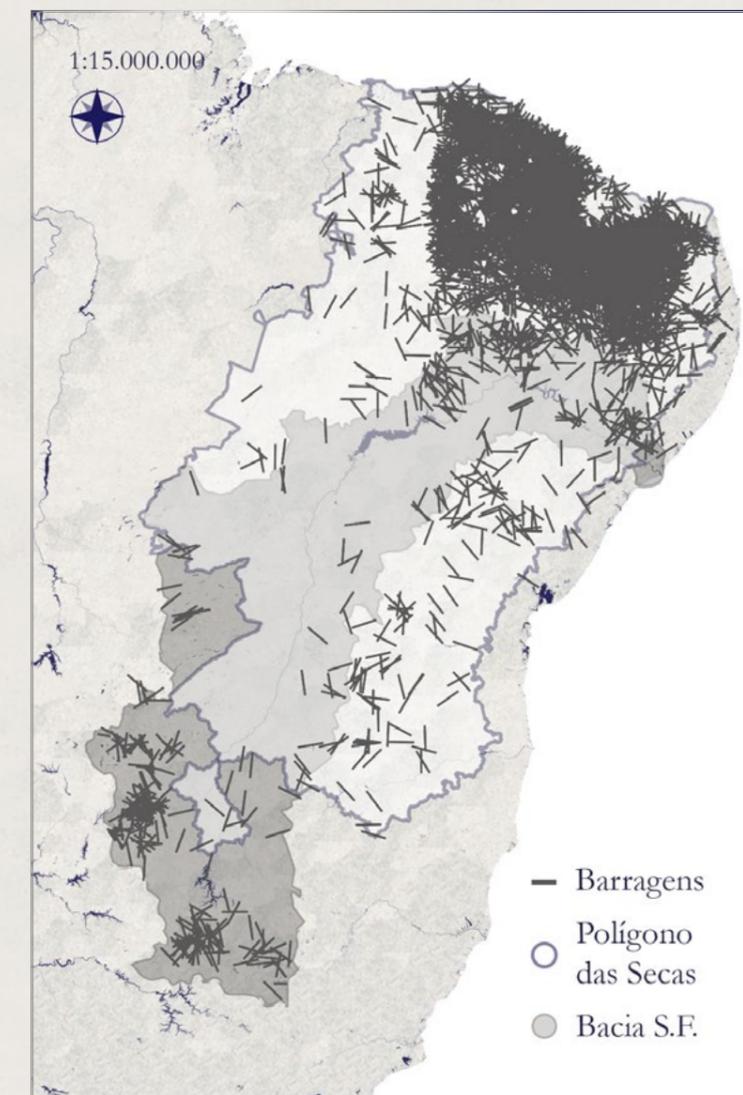


Após 1970, porém, as águas do São Francisco, ao invés de **fundarem** cidades, **afundaram** as mesmas: grandes volumes de águas represadas inundaram cidades inteiras às margens do Velho Chico, com o propósito de expandir a oferta energética na região, promovendo assim o desenvolvimento regional das áreas críticas no Nordeste – localizadas no denominado “*polígono das secas*”.

A região Nordeste era vista como um entrave à industrialização do Brasil, pois, além de menos desenvolvida economicamente que o restante do país, sofria longas temporadas de estiagem. Dentro desse contexto, surgiu uma “nova era” de políticas voltadas para o Nordeste, que tinham como fim amparar as vítimas e regiões atingidas pela seca, além de proporcionar a expansão de oferta energética no local. Com isso, o Estado promoveu uma infraestrutura institucional.

Além da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), de 1945, e da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), de 1948 – posteriormente designada Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) em 1974 –, ambas responsáveis pelo planejamento regional, sendo a CHESF também responsável pela execução e implementação das obras planejadas, foram criadas diversas instituições para dar apoio ao Nordeste, como: o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), de 1945; o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), de 1952, e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), de 1959.

Dessa maneira, como consequência de deliberações macroeconômicas, foi construída uma seqüência de hidrelétricas na região Nordeste, ao longo do rio São Francisco. Diante desse cenário, milhares de famílias foram compulsoriamente transferidas para cidades novas de realocação ou “cidades barrageiras”.



*Parte III:
À Margem*



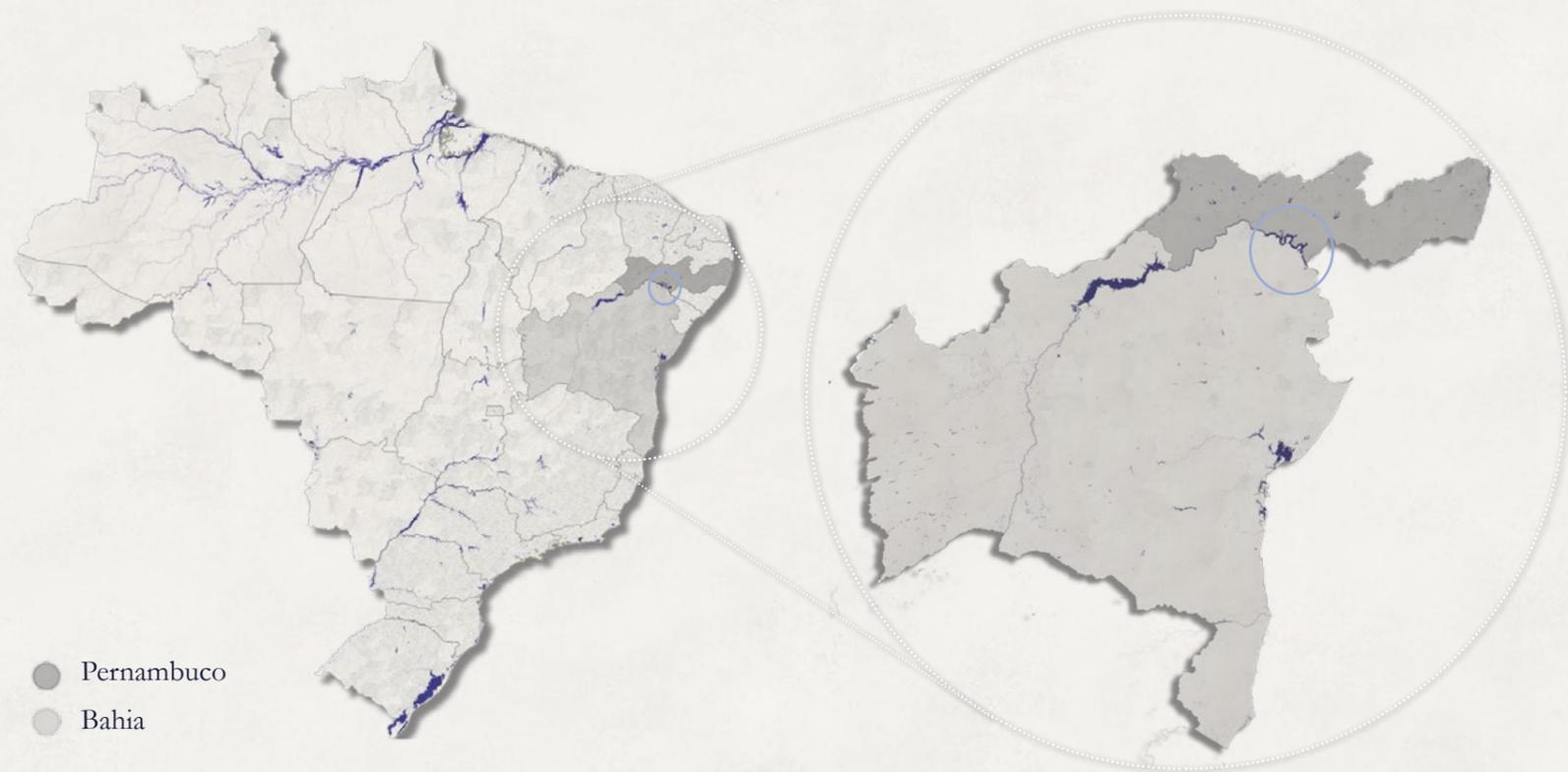
• Cidades Barrageiras • Itacuruba, Petrolândia e Rodelas

As “cidades barrageiras”¹ compartilham o fato de sua antiga sede ter sido submersa e, com ela, toda uma cultura e memória consolidada ao longo do tempo por seus habitantes (TREVISAN, 2020).

A área de intervenção do presente trabalho inclui as cidades novas construídas em decorrência da construção da hidrelétrica de Itaparica (ou usina Luiz Gonzaga) ao longo do Submédio do Rio São Francisco. A região inundada pela usina formou o lago Itaparica e se estende por 150 km, cobrindo uma superfície de 83.400 hectares dos estados da Bahia e de Pernambuco.



Cidades Portáteis da artista Yim Xiuzhen/ adaptada pela autora



- Pernambuco
- Bahia

¹ As cidades barrageiras são “Cidades Novas” de realocação. O conceito de “Cidade Nova” foi desenvolvido por Ricardo Trevisan (2020).

A construção da barragem de Itaparica inundou os municípios, na Bahia, de Glória, Abacaré, Mucururé, Chorrochó e Rodelas; além dos municípios, em Pernambuco, de Floresta, Belém do São Francisco, Petrolândia e Itacuruba. A fim de realocar a população dessas áreas atingidas, foram criados planos urbanos. Dentre eles, serão abordados os planos das cidades que foram totalmente alagadas e construídos em outra localidade, incluindo: Petrolândia e Itacuruba (em Pernambuco) assim como Rodelas (na Bahia).



1. Barragem de Itaparica
2. Petrolândia
3. Itacuruba
4. Rodelas



- Cidades Novas
- Cidades Inundadas
- Rio após a barragem
- Rio antes da barragem

• A Barragem • Itaparica/ Luiz Gonzaga

“Rio que corre é água viva
Represa é água morta”
(Acqua Movie)

Belém do São
Francisco (PE)

Petrolândia
(PE)

Barragem Itaparica/
Luiz Gonzaga



fonte: ferdinandodesousa.com / adaptado pela autora

A construção da barragem de Itaparica ou Luiz Gonzaga (em homenagem ao “rei do baião nordestino”), pela CHESF, teve origem em 1979 e término em 1988, ano em que se deu o início do funcionamento da usina. Sua operação conta com um total de seis turbinas, gerando uma potência de 1.479. 600 kW. Essa energia gerada é transmitida por uma subestação elevadora com nove transformadores que transformam a tensão de 16 kV para 500 kV (CHESF). Está situada no Vale do São Francisco, na região fisiográfica do Submédio, a 25 km à jusante de Petrolândia (PE). Seu reservatório se estende até a cidade de Belém do São Francisco (PE), ocupando uma área de 834 km². Essa área inclui 165 km² de terras produtivas que foram inundadas para a formação do Lago de Itaparica – o que equivale a aproximadamente 200 mil toneladas de alimentos, por ano, cultivados (BOMFIM, 1999 apud TORRES, 2016).



Planta guia

fonte: google earth



1. Usina Hidroelétrica de Itaparica/ Luiz Gonzaga

fonte: autora



2. Linhas de Transmissão da Usina de Itaparica

fonte: autora



3. Vista da BA-210 na direção sudoeste

fonte: autora

As Margens

◦ *delineamento físico da área de intervenção* ◦





1:185.000

23

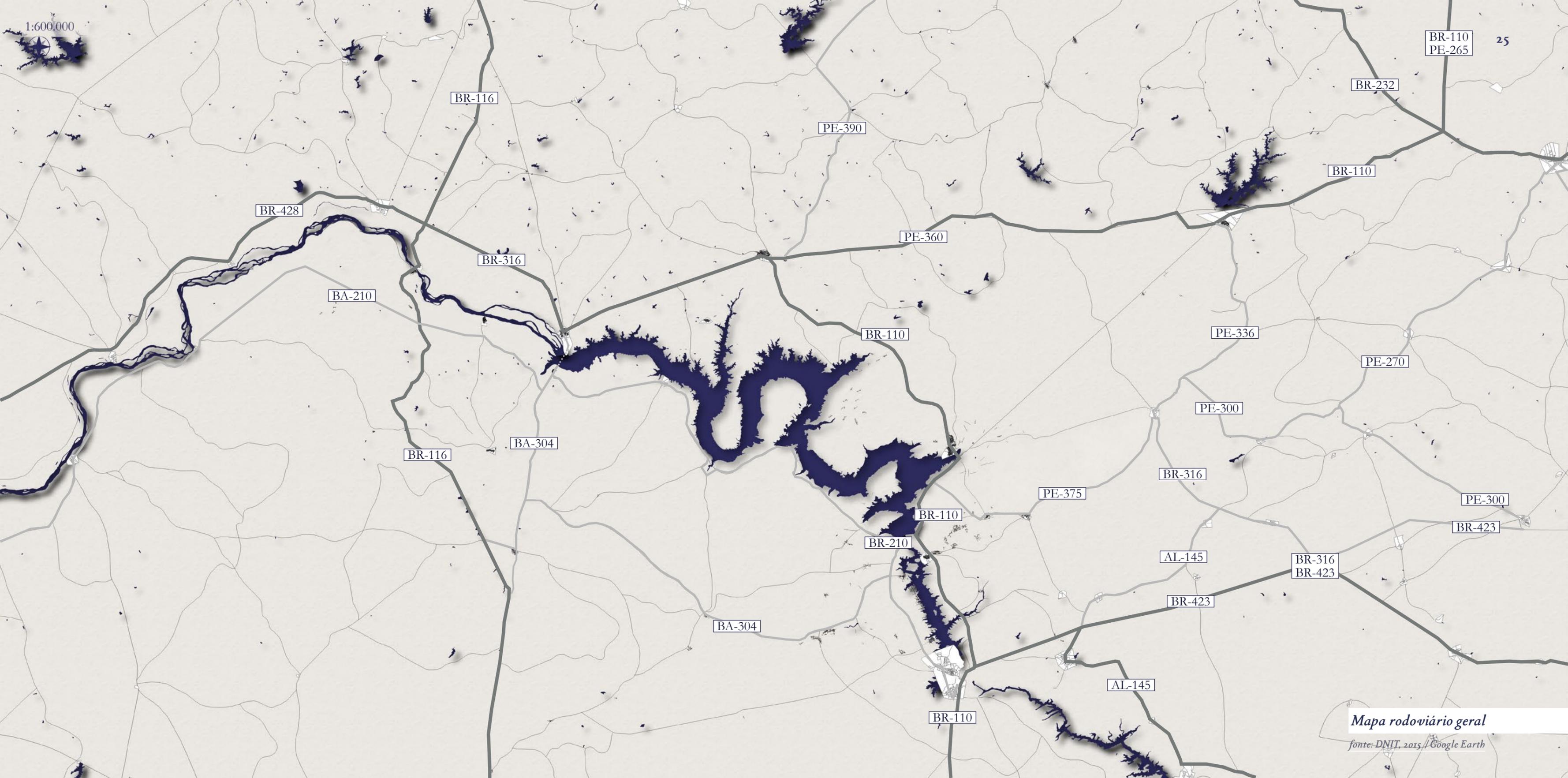
- 254 - 366 m
- 366 - 474 m
- 474 - 582 m
- 582 - 690 m
- 690 - 798 m

22

Mapa topográfico / 20 m

fonte: geoprocessamento (QGIS) e Google Earth

1:600.000



Mapa rodoviário geral

fonte: DNIT, 2015 / Google Earth

1:165.000



PE-422

27

BR-316

BA-210

- Rodovia Federal
- Rodovia Estadual
- Via

Mapa viário

fonte: Open Street Map

BR-110

PE-375



-  Usina Hidrelétrica de Itaparica
-  Subestação
-  Torres de transmissão elétrica

Mapa de transmissão energética

fonte: Open Street Map





1:350.000

31

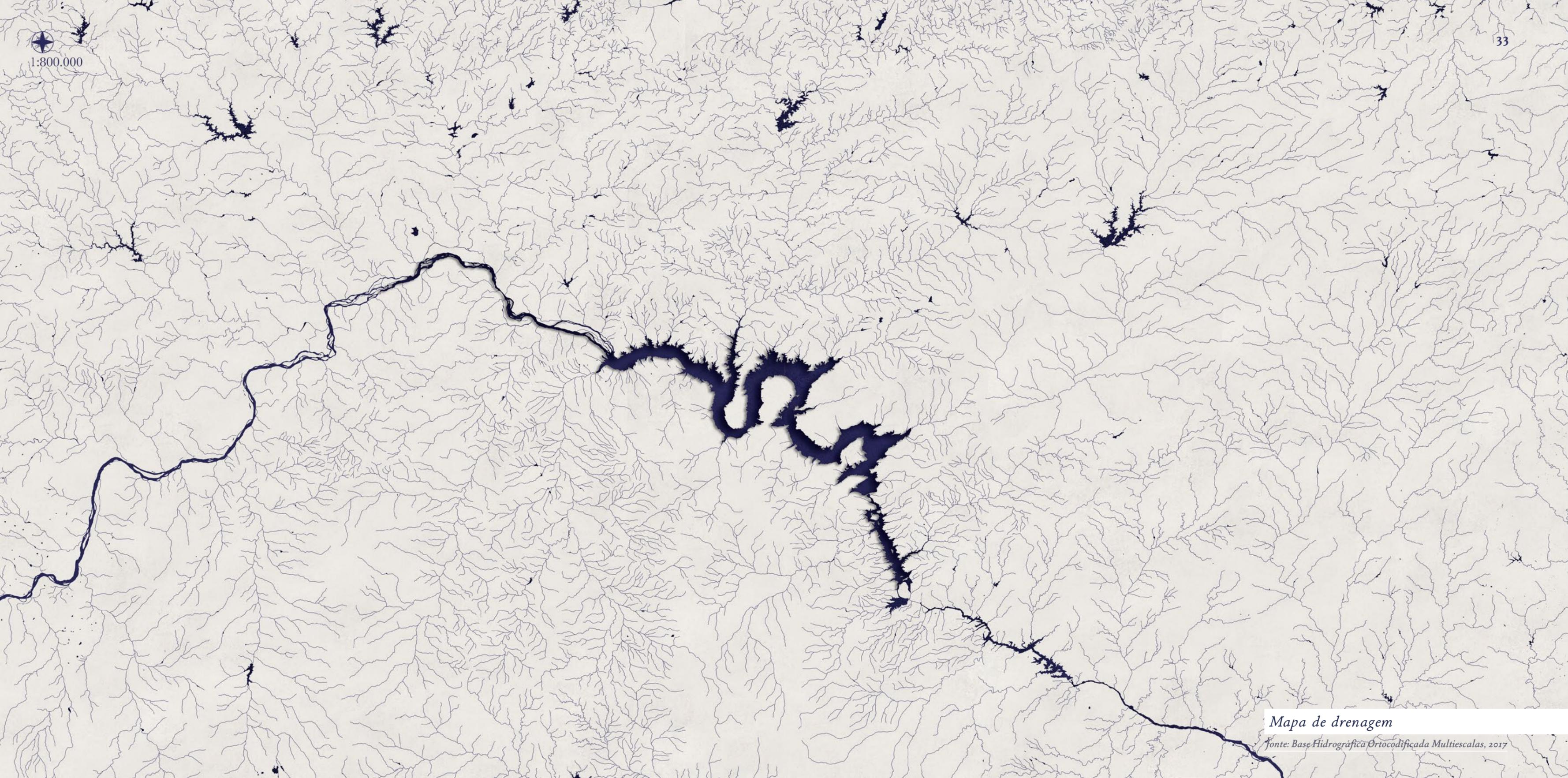
○ Trechos inundáveis

Mapa dos trechos inundáveis

fonte: Catálogo de Metadados da Agência Nacional de Águas (ANA)

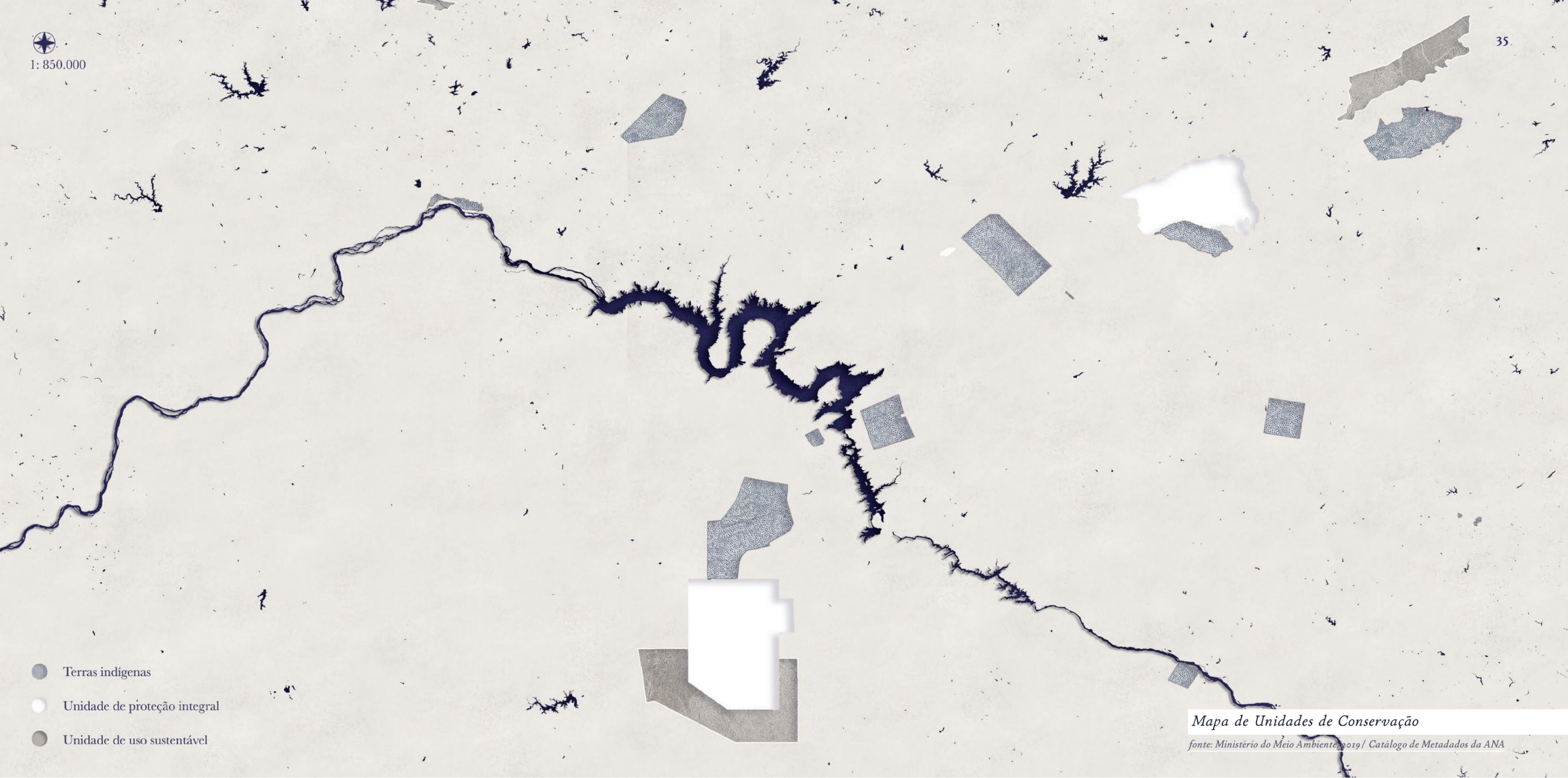


1:800.000



Mapa de drenagem

fonte: Base Hidrográfica Ortocodificada Multiescalas, 2017



- Terras indígenas
- Unidade de proteção integral
- Unidade de uso sustentável

As Margens

◦ índices sociais e distributivos ◦

O denominado “polígono das secas”, a partir de 1970, ficou conhecido como “mancha irrigada”, visto que o rio São Francisco foi palco de ações estatais que promoveram a geração de energia e o desenvolvimento da agricultura irrigada na região. O crescimento posterior da área, todavia, refletiu uma industrialização conservadora, marcada por intensos conflitos sociais. No fim da década de 80, as condições produtivas díspares e o modelo econômico - antes voltado para abastecer mercado consumidor local e, de uma hora para a outra, massivamente destinado ao mercado exportador - corroboraram para a criação de uma outra identidade para a região: a do “polígono da maconha” (RIBEIRO, 2008).

Até os anos de 1960, a promoção do desenvolvimento social da área foi idealizada a partir do estímulo de projetos de colonização, fundamentados na pequena propriedade, de 4 a 8 hectares, beneficiando o cultivo da cebola, uva, melão, tomate, pimenta e algodão. A partir de 1970, no entanto, a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) provocou uma alteração definitiva nos destinos da região ao incentivar que o mercado ultrapassasse os limites da produção local, apostando assim, na produção em extensiva ligada ao comércio exportador. (RIBEIRO, 2008)

A partir do incentivo da SUDENE, as terras da então “mancha irrigada” passaram a receber um tipo diferente de empreendedores: fomentados pela aparelhagem estatal, donos de áreas até dez vezes maiores do que aquelas pertencentes às famílias locais. (RIBEIRO, 2008) Dessa forma, com o crescimento da demanda por terrenos agriculturáveis extensos, por parte desses empreendedores, as terras familiares foram sendo pouco a pouco consumidas, fazendo com que o desenho fundiário da região conformasse manchas cada vez mais concentradoras.

Dentro desse contexto, os velhos colonos converteram-se em potenciais empregados assalariados das novas propriedades. Já a predisposição pelo desenvolvimento social - dessa área mais vulnerável - foi extinta, dando espaço a uma sucessão de processos acumulativos, desenrolados nos novos

e grandes latifúndios agroexportadores, tecnologicamente reformulados.

Concomitante à proletarização dos colonos, a construção das usinas de Moxotó e Sobradinho, também coordenada pela CHESF, forçou milhares de famílias a migrarem em direção às regiões metropolitanas e cidades médias da região, visto que, em grande parte, os moradores das antigas cidades inundadas foram ressarcidos apenas com uma quantia pecuniária, sendo os direitos primários dos moradores suspensos e, em sua maioria, gravemente desconsiderados (RIBEIRO, 2008).

Durante a construção da usina de Itaparica, porém, os camponeses ribeirinhos negaram a indenização em dinheiro por parte da CHESF, opondo-se à repetição das injustiças ocorridas após construção das usinas anteriores. Assim, em conjunto, os trabalhadores de todos os municípios que seriam inundados pelo Lago de Itaparica fundaram o Polo Sindical do Submédio São Francisco que, em 1986, bloqueou o prosseguimento das obras da barragem, até que a CHESF entrasse em contato com a comissão de representantes do governo federal, para que fosse formulado um acordo.

Em acordo com o Polo Sindical, a CHESF propôs um sistema de desapropriação de terras por interesse social, construindo, assim, agrovilas para os camponeses, prontificando-se a instalar módulos de irrigação eficientes nos lotes, que seriam os “sítios de trabalho” das famílias.

Por mais de dez anos, grande parte das terras agriculturáveis e dos sistemas de irrigação prometidos ao Polo Sindical foram adiados e relegados. Tamanha espera e negligência por parte do Estado intensificou a elevada taxa de desemprego, pobreza e criminalidade na região. O submédio do São Francisco transformou-se, então, num campo polarizado, destinado, por um lado, à agricultura extensiva e exportadora, causadora do índice elevado de camponeses assalariados e, por outro, à reorganização dos lotes familiares de produção agrícola para os camponeses realocados.

Dentro desse contexto, ainda em 1980, houve a expansão

do cultivo da maconha, inserida e calcada dentro da cultura sertaneja tradicional, marcada pela violência e pistolagem. A planta surgiu como intercessora entre a insegurança do trabalho assalariado na agroindústria exportadora e a indiferença estatal quanto à conclusão dos sistemas de irrigação nos projetos de reassentamento (RIBEIRO, 2008).

Atualmente, a região contém três agriculturas em atividade. Duas delas atingem êxito: a do agronegócio frutícola, financiado pelos grandes empreendedores e secções tradicionais externas à região; e a da maconha, que gera os famosos novos ricos que, por sua vez, procedem de frações intermediárias e específicas, mas que passam a associar-se também às secções mais tradicionais de poder.

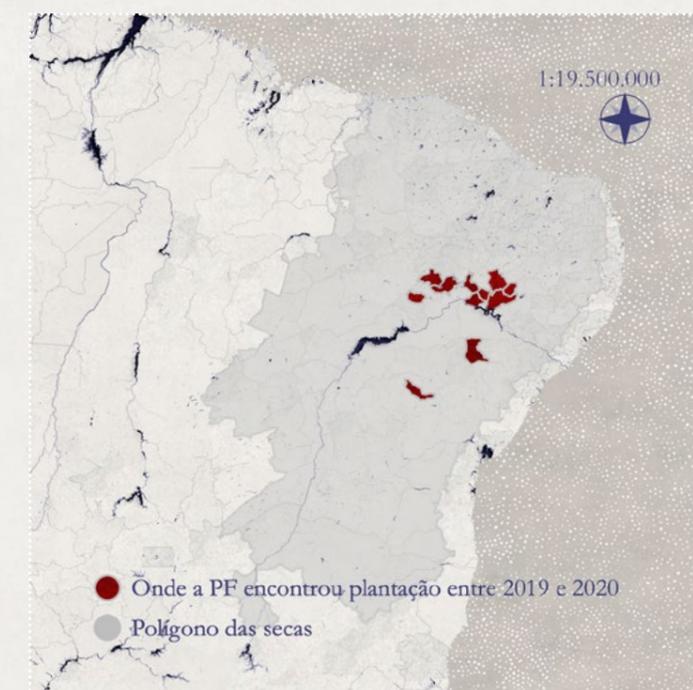
A terceira atuação agrícola na região é aquela exercida pela população que foi reassentada resultado da luta sindical regional que confrontou os sistemas de poder estatais, reivindicando a coletivização da composição e separação fundiária, restabelecendo a diferenciação social dos rurícolas, o que poderia vir a promover uma maior qualidade de vida dessas comunidades. (RIBEIRO, 2008) Porém, é precisamente essa população que subsiste à parte dos efeitos econômicos, aqueles que possibilitam o enriquecimento da área.

Até o momento presente, a ação estatal vem agindo em direção à priorização da agricultura empresarial exportadora e à secundarização da agricultura local dos reassentados. Tal ação reforça, a partir de outros recursos, os mesmos mecanismos de dominação dos sertanejos.

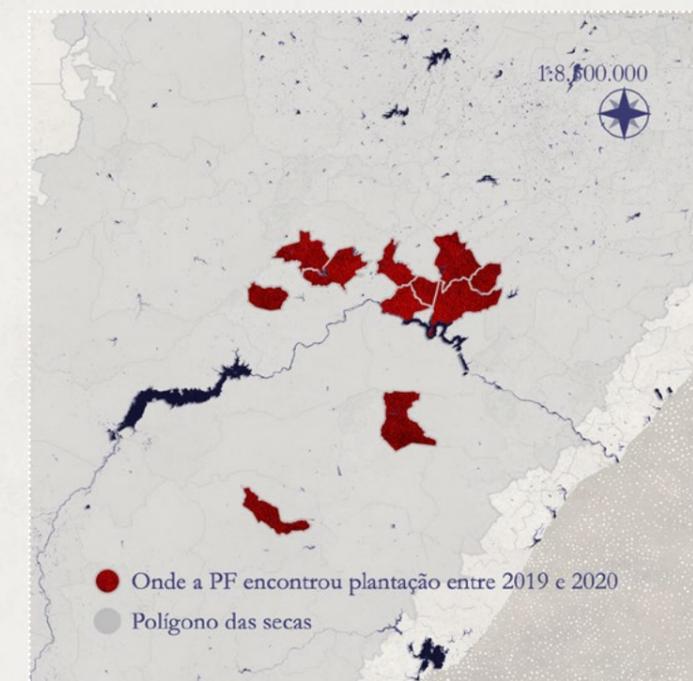
Com efeito, tais disputas, atreladas ao retardamento na finalização dos projetos de realocação, estimulam de forma estrutural na consolidação e no desenvolvimento do cultivo da maconha, assim como da situação incerta da população reassentada.

Dessa forma, a agricultura familiar dessa população está permanentemente ameaçada: por um lado, para se proteger de uma possível fragmentação ou eliminação; por outro, dos trabalhadores reassentados não encontrarem mais recursos, envolvendo-se então, com trabalhos assalariados.

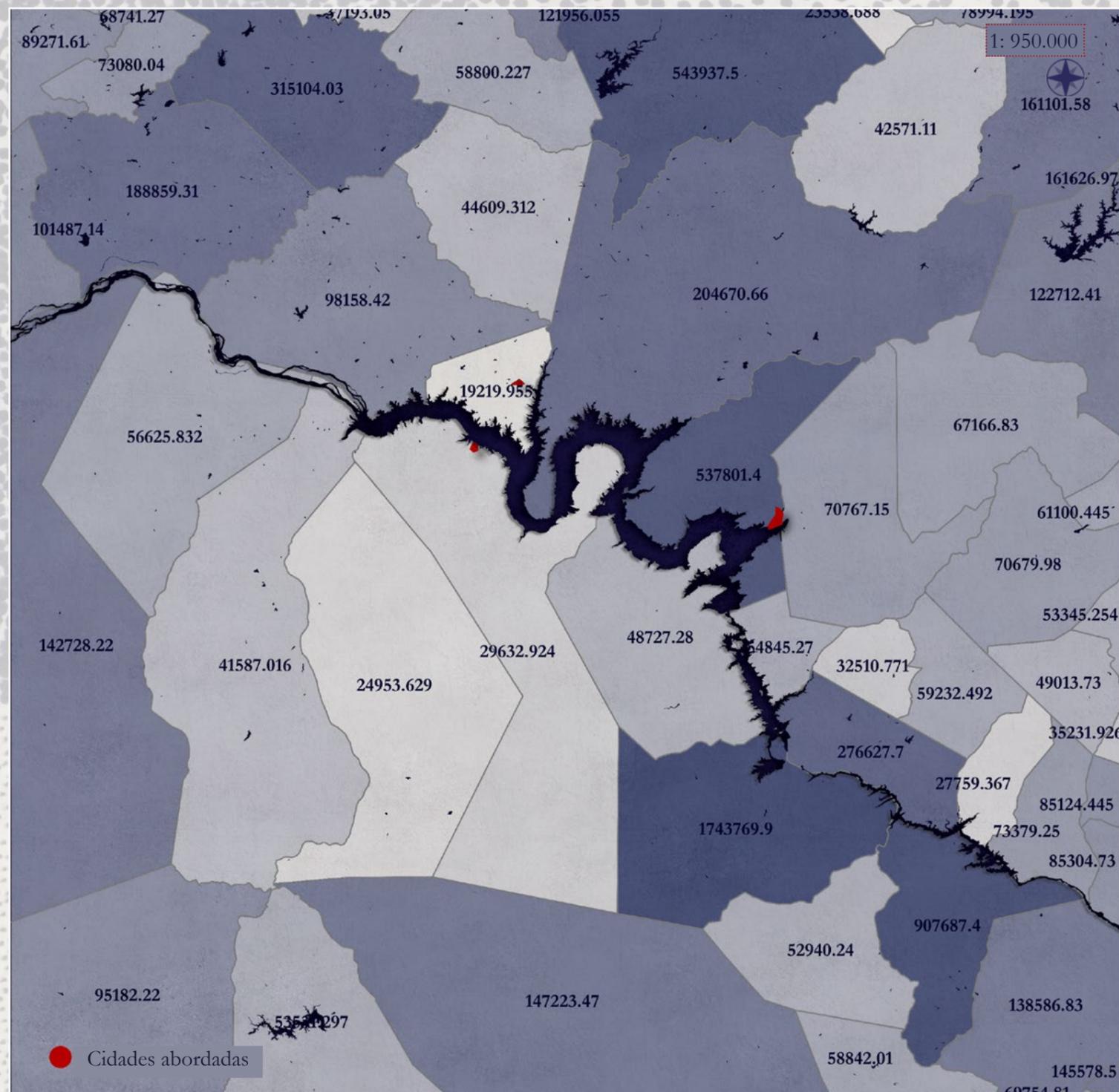
É de responsabilidade do Estado, através do financiamento de ações sociais na região, proporcionar uma outra identidade para esse território, hoje estigmatizado como “polígono da maconha”. Tal denominação, além de marginalizar a área, também criminaliza, de forma geral, as ações dos trabalhadores que lá habitam, incluindo a luta dos camponeses rurais que, desde os anos 1950, sofrem as consequências desencadeadas pela construção das barragens ao longo do rio São Francisco.



fonte: ESTADÃO, 2020 / adaptada pela autora

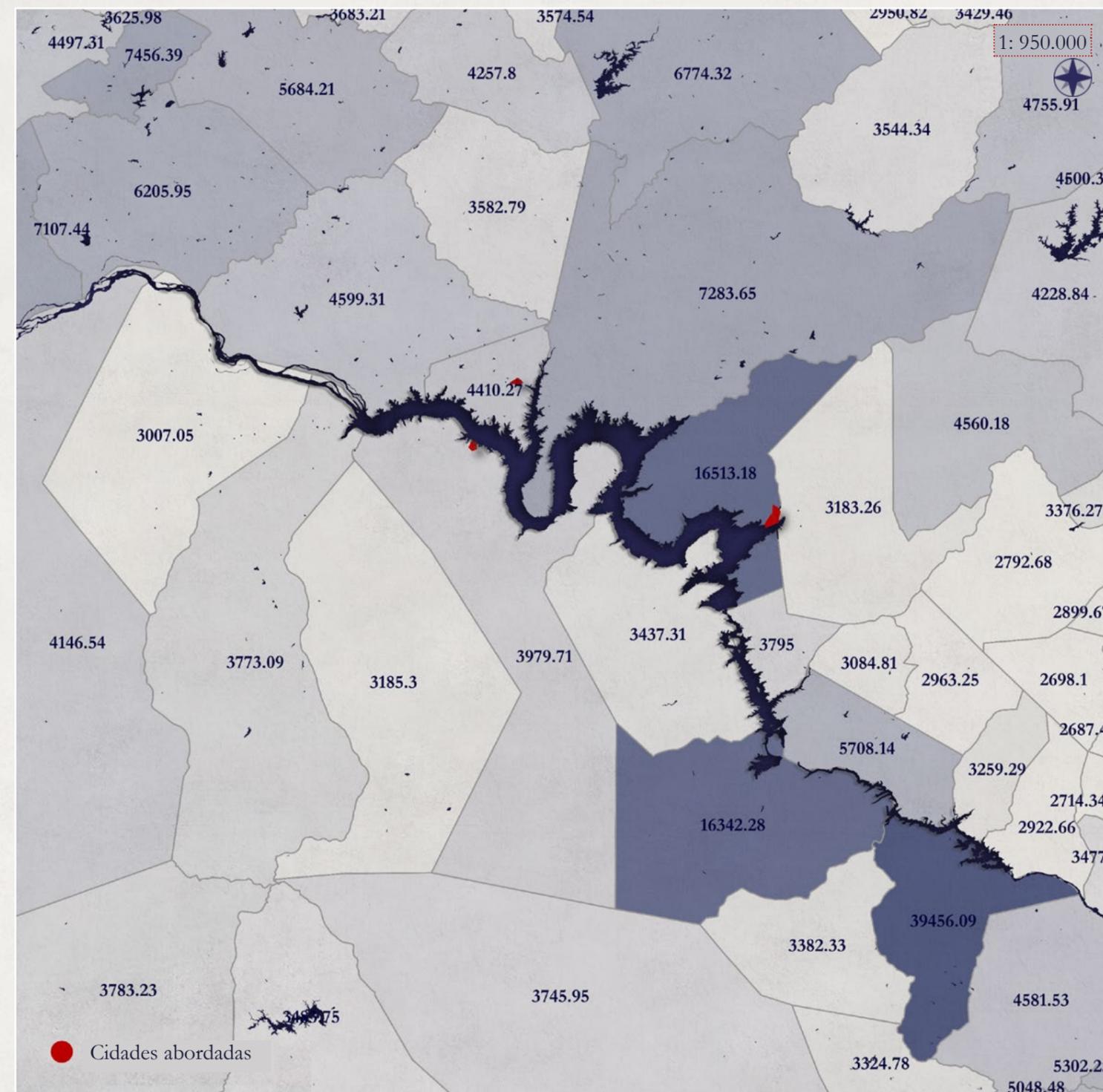


fonte: ESTADÃO, 2020 / adaptada pela autora



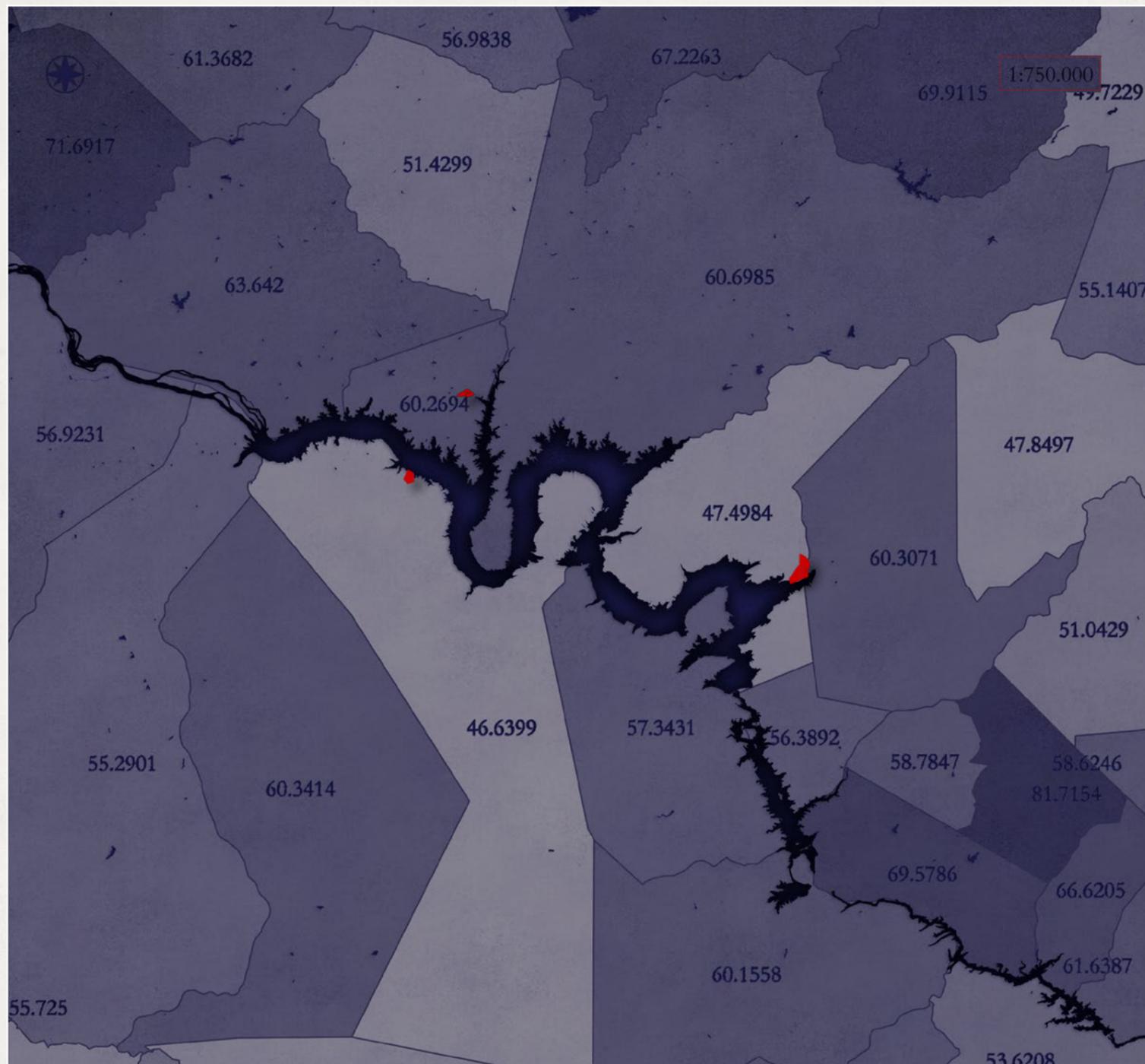
Mapa do Produto Interno Bruto (PIB) por município

fonte: IBGE, 2015.



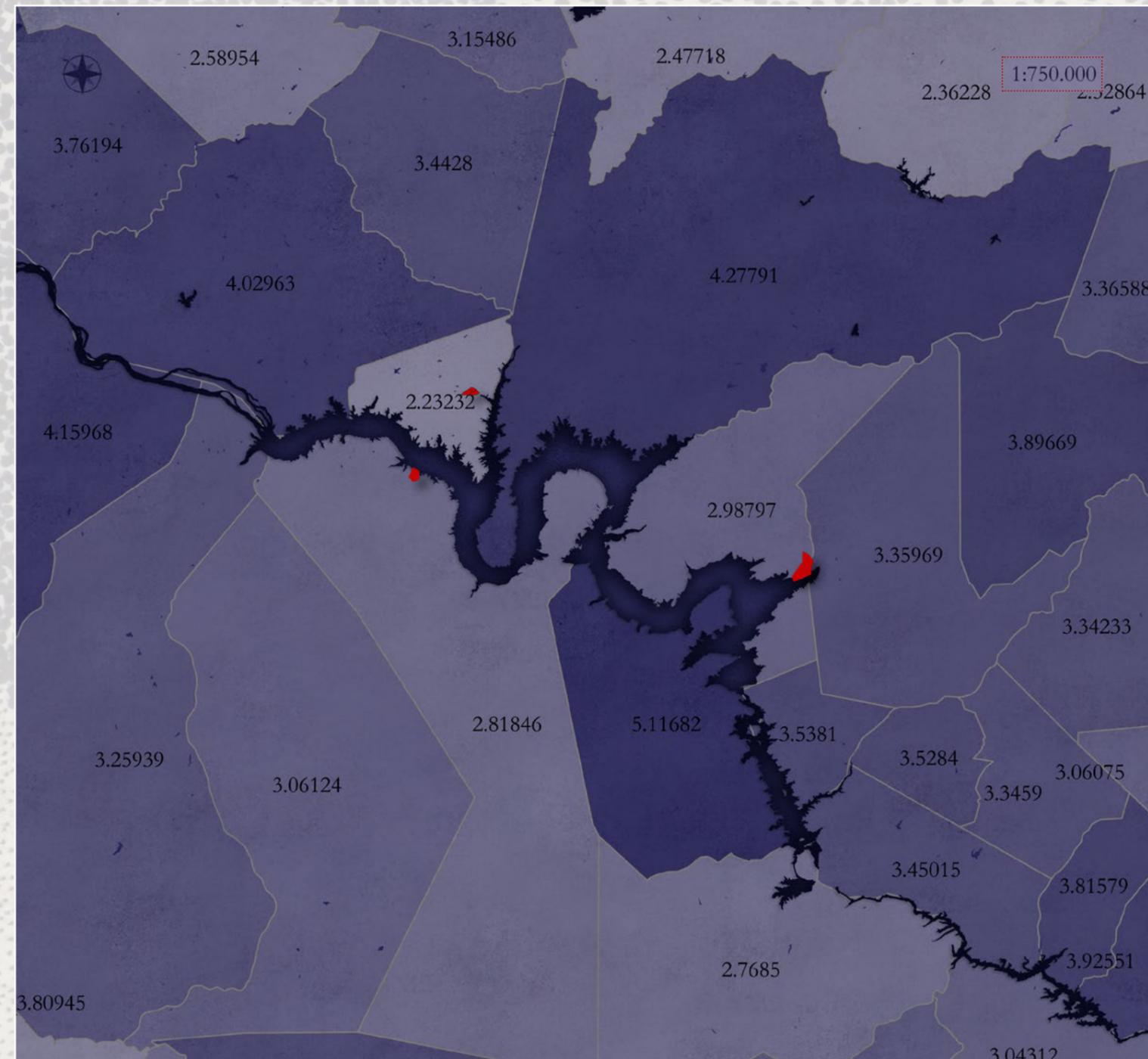
Mapa do Produto Interno Bruto (PIB) per capita de cada município

fonte: IBGE, 2015.



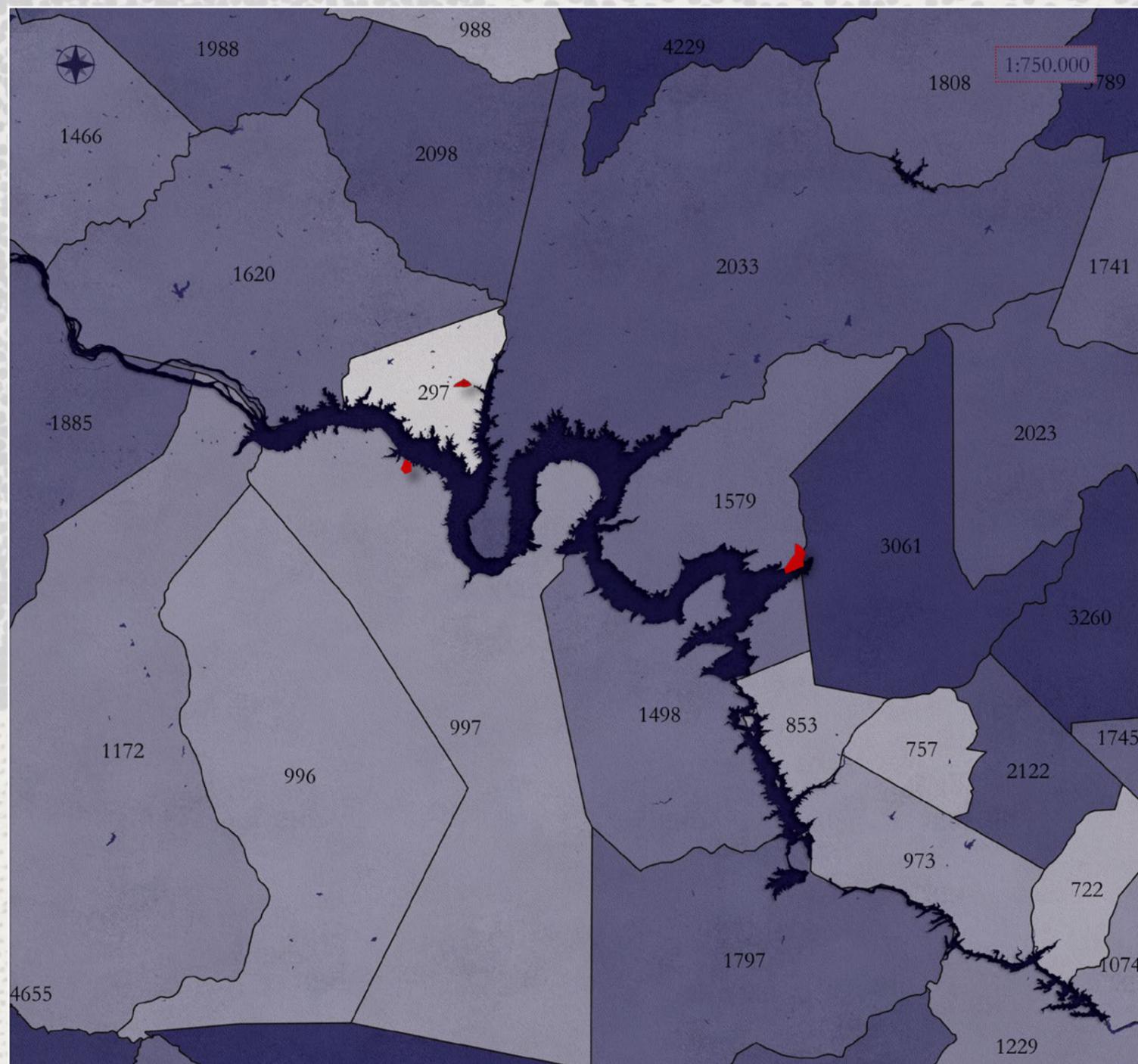
Percentual de produtores, em relação ao total no município, cujo curso escolar frequentado mais elevado corresponde, no máximo, ao Ensino Fundamental

fonte: Censo Agropecuário 2017



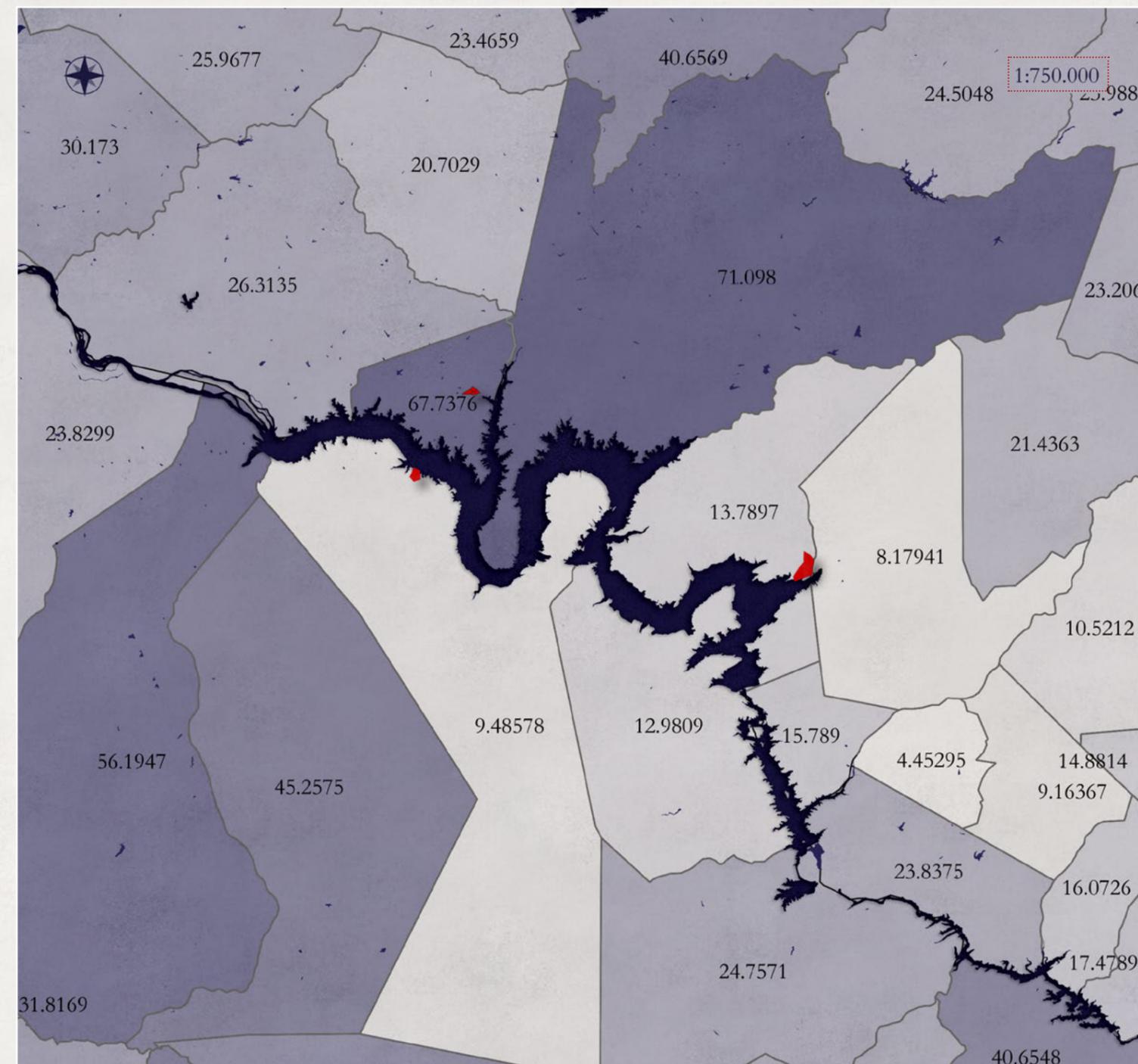
Média de pessoal ocupado por estabelecimento, por município, considerando-se pessoal ocupado como o total de trabalhadores com e sem laços de parentesco com o produtor

fonte: Censo Agropecuário 2017



Total de estabelecimentos agropecuários, por município

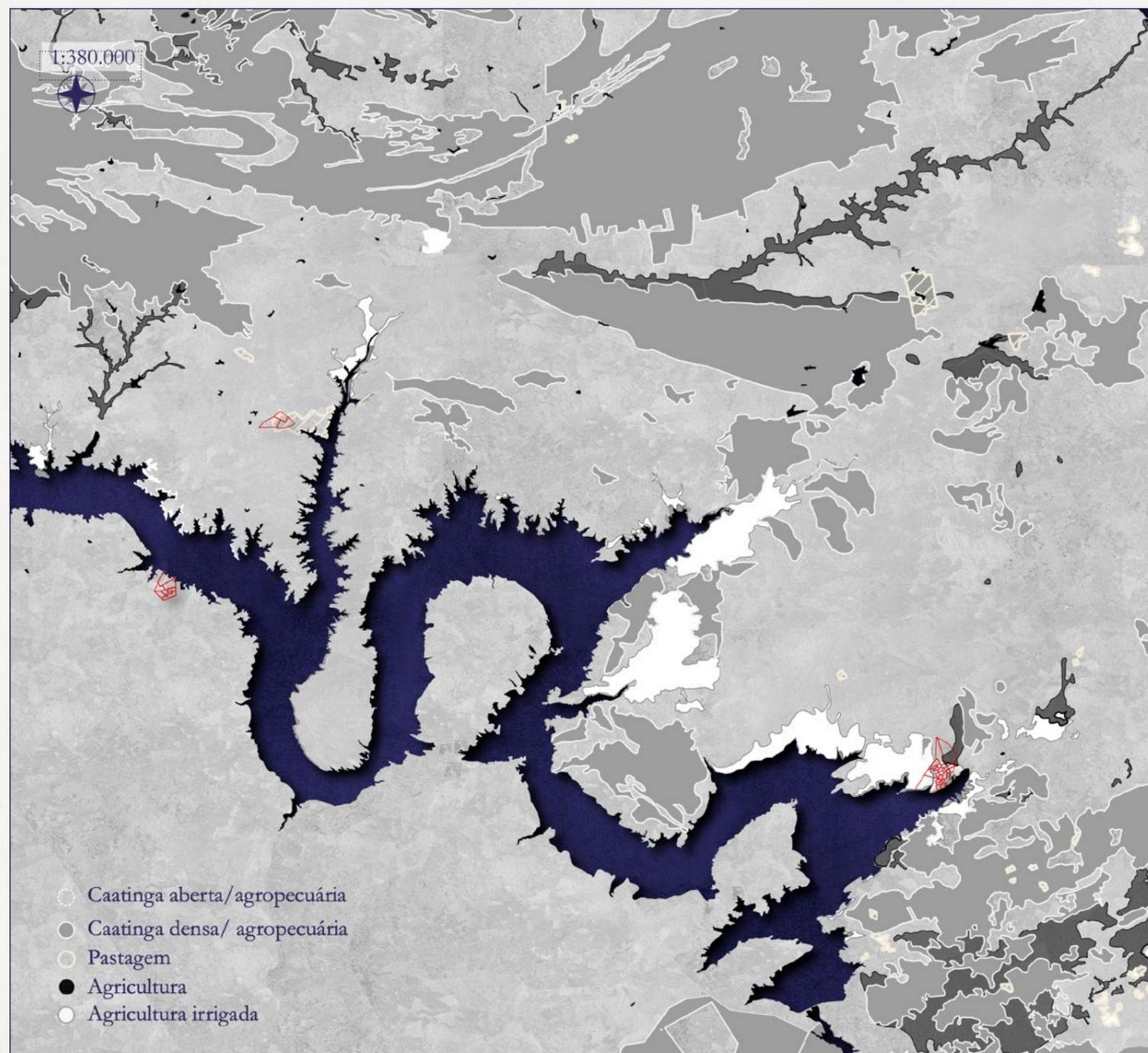
fonte: Censo Agropecuário 2017



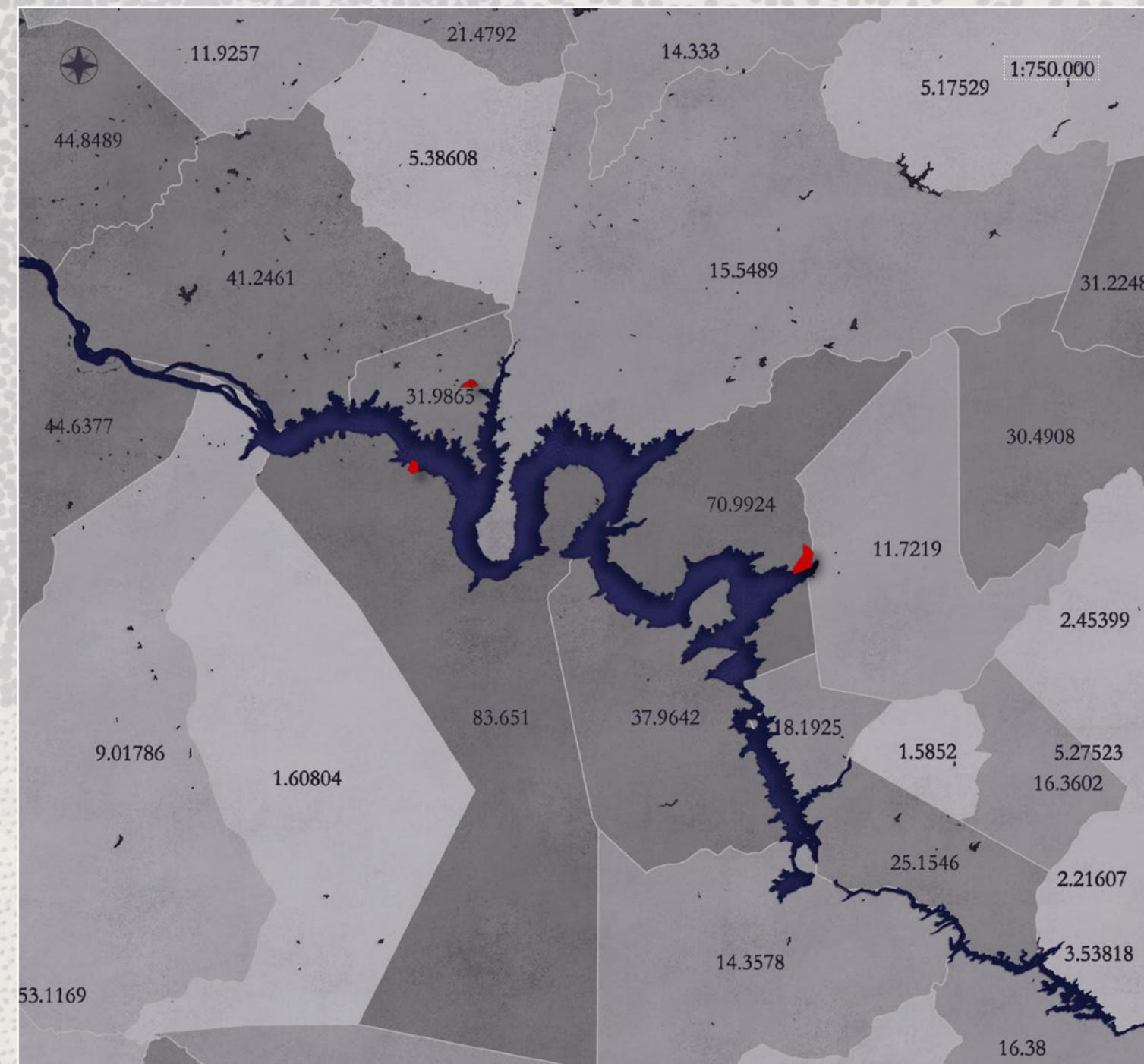
Quociente entre a área total e a quantidade de estabelecimentos agropecuários localizados no município

fonte: Censo Agropecuário 2017

o uso do solo e bases produtivas da área de intervenção

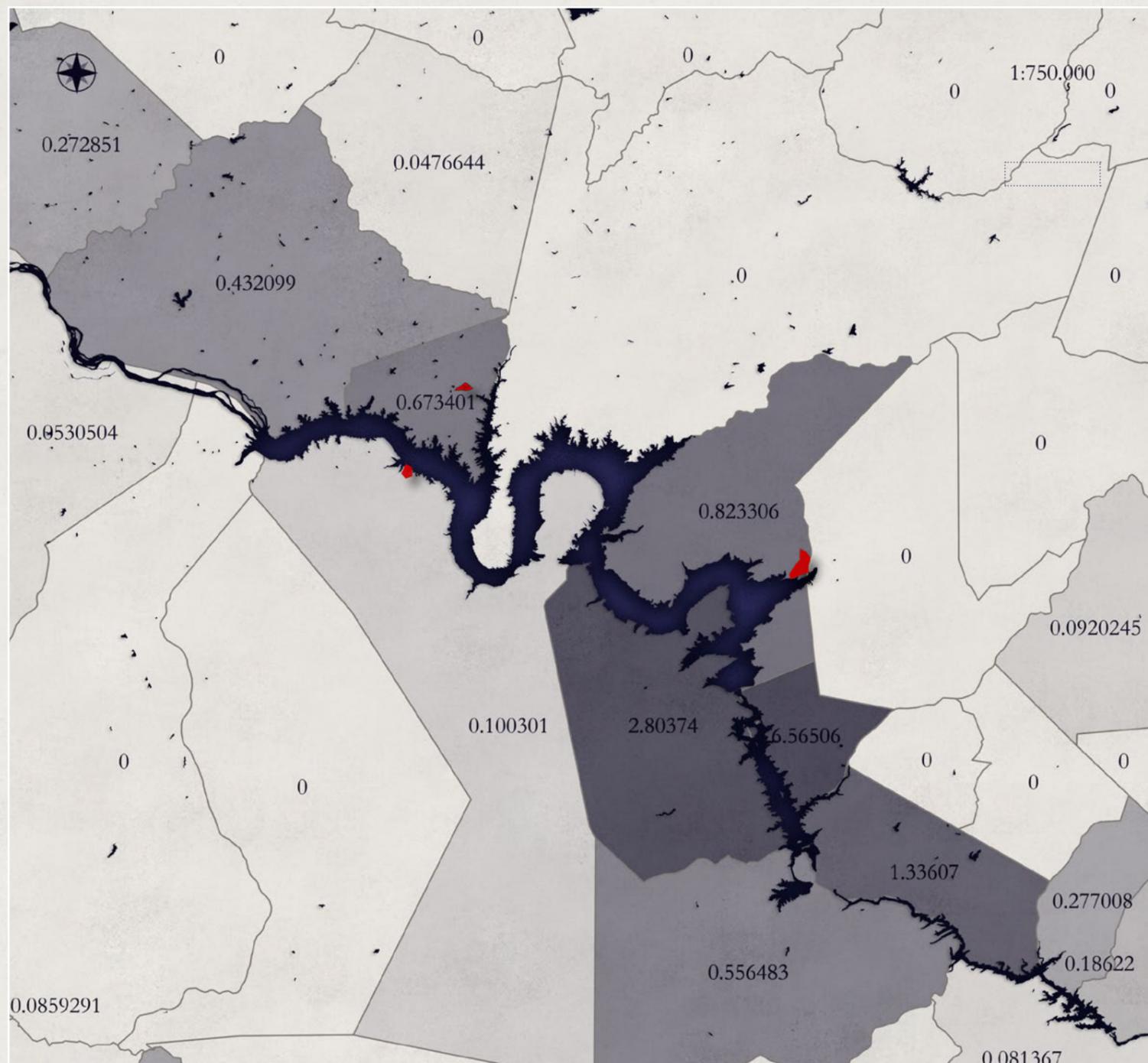


fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2018



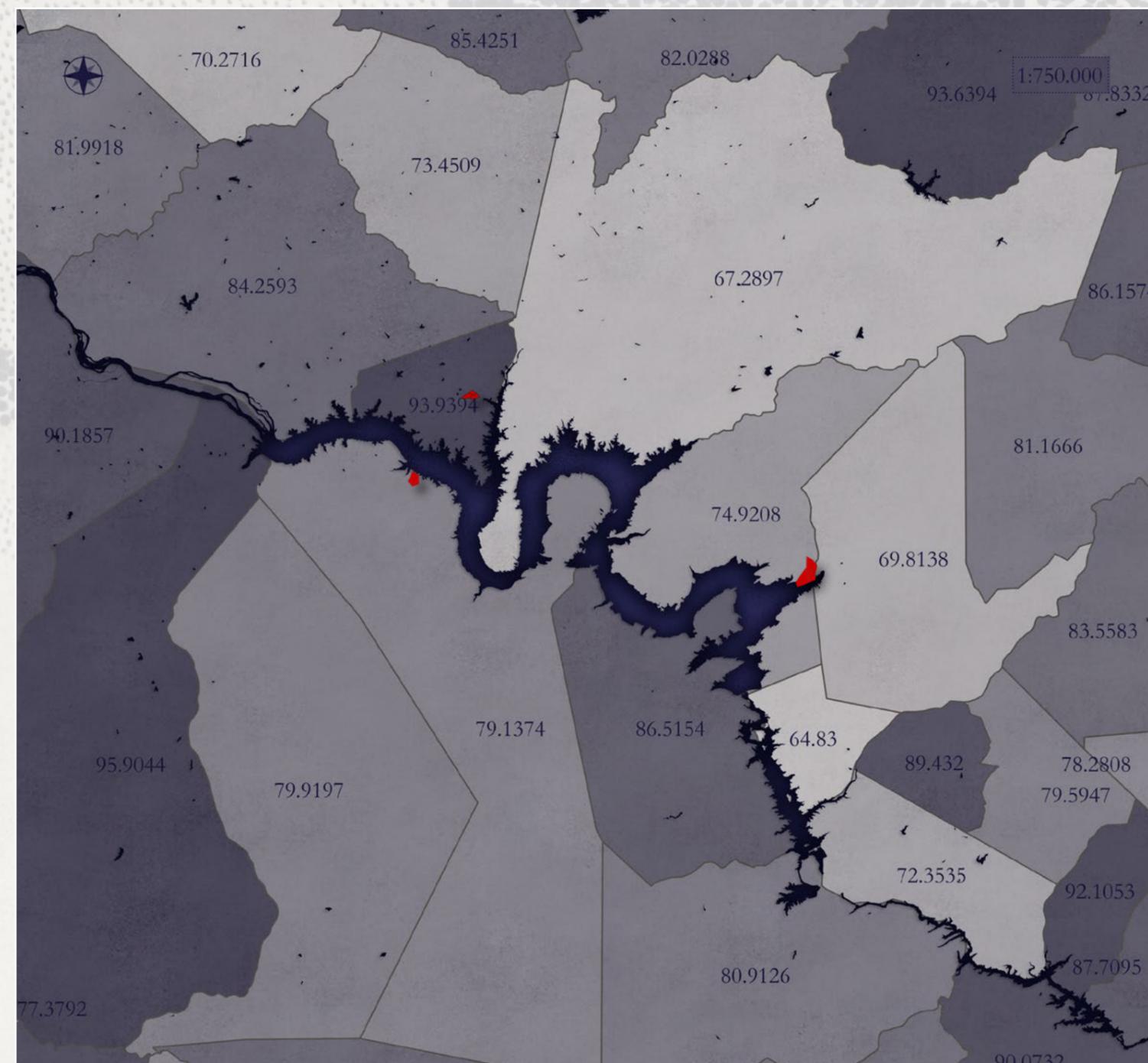
Percentual de estabelecimentos agropecuários com declaração de uso de irrigação em relação ao total dos estabelecimentos agropecuários do município

fonte: Censo Agropecuário 2017



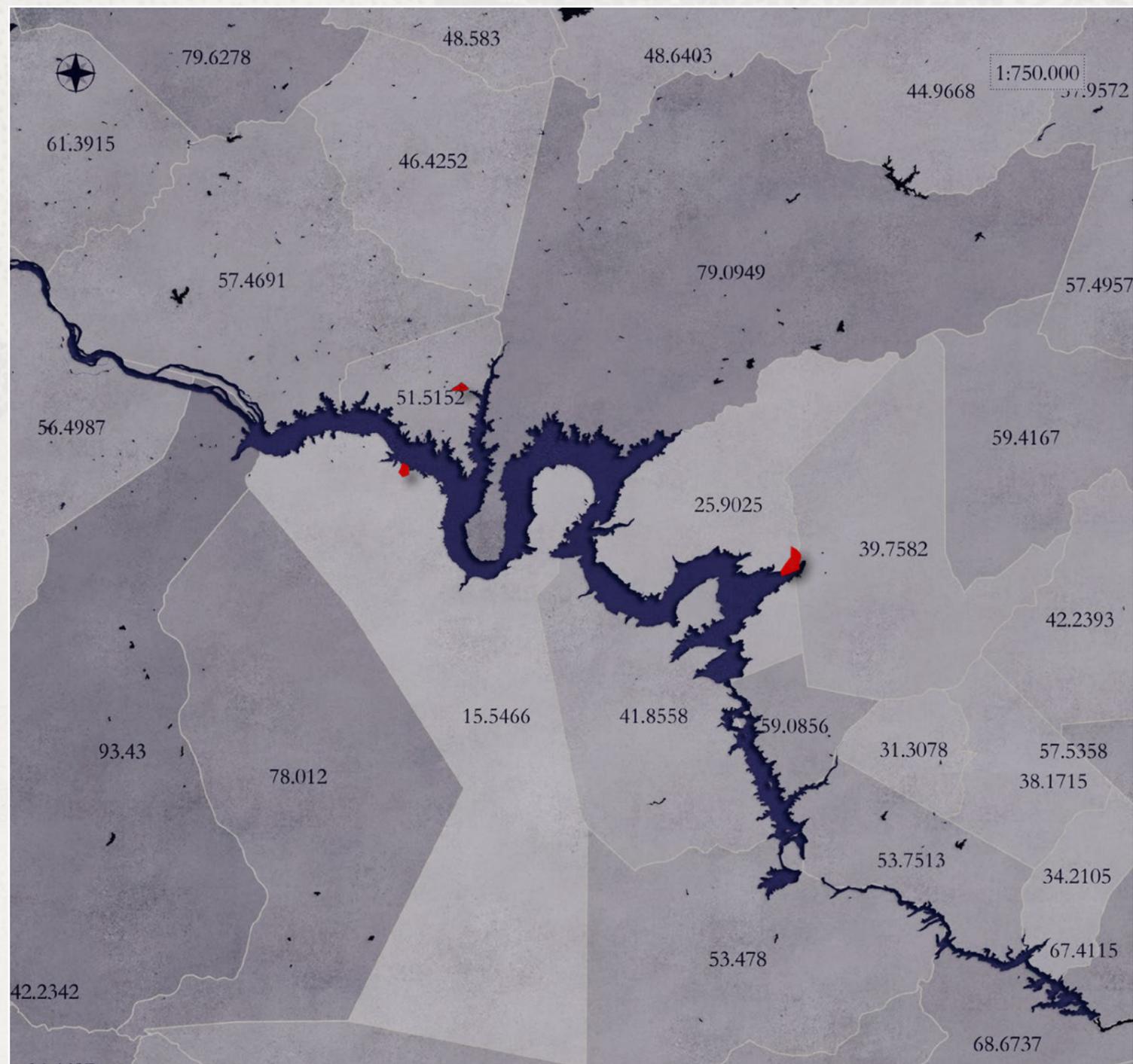
Percentual de estabelecimentos pertencentes ao Grupo de Atividade Econômica **Agricultura** em relação ao total dos estabelecimentos agropecuários do município

fonte: Censo Agropecuário 2017



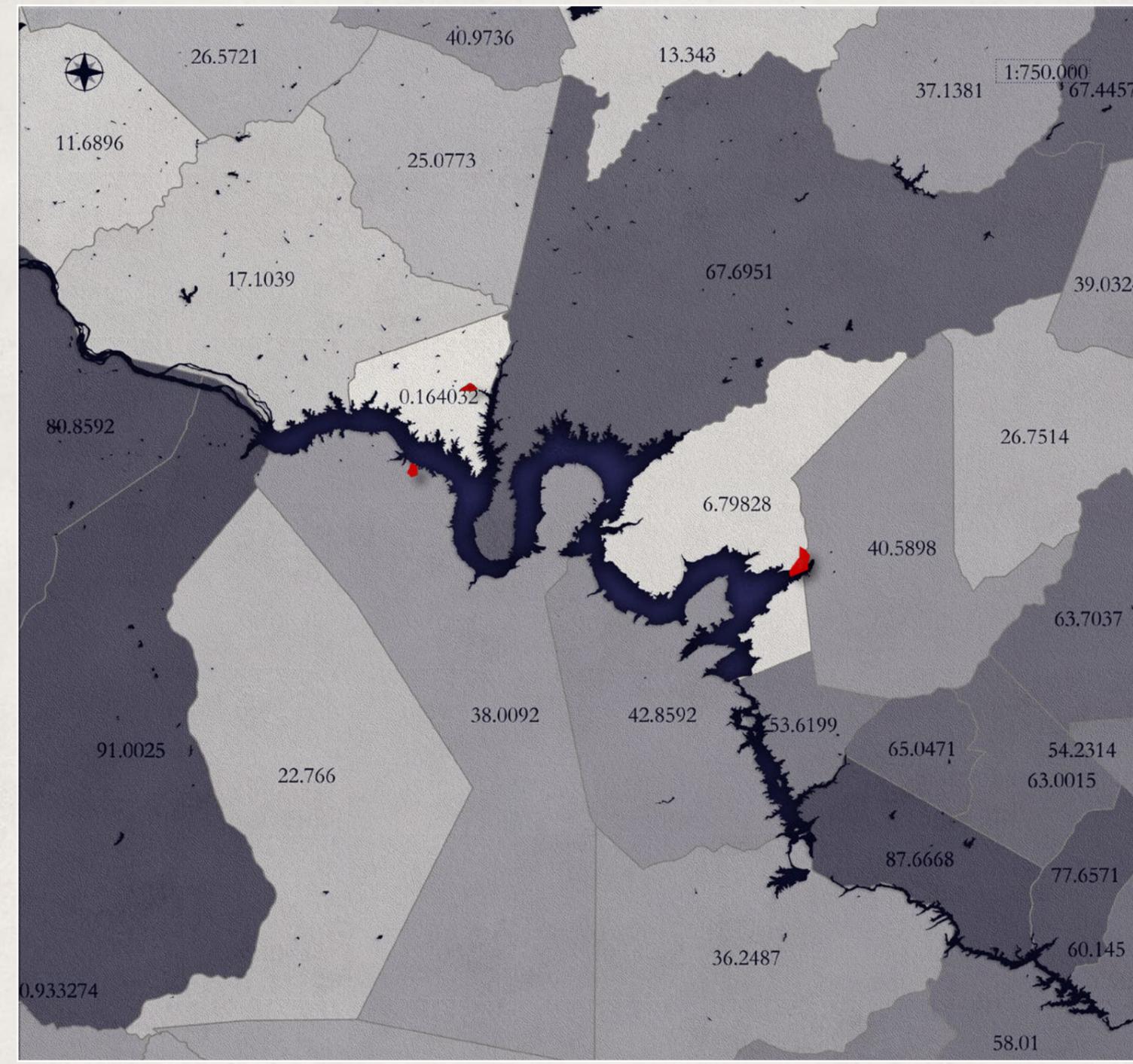
Percentual de estabelecimentos agropecuários classificados como **Agricultura Familiar** em relação ao total dos estabelecimentos agropecuários do município

fonte: Censo Agropecuário 2017



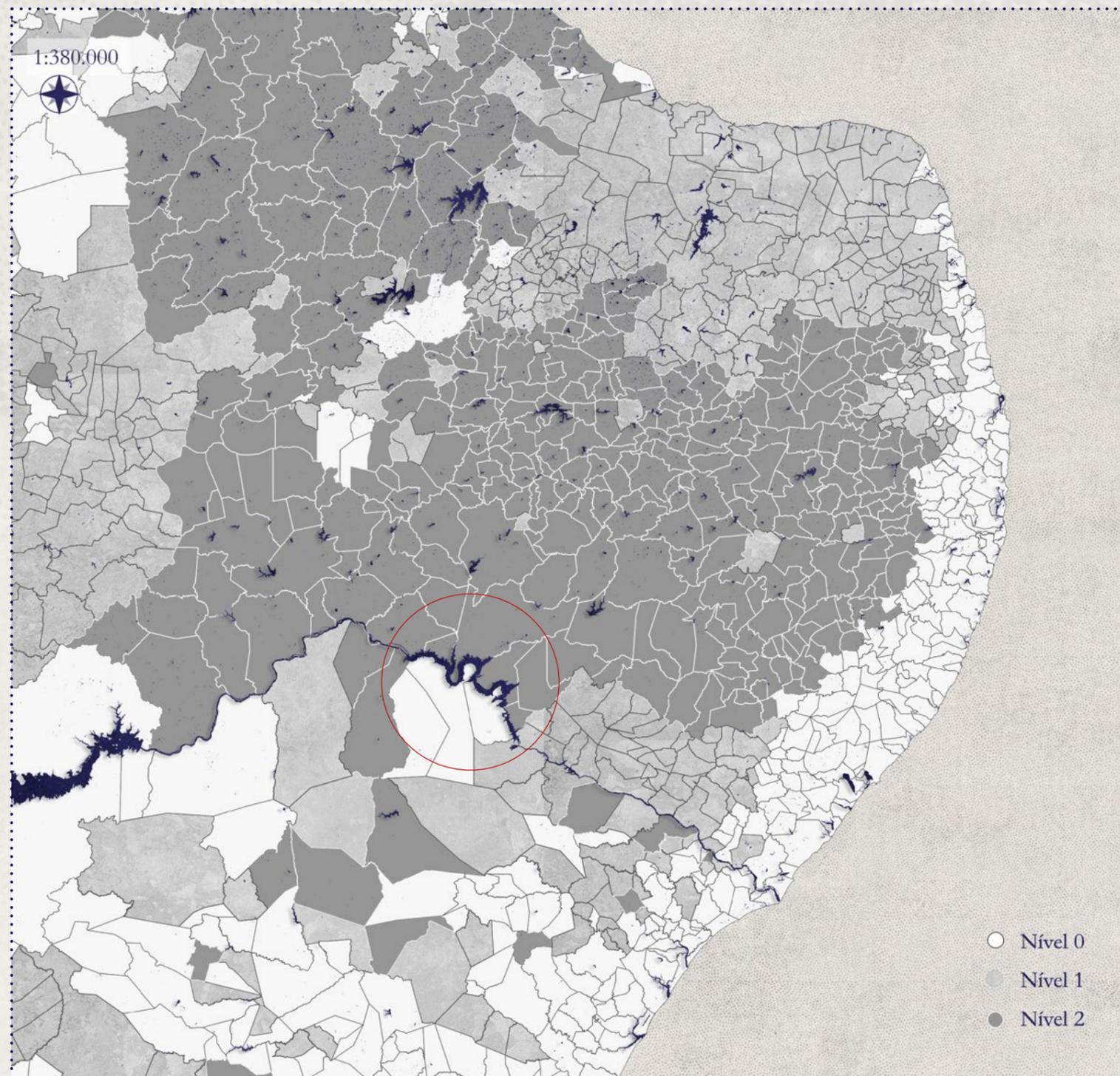
Percentual de estabelecimentos pertencentes ao Grupo de Atividade Econômica *Pecuária* em relação ao total dos estabelecimentos agropecuários do município

fonte: Censo Agropecuário 2017



Percentual de área classificada como *pastagem* no tema Utilização de Terras, em relação à área total dos estabelecimentos agropecuários do município

fonte: Censo Agropecuário 2017



Mapa dos municípios atingidos pela seca em 2016 por níveis de impacto (ordem crescente)

fonte: Catálogo de Metadados da Agência Nacional de Águas (ANA)

As Margens

◦ a transposição do rio São Francisco, a sua bacia e a eletricidade ◦

Depois de 12 anos de construção e 7 de atraso, a realização da obra de transposição do Rio São Francisco está próxima de ser finalizada. (DOMINGUES, 2019) De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), foram aplicados R\$ 12 bilhões para a execução da obra, sendo R\$ 1 bilhão dessa quantia para reduzir os impactos ambientais.

O ideário de transposição do rio São Francisco remete ainda ao século 19, momento em que políticos e pensadores à época aconselharam ao imperador Dom Pedro II a elaboração de um canal que transportasse água para o sertão. Porém, foi apenas entre o século 20 e 21, posterior a uma sucessão de pesquisas (concebidas nos governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso) (DOMINGUES, 2019), que houve a possibilidade de concretizá-la, no mandato do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A obra foi aprovada em 2005 e suas obras começaram em 2007.

A transposição do Rio São Francisco consiste no projeto de dois grandes canais (um Eixo Norte e um Eixo Leste, totalizando 477 km em obras) que captam a água entre as barragens de Sobradinho e Itaparica, transportando as mesmas em direção às cidades do semiárido, do agreste pernambucano e da região metropolitana de Fortaleza, que são muito mais secas. Tal processo é realizado através de estações de bombeamento, reservatórios e pequenas usinas hidrelétricas que abastecessem as máquinas.

Estima-se que a obra abastecerá 11,6 milhões de pessoas (4,5 milhões vão ser atendidas pelo Eixo Leste e 7,1 milhões pelo Eixo Norte) (DOMINGUES, 2019). Quanto à sua construção, as obras do Eixo Leste foram finalizadas em março de 2017 e, segundo o governo federal, a água já abastece 1 milhão de pessoas. Já o Eixo Norte, ainda em construção, está 97% concluído.

A transposição foi uma das diversas ações do homem realizadas no Velho Chico; afinal, o Rio é fonte de recursos, abundância e bonança, porém, justamente por isso, também concentra uma série de disputas e conflitos.

Uma obra no Velho Chico que agregou progresso e industrialização, ao mesmo tempo em que instaurou *intermináveis* conflitos, foi construção das barragens e usinas hidrelétricas de Três Marias, Sobradinho, Paulo Afonso e Itaparica. Tais construções provocaram o alargamento do Rio, fazendo com que seu fluxo fosse limitado. Com isso, o regime do Rio foi drasticamente modificado: sua vazão ficou cada vez mais fraca e, conseqüentemente, a água salgada do mar, passou a correr rio adentro, interferindo em sua fauna e biodiversidade.

Após a constituição desse cenário ambiental complexo, foi proposta a obra de transposição do Rio. Ou seja, foi proposto o desvio, a *retirada*, de água do Velho Chico - que já estava altamente sobrecarregado e controlado. A lógica da transposição era semelhante àquela das barragens, visto que o plano era que a vazão de água do rio para os canais fosse limitada, a fim de manter o nível habitual de suas águas. Todavia, nos locais em que seriam realizados esses canais, foram retirados grandes volumes da vegetação preexistente, o que estimulou o processo de assoreamento do rio e, conseqüentemente, o enfraquecimento ainda maior de sua vazão.

Se, por um lado, as grandes obras geram vantagens, como o transporte de eletricidade e água para novas regiões do Nordeste brasileiro; por outro, tais ações implicam na migração compulsória de populações inteiras, além da destruição do habitat natural de inúmeros animais e plantas.

A somatória dessas diversas práticas, que ocorrem circunscritas ao Velho Chico, gera um impacto que é repercutido não apenas no rio em si (e em todos os fatores citados anteriormente), como também em seus afluentes e nas bacias que se ligam a ele (desde os lençóis freáticos até suas nascentes). As consequências diversas provocadas pela ação do homem são discutidas e financiadas pelas Agências de Água, de grande importância para a gestão e planejamento dos usos da água nas bacias hidrográficas onde atuam.

Funcionamento dos canais da transposição do São Francisco

Água captada passa por canais, túneis, bombas, degraus e galerias até chegar nas áreas secas do Nordeste

Estações de bombeamento

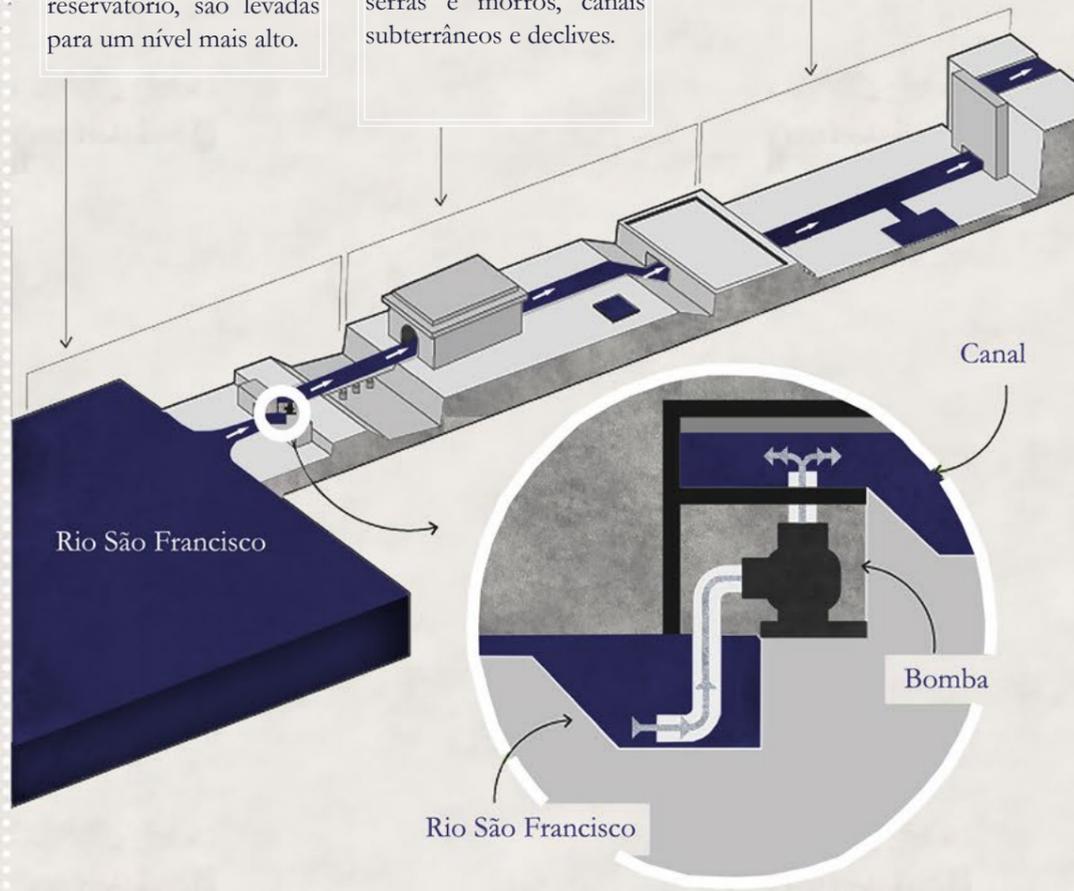
Funcionam como “elevadores de águas”. Do reservatório, são levadas para um nível mais alto.

Túneis, galerias e degraus

Para superar desníveis do terreno, a água passa sob serras e morros, canais subterrâneos e declives.

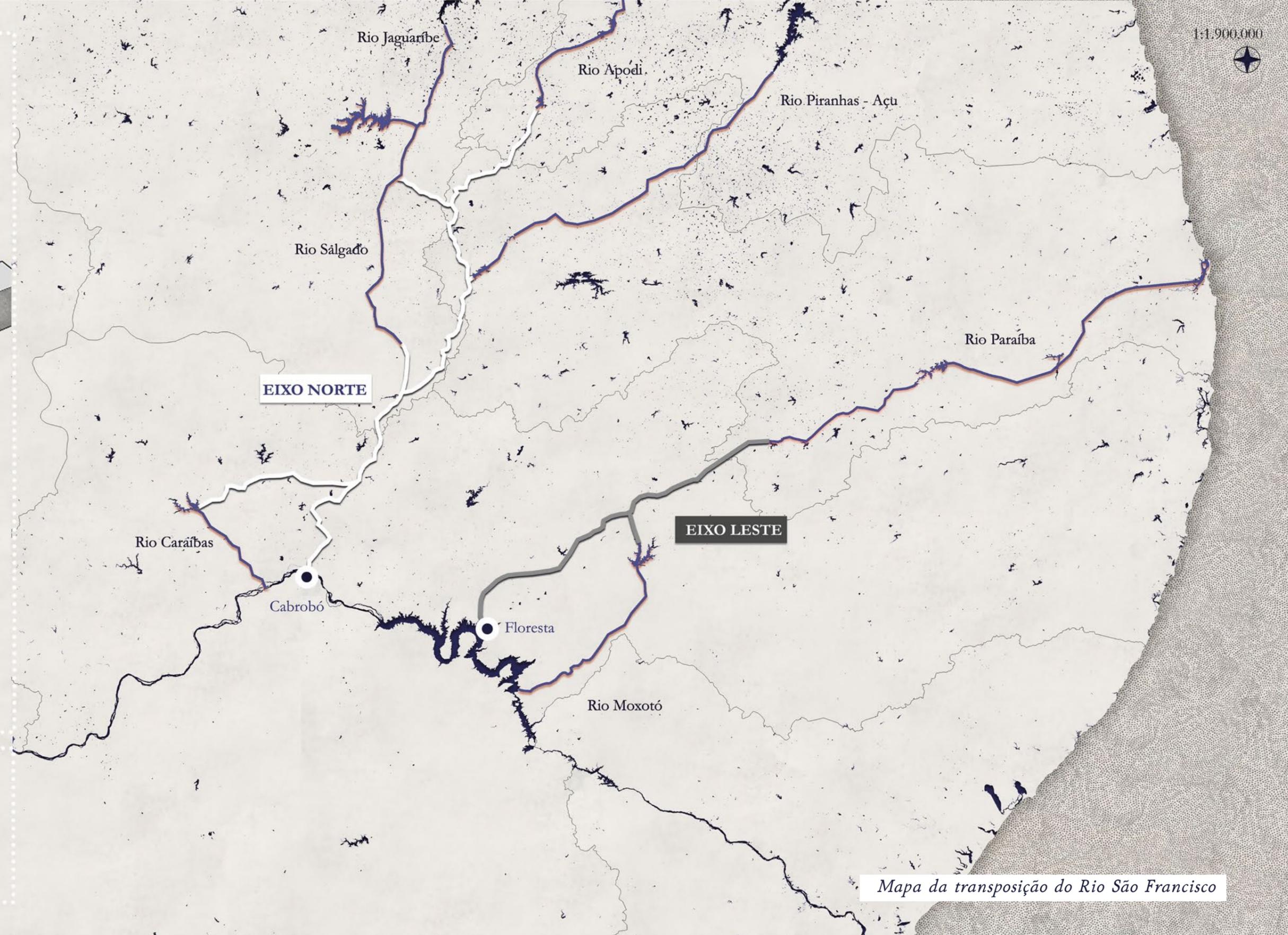
Reservatórios

A água fica armazenada em 24 pontos ao longo dos canais

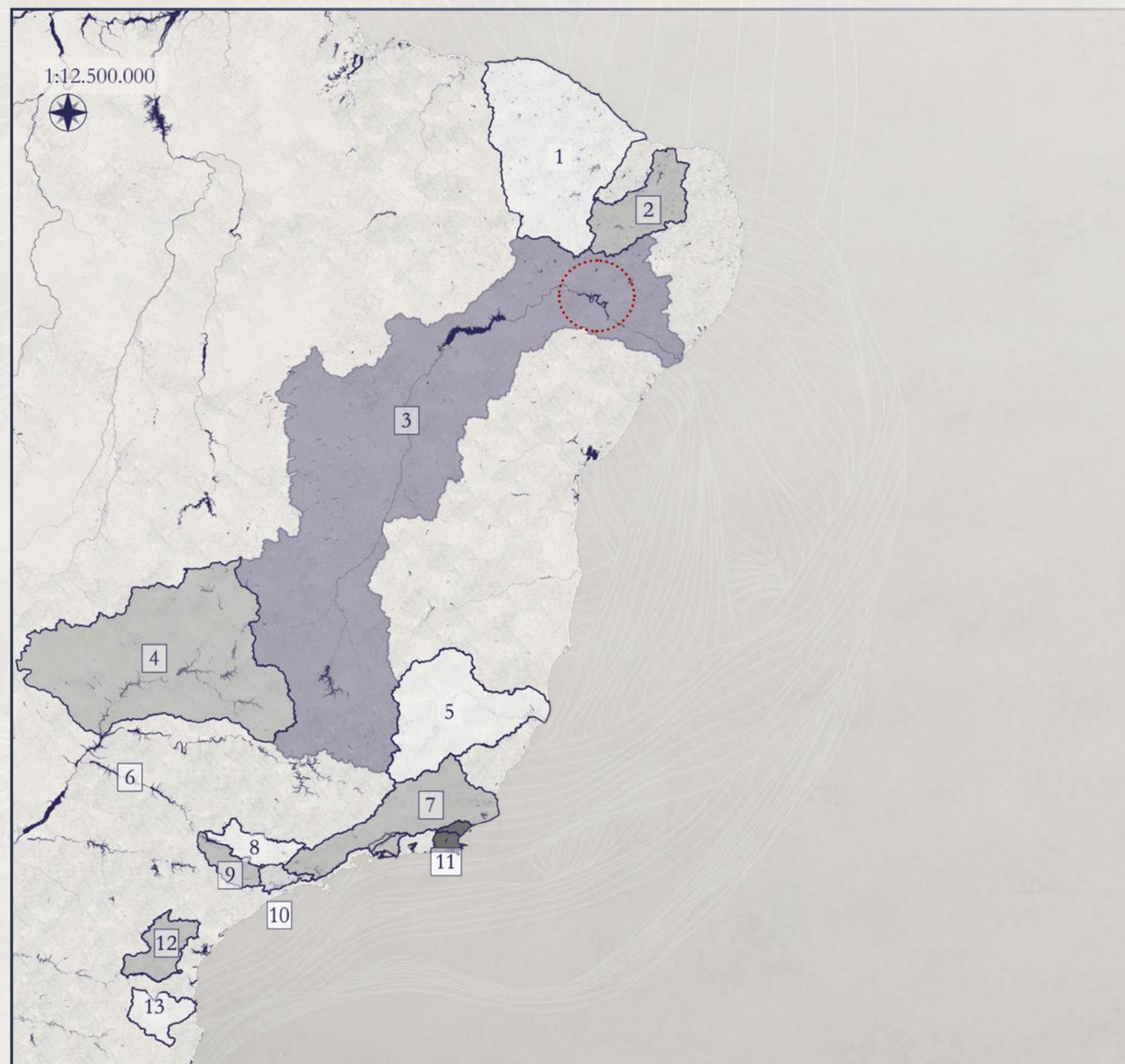


Fonte: Ministério do Desenvolvimento Regional (2019)/ adaptado pela autora

- Eixo Norte (260 km de extensão, 3 estações de bombeamento, 15 reservatórios, 8 aquedutos e 3 túneis)
- Eixo Leste (217 km de canais, 6 estações de bombeamento, 12 reservatórios)
- Rios receptores/ Açudes
- Captação



Mapa da transposição do Rio São Francisco

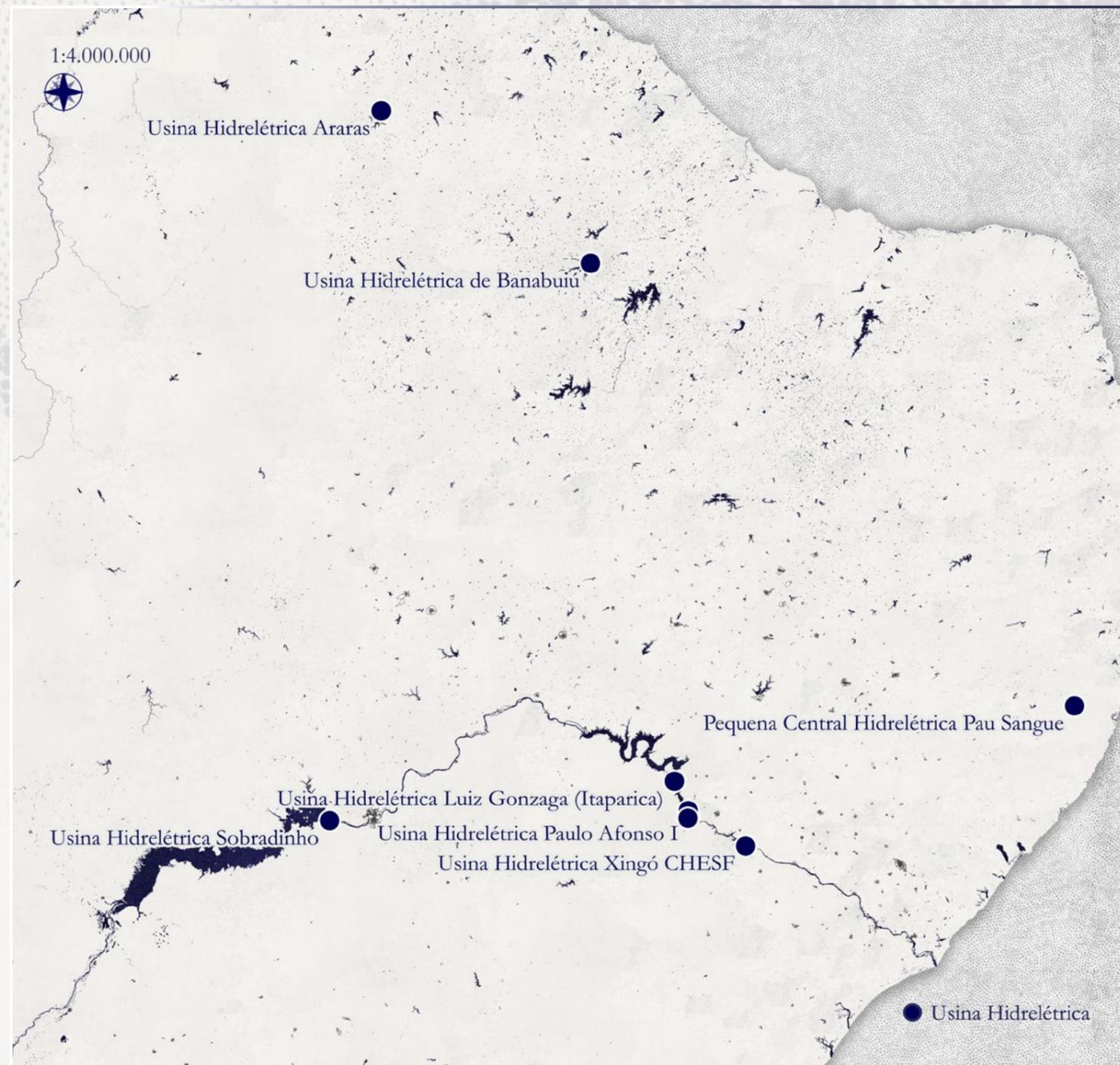


Mapa das Entidades com Funções de Agência de Água

fonte: Catálogo de Metadados da Agência Nacional de Águas (ANA)

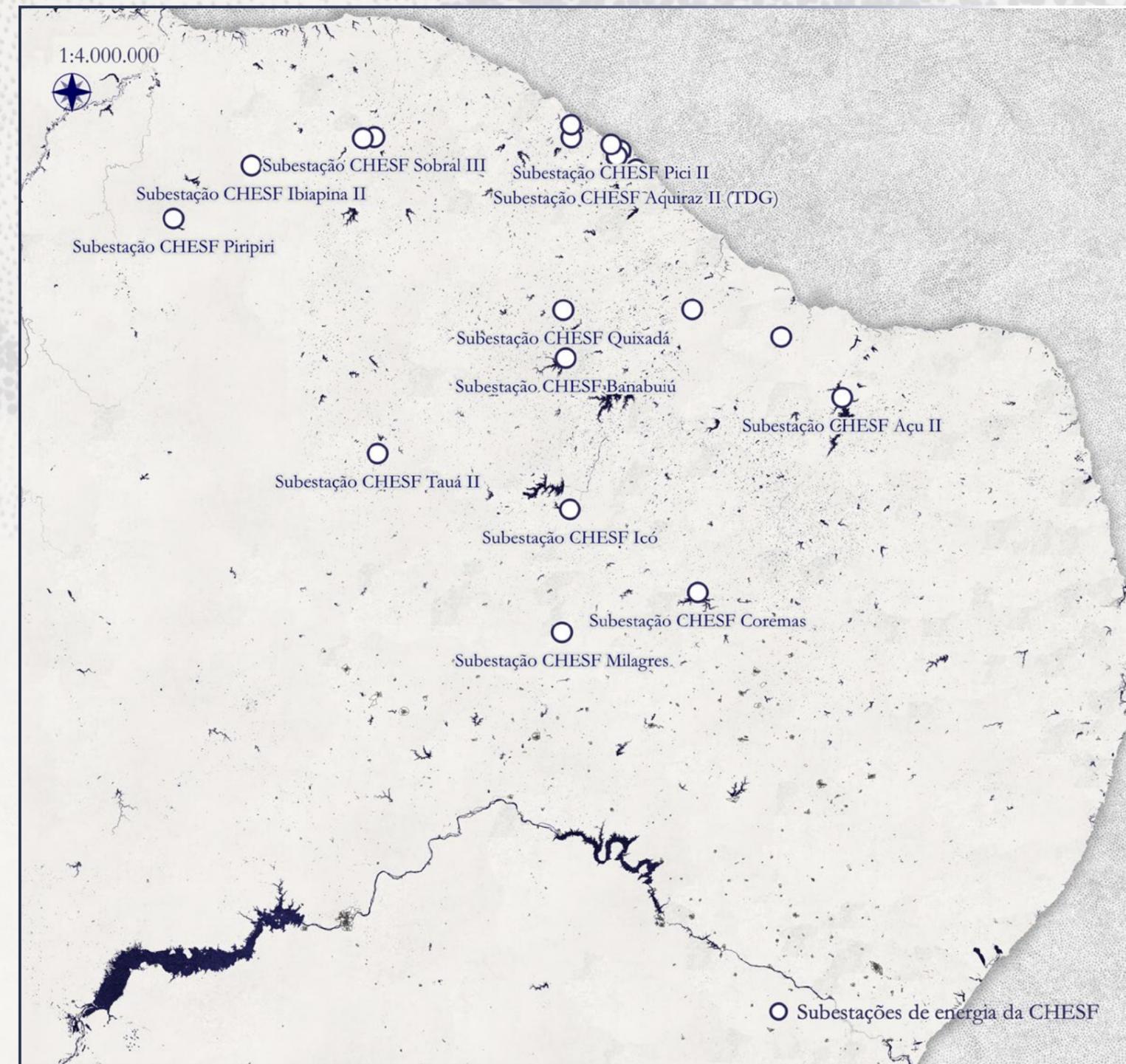
- 1:** Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará (COGERH)
- 2:** Agência de Desenvolvimento Sustentável do Seridó (ADESE)
- 3:** Associação Executiva de Apoio à Gestão de Bacias Hidrográficas Peixe Vivo (AGB Peixe Vivo)
- 4:** Associação Multisetorial Usuários de Recursos Hídricos do Rio Araguari (ABHA)
- 5:** Instituto Bio Atlântica (IBio)
- 6:** Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE)
- 7:** Associação Pró-gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul
- 8:** Agência Sorocaba Médio Tietê
- 9:** Agência das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (Agência PCJ)
- 10:** Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE)
- 11:** Consórcio Intermunicipal Lago São João
- 12:** Instituto das Águas do Paraná
- 13:** Fundação Agência de Água do Vale Itajaí

Legendas do Mapa das Entidades com Funções de Agência de Água



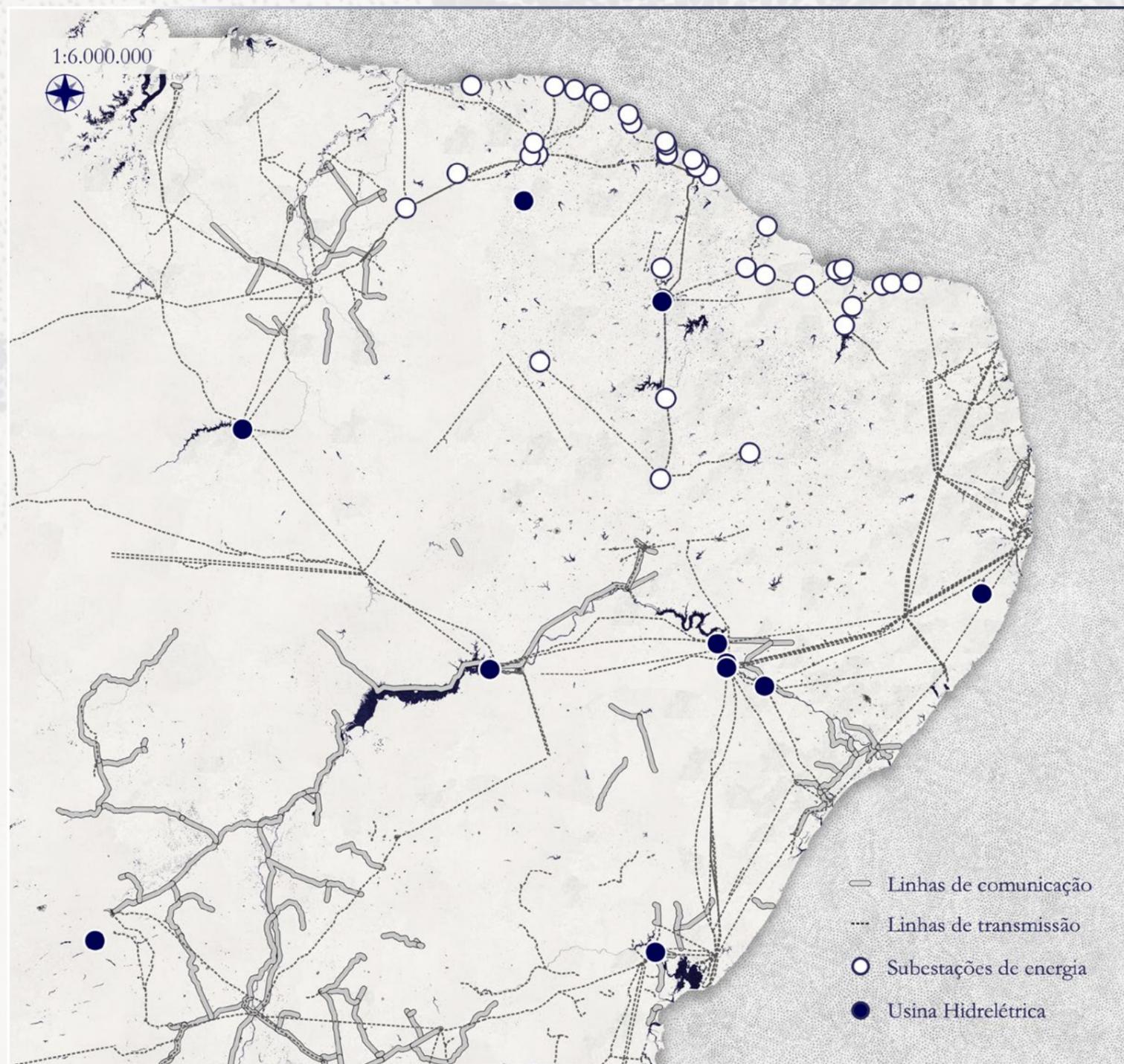
Mapa das Usinas Hidrelétricas na região

fonte: Catálogo de Metadados da Agência Nacional de Águas (ANA)



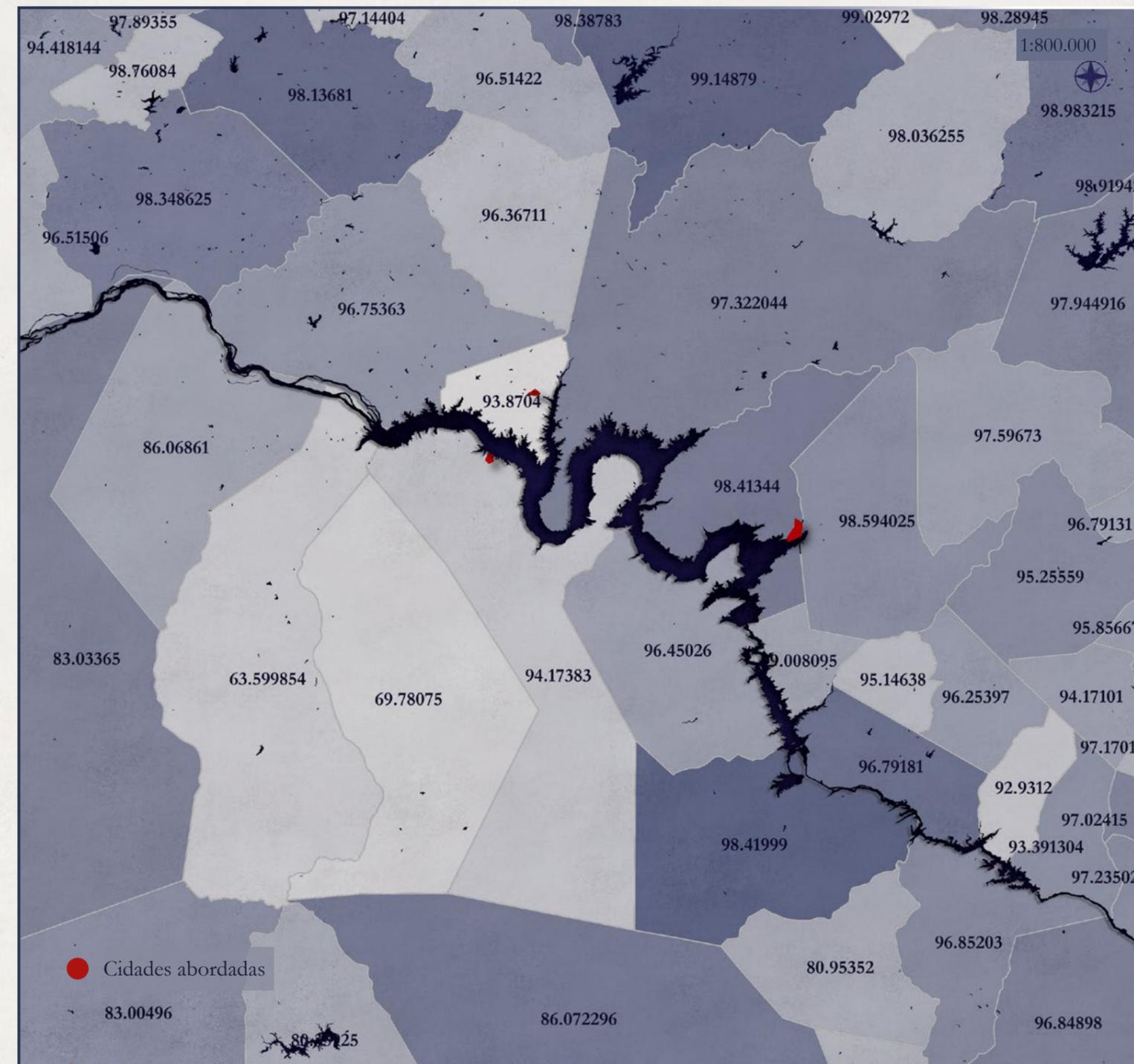
Mapa das Subestações de energia da CHESF

fonte: Catálogo de Metadados da Agência Nacional de Águas (ANA)



Mapa de transmissão energética na região

fonte: Catálogo de Metadados da Agência Nacional de Águas (ANA)



Mapa do percentual de domicílios permanentes com energia elétrica de companhia distribuidora

fonte: IBGE, 2015.

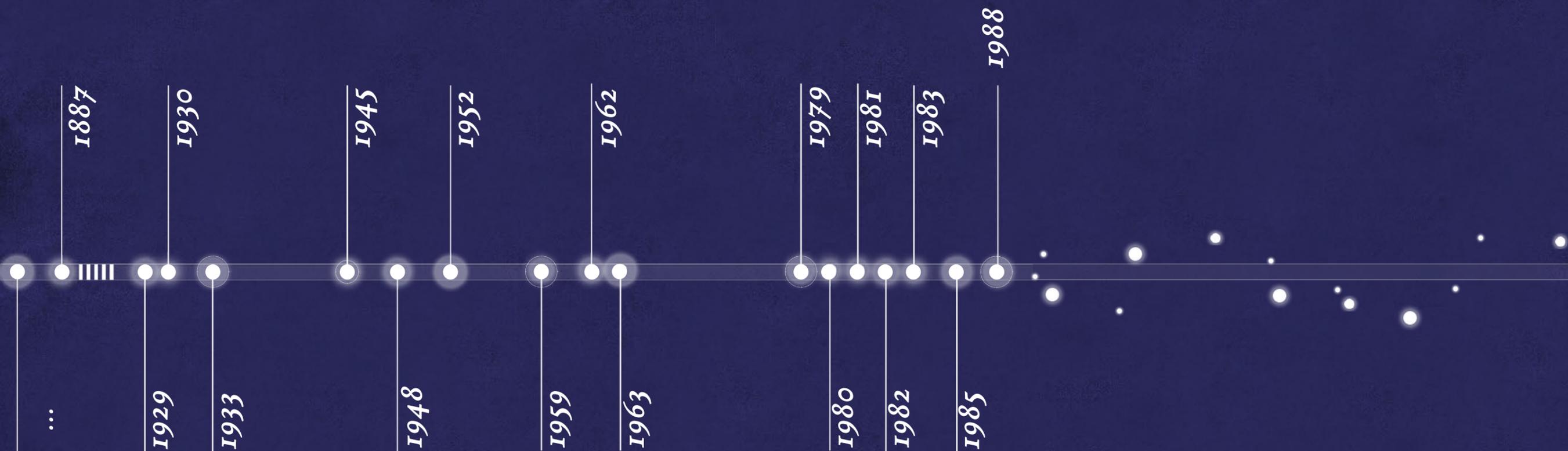
*Parte IV:
O Leito*



Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas por suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de numes.

(BOSI, 1992, p. 19)

Linha do Tempo



1887: Fundação da cidade inundada de Petrolândia

1929 Queda da Bolsa

1930: Marco do início da Grande Depressão

1933: Operacionalização da Tennessee Valley Authority (inserida no New Deal do governo de Roosevelt)

1945: Criação da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) e do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS)

1948: Fundação da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), posteriormente (1974) denominada Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF)

1952: Criação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB)

1959: Criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)

1962: Fundação da cidade inundada de Rodelas

1963: Fundação da cidade inundada de Itacuruba

1979: Início da construção da barragem de Itaparica

1980: Concepção do plano urbano de Petrolândia

1981: Concepção do plano urbano de Itacuruba e criação do projeto urbano de Petrolândia

1982: Concepção do plano urbano de Rodelas

1983: Realização do projeto urbano de Itacuruba

1985: Criação do projeto urbano de Rodelas

1988: Finalização da barragem de Itaparica

• *O Leito* • *percurso linear*

Em resposta à crise econômica mundial, provocada pela Grande Depressão dos anos de 1930, o Brasil incorporou uma política nacional-desenvolvimentista, através da qual o Estado participou ativamente das ações de planejamento - implicando em sua interferência mais direta na economia. Essas ações de planejamento faziam parte de um projeto de modernização e integração nacional, no qual, por meio da infraestrutura, mão de obra e do desenvolvimento tecnológico, acreditava-se ser possível garantir a transição de uma economia agroexportadora para uma economia industrial.

Segundo Bresser-Pereira (2014), a industrialização brasileira, que teve início na década de 1930, não seria factível sem dois fatores principais: a retração do mercado externo - que promoveu a desvalorização dos preços do café - e a decorrente queda da taxa de câmbio. A presença de uma demanda interna em crescimento, associada ao declínio da economia primário-exportadora cafeeira, implicou em mudanças profundas no sistema produtivo brasileiro. A fim de diversificar a estrutura produtiva do país, o Estado deu início ao processo conhecido como substituição de importações, que implicou no deslocamento do centro dinâmico econômico do país, até então sob o domínio cafeeiro, para o domínio industrial.

Diante desse cenário, houve a criação de diversas indústrias de base nacionais, sendo a expansão do setor da produção de energia elétrica um elemento crucial para impulsionar e suprir as demandas do processo de industrialização (CORSI, 2000, p. 74). Referências americanas, como a Tennessee Valley Authority - TVA, inserida no New Deal do governo Roosevelt (SILVA, 2020), em conjunto com a reforma administrativa, realizada na Era Vargas, favoreceram a promoção industrial e energética do país.

Ao longo do Primeiro Governo Vargas (1930-1945), mais precisamente, a partir de 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, houve um alinhamento político-ideológico do Brasil ao bloco liderado pelos norte-americanos. Tendo esse contexto como premissa, concomitante à insuficiência interna de fundos públicos e privados disponíveis, o Estado passou a abarcar cada vez mais investimentos advindos do capital estrangeiro, especialmente estadunidenses - que eram controlados e fiscalizados pelo governo federal. Tais aspectos contribuíram para que o Brasil evoluísse para uma relação cada vez mais estreita perante o governo americano (BRITO, 2006).

Ainda durante o regime de Vargas, essa aproximação com o governo norte-americano deu origem a diversas missões estrangeiras, destinadas a estudar as condições e possibilidades do território brasileiro. Essas missões tinham como objetivo recomendar medidas estatais que pudessem incrementar a infraestrutura de áreas de maior fragilidade, como o Nordeste. Na região do vale do São Francisco, por exemplo, a missão Cooke (1942) propôs a elaboração imediata de um planejamento regional com base naquele que foi realizado nas bacias hidrográficas dos Estados Unidos, no Vale do Tennessee (Tennessee Valley Authority) e Mississippi (Mississippi Valley Committee). Tais recomendações deram suporte para a criação da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) em 1945 e da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF) em 1948 (SILVA, 2020).

A CVSF e a CHESF foram fundadas como entidades de planejamento regional. A CVSF foi criada como órgão de estudo e planejamento territorial da bacia hidrográfica do rio São Francisco, enquanto a CHESF, além da missão de estudar e planejar a região, também deveria implementar e executar o seu planejamento e o da CVSF.

Através da criação dessas entidades, o Estado Novo (1937-1945): efetivou a intervenção direta do poder público federal na esfera de geração e transmissão de energia, sendo a CHESF uma empresa precursora do modelo de estatização (em um campo que até então, era majoritariamente controlado por empresas estrangeiras); instaurou uma nova etapa de desenvolvimento tecnológico no setor elétrico (ao explorar o potencial hidráulico nacional) e instituiu uma nova ordem técnica e industrial ao Nordeste brasileiro, desviando-se do caráter clientelista e assistencialista normalmente praticado na região. (TORRES, 2016 apud OLIVEIRA, 2001).

Por um lado, havia a necessidade imperativa do “Estado Novo” em explorar o potencial energético do Nordeste. Por outro, comunidades inteiras que, em decorrência da construção dos barramentos, tiveram que deixar seus lares, antes que fossem inundados.

A ocupação das cidades inundadas se consolidou progressivamente, no decorrer do tempo, a começar por poucas edificações, como a igreja e poucas casas. Posteriormente, ruas foram sendo construídas - obedecendo às curvas de nível - distribuídas paralelamente ao rio; de forma que, a expansão das cidades, de uma forma geral, ocorreu linearmente (SILVA, 2020).

De acordo com os planos de reassentamentos e de desocupação concebidos pela CHESF (1981-1985), em relação ao reservatório de Itaparica, no que diz respeito às respectivas infraestruturas das cidades inundadas, as redes de esgoto eram quase inexistentes, de forma as cidades contavam com pouquíssimas instalações. Essas, eram mais perceptíveis na cidade de Petrolândia, onde, por sua vez, ainda ocorriam de maneira insuficiente (praticamente concomitantes ao escoamento superficial), atendendo de forma precária à pouquíssimas pessoas.

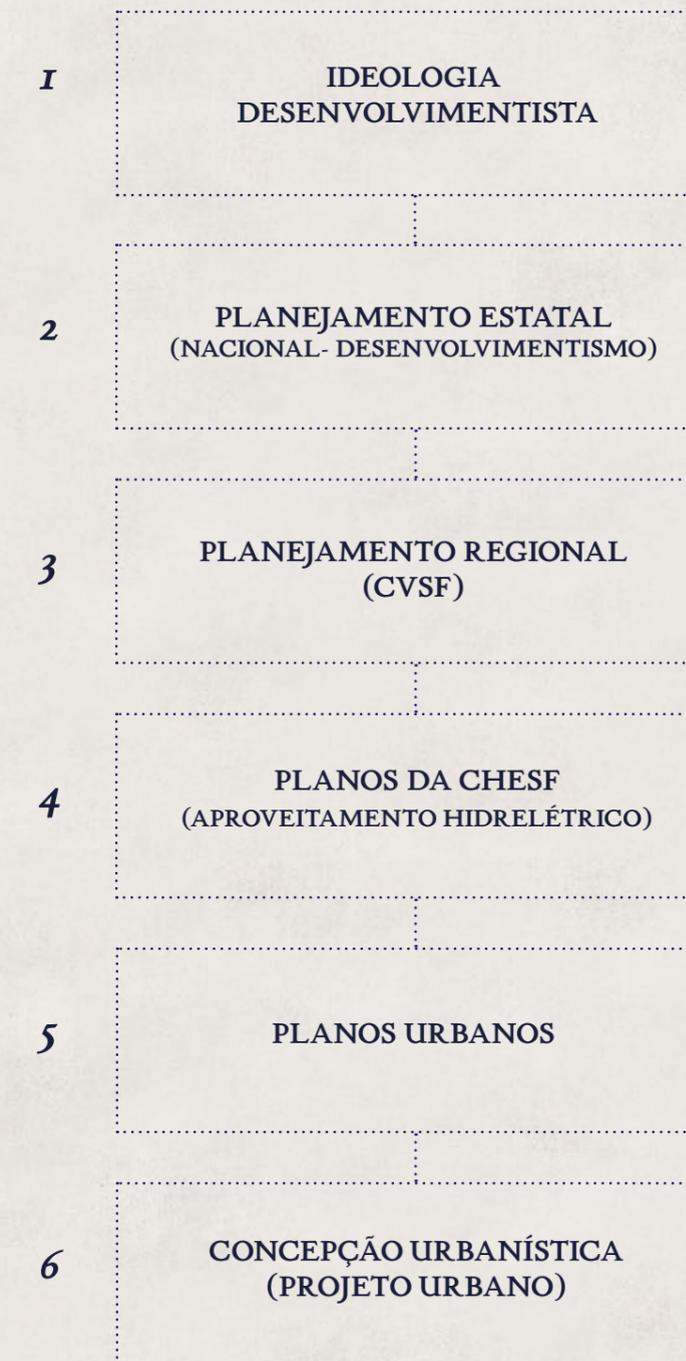
No que se refere à pavimentação, Petrolândia era também, entre as três, a cidade mais pavimentada; enquanto Rodelas e Itacuruba demonstravam uma pequena parcela da cidade pavimentada - com paralelepípedos - ao redor da praça principal e de algumas ruas. Já em relação aos equipamentos urbanos, Petrolândia também dispunha de mais serviços que atendessem à população, incluindo unidades de ensino. (SILVA, 2020).

Por fim, as cidades inundadas apresentam muitas semelhanças, uma vez que suas características primordiais permanecem quase inalteradas; principalmente, devido a sua implantação próxima ao rio, favorecendo o meio de transporte fluvial, a pesca e a agricultura nas vazantes. Além dessas questões, as cidades também demonstram correspondências em relação à forma urbana, moldada pela topografia plana que, vez por outra, era inundada em alguns locais. Tais alagamentos forçavam os residentes a se deslocarem temporariamente. (SILVA, 2020)

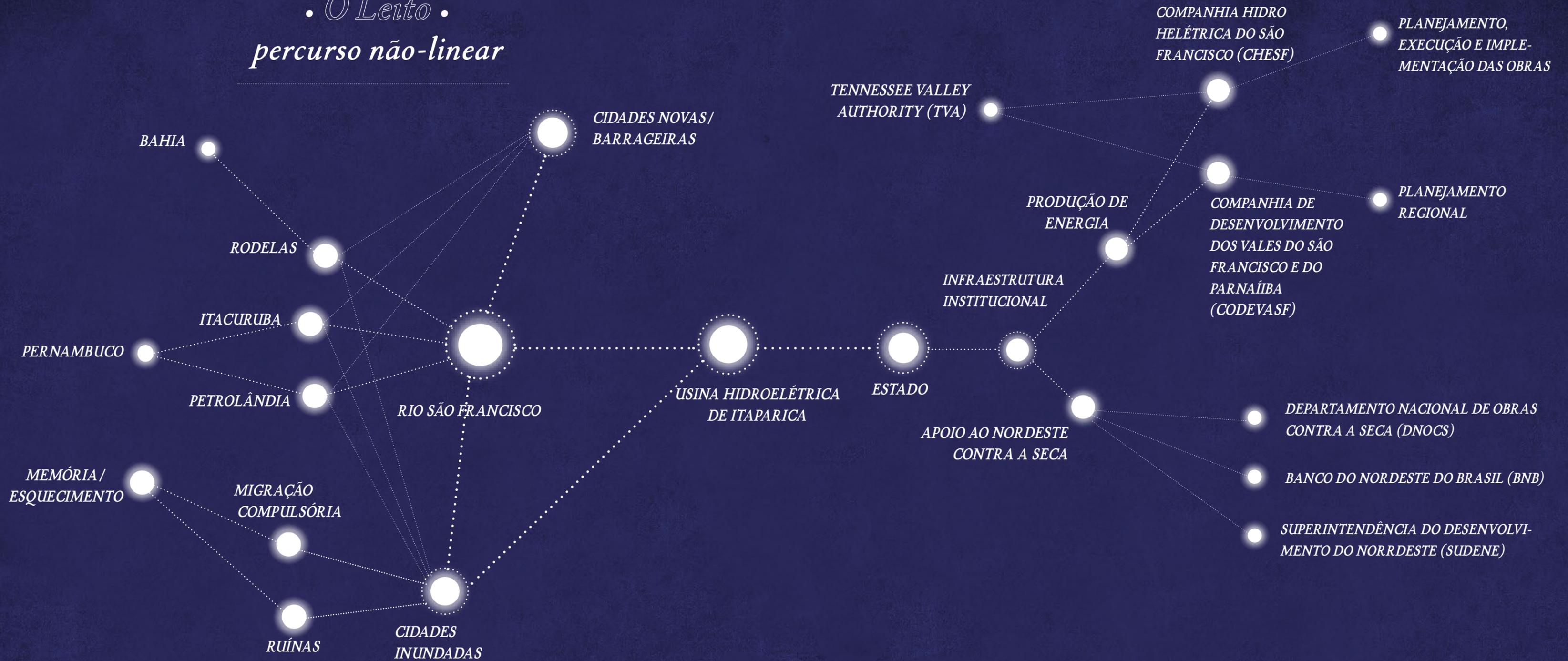
Cidade inundada	População	Densidade (hab/ha)	Infraestrutura	Geografia	Meios de transporte	Atividade econômica	Bioclima
Petrolândia	9.816	181,8	Deficiente	Plano	Fluvial	Agricultura	Vazante
Itacuruba	1.652	57	Deficiente	Plano	Fluvial	Agricultura	Vazante
Rodelas	2.659	285,4	Deficiente	Plano	Fluvial	Agricultura	Vazante

Os planos urbanos das cidades realocadas incorporavam a condição desenvolvimentista do Estado para a bacia hidrográfica do São Francisco, nas décadas de 1970 e 1980.

O planejamento estatal (de segunda ordem) integrava diversas seções (cada uma com uma devida ordem hierárquica). Por exemplo, os planos urbanos (de quinta ordem) abarcavam as concepções urbanísticas (sexta ordem) e, por sua vez, faziam parte dos planos regionais da CHESF (quarta ordem). (SILVA, 2020)



*• O Leito •
percurso não-linear*



*Parte V:
A Correnteza*

*Eu já disse, mas vou repetir:
Não se represa um rio,
[...] Faça a represa o que quiser,
Pois o rio cedo ou tarde vai arranjar um jeito
de rasgar a terra,
Abrir um caminho,
E voltar a correr em seu leito de origem*

(FERNANDO PESSOA)





- Cidades Novas
- Cidades Inundadas
- Rio após a barragem
- Rio antes da barragem



As cidades estudadas são como pontos luminosos, análogos às estrelas.

As estrelas, desde os primórdios, estimularam a imaginação do homem a traçar linhas que as interligassem, formando figuras, símbolos e narrativas de acordo com épocas e lugares. Antes que o ritmo ininterrupto da luz artificial prolongasse (ou encurtasse) nossos dias, a observação demorada e detalhada do céu, assim como do movimento cíclico das estrelas visíveis, era fundamental para a orientação do homem no tempo e no espaço.

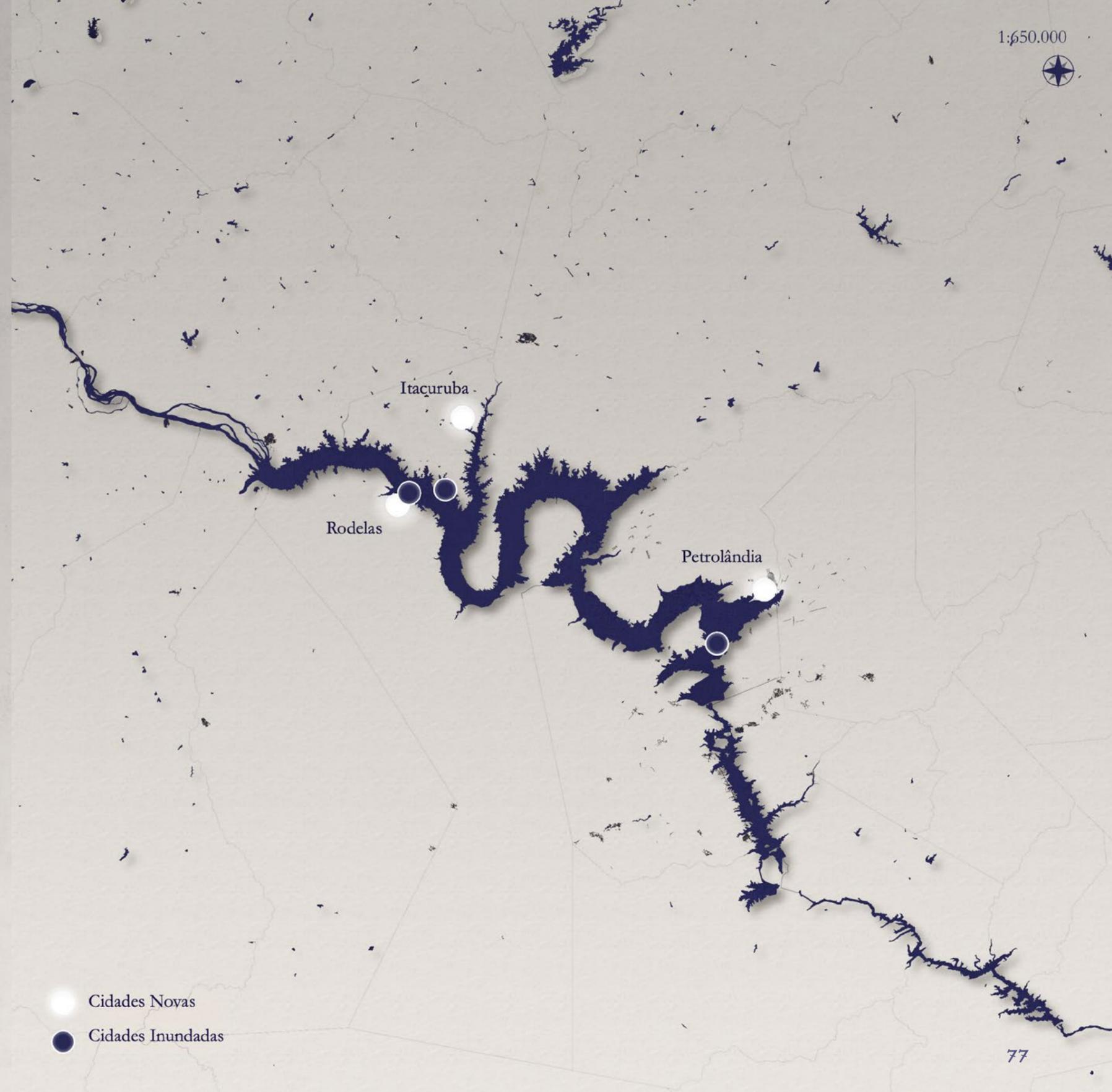
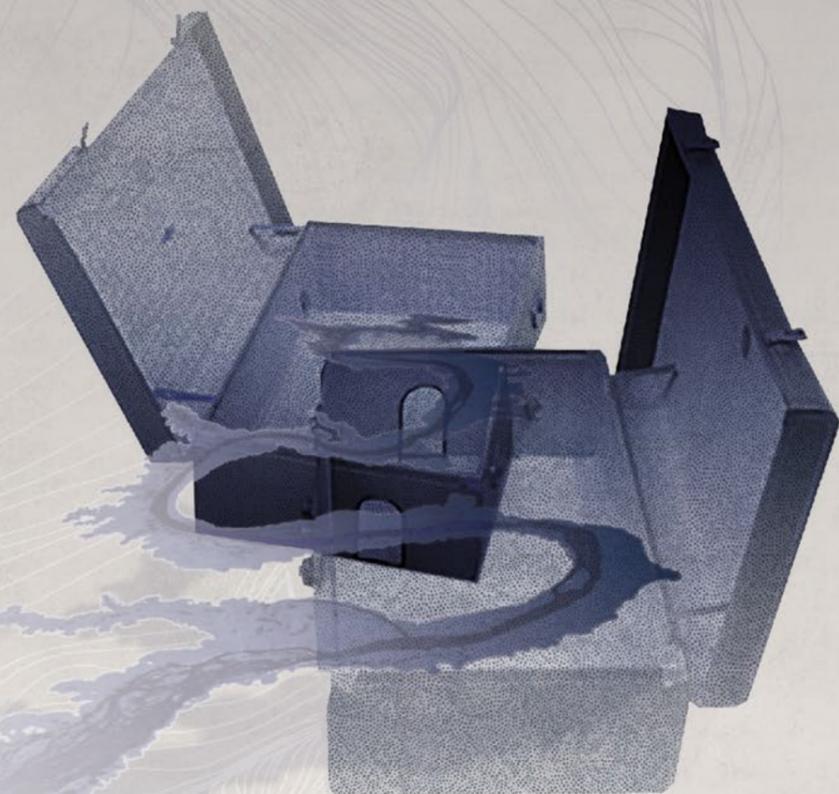
Inicialmente, determinados movimentos e conformações cósmicas foram associados com a época dos plantios e colheitas, padrão esse que evoluiu para a concepção do calendário (uma forma de contar o tempo). Além disso, na constância formal desses astros, o homem encontrou um sentido de direção e orientação em suas viagens de expansão terrestres e marítimas (uma forma de se localizar no espaço).

Além de nos orientar no espaço e no tempo, as estrelas também rompem e subvertem tais limites. Devido às enormes distâncias que separam o nosso sistema solar desses pontos de luz - levando cerca de milhões de anos para que a luz de determinados astros alcancem a terra -, o que é observado no presente são momentos do passado desses corpos celestes, muitos deles que podem, inclusive, nem existir mais.

De forma semelhante, também estou observando esses pontos luminosos, as cidades do passado, que ainda brilham e reverberam hoje. Não obstante, é vista a luz palpável, no presente, das cidades realocadas - reassentadas justamente para permitir a circulação da eletricidade na região - e que provavelmente algum dia, também desaparecerão fisicamente.

• *A Correnteza* •
reflexos do passado: reflexões no presente

A seguir, serão expostas três camadas do presente trabalho: as cidades antes de serem inundadas (*um começo*), o plano das cidades (*um recomeço*) e, por fim, as cidades atualmente, que compõem uma espécie de *palimpsesto*. Tal análise será realizada com o propósito de traçar um paralelo entre o passado e o presente, a memória e o esquecimento, a ruína e a recordação. A partir desse paralelo, demarcam-se os pontos, para que, posteriormente, sejam realizadas *trevessias*.



● Cidades Novas
● Cidades Inundadas

• Cidade Inundada de Rodelas •

o começo

Nos primórdios da colonização do Brasil, o município de Rodelas encontrava-se inserido nas rotas migratórias dos índios (nômades). Tal rota começava no Estado do Piauí e era finalizada na região *zorobabel* (Município de Rodelas).

A colonização do município foi iniciada no século XVI, com a vinda da missão francesa (frades capuchinhos) ao Rio São Francisco, onde já residia a tribo Tuxá, que seguiu habitando a região da velha cidade de Rodelas assim como a nova, nos dias de hoje.

Posterior à chegada dos frades capuchinhos, o Município de Rodelas passou a abrigar os colonizadores e os fugitivos, principalmente da Zona da Mata, de Pernambuco. No local, ao redor da pequena capela erigida pelos frades, iniciou-se o povoamento na região.

Hoje, o que resta da cidade é apenas uma caixa d'água. Alguns prédios permaneceram intactos na área alagada (visto que faltou tempo para demoli-los) mas tais edificações foram logo consumidas e destruídas pelas águas do rio. Entre elas, estava a Igreja de São João Batista e o sobrado – onde, durante muitos anos, foi consolidada a primeira escola da cidade.



Caixa d'água

fonte: meusserto.es.com.br



0 35 70 140 210 m

fonte: Antônio W. S., 2020 / adaptado pela autora

• Cidade Inundada de Itacuruba •

o começo



0 45 70 180 270 360 m

fonte: Antônio W. S. 2020 / adaptado pela autora

De forma semelhante às demais cidades realocadas em decorrência da construção da Usina de Itaparica, Itacuruba se desenvolveu originalmente às margens do rio São Francisco. Sua fundação foi em 1870, como um ponto de apoio para tropeiros e boia-deiros. Em 1889, sua igreja foi concluída, na beira do rio, recebendo a imagem de Nossa Senhora do Ó, encontrada pelos pescadores. O rio São Francisco exercia o papel central no sistema viário da cidade, visto que o transporte fluvial era crucial para a comunidade, conectando a vila às suas ilhas e à cidade de Rodelas, na Bahia. (MOREIRA; MAIA, 2020)

Os cruzamentos da cidade de Itacuruba estavam situados na porção central da cidade, ponto em que ocorria a convergência dos equipamentos elementares. A Praça e a Igreja eram os componentes fundamentais, assinalavam simbolicamente o centro da cidade. As casas da velha Itacuruba espelhavam o modelo arquitetônico do período colonial: simples, com paredes espessas de alvenaria, alcovas e corredores. As métodos construtivos eram elementares, assim como os acabamentos. Um estudo realizado pela CHESF identificou que 96% das habitações eram consideradas de qualidade precária, baixa e regular, sendo que cerca de dois terços não possuíam instalações hidráulica ou sanitária. (MOREIRA; MAIA, 2020)



fonte: MOREIRA; MAIA, 2020

• Cidade Inundada de Petrolândia •



fonte: Antônio W. S. 2020 / adaptado pela autora

o começo



Igreja do Sagrado Coração de Jesus

fonte: assisramalho.com.br/ adaptada pela autora

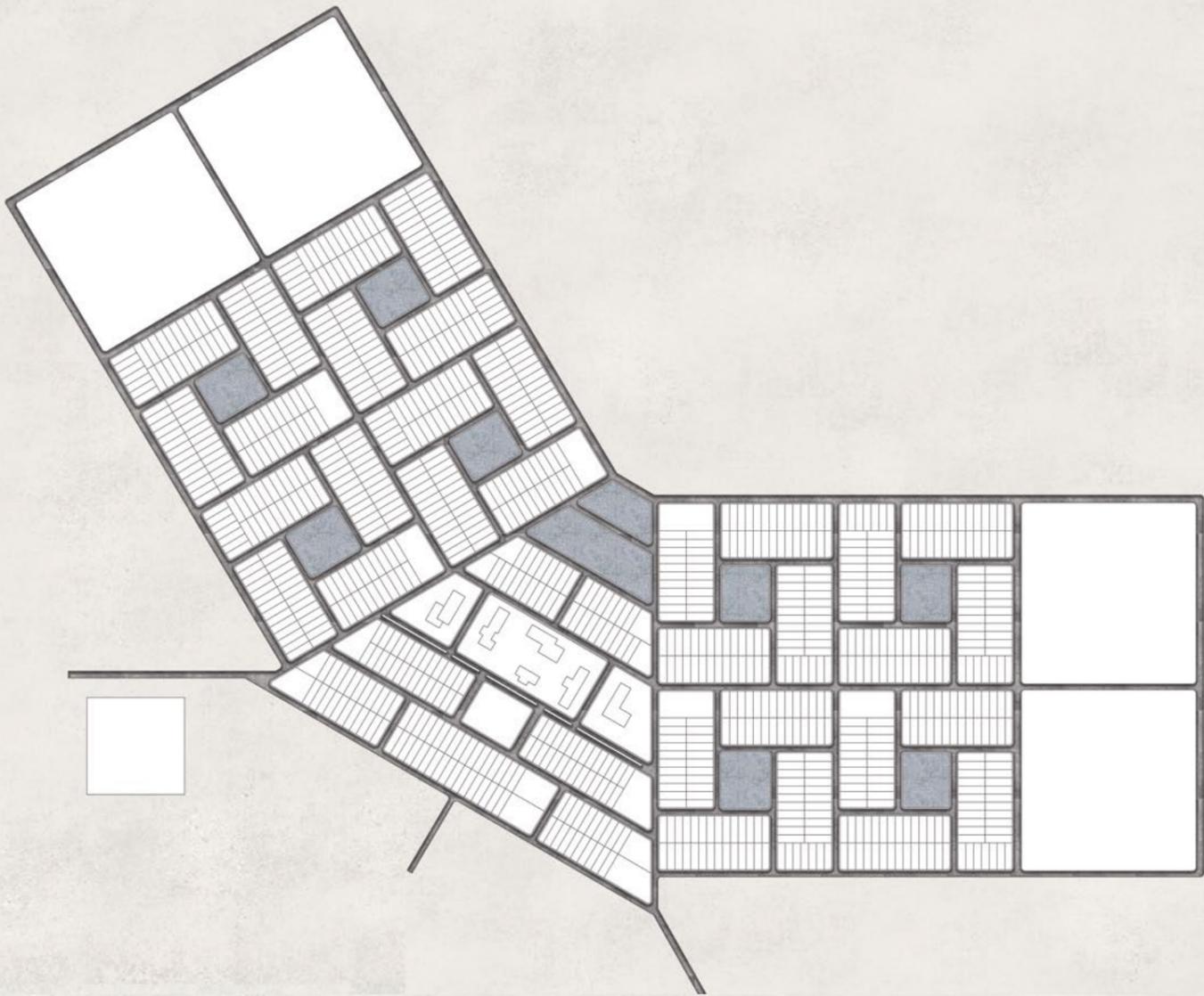
A Cidade de Petrolândia funcionava inicialmente como um bebedouro de animais, localizado nos arredores das fazendas Brejinho da Serra e Brejinho de Fora. Essa fonte d'água, inclusive, deu nome ao local, em seus primórdios, de: Bebedouro de Jatobá (IBGE, 1958; Menezes, 2014; IBGE, 2017). Nesse período, a região era habitada por índios da etnia Pankararu. Todavia, a partir do século XIX, no decorrer das expedições do imperador D. Pedro II, o local recebeu um porto fluvial (que unia o baixo e o alto do rio São Francisco) e uma ferrovia - elementos característicos da antiga cidade, responsáveis por seu desenvolvimento e povoamento. Devido a esses fatores, já em 1909, Petrolândia galgou o título de cidade, sendo assim intitulada de Povoado de Jatobá.

Seu nome, porém, é novamente modificado em 1935, quando passa a ser denominada Itaparica, em homenagem à cachoeira que havia nos arredores, de mesmo nome. Apenas em 1943 que, em homenagem ao imperador Dom Pedro II, responsável pela construção da ferrovia e do cais na região, o município passou a ser nomeado Petrolândia (IBGE, 1958; Menezes, 2014; IBGE, 2017). Assim como seu nome e como as cheias do rio, a cidade também foi transitória, inundada pelas águas do São Francisco, em 1988. Partes da cidade, porém, resistiram. A antiga Petrolândia é hoje conhecida como a "Atlântida Brasileira" visto que, nos períodos de estiagem, trás à tona as suas ruínas, nem tão transitórias assim.



0 50 100 200 300 400 m

fonte: Antônio W. S. 2020 / adaptado pela autora



• O Plano da Cidade de Rodelas •

o recomeço

O projeto urbano de Rodelas foi finalizado em 1985 e ficou a cargo da própria CHESF, que contou com os profissionais de seu quadro técnico. A equipe de arquitetos e urbanistas era constituída por: Paulo Roberto Araújo Ribeiro (coordenador), Eduardo Antonio Costa de Albuquerque e Manoel Santos Cerqueira Filho (SILVA, 2020). O plano conforma uma planta espelhada, simétrica, sendo o núcleo da cidade trapezoidal e as áreas residenciais, nas extremidades, retangulares. As zonas residenciais são compostas por macroquadras, conformação presente em várias cidades planejadas à época.

Localizada ao norte da Bahia, às margens do Submédio do rio São Francisco, o município vem se desenvolvendo bastante nos últimos tempos, em decorrência da agricultura local, mais especificamente, da produção do côco.

Desde os primórdios, a cidade de Rodelas é ocupada pelo povo Tuxá. Inicialmente, tal povo residia em uma aldeia urbana do município, integrando mais de 60 casas. Além do município de Rodelas, os Tuxás tradicionalmente se instalavam na Ilha da Viúva, no Rio São Francisco, que constituía seu pequeno terreno agrícola. A Ilha da Viúva, porém, também foi submersa pela construção da hidrelétrica de Itaparica.

Visto que suas terras habituais foram alagadas, os Tuxás foram realocados para três regiões: a primeira está localizada nos limites dos municípios de Ibotirama (Área Indígena Tuxá de Ibotirama), outra, no novo assentamento de Rodelas (Áreas Indígenas Tuxá de Rodelas e Nova Rodelas), ambos no estado da Bahia, e, por fim, a última terra habitada pelo povo Tuxá, encontra-se à margem direita do rio Moxotó, junto aos limites do município pernambucano de Inajá, onde se situa a Terra Indígena Tuxá da Fazenda Funil.



0 40 80 160 240 320 m

fonte: Antônio W. S. 2020 / adaptado pela autora

• O Plano da Cidade de Itacuruba •

o recomeço

O projeto urbanístico da nova cidade de Itacuruba foi realizado em 1986 pela Secretaria de Habitação (SEHAB) do estado de Pernambuco, coordenado pelo arquiteto Silvio Granville Costa. A escolha final do sítio acabou ficando sob responsabilidade da assessoria da SEHAB-PE, da Câmara Municipal e da Prefeitura. O terreno selecionado tratava-se de uma área de 400 ha, a aproximadamente 20 km da antiga cidade, próxima à BR-316 (em torno de 12 km) e rente à margem esquerda do rio Pajeú. A cidade planejada não se encontrava às margens do lago de Itaparica, como prometido inicialmente, mas numa porção acima. Além disso, não possuía ligação rápida com as demais cidades, como anteriormente - visto que é necessário atravessar por volta de 12 km pela PE-433 até encontrar a BR-316 (que dá acesso aos outros assentamentos). Por fim, a cidade também não dispunha de uma zona rural de suporte agrícola, igualmente solicitada pela população, visto que era a principal atividade de subsistência da mesma.

O plano para a nova cidade de Itacuruba contemplava apenas a zona urbana. A zona urbana de Itacuruba, por sua vez, abrange a secção de um antepiano contido entre dois rios: o riacho do Boi e o riacho do Veado, que desembocam no reservatório. O plano expandiu de forma a favorecer o sistema viário. Tendo tal sistema como base, a partir da intersecção dos dois eixos viários fundamentais da cidade, é demarcada a sua área central, que tem como destaque a Igreja Matriz (posicionada na bifurcação do eixo principal), enquadrada por uma praça.

A nova cidade é constituída por uma malha de formas retangulares, padronizadas, subdividas de maneira praticamente simétrica. Com isso, as *imagens distintas* da cidade se perdem, de modo que os moradores não conseguem notar diferenças no espaço além dos limites do centro.

A somatória desses fatores talvez seja responsável pelo fenômeno de depressão coletiva observado no município de Itacuruba hoje, detentor dos maiores índices de tentativas de suicídio e uso de psicotrópicos do país. (TORRES, 2016)



0 120 240 360 480 600 m

fonte: A. W. S. 2020 / adaptado pela autora



• O Plano da Cidade de Petrolândia •

o recomeço

O projeto urbano da nova sede municipal de Petrolândia deu origem ao primeiro convênio realizado entre a CHESF e o governo do Estado de Pernambuco, através da Secretaria de Habitação (SEHAB), em 1981.

O reassentamento da população para a cidade nova de Petrolândia foi realizado para um local mais próximo do antigo município, em decorrência do ativismo dos moradores locais. Ainda assim, tal modificação ocasionou rupturas nas relações interpessoais e territoriais.

No decorrer do povoamento e reassentamento, concomitante aos grandes projetos de irrigação, foi criado um polo sindical na região. Concebido em 1979, esse foi de grande importância para evitar que ocorressem novamente danos como aqueles surtidos com a construção da barragem de Sobradinho

A concepção de uma contra política, que teve origem na reivindicação dos camponeses, promoveu a aquisição inédita de 110 agrovilas com lotes irrigados e áreas de sequeiro. (TORRES, 2016)

O projeto Borda do Lago de Itaparica, em Petrolândia, com área total de 5.712 ha foi dividido em 1.723 lotes de 1,5 a 6 ha, composto de duas subáreas, Barreiras e Icó Mandantes, que abrange uma área de 3.030 ha que, por sua vez, é dividida em 941 lotes e 16 agrovilas. (TORRES, 2016)

De acordo com os cálculos da CHESF, o projeto em questão marcava à época o custo mais elevado na relação de número de reassentados pelo tempo, devido aos altíssimos investimentos realizados. Mesmo que diversas das terras escolhidas fossem improdutivas para a agricultura, os novos mecanismos da irrigação modificaram não apenas os métodos de trabalho mas, principalmente, o plantio.

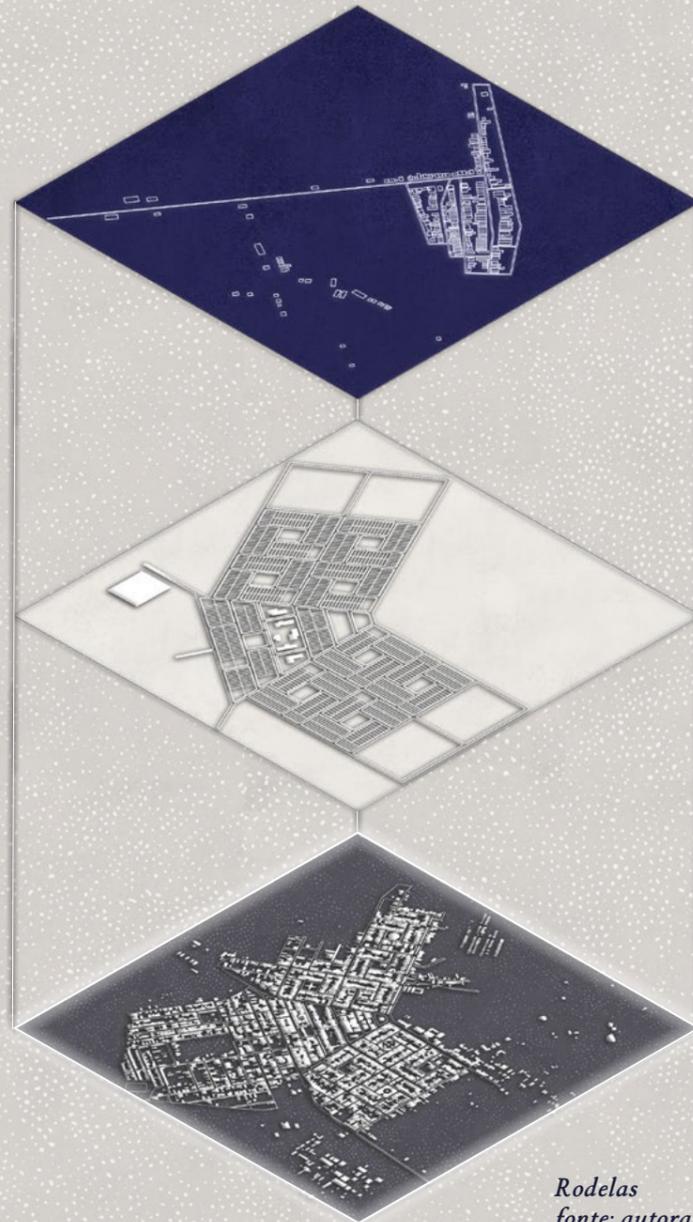
• As Cidades Hoje •

o palimpsesto

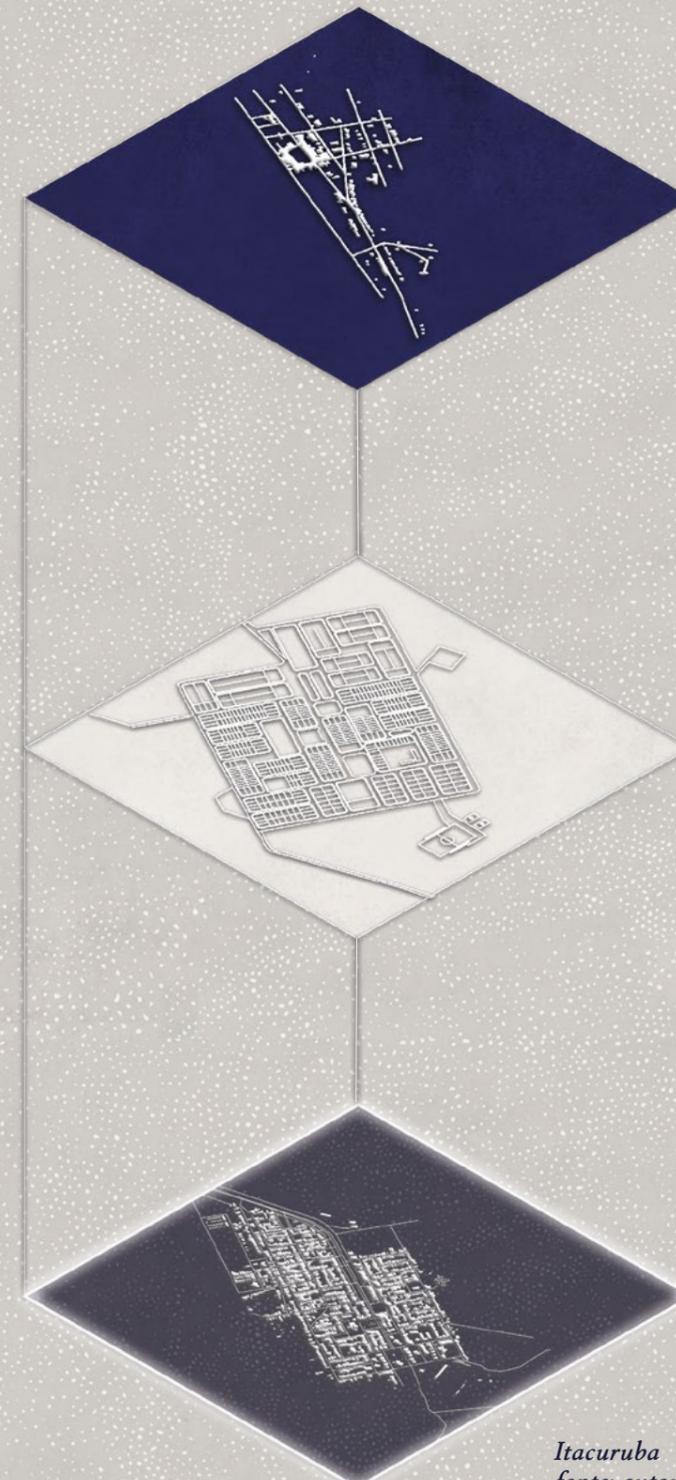
A ideia de que a cidade pode ser vista como uma espécie de palimpsesto foi relatada inicialmente por M.R.G. Conzen, em 1962. O autor defende que o desenvolvimento e a formação da cidade ocorreriam de maneira análoga ao processo de sobreposição de camadas, dispostas em um mesmo plano (no caso, terreno), encontradas no palimpsesto.

Nos assentamentos estudados, além do processo natural de acumulação dessas gravações - que geralmente ocorre de forma espontânea e progressiva - as cidades incorporam duas camadas a mais: a esfera simbólica da cidade que foi inundada (aquela que sobrevive apenas na memória dos moradores) e a camada-base, do plano das cidades (esqueleto fundamental que guia a forma e expansão dessas cidades). O presente projeto procura resgatar lampejos entre essas camadas que resgatem resquícios adormecidos, a fim de dar luz à outras narrativas, tendo em mente que: *“A ação de lembrar não é, assim, o oposto do esquecimento. Benjamin exercitou uma aproximação entre o lembrar e a arqueologia em que a memória é uma forma de escavação arqueológica das diferentes camadas ou estratos de tempo coexistentes, em busca de vestígios, reminiscências, restos, para remontá-los e, assim, criar um outro passado [...] em um lampejo, [...] irromper no presente, involuntariamente, memórias ocultas de um “outrora”, que passaram a se reencarnar no seu “agora”. Memórias que se tornaram assim devires outros, outros futuros possíveis, que foram interrompidos no passado, mas que sobreviveram como potência adormecida”.*

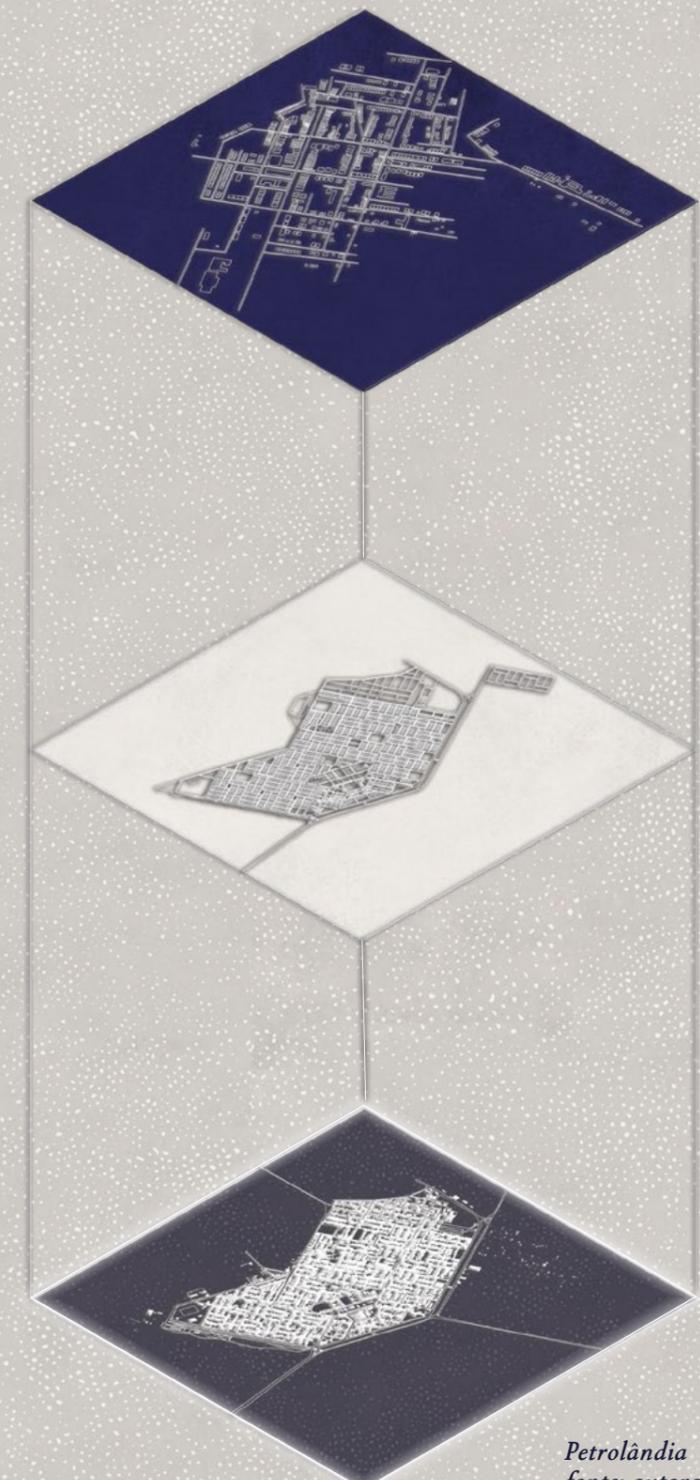
(JACQUES, 2018, p. 25)



Rodelas
fonte: autora



Itacuruba
fonte: autora



Petrolândia
fonte: autora

Cidade Nova de Rodelas

fonte: autora



200 m



Cidade Nova de Itacuruba

fonte: autora

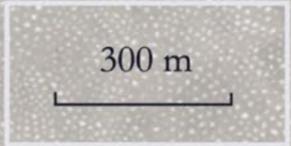


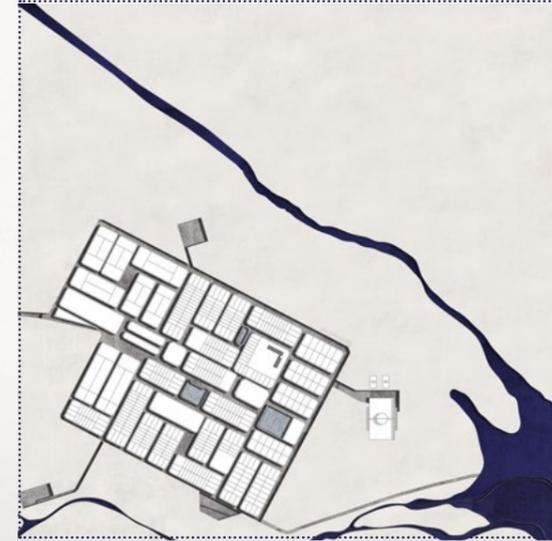
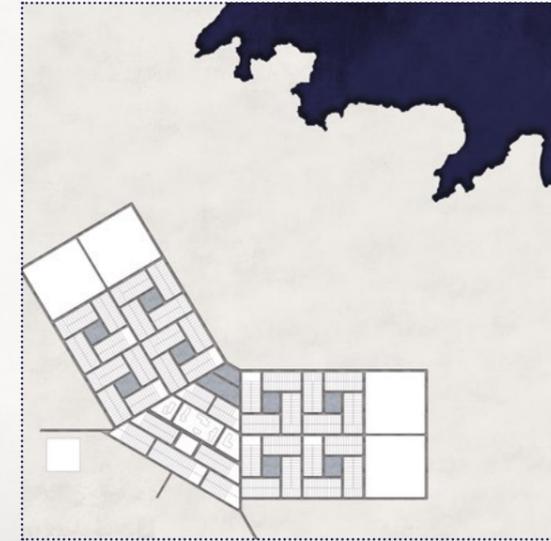
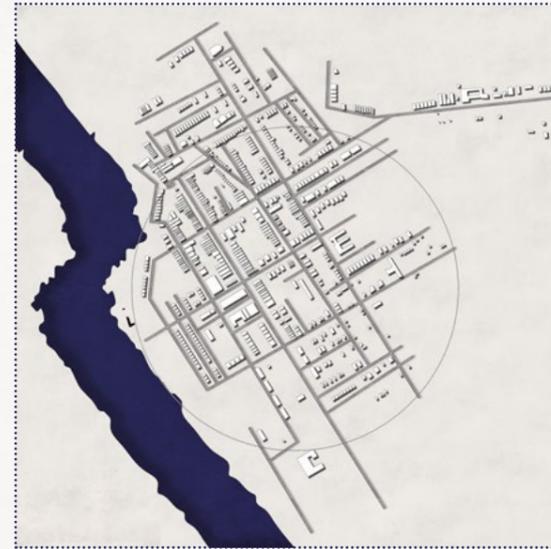
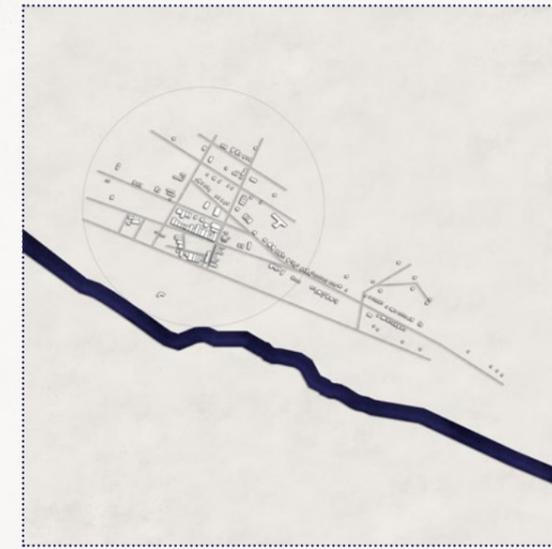
100 m



Cidade Nova de Petrolândia

fonte: autora





Parte VI: O Mergulho

Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens. (ROSA 1965 apud REINALDO, p. 74)





Edna Farm, Reunion, Mansfield, W., June 27, 1937

Os Lampejos

Eis o que eu aprendi

Nesses vales onde se afundam os poentes: afinal, tudo são luzes e a gente se acende nos outros.

A vida é um fogo, nós somos suas breves incandescências.
(COUTO, 2003, p.241)

Após toda uma pesquisa extensa, distanciada e virtual dessas cidades, tive a oportunidade de vivenciá-las, no final do ano de 2021. Viajamos, eu e minha família, sertão adentro - rumo às três cidades realocadas.

Chegamos no dia 11 de dezembro em Petrolândia (PE), local em que ficamos hospedados até o dia 14. Dia 12, pegamos a estrada cedinho de carro, por 96 km, até Itacuruba (PE) e visitamos também o seu Observatório Astronômico, de onde foi possível ver o local em que costumava ser a cidade. Dia 13, por sua vez, ainda em Petrolândia, navegamos e mergulhamos no Rio São Francisco, num passeio até a Igreja Sagrado Coração de Jesus e a Ilha de Rarrá. Após esse passeio, fomos até o local onde costumava ser a antiga Petrolândia e, quando já estava escurecendo, partimos para a cidade de Piranhas (AL), ponto em que ficamos hospedados por 3 dias. Por fim, no dia 14 de dezembro, fomos de Piranhas até Rodelas (BA), num percurso de 180 km.

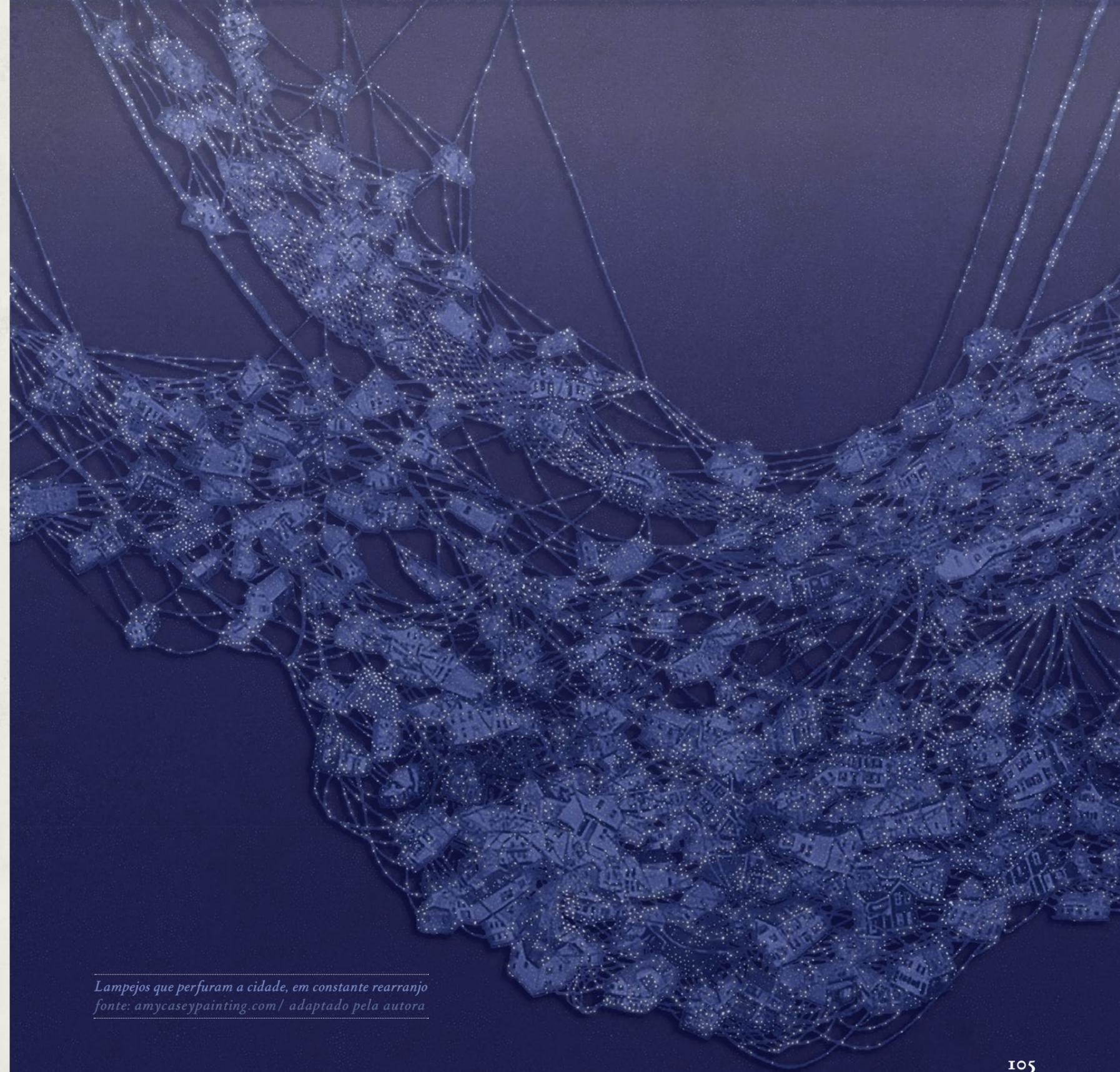
A experiência de estar naquelas cidades, porém, tomou forma em um campo que excede as distâncias temporais e espaciais relatadas, fiéis à concretude quantitativa que a matéria implica. A viagem, portanto, proporcionou um mergulho que *dissolveu* e *descorporificou* as minhas certezas e expectativas, abrindo espaço para noções que operam no campo da coexistência, da contradição, da ambiguidade e do paradoxo. À medida em que eu entrava em contato com as pessoas daquelas cidades e suas memórias, a casca alienante com que eu cuidadosamente embalara as cidades, no meu imaginário, foi sendo aos poucos reconfigurada, perfurada e atravessada. Observei que as lembranças e a experiência, daquilo que

ficou para aquela população, tal como fagulhas *desestabilizantes*, penetram diariamente essa malha urbana - de base histórica e social excludente. Tais lampejos *iluminam* as *entrelinhas* desse extenso tecido coletivo, delineado por disputas, opressões e silenciamentos dessa população *anônima*, aqui evidenciada. A partir dessa perspectiva, foram clareados fragmentos e narrativas predominantemente velados, porém, implícitos nas relações socioespaciais que constantemente rearranjam a urbanidade dessas cidades.

Percebeu-se que o tecido excludente mencionado anteriormente (uma vez imaginado como uma corporiedade separada e integral) é permeado e constituído por dicotomias: entre o desaparecimento e a emergência, o esquecimento e a memória, a dissolução e a construção. Essa trama relacional inerente a tais cidades novas - locais em que esses elementos díspares coexistem - liga as pessoas às suas terras, o passado ao presente. Na tentativa de compreender essas camadas sobrepostas e dar voz, de alguma forma, a tantos silenciamentos e dissonâncias, foram coletadas entrevistas.

Tais entrevistas, ao longo desse percurso, contribuíram para a compreensão desses arranjos e contínuos rearranjos de memórias que interpolam as cidades, configurando uma espécie de *palimpsesto memorial*, uma vez que a memória também pode ser vista como uma história que está sendo constantemente reescrita, *re-apreendida*, *re-sentida*.

A seguir, foram transcritos relatos de três pessoas (uma de cada cidade nova estudada) que viveram, anteriormente, nas cidades antigas. Pode-se observar que os lampejos levantados têm um ponto em comum: a saudade de ter contato direto com o Rio São Francisco, seja esse contato metafísico e mítico seja, ainda, para a subsistência familiar ou, ao menos, para o lazer. É compartilhada pelos interlocutores uma lacuna intangível, deixada como consequência do naufrágio e destruição de suas memórias, de um tempo que não voltará mais. Essa lacuna eles denominam de saudade...



Lampejos que perfuram a cidade, em constante rearranjo
fonte: amycaseypainting.com/ adaptado pela autora

Seu Carlos

Petrolândia

C.: Oi seu Carlos! Qual a história dessa Igreja?

S.C.: Essa Igreja já vai completar 101 anos, foi feita mas nunca foi terminada. A pintura que ela tem foi a primeira pintura que foi dada nela. Quem fez essa igreja aí foi a SUVALE. Era empresa do governo. Mas aí a SUVALE perdeu a concorrência, aí entrou a CODEVASF, que acabou nunca terminando a igreja. Tinha uma feira encostada nela. Das boa. Chamava Feira da Barreira. A gente foi criado aí, em Velha Barreiras, que era município de Petrolândia. A gente morava aí mais na frente em Barreiras, aí tinha as casa da CODEVASF, tinha a rua da mangueira, a rua do momento, a rua dos doutor... Tinha a casa de apoio, a chocadeira, tinha a usina de algodão...

C.: Seu Carlos, e essa Ilha de Rarrá, mais na frente?

S.C.: Essa ilha foi fabricada a pouco tempo. Ali era... a gente foi criado ali, nasceu ali, lá no local da roça. O Rio São Francisco corria ali. Passava ali na frente. Aqui não é rio, aqui é uma bacia, um reservatório da barragem. Aí... O Rarrá criava bicho, criação, gado, né. Aí ficou Ilha de Rarrá. Mas não é Ilha de Rarrá. Era ilha de outras pessoas. Aí o povo inventou de fazer esse treco aí, aí ficou esse nome... Mas esse nome foi criado. Rarrá era o nome de uma pessoa, baixinho e tal. O terreno dele fica por trás dessa ilha. Esse terreno aí é da marinha do IBAMA. Aí só pode fazer uma coisa se a marinha autorizar.

C.: E pro senhor foi bom sair de Barreiras e ir para Petrolândia?

S.C.: Foi ruim, naquele tempo tudo era melhor. Aqui a fatu- ra era grande, era o côco, era goiaba, era tomate, era melancia aí, feijão de corda... Tudo produzia. Tinha irrigação, os terreno era bom... E agora... os terreno... Eles foram fazer as permuta pra lá e os terreno não presta. Menina... Aqui mudou muita coisa. Foi muita tristeza naquela época, viu. Até hoje todo mundo é triste. Os mais velhos que morreram,

a maioria perdeu tudo, a CHESF só recuperou um terço... tendeu? Tem uns terreno aí... os mais rico... que compraram o direito dos outro. Aí fizeram essas propriedade na beira do rio. Mas aqui tudo foi permuta.

C.: E esse povo trabalha com o que?

S.C.: É tudo comerciante que trabalha o dia inteiro na rua e mora aí.

C.: E o senhor tinha 13 anos quando a água subiu?

S.C.: Não. Nós viemos foi depois, pra Petrolândia. Até os 13 anos morei em Velha Barreiras. Nós viemos antes, pra aqui pra Barreiras, que meu pai era empregado aqui da, guarda da CODEVASF, aí veio trabalhar aí... A CODEVASF deu casa, né? E eu fiquei trabalhando mais o véio. Quando completei 18 ano, fui pra velha Petrolândia, trabalhar com um primo meu. Antes de inundar. Nós ia morar em Itaparica, ao invés de Petrolândia, Zé Danta era o prefeito lá, mas a região lá é tudo pedra e não tinha a irrigação. Lá eu trabalhei 8 anos. Aí me casei e fui para Velha Petrolândia. Morei 8 anos em Tacaratu... Foi quando tava morando em Tacaratu que veio a inundação...

S.C.: Hoje, o rio não enche mais. Não tem chuva, a gente não vê essas coisas mais, sabe? Você não tira um pé de feijão, um pé de abóbora, melancia... de chuva não. Antes eu trabalhava na fruto tropical, que era uma empresa de plantar tomate. Era na enxada e a gente tirava alguma coisinha...

C.: No começo, seu pai trabalhava com o que?

S.C.: Meu pai trabalhava na Velha Barreiras, aí foi transferido para uma agrovila na Nova Barreira... Aí a gente foi pra lá... trabalhamos na agrovila 25 anos... aí ele morreu e a gente vendeu...

C.: Na agrovila vocês trabalhavam como? Vocês plantavam?

S.C.: A gente plantava. Nessas agrovilas é tudo irrigação. Mas os terrenos não prestam... A terra não presta. Nenhum

projeto desse aqui. São 28 agrovilas que a CHESF fez para o pessoal aqui. A maioria todo mundo vendeu, deu. Cada agrovila é 50 casa. Antes, na beira do rio, os terrenos daqui era bom, era legal. Quando era no outro dia ainda tinha água no terreno, que era barro. Aqui não, tudo é areia... A maioria dos agrovilenses sobrevive é de aposentadoria. Hoje em dia, você pagar um saco de 50 quilo, de adubo... Você vai fazer um plantio, você gasta 30 saco de adubo... Dá quanto? Fora o veneno, fora o trabalhador... Tem condições pra uma pessoa? Os político esconde as coisa... se os político ajudasse a população, ninguém existia desse jeito aí não. Aqui nós não tem político que ajude pobre. Só ajuda as mão deles e os rico deles. Óia aqui quando a gente chegou aqui, o governo era pra pegar dois salário... Mas ele nunca pagou. Aí cortaram o salário... a fome aumentou pra todo mundo... Meu depoimento é esse. É de tristeza mesmo.



Seu Carlos em seu barco / fonte: autora



• Seu Jailton •

Itacuruba

C: Como foi para o senhor, a mudança da antiga cidade para a nova? Qual foi a maior diferença para o senhor?

J: Ah, a diferença é muito grande. A gente tava acostumado com uma cidadezinha pacata, né? Todo mundo era mais família, todo mundo era família. Aqui... A maioria daqui... 70% de gente é de fora.

C: De onde?

J: A maioria do pessoal que morava na velha cidade foi para Ibotirama, outros foram para Remanso... [...] Poucas pessoas que eram da velha cidade ficaram aqui. Ficaram aqui 250 famílias, as outras foram transportadas. De lá o pessoal vinha pra agricultura, pra pesca... Era antes uma cidade humilde, pequenininha, feia. O pessoal daqui não tem aquela ligação com os costumes da velha cidade. Ficou uma cidade que não tem muita ligação. Antes tinha o rio, tinha as ilhas... O (rio) Pa-jéu para a gente visitar... E aqui o pessoal fica depressivo, não trabalha... não tem serviço. O pessoal lá, trabalhava na roça.

C: Por que o senhor acha que o povo é depressivo?

J: Rapaz... Tinha aquele hábito de ir pra roça, ir para as ilhas. Acho que é porque o povo não trabalha mais. Antigamente, o dia amanhecia, você pegava seu barco, ia pra ilha... Trabalhava o dia todinho. Quando voltava, voltava remando. Hoje o que o pessoal faz é caminhada, de um lado pro outro. O pessoal antes era saudável, não tinha remédio. Hoje em dia tem muita bebida. Muita droga. Muito crack e cocaína. Eu tenho pena. A juventude tá acabada.

C: E a agricultura não tem mais, né?

J: Não, não. Tem não. Mas eles tão resgatando agora a fruticultura. Eles tão investindo nela. Uva, maracujá, acerola, goiaba, mamão e manga. Aqui perto. Mas não é o povo daqui não, são grandes empresários.

C: A terra aqui é boa?

J: É, é boa. Mas é o costume... A CHESF viciou o pessoal, né. Quando o pessoal veio para aqui eles recebiam 2 salários e

meio por quatro anos... Mas por uns 10 anos ela segurou...E era bom, o recurso... ai eles não se incomodaram, né. Ai quando acabou a verba, ai ficou sem opção. Ficaram desacomodado, né?

C: Qual a principal fonte de renda da cidade?

J: A piscicultura e a prefeitura. Tem muito peixe.

C: As pessoas antigas daqui não trabalham com piscicultura?

J: Não. Só empresário, gente de fora. O custo é muito alto.

C: E o senhor? Com o que o senhor trabalha?

J: Eu mesmo sou funcionário aposentado da prefeitura. Hoje tenho 61 anos. Aposentei há dois anos. Quem inaugurou essa prefeitura daqui fui eu.

C: E o que o senhor sente falta na cidade? Alguma coisa específica? O que o senhor acha que falta aqui?

J: Ah... Lazer. O rio era o lazer da vida da gente na cidade velha. O que tem mais aqui é o futebol. O futebol daqui passa até na terceira divisão do brasileiro. Mas sem ter recurso para investir... Já viu...

C: A mudança da antiga cidade para cá foi muito difícil?

J: Ah... Foi complicado. Sair foi rápido, teve que sair de repente. Eles destruíram ela nos nossos olhos. Foi muito difícil acostumar. Foi uma emoção que não sai da cabeça. A gente vendo a água subir... Uma emoção triste.



Seu Jailton junto a 2 fotos da antiga cidade, que estão penduradas e emolduradas na entrada de sua casa / fonte: autora

• Dona Primitiva e Lucilene •

Rodelas

C: Oi, dona Primitiva! O que vocês faziam antigamente em Rodelas?

P: A gente plantava cebola, feijão de corda, pescava na Ilha da Viúva... A gente ficava também vendo o fogo corredor.

C: Como era esse fogo?

P: Um fogo que saía da Ilha dos Cabaço, para a Ilha do Tucú, para a Ilha da Viúva. Só um clarão... Parecia uma luz de carro. Nós chamava de fogo corredor ou fogo encantado. Contavam que existia também o nego d'água. Ele morava dentro do rio, mas diziam que não era todo mundo que via. Com a cabeça pelada. Pretinho...

L: Eu lembro quando eu lavava a louça na beira do rio... Os pratos de barro sumiam tudinho... Alguém pegava os pratos quando eu era pequena. Daqui a pouco, a gente lavava a louça com areia e com um sabão que era feito com sebo de carneiro. A gente fazia sabão... Mas... Depois... a gente pegava fruta assim no pé... Era quixabeira, imbu, murici... E embaixo dessas árvores eu via aquelas luzinhas da roça... Porque a gente aguava as plantas a noite. Pegava fruta no pé... Era lama de manga, de pinha... Eu lembro quando a mãe da Primitiva passava com uma trouxa assim na cabeça... Era uma cabocla velha... Mãe dela. Eu era criança ainda, eu ia pra de baixo do pé de quixaba e eu sentia que alguém chegava e balançava o pé. Mas quando eu olhava não tinha ninguém. Era um encantamento. E ele existe.

L: Mas... Tudo isso pra dizer que o Rio São Francisco é a minha raiz... E que... Aquele tempo das cidades antigas não volta mais. A gente colhia, plantava, aguava de noite com aquelas bombas... A gente fazia isso para sobreviver. Hoje em dia, as coisas mudaram, mas lá atrás, era totalmente diferente. A gente dependia daquilo para sobreviver, trabalhava plantando cebola... Carregando no engenho que fazia mel... Fazia rapadura... Isso é tudo coisa de lá do passado, lá atrás.

C: E agora? O que a senhora viu do que ficou a cidade?

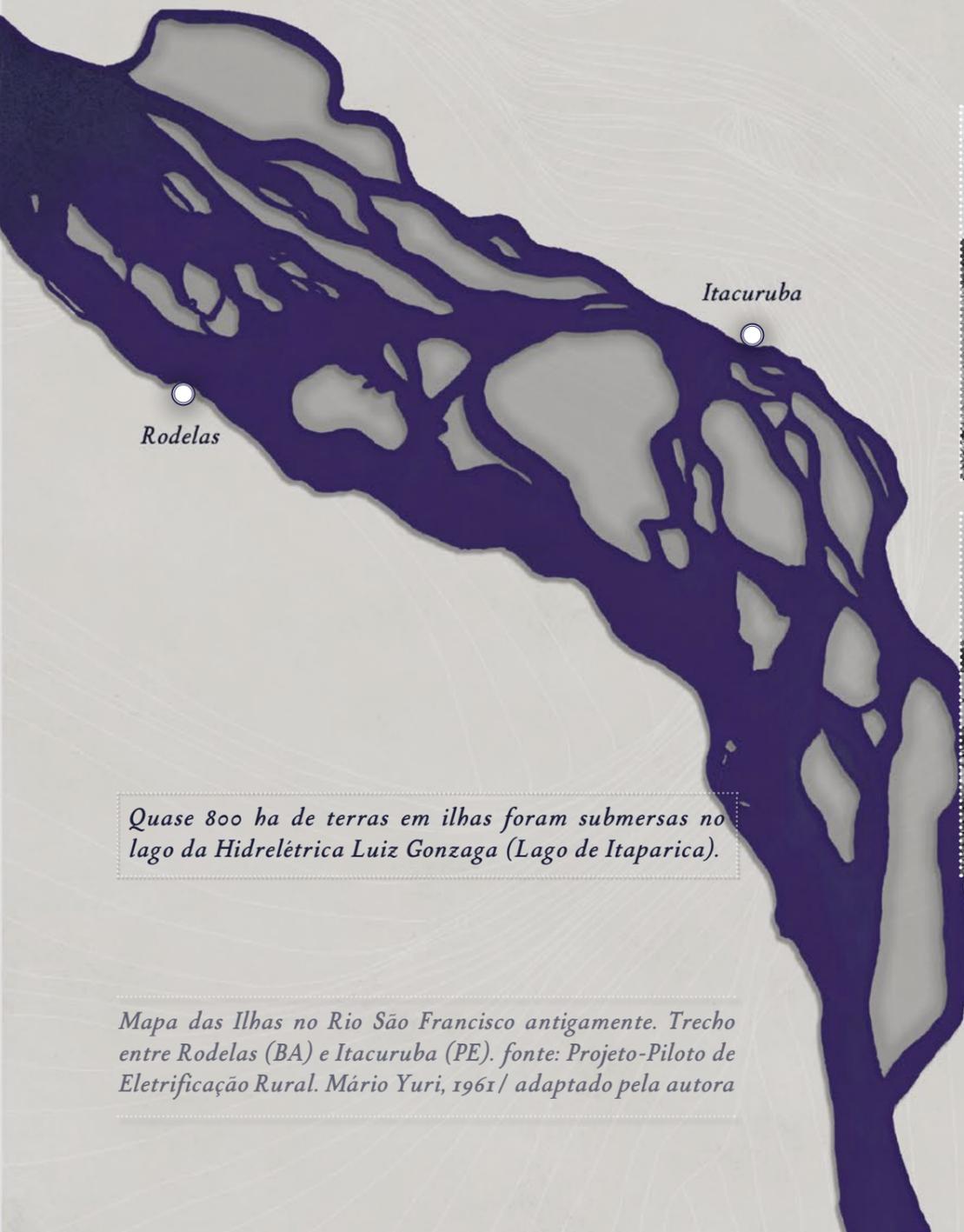
L: Agora só ficou muita saudade. Hoje tem a roça de côco. Hoje

em dia, os índios tão atualizados. Tem médico pra gente, o direito do índio. Nós lutamos até agora... Existe um lugar chamado Sorubabel, um território indígena também... Eu morro pela minha terra... E assim... é muita saudade.



Dona Primitiva com cocar indígena segurando a foto de sua mãe (à esquerda) e Lucilene (à direita) / fonte: autora

Antiga Rodelas e o Rio São Francisco



Quase 800 ha de terras em ilhas foram submersas no lago da Hidrelétrica Luiz Gonzaga (Lago de Itaparica).

Mapa das Ilhas no Rio São Francisco antigamente. Trecho entre Rodelas (BA) e Itacuruba (PE). fonte: Projeto-Piloto de Eletrificação Rural. Mário Yuri, 1961/ adaptado pela autora

Registros da paisagem Rio São Francisco na altura da antiga cidade de Rodelas. fonte: rodelas.ba.gov.br

Antiga Itacuruba e o Rio São Francisco



Vista das ilhas do Rio São Francisco

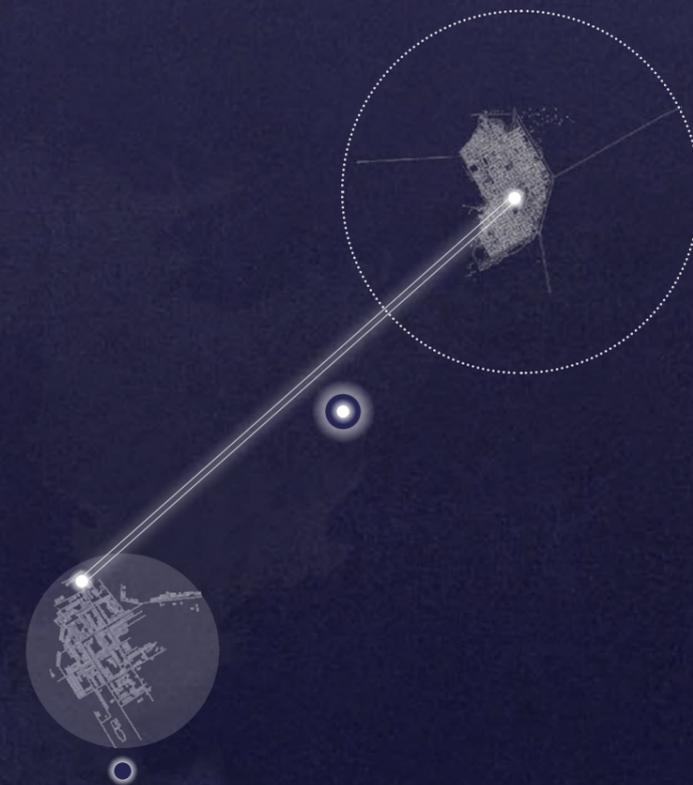
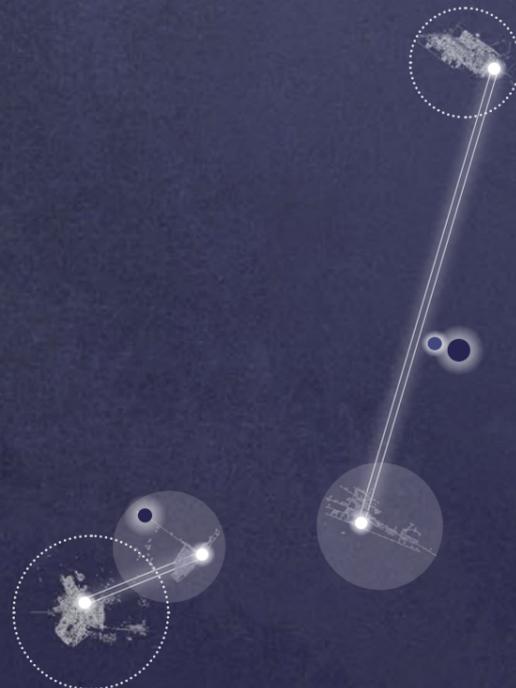
Registros do Rio São Francisco, do sistema irrigação e do transporte fluvial utilizado à época, na altura de onde estava localizada a cidade de Itacuruba assim como suas antigas ilhas. fonte: Maria Socorro Fonseca Vieira Figueiredo em Exílio: pertencimentos e reconhecimentos em populações deslocadas - o caso de Itacuruba.

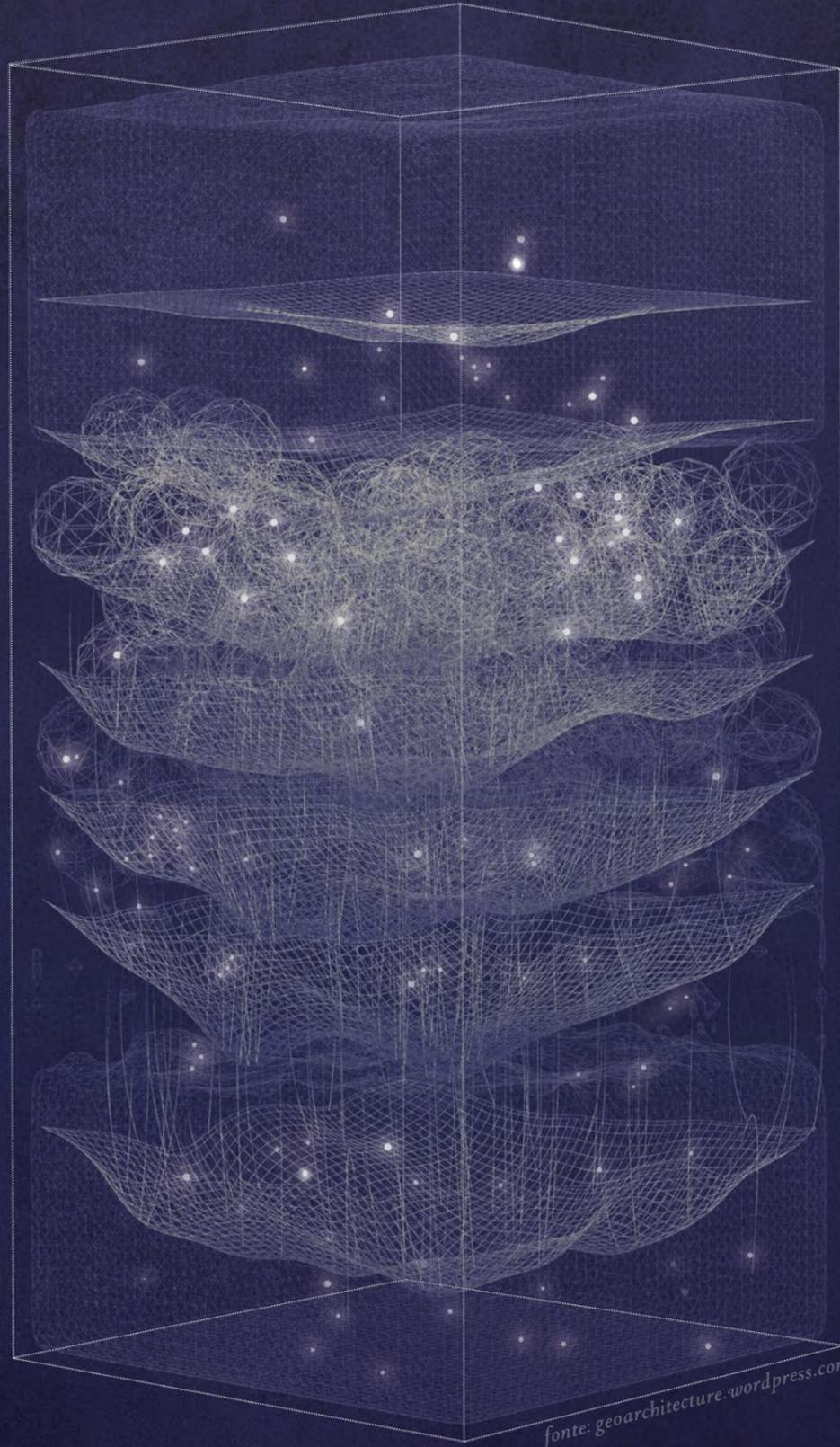
Parte VII: As Sobrevivências

Ulisses

*O mito é o nada que é tudo.
[...]
Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.*

*Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.
(PESSOA, 1972, p. 25)*

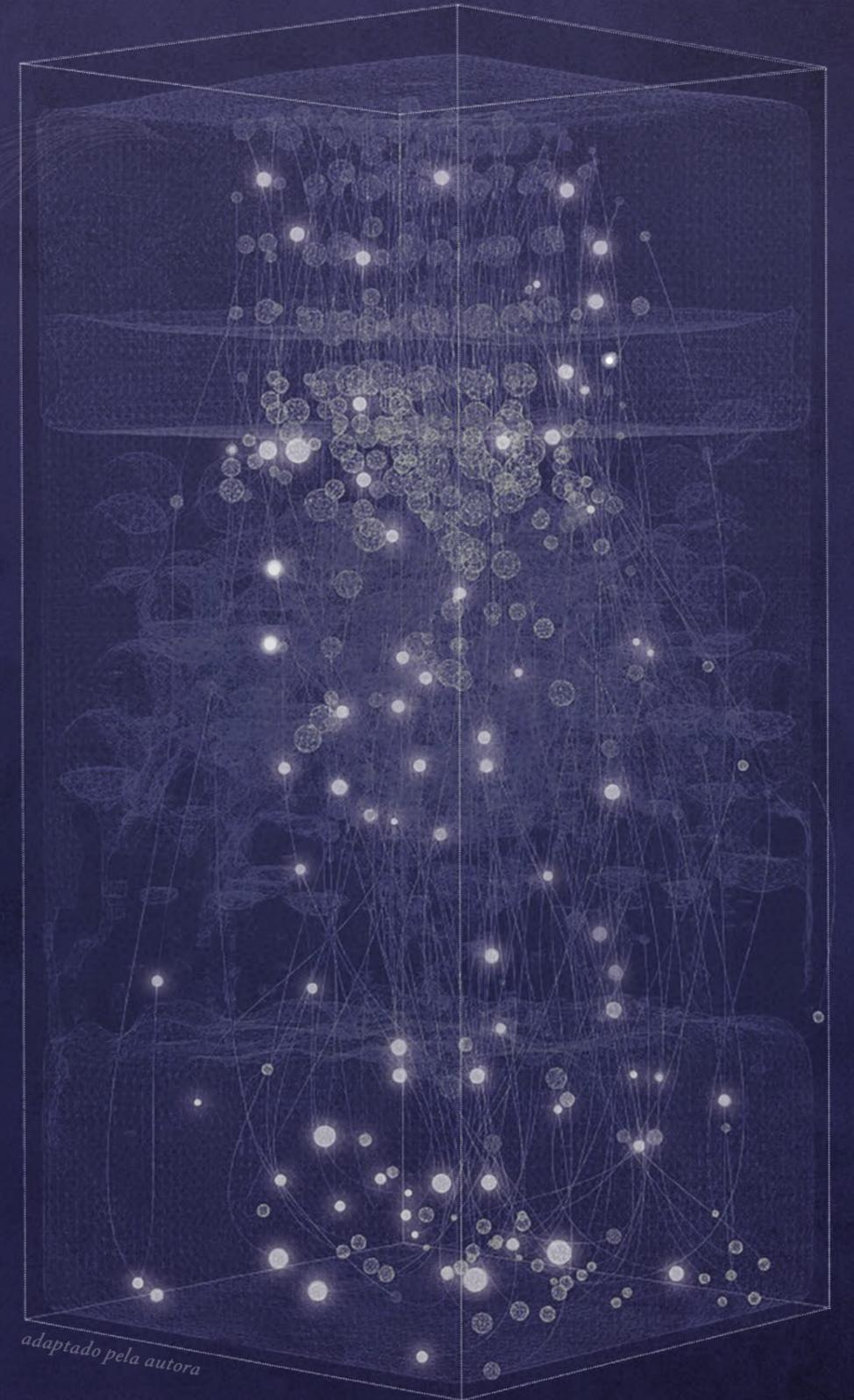




fonte: geoarchitecture.wordpress.com

Para se chegar aos múltiplos tempos estratificados, às sobrevivências, às longas durações do mais-que-passado mnésico, é preciso o mais-que-presente de um ato reminiscente: um choque, um rasgar de véu, uma irrupção ou aparição do tempo, tudo o que Proust e Benjamin disseram tão bem sobre a “memória involuntária”. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 26)

A noção warburguiana de Nachleben, aqui traduzida por “sobrevivência” [...] Trata-se de uma forma de presença ou de “herança”, [...] de um tempo que ainda sobrevive, mesmo que em breves lampejos mnemônicos, em outro tempo. Um tipo de anacronismo pautado na questão da memória, da memória social, cultural, mas também, e sobretudo, da memória involuntária, coletiva ou individual. [...] A memória involuntária, como nos sonhos e também no despertar, opera por deslocamentos, por sobrevivências, por montagens, criando nexos inesperados, de forma não linear, anacrônica e fragmentária. (JACQUES, 2020, p. 127-128)



adaptado pela autora

• Os Arquétipos • a perpetuação de figuras simbólicas

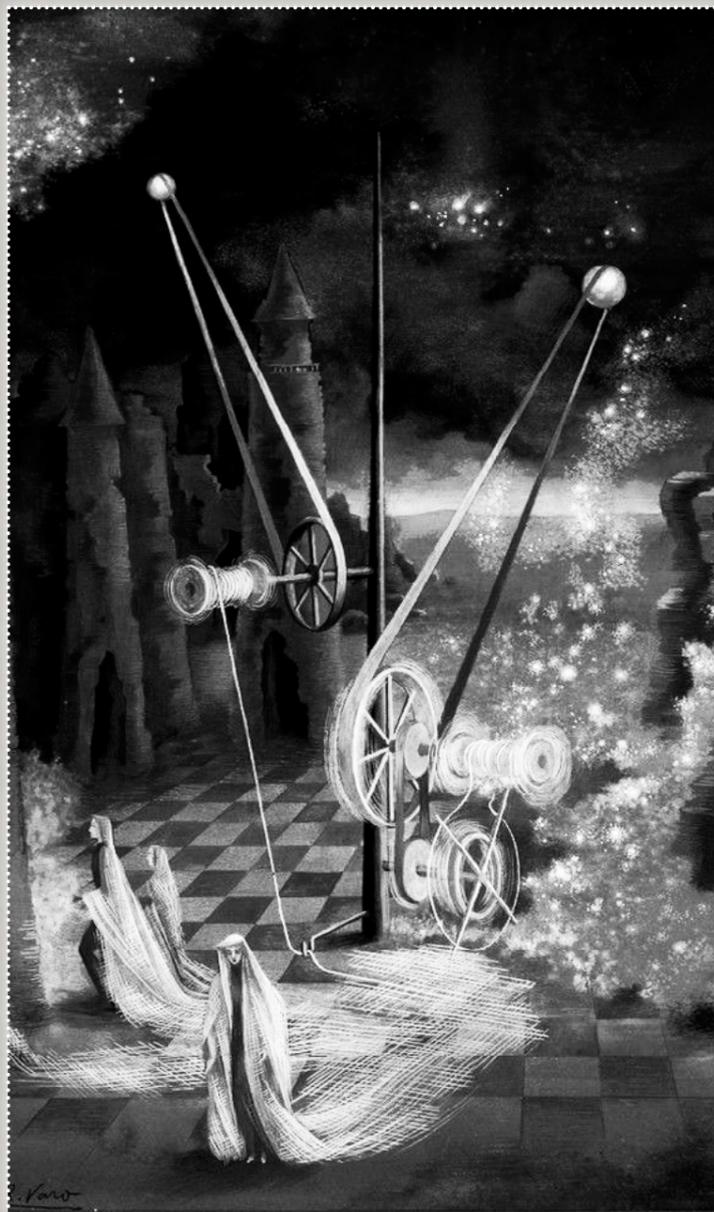
As cidades realocadas foram construídas em um novo local, a partir de um outro projeto, baseado e fundado em uma materialidade diferente. Apesar de toda estrutura urbanística das antigas cidades ter sido afogada, figuras simbólicas, atreladas às suas antigas igrejas e praças, foram transportadas para as igrejas reconstruídas, nas cidades novas. A partir desses personagens, é resgatada toda uma história e mitologia que se desenvolveram na conformação daquelas comunidades. Essa dimensão mais figurada e imaterial tece a cidade por outras vias, ligando suas gerações a partir de vínculos afetivos que se conectam num imaginário maior, também denominado de inconsciente coletivo, o qual:

[...] parece se constituir de motivos mitológicos ou imagens primordiais (arquétipos), razão pela qual os mitos de todas as nações são seus reais representantes. De fato, a mitologia como um todo poderia ser tomada como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo [...]. (JUNG, 1924 / 1986, p.325)

As igrejas, ligadas às praças, eram locais, em sua maioria, situados no núcleo, no ponto focal - conformado a partir do cruzamento das vias mais importantes das cidades abordadas (composição exemplificada tanto na cidade inundada de Itacuruba como na de Rodelas); ou, ainda, em outros casos, em pontos estratégicos, ligados à outras áreas (como no caso de Petrolândia). De qualquer forma, esses equipamentos concentravam os acontecimentos da vida pública de seus habitantes e estavam ligados à sua origem e expansão, ao crescimento e à confluência de memórias partilhadas e repassadas pela comunidade.

Tais personagens, remetem diretamente à camadas dificilmente apreendidas diretamente, constituídas por vestígios, fantasmas, arquétipos e sobrevivências, os quais são conjuntamente ressignificados na forma de mitos, sonhos, símbolos e memórias - que estão em constante troca e mistura entre o “dentro” e o “fora”, o individual e o coletivo.

A seguir será traçado um panorama das principais igrejas e figuras que envolvem as cidades estudadas e um breve histórico de cada uma.



Obra de Remedios Varo (1908-1963) / adaptado pela autora



Padroeiro de Rodelas São João Batista
fonte: edinhorodelasbahia / adaptado pela autora



Padroeiro de Petrolândia São Francisco de Assis
fonte: viajandotodoobrasil.com.br / adaptado pela autora



Padroeira de Itacuruba Nossa Senhora do Ó
fonte: viajandotodoobrasil.com.br / adaptado pela autora

Cada cidade possui seu próprio padroeiro e, para cerebrá-lo, é realizada a denominada “Festa do Padroeiro”, uma festa religiosa (católica) de devoção ao santo de seus respectivos municípios. A organização das festas inicia-se, geralmente, cerca de um mês antes de sua realização. As festas possuem diferentes durações, dependendo de seu propósito: podem ser realizadas em nove dias (novenário), três dias (tríduo) ou em apenas um dia. A festa é uma celebração e congregação cultural muito marcante para os habitantes das cidades.

Igreja matriz Rodelas

A Igreja de São João Batista, antes construída de pedra e cal, era tinda como marca registrada suas grossas paredes brancas. A mesma constituía um ponto fundamental da antiga cidade de Rodelas, contribuindo para a sua expansão e desenvolvimento. A capela era inicialmente muito simples e, com o passar do tempo, passou a resguardar uma esfera simbólica e identitária da cidade, acumulando duas imagens do padroeiro de Rodelas: São João Batista do Altar (em madeira) e o outro São João Batista, este, carregado de história. Esse segundo é esculpido em pedra e conserva traços indígenas. Acabou sendo fixado na porta frontal da igreja, devido a seu histórico, que será revelado a seguir. Hoje, essa mesma escultura encontra-se no alto de um mastro, de frente para a igreja da nova cidade (como pode ser observado na primeira figura, à esquerda, da página anterior).

Reza a lenda de que São João da porta foi, inicialmente, encontrado pelos índios Tuxá na cachoeira de Rodelas - localizada numa porção acima da cidade. Com a notícia de sua descoberta, os padres jesuítas, que catequizavam os índios à época, foram vê-lo. Logo depois, ordenaram que fosse realizada uma procissão fluvial, composta por várias canoas, a fim de levá-lo à igreja onde foi, no mesmo dia, colocado no altar. Um dia depois de ser alocado, porém, São João sumiu. Misteriosamente, foi encontrado novamente, no mesmo lugar de onde foi descoberto, ao pé da cachoeira. Com isso, foi requerida a realização da procissão novamente. Dessa vez, por precaução, a fim de que São João não retornasse para as águas, foi sugerido que a figura fosse posta de frente para a igreja, em um nicho da parede frontal (por isso, antigamente, era conhecido também como São João da porta). Por isso, ainda na cidade velha, o santo foi instalado, voltado para a antiga Aldeia Tuxá e para o rio São Francisco.

A figura de São João Batista muito importante para a população de Rodelas. Esse mito foi repassado, de geração em geração, pelos integrantes da tribo Tuxá e hoje faz parte da identidade da comunidade como um todo.



Igreja Matriz São João Batista da velha cidade de Rodelas
fonte: rodelas.ba.gov.br



Igreja Matriz São João Batista da nova cidade de Rodelas
fonte: chorrochoonline.com

Igreja matriz Itacuruba

Os cruzamentos da cidade de Itacuruba se localizavam na área central, onde se encontravam os seus equipamentos primordiais. A Praça e a Igreja eram as peças-chave que assinalavam o cerne da cidade, funcionando como pontos de referência. A igreja, para além de uma importância arquitetônica tinha, principalmente um valor histórico para a cidade. Sua história tem início em 1696, quando a imagem de Nossa Senhora do Ó, de origem holandesa, chega à região. Há relatos de que antes, as terras dessa área eram todas unidas. Contudo, em 1792, houve um dilúvio, uma enchente do Rio São Francisco, que provocou inundações e a separação desses territórios antes conectados; conformando, então, ilhas. Dentre essas ilhas estava a denominada ilha Surubabel, referida como um local extenso, imbuído de sacralidade e riquezas, onde, posteriormente, pescadores encontraram a Nossa Senhora do Ó. (FIGUEIREDO, 2011) Após o descobrimento da Nossa Senhora do Ó, segundo Figueiredo (2011), a comunidade lá instalada decidiu construir uma igreja de frente para o Rio, a fim de resguardar a Nossa Senhora de ser levada pelas correntezas do Velho Chico novamente. De fato, a igreja foi construída e, a partir de então, a cidade de Itacuruba se expandiu ao seu redor. Vários anos após a sua consolidação, todavia, um padre, à época, reivindicou de que a Nossa Senhora ficasse de frente para a cidade e não mais voltada para o Rio, assim, a figura foi girada. Contudo, reza a lenda de que, todos os dias, a imagem se voltava misteriosamente para o Rio, de forma que decidiram construir portas laterais à igreja, a fim de que a Nossa Senhora pudesse enxergar o Velho Chico e restabelecer seu contato com o mesmo. Dizem que, apenas assim, a Nossa Senhora ficou na direção requerida pelo padre (FIGUEIREDO, 2011). Outro marco importante da história dessa figura remete ao dia seis de março de 1988, data da saída da população da velha cidade de Itacuruba que levou, em procissão, a imagem da padroeira Nossa Senhora do Ó (FIGUEIREDO, 2011). A figura de Nossa Senhora do Ó foi fixada na igreja da cidade nova, com muita comoção por parte da comunidade, no mesmo dia que saíram da velha cidade de Itacuruba. Após sua colocação, foi celebrada a primeira missa da nova Itacuruba, ainda no dia seis de março de 1988.



Igreja Matriz Nossa Senhora do Ó da velha cidade de Itacuruba, à esquerda. À direita, a procissão de 1988.
fonte de ambas: FIGUEIREDO, 2011



Igreja Matriz Nossa Senhora do Ó na cidade nova de Itacuruba
fonte: viajandotodoobrasil.com.br

Igreja matriz Petrolândia

Antigamente, na velha Petrolândia existiam duas igrejas: a igreja matriz (hoje submersa, a aproximadamente 20 metros da superfície) - cujas ruínas foram identificadas em 2017 - e a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (ainda de pé e parcialmente submersa, a praticamente 10 metros de profundidade): resistente, a 33 anos, ao alagamento provocado pela construção da barragem de Itaparica.

Antes da abertura das comportas e da consequente inundação das cidades, todos edifícios eram destruídos, demolidos e quebrados, com uma ressalva: as igrejas, as quais eram mantidas por motivos religiosos.

Com o advento da inundação da velha Petrolândia, já vinha acontecendo, de forma progressiva, a transição territorial para a nova cidade. Esse deslocamento foi materializado e selado através do ritual da procissão do santo padroeiro, São Francisco de Assis, levado da velha Igreja Matriz para a nova, no dia 6 de março de 1988. As igrejas - aquelas que ainda não foram corroídas pela ação da água e do tempo - em consequência de sua manutenção, como também da estiagem característica e cada vez mais crítica na região - emergem como figuras de um antepassado longínquo e desolado, sobrevivendo, marcando esse passado que foi arruinado.

É o caso da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, de tijolo e cimento aparente que, devido à sua exuberância e imponência, fez com que a velha Petrolândia fosse denominada de "Atlântida Brasileira". A mesma, mais afastada do centro, consistia na Igreja da área rural do município, região alcunhada de Barreiras. Era nessa Igreja que ocorriam as festas e a programação cultural da cidade, sendo a mais destacada delas a festa do padroeiro São Francisco, que ocorria em outubro. (GOMINHO, K. C.; CARNEIRO, H.F., 2020)

Na Igreja parcialmente submersa, a cruz de pedras, que se encontrava na parede central, abrigava uma pequena plataforma que servia como base para sustentação da imagem de Jesus Cristo. A cruz permanece inteira, como também as escadarias, mesmo que cobertas de lama.



Igreja Matriz da velha cidade de Petrolândia
fonte: nilljunior.com.br / adaptado pela autora



Igreja do Sagrado Coração de Jesus da velha cidade de Barreiras
fonte: vivaosertao.com.br / adaptado pela autora



Igreja Matriz da cidade nova de Petrolândia
fonte: vivaosertao.com.br / adaptado pela autora



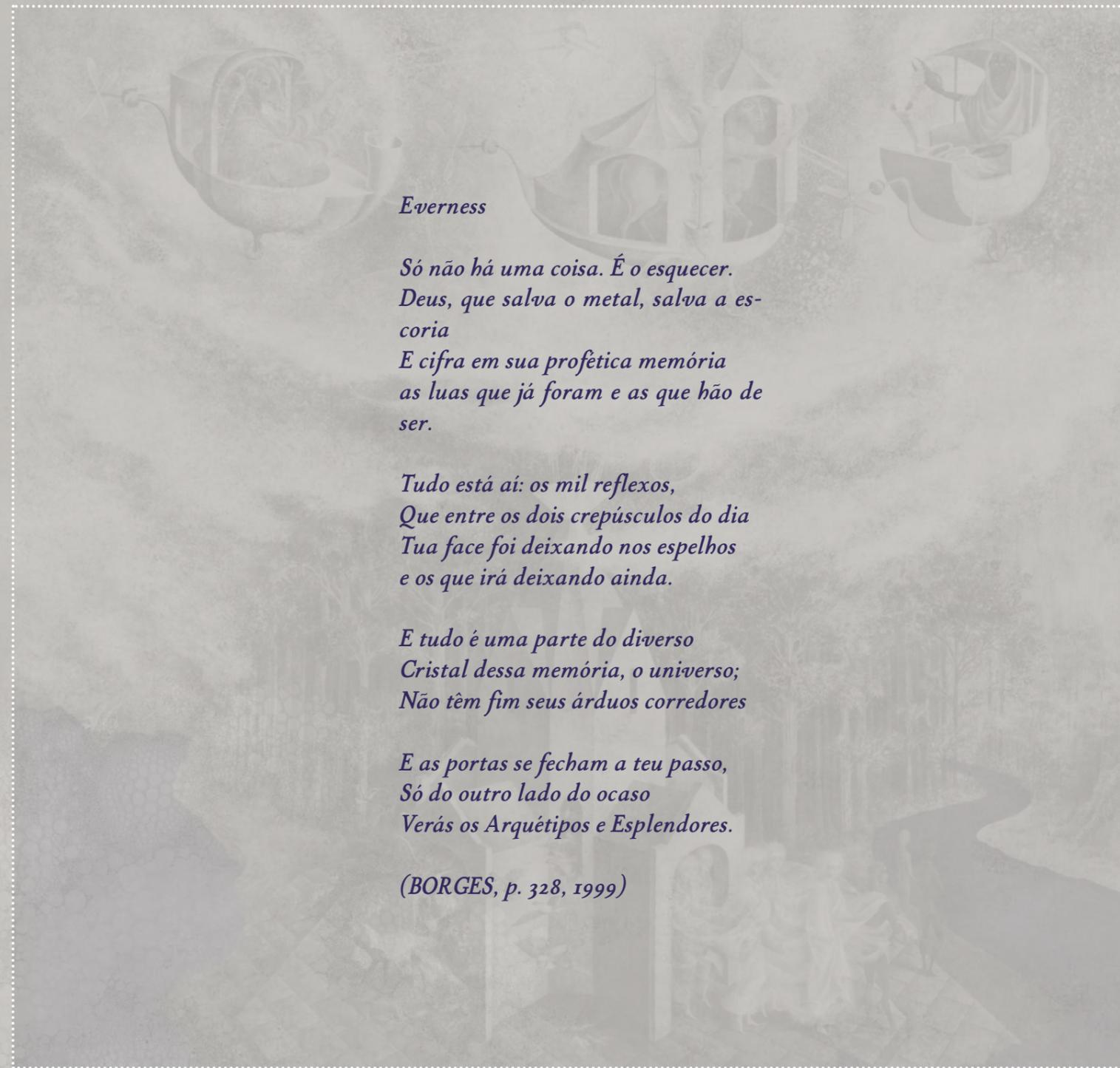
Vista aérea, localização da Igreja Matriz na velha cidade de Petrolândia
fonte: assisramalho.com.br



Vista aérea, localização da Igreja do Sagrado Coração de Jesus da velha cidade de Barreiras
fonte: assisramalho.com.br



Obra de Remedios Varo (1908-1963) / adaptado pela autora



Everness

*Só não há uma coisa. É o esquecer.
Deus, que salva o metal, salva a es-
coria
E cifra em sua profética memória
as luas que já foram e as que hão de
ser.*

*Tudo está aí: os mil reflexos,
Que entre os dois crepúsculos do dia
Tua face foi deixando nos espelhos
e os que irá deixando ainda.*

*E tudo é uma parte do diverso
Cristal dessa memória, o universo;
Não têm fim seus árduos corredores*

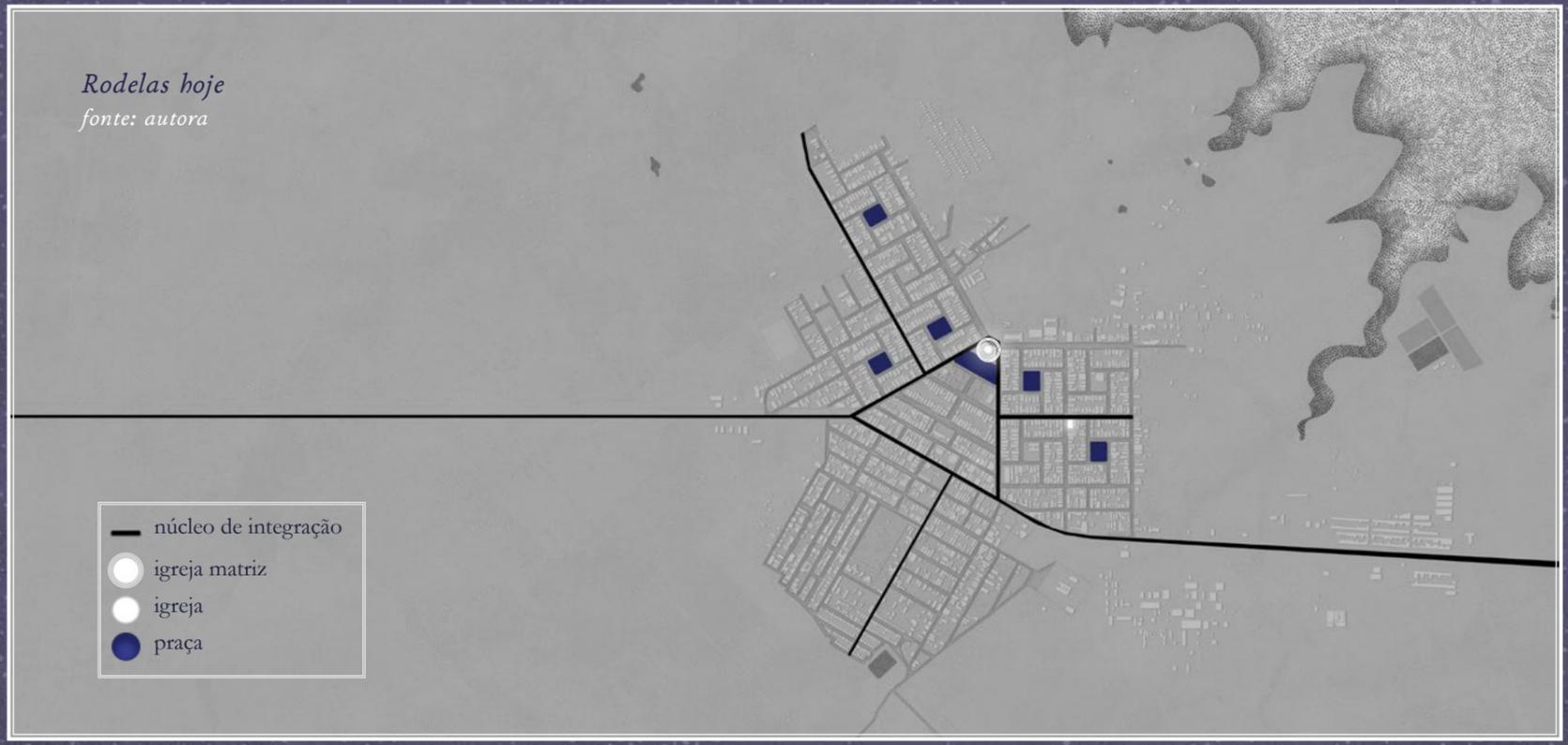
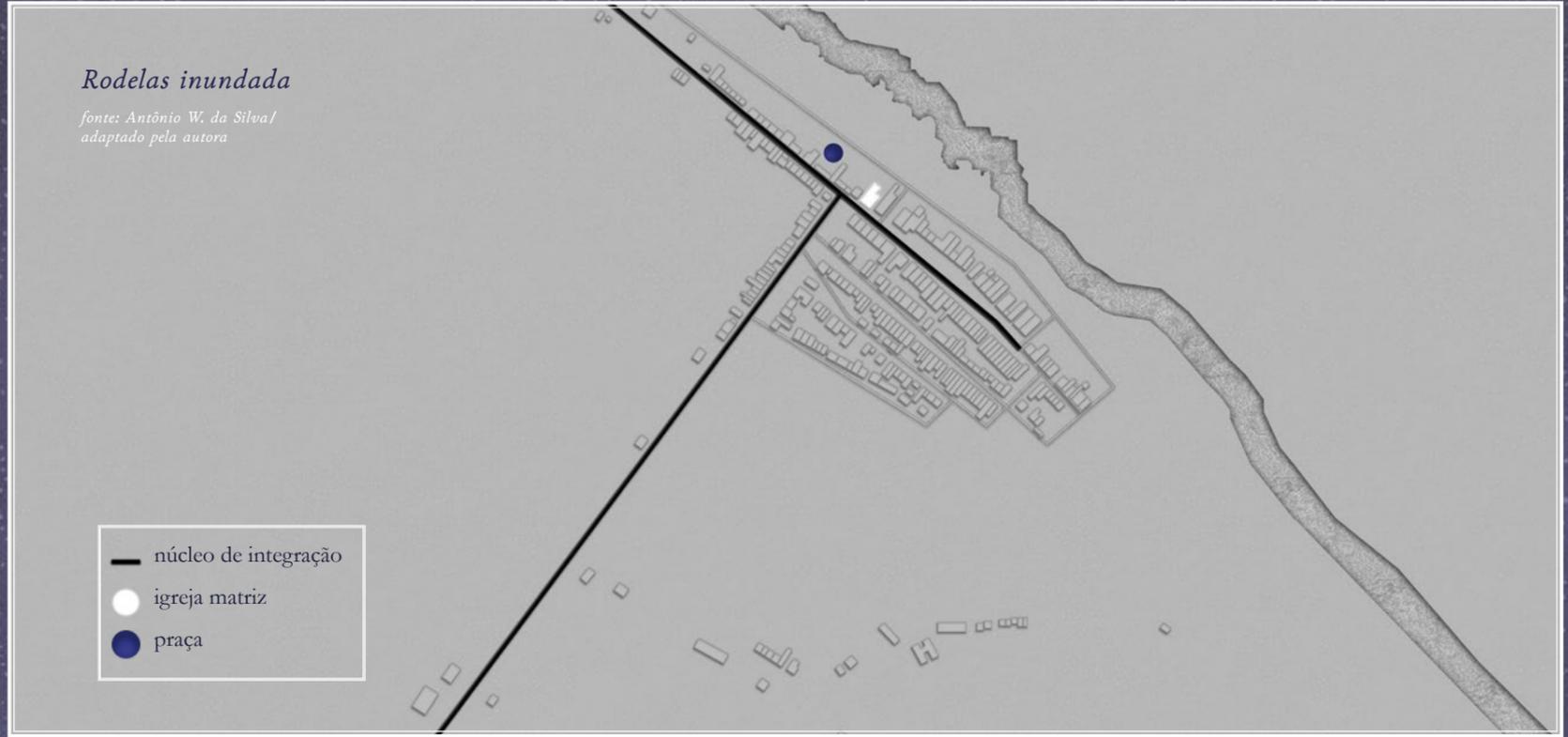
*E as portas se fecham a teu passo,
Só do outro lado do ocaso
Verás os Arquétipos e Esplendores.*

(BORGES, p. 328, 1999)

Os Arquétipos
mapeamento dos elementos definidores

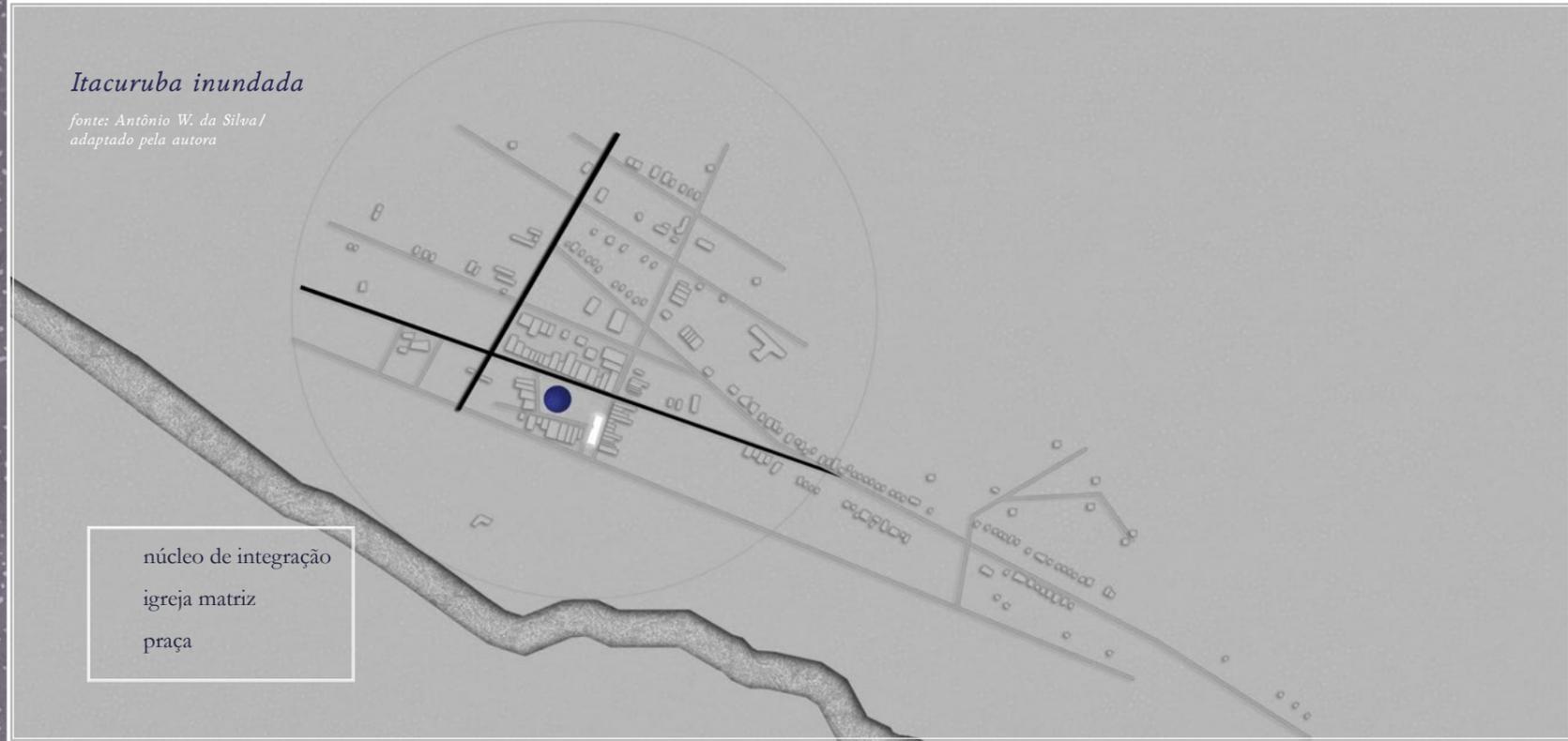


- igreja matriz/prça das cidades novas
- igreja matriz/prça das cidades antigas
- igreja da antiga cidade de Petrolândia, parcialmente submersa



Itacuruba inundada

fonte: Antônio W. da Silva/
adaptado pela autora



- núcleo de integração
- igreja matriz
- praça

Petrolândia inundada

fonte: Antônio W. da Silva/
adaptado pela autora



- núcleo de integração
- igreja matriz
- praça

Itacuruba hoje

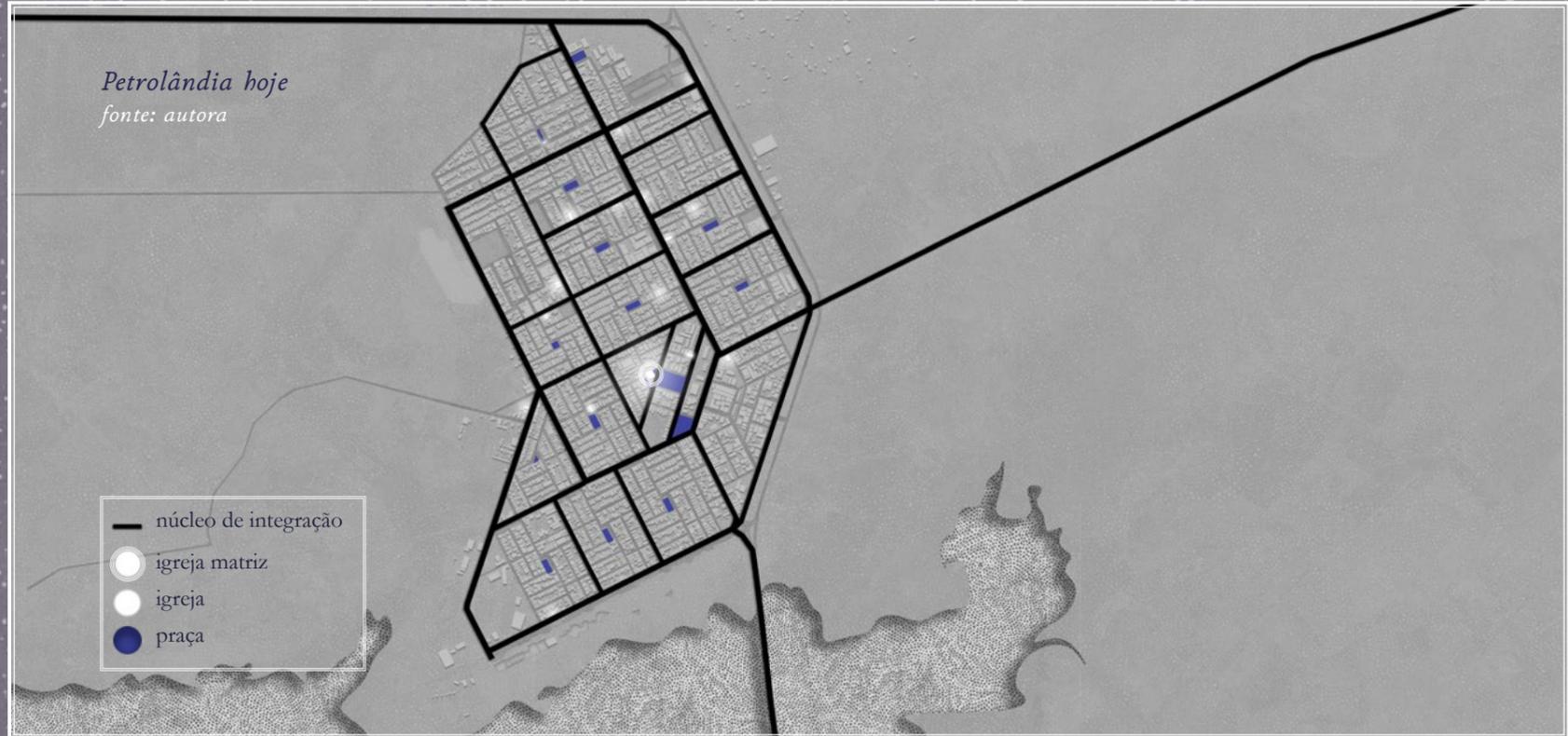
fonte: autora



- núcleo de integração
- igreja matriz
- igreja
- praça

Petrolândia hoje

fonte: autora



- núcleo de integração
- igreja matriz
- igreja
- praça

• As Sobrevivências • os vagalumes e a escuridão

Primeiro, desapareceram mesmo os vagalumes? Desapareceram todos? Emitem ainda – mas de onde? – seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar [...] apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes? [...] Para conhecer os vagalumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a ser vista. (DIDI-HUBERMAN, p. 45-52, 2011)

Para finalizar essa parte que abrange as sobrevivências, serão ressaltados, para além das sobrevivências míticas e arquetípicas, resquícios materiais de tais cidades, que persistem, seja ao longo do rio, demarcando onde um dia fora a cidade, ou mesmo, nas terras do sertão nordestino, remetendo, de forma indireta (ou direta), à antiga cidade.

Para ilustrar essa ideia, foi separada uma (ou duas) sobrevivência(s) para cada cidade. Dentre essas, três são ruínas, mapeadas em referência às suas respectivas cidades velhas: a caixa d'água de Rodelas, uma estrada pavimentada remanescente da antiga Petrolândia e a Igreja Sagrado Coração de Jesus, localizada na antiga Barreiras, município da antiga Petrolândia. A Igreja, comentada anteriormente, possui uma ligação simbólica com a cidade de Petrolândia. Por outro lado, a rodovia - ainda pavimentada e intacta - que dava acesso direto à Antiga Petrolândia, pode remeter àquilo que parte de um lugar *rumo a lugar nenhum*. Esse não-lugar (o destino da rodovia) é configurado por um passado arruinado, alagado e perdido. O terreno em que se encontra tal estrada pode ser acessado partindo da Nova Petrolândia e seguindo pela BR-110, por cerca de 17 km, até o sítio conhecido como Brejinho de Fora. Na via principal dessa vila rural, logo se avista um portão já numa estrada de terra, que vai em direção ao ponto que se chama Serrote do Padre. No meio dessa trilha, podemos reconhecer a rodovia - circundada por cactos e pela caatinga - rente ao rio Velho Chico, cobrindo o que antes era a velha cidade. Já a caixa d'água, visível pelos habitantes de Rodelas, também citada nas páginas precedentes, resguarda um paradoxo: o de resistir ao represamento da água ao mesmo tempo em que ela

mesma é um equipamento (em uma escala muito menor) de retenção água; porém, no caso, remete às águas de um passado, o da cidade antiga. É como se sobrevivesse, nesse micro conteúdo, uma memória que resiste e espacializa esse passado.

Por último, quanto a Itacuruba, não foram mapeadas sobrevivências de sua antiga cidade, mas duas novas construções vizinhas, sendo uma delas inacabada: o Observatório do CEA (Centro de Estudos Astronômicos) - obra incompleta que conforma uma espécie de mirante para uma grande extensão do Rio São Francisco (incluindo o local em que a velha cidade de Itacuruba fora submersa) - e o Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica (OASI), obra finalizada que dispõe de um telescópio robótico cuja função é rastrear, monitorar e pesquisar asteróides de órbitas próximas à Terra. Ambas construções foram instaladas a sete quilômetros da nova cidade de Itacuruba, ficando entre a nova cidade (ao Norte do observatório) e, mais próximo ainda, do local em que costumava ser a velha cidade (a cerca de 3,5 km).

O OASI, é integrante do projeto IMPACTON (Iniciativa de Mapeamento e Pesquisa de Asteróides nas Cercanias da Terra no Observatório Nacional). Sua operação teve início em 2011 e, no dia 13 de abril de 2017, foi anunciado que o asteroide do cinturão principal 10468, descoberto em 1981 (que, por coincidência, foi o ano de concepção do novo plano urbano de Itacuruba), iria ser denominado de "Itacuruba" em homenagem a própria cidade.

Os Observatórios, por mais que sejam bem próximos da antiga cidade de Itacuruba, possivelmente não se encaixam na estrita denominação de sobrevivência em si, visto que são locais construídos posteriormente e de onde, como sua própria denominação sugere, podemos *observar* fenômenos e elementos. Todavia, os observatórios proporcionam a visibilidade de dimensões e corpos ainda pouco explorados, através dos quais, quem sabe, o *brilho sobrevivente* das cidades inundadas, talvez, *ainda* não possa atravessar? Os Observatórios possibilitam, assim, que essas cidades (especificamente, Itacuruba) possam sobreviver em outras materialidades, nem que essas sejam asteróides longínquos ou constelações invisíveis.

- Caixa d'água da antiga cidade de Rodelas
- Observatório do CEA (Centro de Estudos Astronômicos)
- Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica (OASI)
- Igreja do Sagrado Coração de Jesus
- Estrada, ainda pavimentada, que ia até a Antiga Petrolândia





Igreja do Sagrado Coração de Jesus
fonte: autora



Rodovia que dava acesso à Antiga Petrolândia
fonte: autora



Estrada interrompida, sem destino
fonte: amycaseypainting.com/ adaptado pela autora

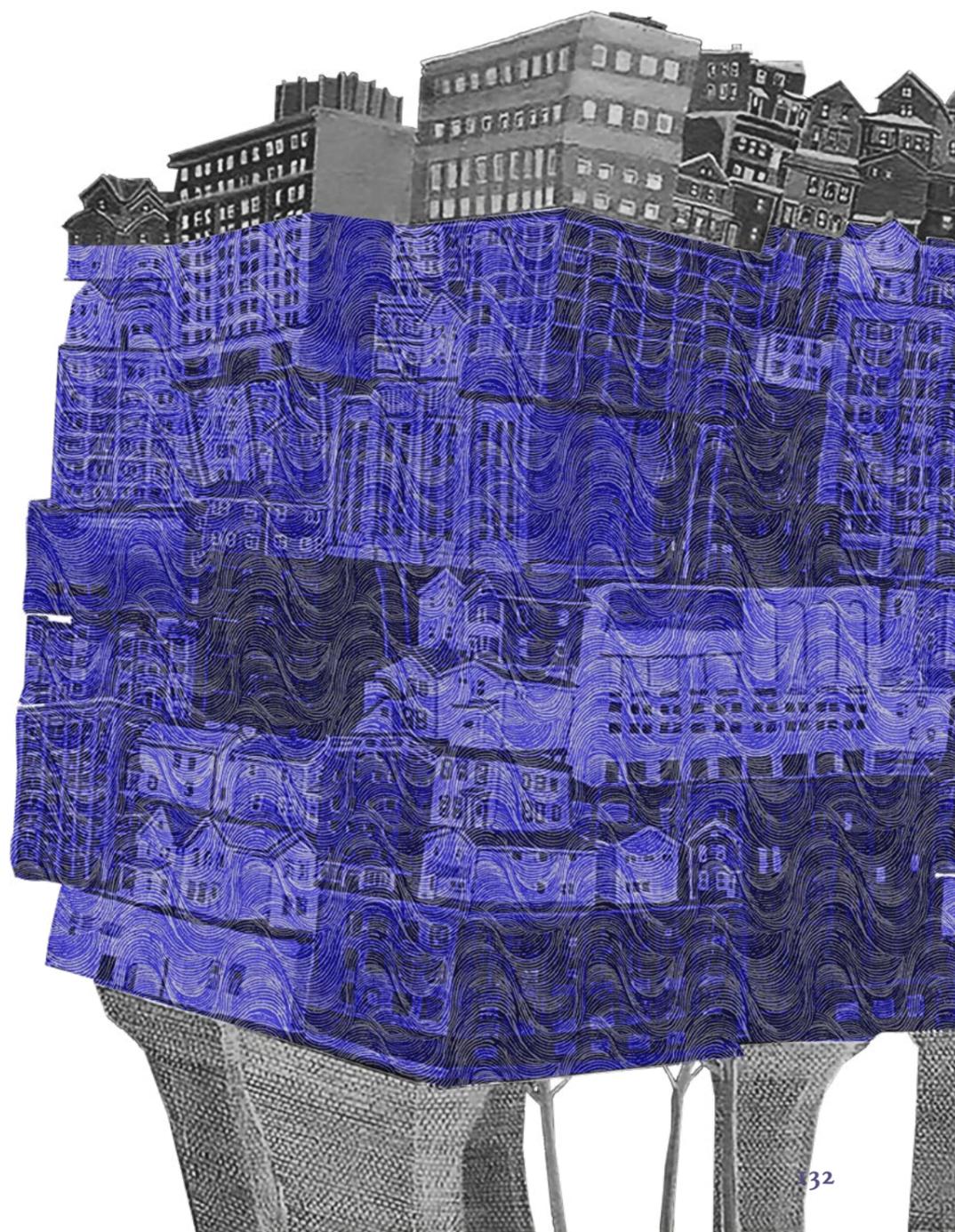


Local onde estava implantada a Antiga Petrolândia
fonte: autora



Caixa d'água da antiga cidade de Rodelas tirada de dois diferentes pontos da cidade/ fonte: autora

Representação metafórica da memória retida na caixa d'água da antiga cidade de Rodelas
fonte: thejewelrystory.com/ adaptado pela autora



Observatório do CEA (Centro de Estudos Astronômicos)
fonte: autora



Vista do local onde costumava ser a antiga Itacuruba, do Observatório do CEA
fonte: autora

OASI visto do alto do Observatório do CEA
fonte: autora



Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica (OASI)
fonte: gov.br

*Parte VIII:
A Eletricidade*

Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga. [...] Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero seu fluxo.

(LISPECTOR, 1998, p.16)

• A Eletricidade Hidráulica •

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, p. 4, 1995.)

Ao subverter a lógica rizomática do rio, a água represada que, no caso, conforma o lago de Itaparica, impôs o verbo ser ao Velho Chico - ao instalar a adjunta, acoplada, usina hidrelétrica de Itaparica-, freando sua velocidade e vazão; controlando-as, com a finalidade de produzir energia. Como foi visto, assim, inundou-se praticamente toda corporeidade das cidades velhas, deixando sobreviver poucos resquícios dessa materialidade - impregnados pela imaterialidade dos simbolismos e da memória.

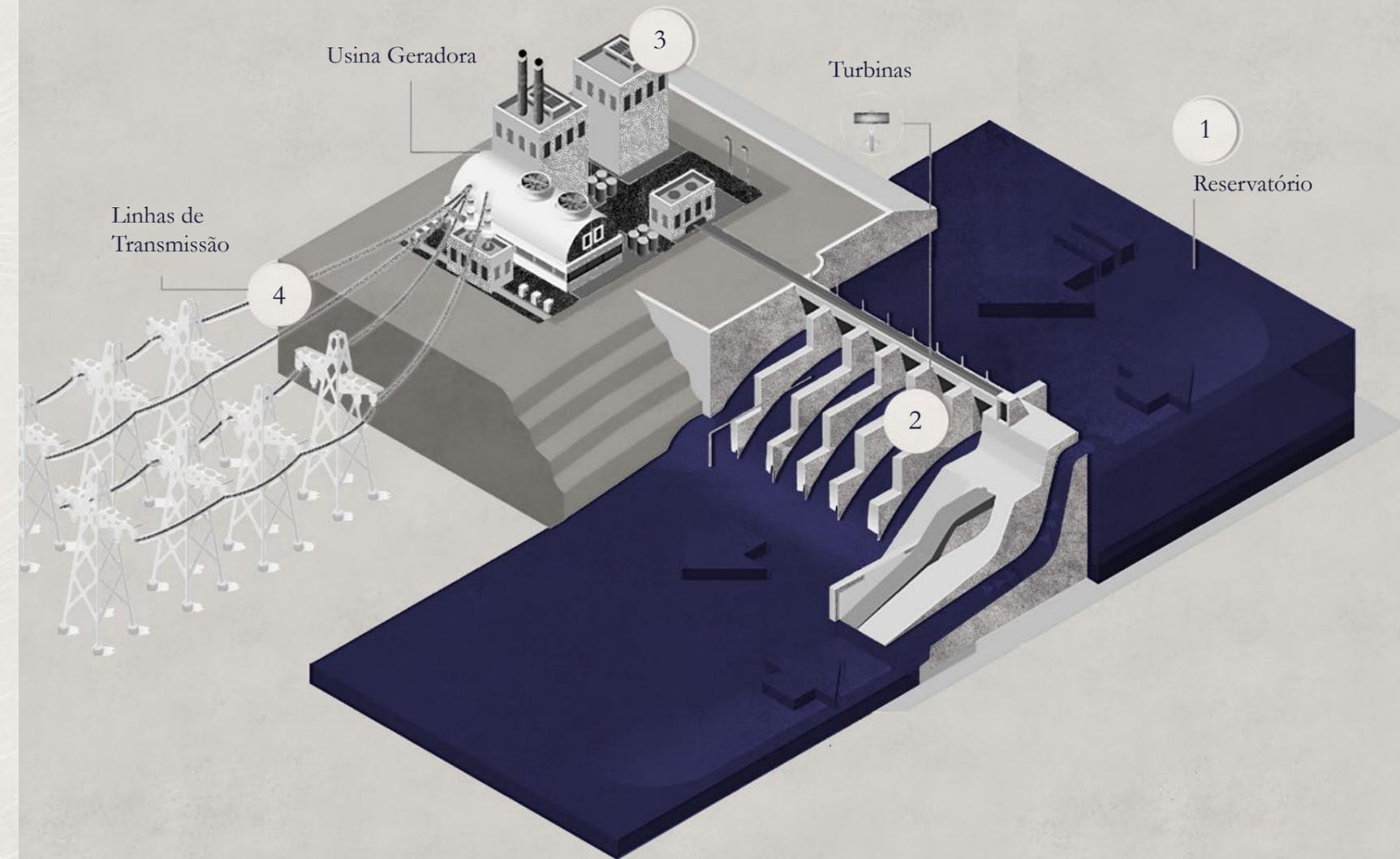
Veremos a seguir, a estrita relação existente entre o sistema elétrico e os mecanismos fisiológicos engendrados no processo de recordação e esquecimento (também imbuídos de eletricidade). Ou seja, será realizada uma conexão entre os fluxos imateriais que atravessam a região.

Partindo de um panorama mais geral, no Brasil, aproximadamente 70% de toda a produção energética tem origem hidráulica, nas hidrelétricas. Esse processo é

iniciado através da construção de uma *barragem*, a partir da qual é represada uma grande quantidade de água, que fica armazenada nos *reservatórios* da usina hidrelétrica. Toda essa massa aquífera gera uma alta pressão, impulsionando as águas a passarem por tubos, ligados às *turbinas*, com mais força. As turbinas, por sua vez, estão conectadas a um equipamento denominado de *gerador*, o qual cria um campo magnético, transformando a energia mecânica (do movimento das pás da turbina) em energia (corrente) elétrica.

Toda essa energia elétrica gerada é transportada diretamente para as *subestações* de transmissão, local em que essa energia é submetida à ação de transformadores que aumentam sua voltagem. As *subestações têm como objetivo ligar as linhas de transmissão à diferentes locais e, se for preciso, reduzir ou aumentar os níveis de tensão a serem aplicados.*

Em seguida, a energia é conduzida através de linhas de alta tensão ou *linhas de transmissão*. As linhas de transmissão consistem em extensos cabos metálicos encapados por isolantes elétricos, sustentados por grandes torres metálicas. A fim de reduzir as perdas energéticas durante a transmissão, a energia desloca-se em altíssima voltagem, com destino, novamente, às subestações. Dessa forma, a voltagem elevada é diminuída nas subestações de distribuição, a partir dos transformadores de tensão. Após esse rebaixamento inicial, a energia segue pela *rede de distribuição*. Por fim, para que a energia passe pela fiação (aérea ou subterrânea), então deslocada até as ruas, a energia é de novo submetida às ações de transformadores que rebaixam sua voltagem pela última vez, denominados de transformadores de distribuição.



• A Eletricidade Celular •

Similares às linhas de transmissão, responsáveis pelo transporte da energia elétrica, os neurônios são células cuja função é de transmissão dos impulsos nervosos, ou seja, são células que permitem a passagem de correntes elétricas. Através do impulso nervoso, os neurônios são capazes de transportar informações de um neurônio para outro ou, também, para as glândulas ou músculos. Assim sendo, o neurônio opera na recepção e transmissão de informações. Isso ocorre devido a condição de “célula excitável” dos neurônios – o que os confere a capacidade de reagir a estímulos, a partir de alterações na diferença de potencial elétrico em sua membrana celular. A modificação desse potencial pode ser irradiada pela membrana, desencadeando o impulso nervoso.

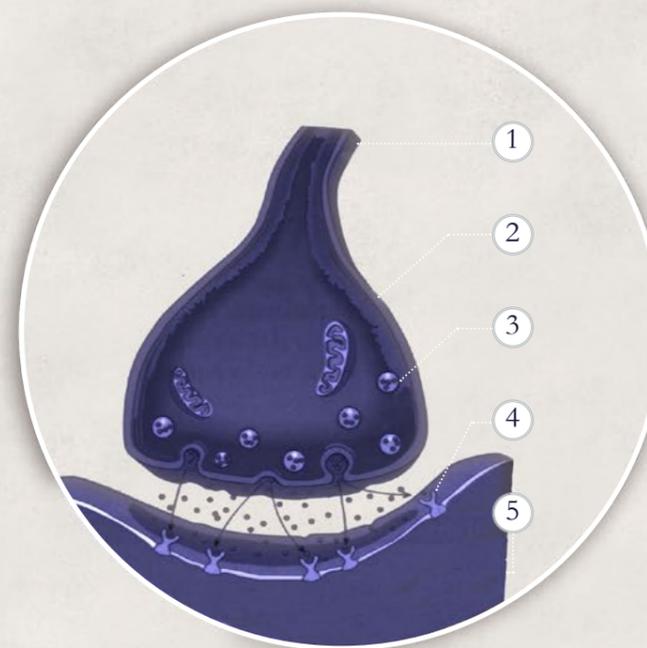
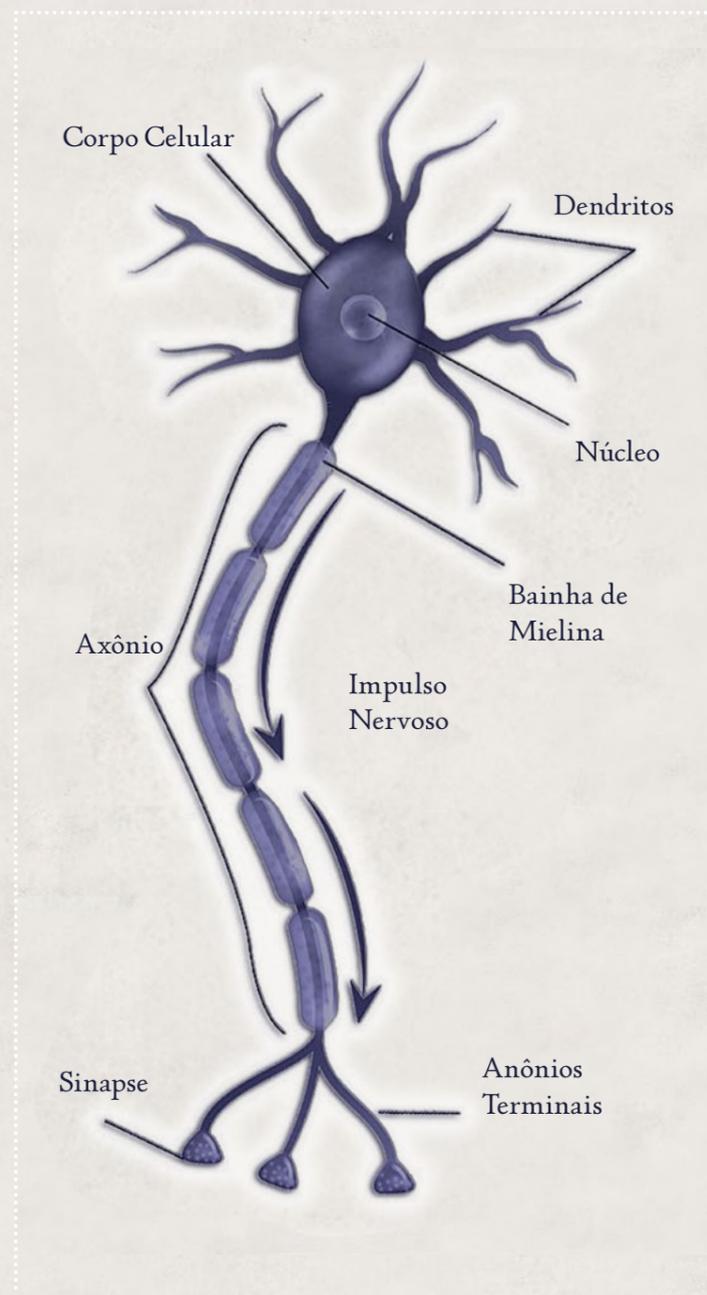
Os neurônios são formados por três partes fundamentais: os dendritos, o axônio e o corpo celular.

Os dendritos consistem em prolongamentos do neurônio que asseguram o recebimento dos estímulos, transportando-os em direção ao corpo celular.

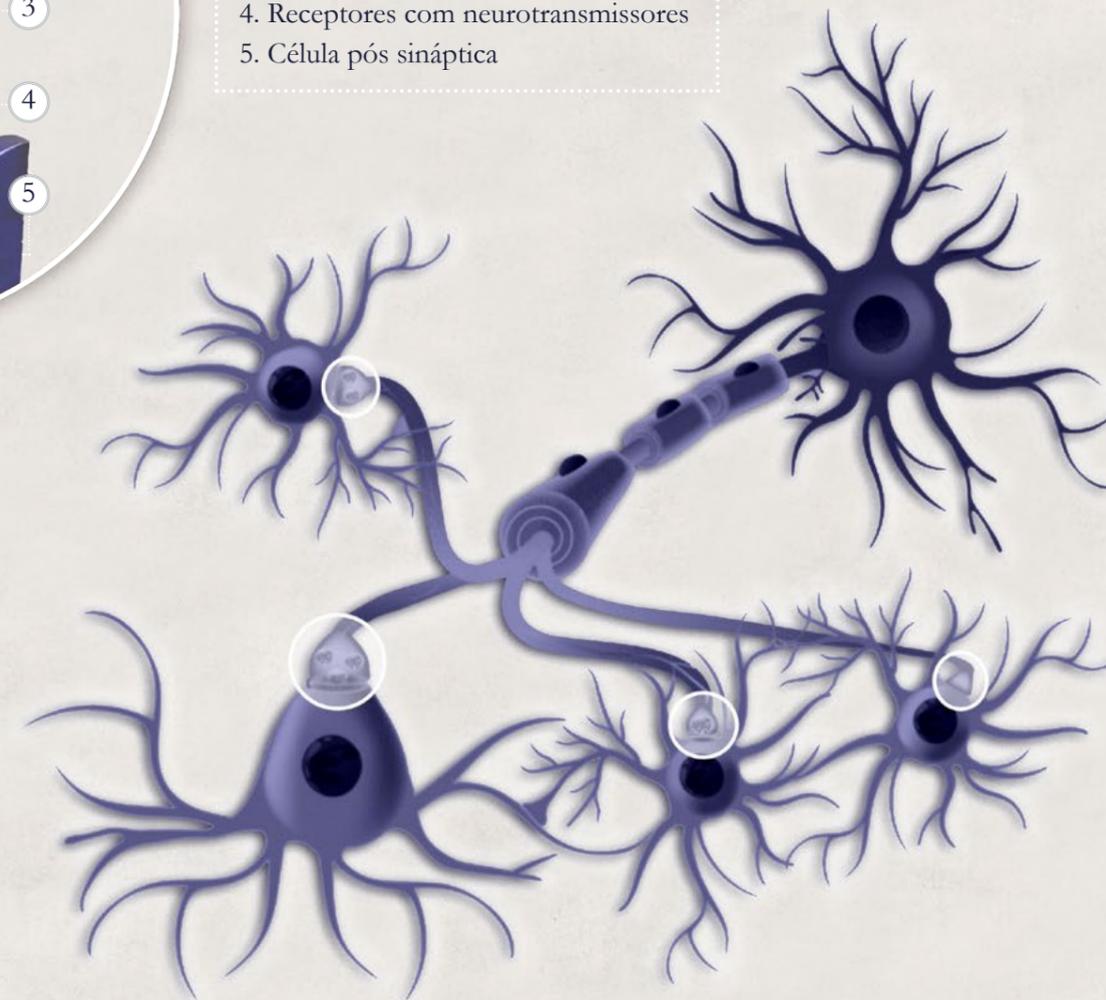
Os axônios possibilitam a condução do impulso nervoso. Cada neurônio é dotado de apenas um único axônio, o qual comumente é mais extenso que seus dendritos. Encapando o axônio, tal como nos fios elétricos, existe uma espécie de isolamento elétrico realizado a partir da denominada bainha de mielina.

Já o corpo celular compreende a base da célula, onde estão localizadas a maioria de suas organelas e núcleo.

As sinapses, análogas às subestações (local de conexão das linhas de transmissão a outros locais), é a região onde ocorre a comunicação dos neurônios entre si, dos neurônios e os músculos e dos neurônios e as glândulas. Na maioria das sinapses, a transmissão de informação é possível graças à presença de neurotransmissores, que são mensageiros químicos. Existem ainda, as sinapses elétricas, através das quais, correntes elétricas correm diretamente de um neurônio a outro.



1. Axônio
2. Célula pré-sináptica
3. Vesículas com neurotransmissores
4. Receptores com neurotransmissores
5. Célula pós sináptica



A Memória

Mas como os vagalumes desapareceram ou “redesapareceram”? É somente aos nossos olhos que eles “desaparecem pura e simplesmente”. Seria bem mais justo dizer que eles “se vão”, pura e simplesmente. Que eles “desaparecem” apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los. (DI-DI-HUBERMAN, p. 47)

Essa luz, que se esvai e reaparece, é análoga às *memórias* materiais das cidades submersas, que um dia *brilharam* aos olhos da população, mas foram *apagadas*, afogadas. Como vimos, porém, essa “luz”, essa memória, ainda *so-bre-vive* em outras camadas, figuras, lugares e circuitos. A “luz” dessas cidades antigas foi apagada, justamente, para “dar luz” e trazer a luz para outros lugares, promovendo a geração de eletricidade na região. Uma mesma matriz – o represamento das águas – *gerou a eletricidade*, a iluminação, propriamente dita, das cidades novas e o “apagamento” ou “alagamento” das cidades antigas. Eletricidade essa, que também permeia, numa escala microscópica, as nossas conexões neuronais, que possibilitam a criação e consolidação de nossas memórias.

Dessa forma, toda essa eletricidade (presente tanto nas conexões cerebrais quanto nas linhas de transmissão construídas) será o ponto de partida para a compreensão da base de tais processos de recordação e apagamento, a fim de que, posteriormente, possamos retornar para a matriz que os conectou e, assim, explicitar a importância das recordações que existem, mas ainda não estão claras pois, tal como as águas, foram reprimidas.

No cérebro humano existem muitos bilhões de neurônios. Destes, os do córtex cerebral recebem entre mil a 10 mil conexões — sinapses — vindas de outras células nervosas que, por sua vez, emitem prolongamentos

que se conectam, também, com dez a mil neurônios (IZQUIERDO, 2010). De cada uma destas conexões ou sinapses podem surgir memórias; assim como cada conexão pode fazer parte de muitas memórias diferentes. As memórias não são estáticas, discerníveis. Estão inseridas em circuitos maleáveis, abarcando infindáveis conexões. São como caminhos que vão sendo reforçados, moldados, apagados e reconstruídos por nossa mente e pelo tempo. Além de seus aspectos fisiológicos, existem muitas variações e tipos de memória. Em primeiro lugar, existe a memória de trabalho, que utilizamos a fim de compreender a realidade que nos cerca sem que sejam conformados arquivos memoriais duradouros: tal memória desaparece em segundos ou, no máximo, em minutos (IZQUIERDO, 2010). Pode-se dizer também, que memória de curta duração tem como função reter a informação à disposição do sujeito apenas durante o tempo requerido para que seja formada a memória de longa duração.

Enquanto a memória de trabalho demora segundos para ser formada, a memória remota, por sua vez, demanda muitas horas para ser construída. Essas horas dependem de uma constelação sequencial de fenômenos bioquímicos, atualmente muito estudados, que ocorrem no hipocampo e em algumas outras regiões cerebrais conectadas ao mesmo. Tanto as memórias de curta quanto as de longa duração são feitas por células especializadas do hipocampo e das áreas do córtex com as quais ele se conecta. (IZQUIERDO, 2010)

A memória de trabalho está sujeita à atividade elétrica de neurônios do córtex pré-frontal, e não persiste além disso. Os neurônios são ativados por substâncias químicas, todavia, transmitem suas mensagens por meio de atividade elétrica. Essa ativação inicial realizada em resposta às experiências de cada momento, e sua estimula-

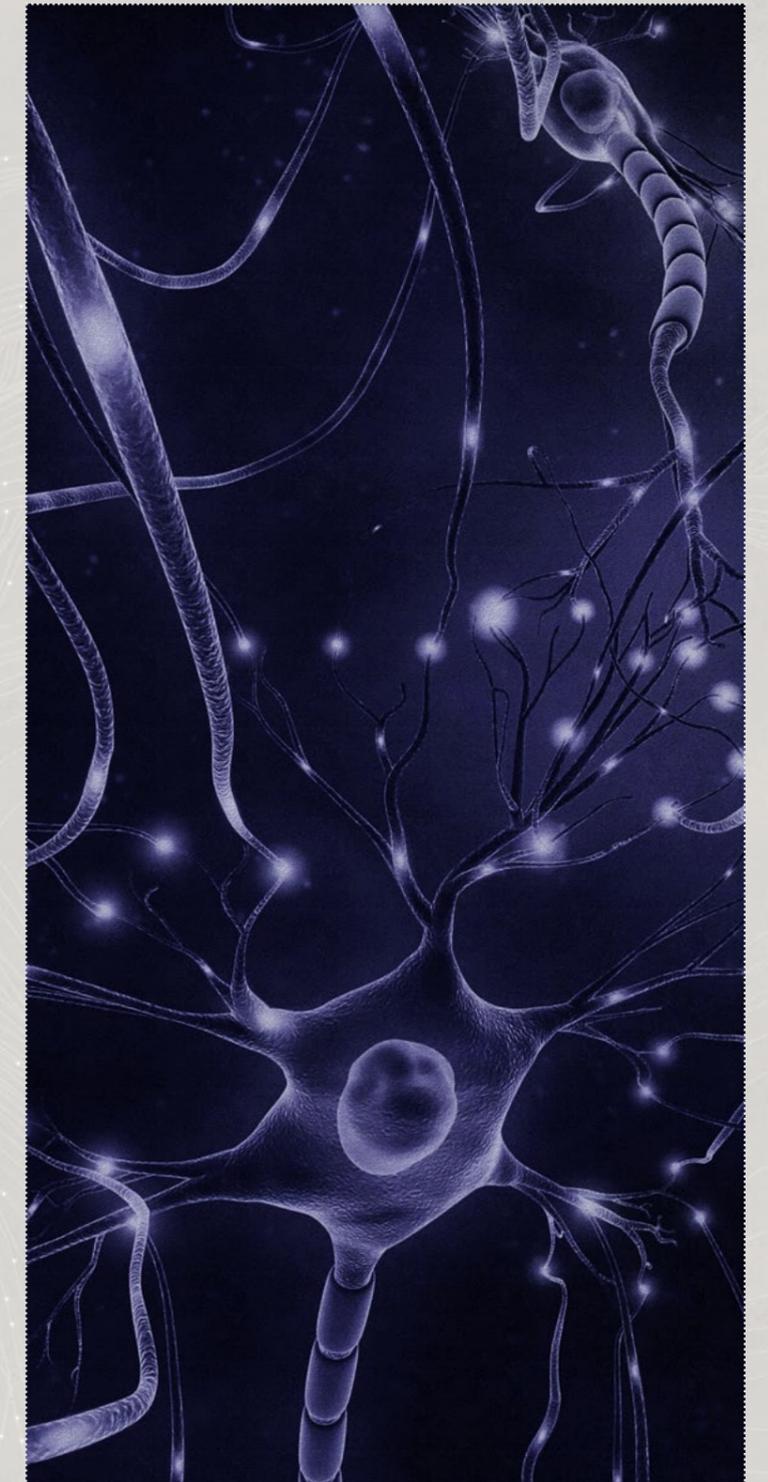
ção dura tanto quanto a experiência; em raras ocasiões pode perdurar um pouco mais. Já a memória de longa duração perdura por dias, anos ou décadas.

Em suma, no caso da memória de trabalho, sua própria função e sua formação exigem que seja fugaz pois seu funcionamento é rápido e contínuo. Sua feitura é de uma delicadeza e precisão sem igual: funciona como uma espécie de filtro de informações - originadas tanto externamente quanto internamente - a fim de discernir informações e distinguir quais correspondem ou não a memórias preexistentes (IZQUIERDO, 2010). A informação externa se relaciona com os dados captados pelos nossos sentidos. A informação interna, por sua vez, compreende as interações que ocorrem entre memórias e pensamentos. Dessa forma, a memória de trabalho tem como papel fundamental administrar e gerenciar esses dados.

A perda de dados por parte da memória de trabalho não pode ser apontada como um esquecimento de fato, visto que é de sua própria natureza: o esquecimento rápido é sua característica principal. Proporcionar esse esquecimento, faz com que não fiquemos inundados e afogados pela imensa quantidade de informação disponível no dia a dia.

O esquecimento propriamente dito, porém, é comum quando se trata das memórias de longa duração, pois tais memórias não estão inseridas em sistemas herméticos e sim, em sistemas altamente saturáveis (IZQUIERDO, 2010).

A maior parte dos esquecimentos é consequência da inutilização das sinapses, conexões realizadas entre as células nervosas. Entretanto, muitas memórias são extintas não por desuso de sinapses, mas pelo sumiço destas, seja por morte celular, ou pelo desaparecimento de seus prolongamentos sinápticos correspondentes. Visto que os neurônios (com pouquíssimas exceções) não se reproduzem, tais perdas implicam no sumiço permanente dos dados que essas células e prolongamentos portavam (IZQUIERDO, 2010).



◦ O Esquecimento ◦

Certamente há, em nossa mente, muito mais esquecimento do que memória. De forma que, se pudéssemos recordar com precisão total cada dia de nossas vidas, o armazenamento e processamento contínuo de tantas informações não possibilitaria determo-nos por um momento sequer em uma memória específica, comparando-a, generalizando-a, enfim, associando-a às outras, visto que, ao invés de gastar tempo com isso, estaríamos armazenando os dados e detalhes de cada instante; projetando-os, sem interrupções, formando em nossa mente, continuamente, um caleidoscópio de figuras memoriais.

Podemos concluir, então, que é necessária uma boa dose de esquecimento para podermos, de fato, ter o espaço e tempo para recordar, racionalizar e pensar. Nosso cérebro exerceu uma espécie de arte quando possibilitou o esquecimento de tantas memórias (IZQUIERDO, 2010).

As próprias memórias estão imbuídas de esquecimento, sendo o nosso arquivo memorial fundado muito mais por fragmentos, memórias extintas ou quase extintas, do que de memórias reais e completas. Isto porque o ato de recordar é caracterizado por ocorrer, principalmente, de forma oblíqua: conformando, assim, uma maioria de memórias semiocultas, que constituem a porção inconsciente ou implícita de nossas recordações.

Há mais de cem anos, Sigmund Freud sugeriu que conservamos mais memórias do que imaginamos possuir. Dentro desse raciocínio, Freud demonstrou que possuímos a tendência de reter uma grande quantidade de memórias penosas de forma inconsciente. Uma explicação para esse fenômeno é que, se entrássemos continuamente em contato com o sofrimento agudo de certas memórias, sucumbiríamos; dessa forma, a mente evolutivamente encontrou na repressão uma forma de se proteger. Por vezes, o

processo de repressão é tão intenso que pode ocorrer a extinção dessa memória, a amnésia, a partir da desativação completa do sistema hipocampal cada vez que é solicitada a sua evocação. (IZQUIERDO, 2010)

Podemos observar, assim, que existem muitos níveis de consciência memorial, que estão em contínua atividade, modificação, formação e apagamento. No caso das cidades estudadas, anterior ao processo de construção de novas memórias (nas novas cidades), foram destruídas, materialmente, as memórias antigas das populações atingidas. Demoliram referenciais fundamentais das memórias de longa duração de grande parte das populações, gerando um esquecimento progressivo, destruidor e traumático. Dentro do contexto cerebral, essa situação violenta desencadeou, na maioria da comunidade, uma memória resultante de um processo denominado de estresse pós-traumático. Perante o sofrimento brutal – que foi a dor coletiva da remoção compulsória de suas casas – os indivíduos tendem a apagar as suas memórias mais doloridas, deixando-as num estado latente e amnésico: de repressão e submersão, no inconsciente.

Tendo em vista que esse evento não é reversível, ou seja, que a cidade foi destruída, está submersa e permanecerá em ruínas, o presente trabalho busca, inicialmente, iluminar memórias submersas que foram sendo progressivamente apagadas e reprimidas, de forma a dar à memória uma materialidade, resignificando-a, na tentativa de facilitar uma possível convivência da população com essa memória.

Que essa resignificação possa funcionar como o vagalume que pode “dar a luz” ou “apagar a luz” na medida em que a população mergulha e entra em contato com suas recordações.

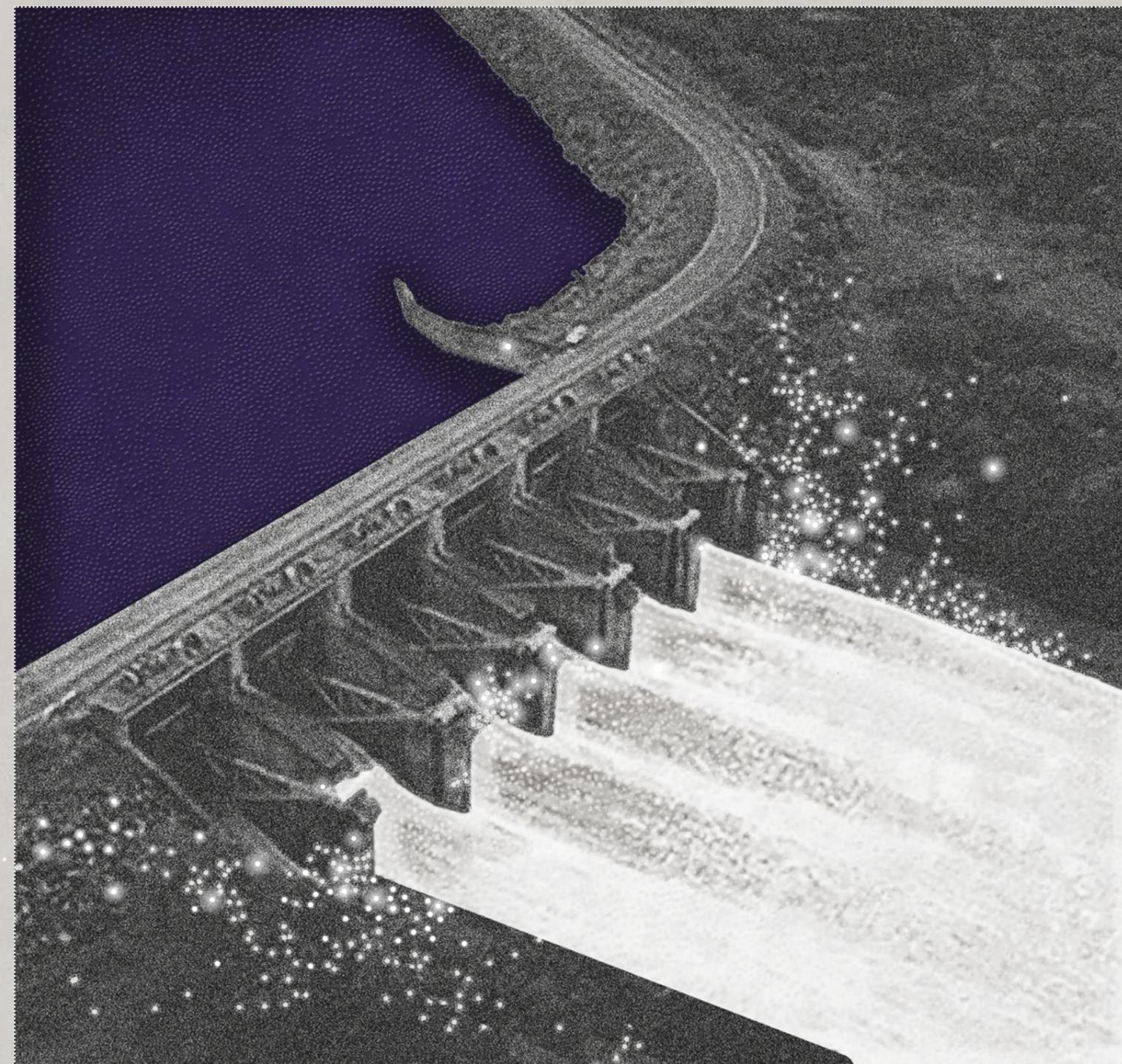
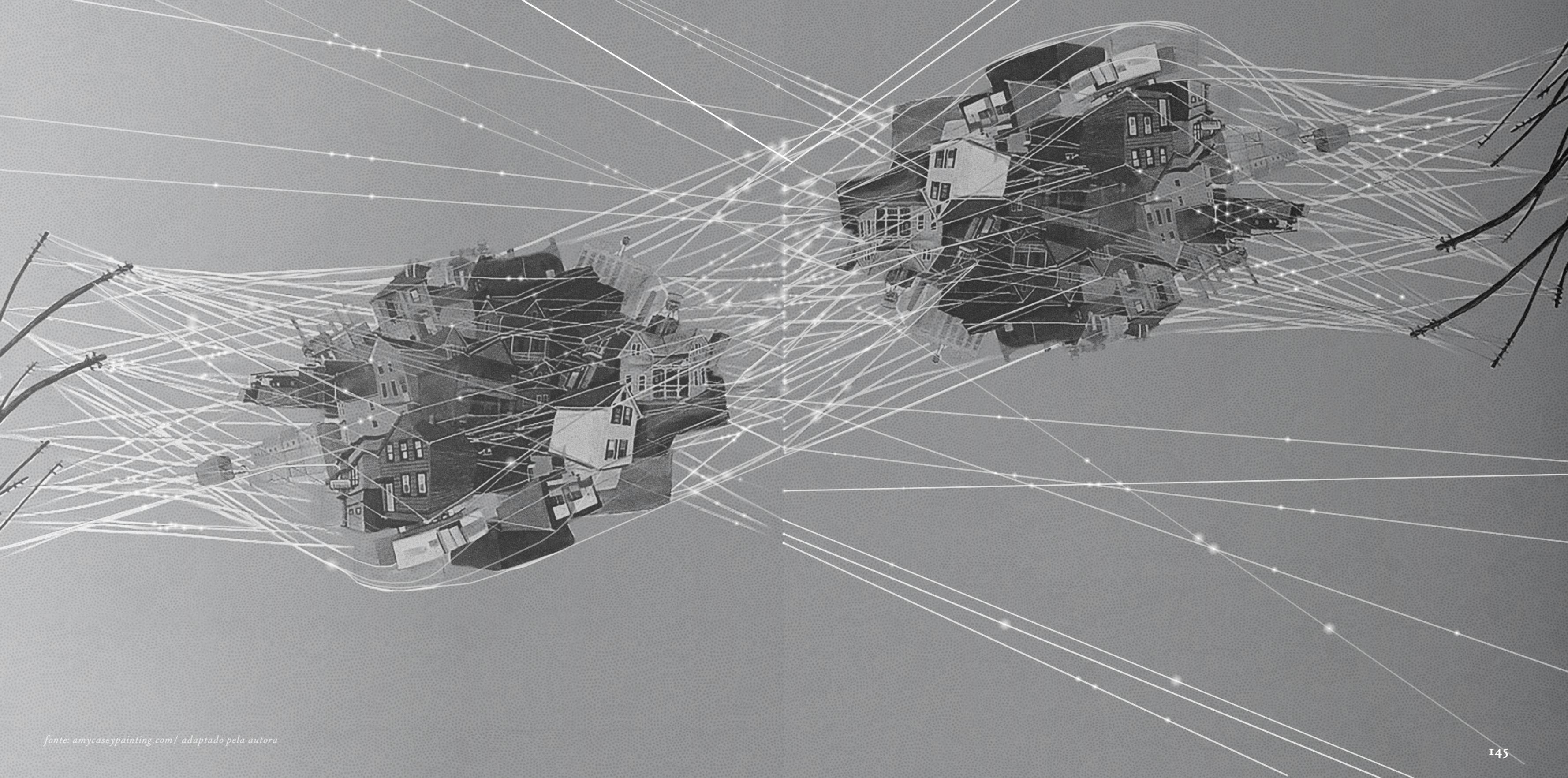


Imagem ilustrativa e metafórica da resignificação das memórias represadas

fonte: agenciasertao.com/ adaptado pela autora





Parte IX

*Da Amnésia
à Anamnésis*

Cambridge

*Alço os olhos [...] (n) o adormecido rio incessante.
[...]*

*(que) Não está no tempo sucessivo,
mas nos reinos espectrais da memória.*

*Como nos sonhos,
atrás das altas portas não há nada,
nem sequer o vazio.*

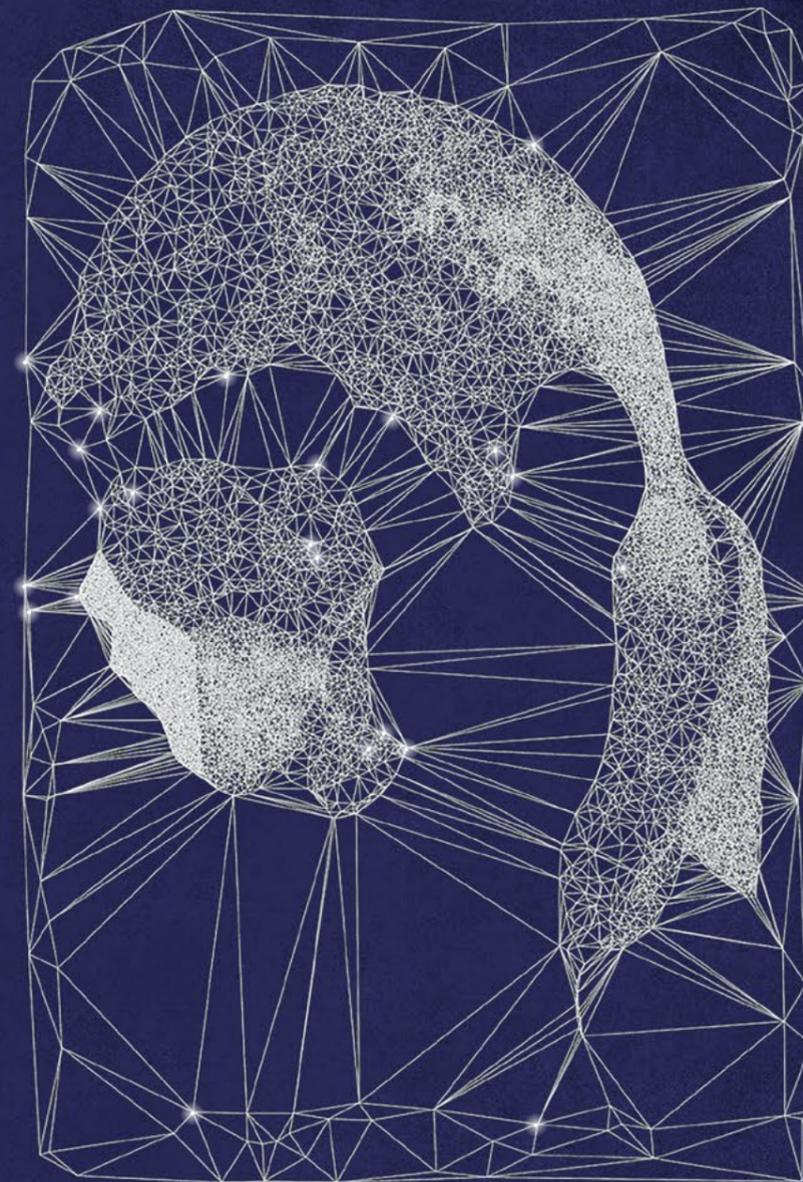
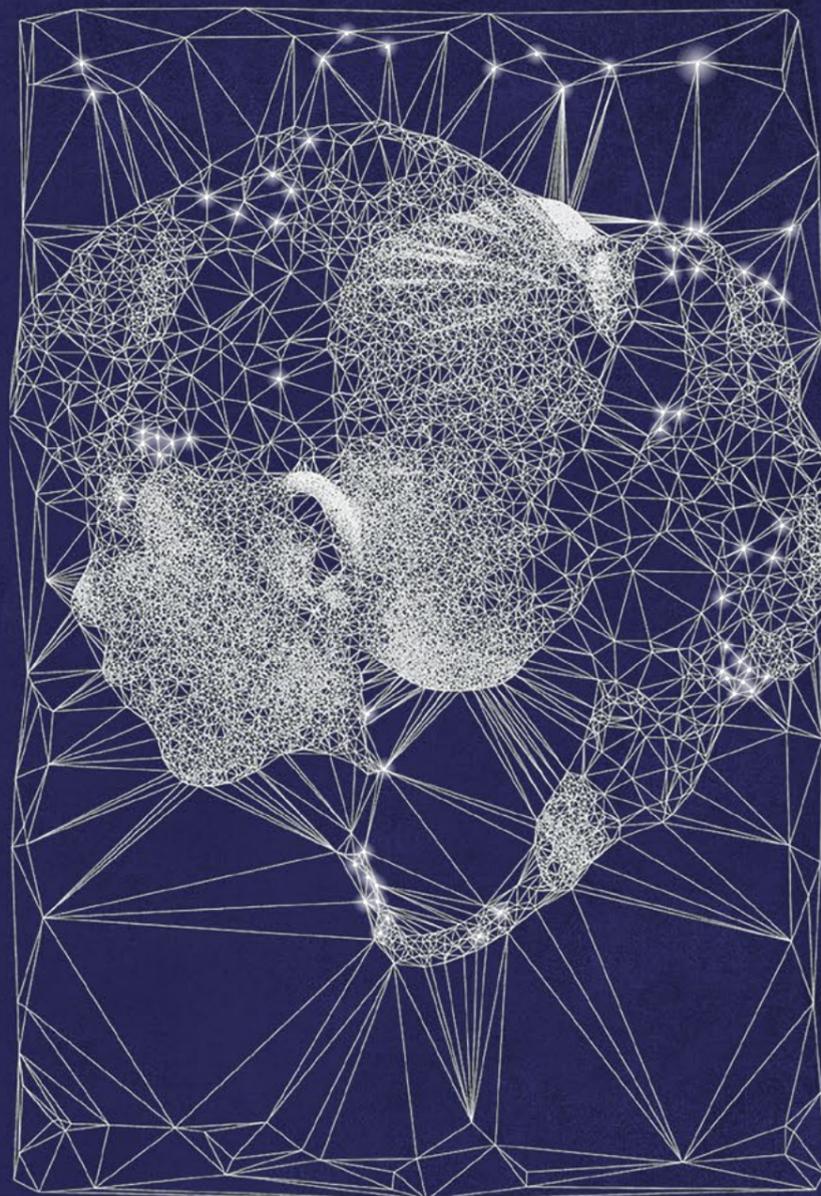
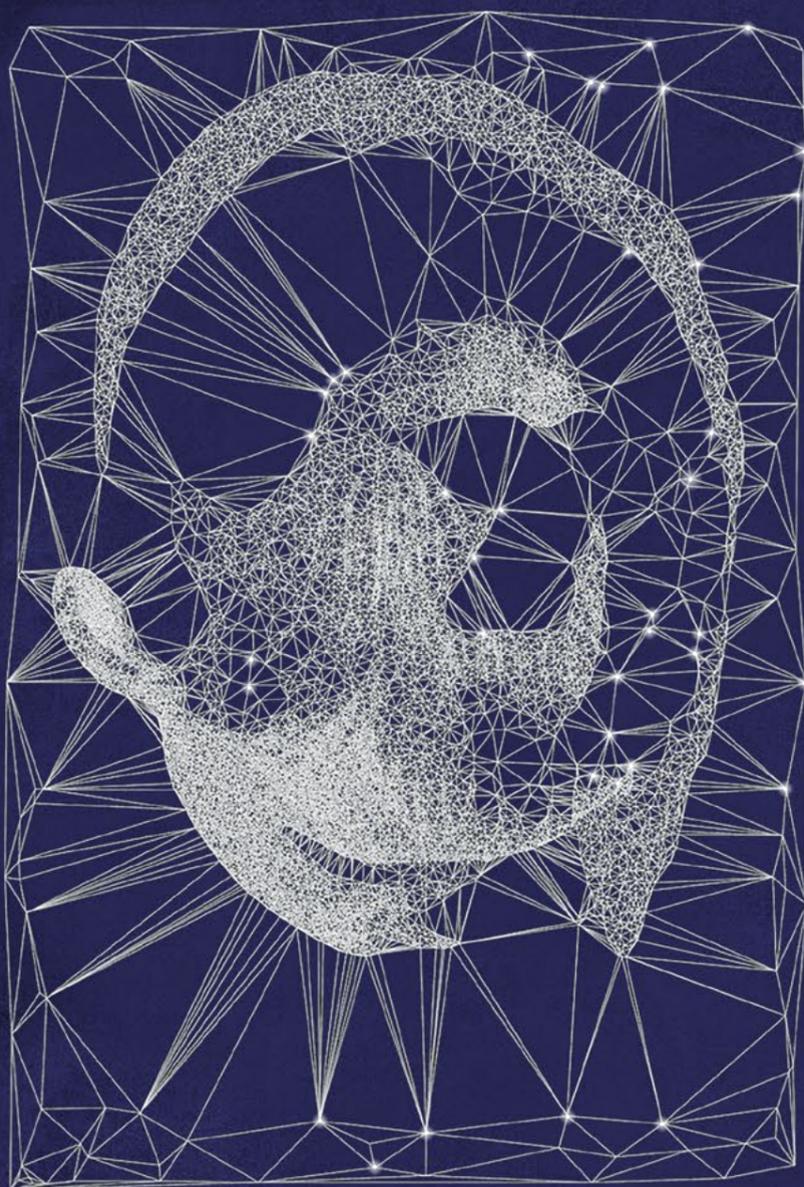
*Como nos sonhos,
atrás do rosto que nos contempla não há ninguém.*

*Anverso sem reverso,
moeda de uma única efigie, as coisas.*

*Essas misérias são os bens
que o precipitado tempo nos deixa.*

*Somos nossa memória,
somos esse quimérico museu de formas inconstantes,
esse montão de espelhos rompidos.*

(BORGES, p. 382, 1999)



O locutor ilumina episódios particulares de sua vida deixando outros na sombra. Mesmo a narrativa mais atenta é trabalhada pelo esquecimento ao qual se teme, pelas omissões que se desejam e pelas amnésias que se ignoram, tanto quanto é estruturada pelas múltiplas pulsões que, na classificação de nosso passado, nos fazem dar sentido e coerência à nossa trajetória de vida. (CANDAUI, 2012, p. 77)

• *Bases projetuais* •
passado • *presente* • *futuro*

Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos: passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera (AGOSTINHO, 2009, p. 342-345, grifo nosso).

A epígrafe de Santo Agostinho (354 – 430) é um resumo do projeto; sendo a *memória* (o presente do passado) representada pelos *museus*, a *visão* (o presente do presente), pelos *mirantes* e, a *espera* (o presente do futuro), pelas *galerias*. Cada projeto e temporalidade serão abordados, mais detalhadamente, nas páginas seguintes.

Por mais que o projeto “da Amnésia à Anamnesis” apresente cada temporalidade separadamente, a proposta da intervenção é, justamente, subverter a progressão linear temporal de forma a avivar possíveis progressões *memoriais*, consolidadas, reproduzidas e reforçadas através de circuitos - percorridos pelos *saveiros*.

Os saveiros realizariam os *curtos-circuitos*, funcionando como uma espécie de *sinapse*, ou seja, como componente de comunicação, condução e ligação entre elementos.

• *Programa de Necessidades* •
museus • *mirantes* • *galerias*

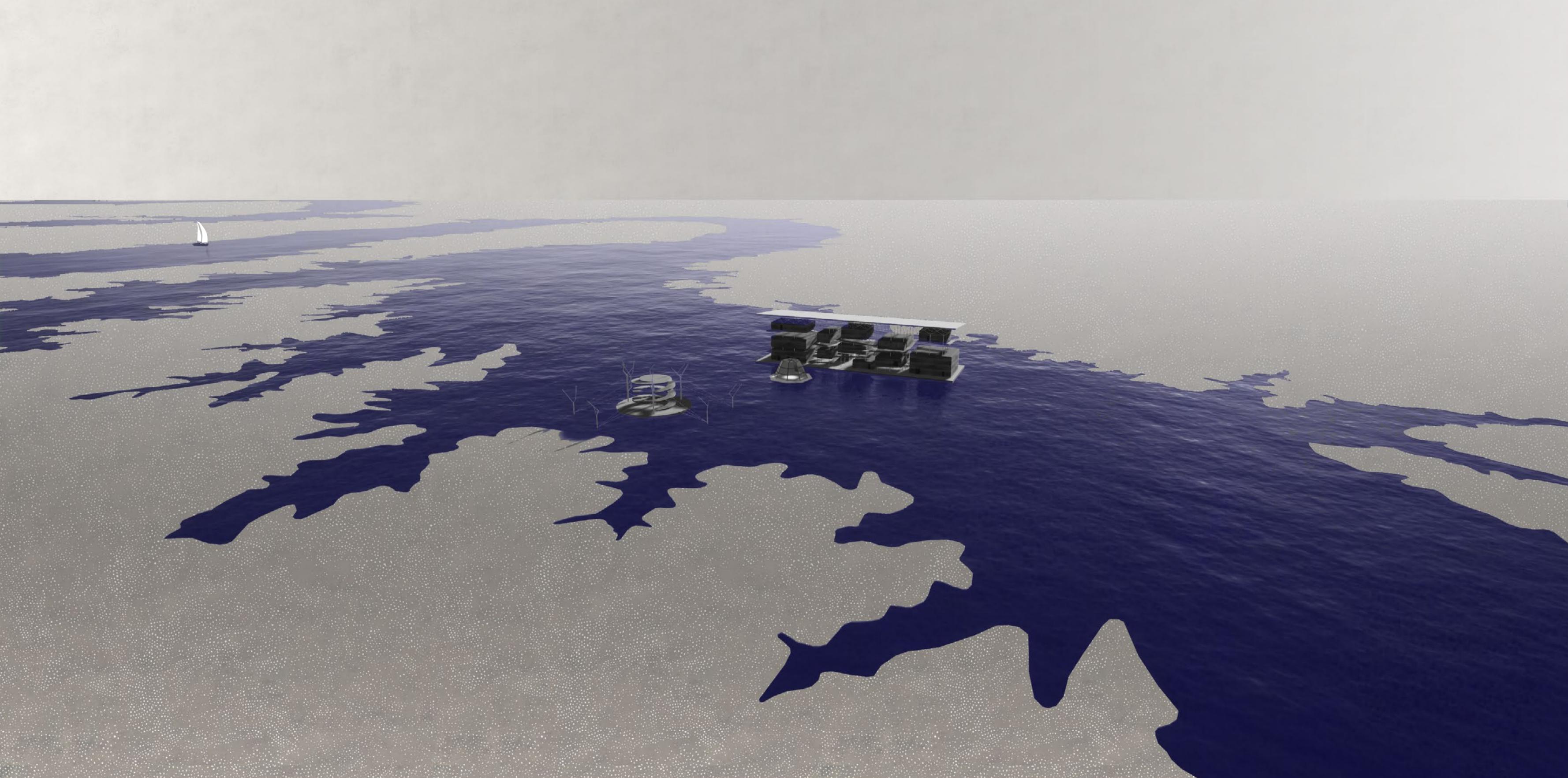
<i>Equipamento</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Requisitos</i>
Museu	3	<ul style="list-style-type: none"> - Deve haver um museu por cidade, sendo todos eles flutuantes - Localizados nas cidades novas ou próximos - sendo prevista a pavimentação e iluminação dos percursos com destino aos museus
Mirante	3	<ul style="list-style-type: none"> - Deve haver um mirante por cidade, sendo todos eles flutuantes - O projeto estaria localizado no ponto onde costumavam estar fixadas as antigas cidades
Galeria	3	<ul style="list-style-type: none"> - Conformam estufas onde deve haver o cultivo agrícola hidropônico - Toda água necessária para o cultivo agrícola na estrutura seria extraída do Rio São Francisco e toda energia crucial seria suprida através da energia solar - Instaladas ao lado dos museus
Saveiro	3	<ul style="list-style-type: none"> - Foram previstas reformas em três saveiros preexistentes (1 saveiro por circuito), adaptando-os para a recepção de tripulantes com a construção de bancos mais cômodos protegidos no contorno (com guarda macebos) - Utilização do tipo de saveiro alcunhado de Flor do Passe (12,5 metros de comprimento e 4 metros de largura) portador da vela de içar e buja pequena (com pau de bolina)

implantação esquemática



1: 180.000

-  Museu + Galeria
-  Mirante
-  Sobrevivência



• Terra Enterrada •

desterrados: a destruição de memórias e a suspensão de raízes

Como foi visto anteriormente, em 1988 foram abertas as comportas da Barragem de Itaparica, inundando completamente as velhas cidades. Diante desse cenário, ocorreu a transferência da população das antigas para as novas cidades. Logo antes de serem alagadas, porém, as cidades originais foram destruídas, quebradas e destroçadas aos olhos da população. (O que pode ser observado nas três figuras à direita, relativas à velha cidade de Itacuruba)

De repente, *tirou-se o chão* daqueles moradores, antes amparados por identidades de raízes profundas, cravejadas naqueles solos ribeirinhos (FIGUEIREDO, 2011) - desenvolvidas de geração em geração. Dessa forma, ao serem *arrancados* de suas terras, os moradores se viram obrigados a enterrar, na antiga região, grande parte de suas raízes e memórias. Suas vidas, que antes corriam por caminhos conhecidos - feito o Velho Chico que fluía continuamente protegido pelo seu leito (FIGUEIREDO, 2011) -, passaram a seguir um outro tempo: um tempo em suspensão que conduzia pessoas também *suspensas*, exiladas e *sem raízes*.



fonte: FIGUEIREDO, 2011.

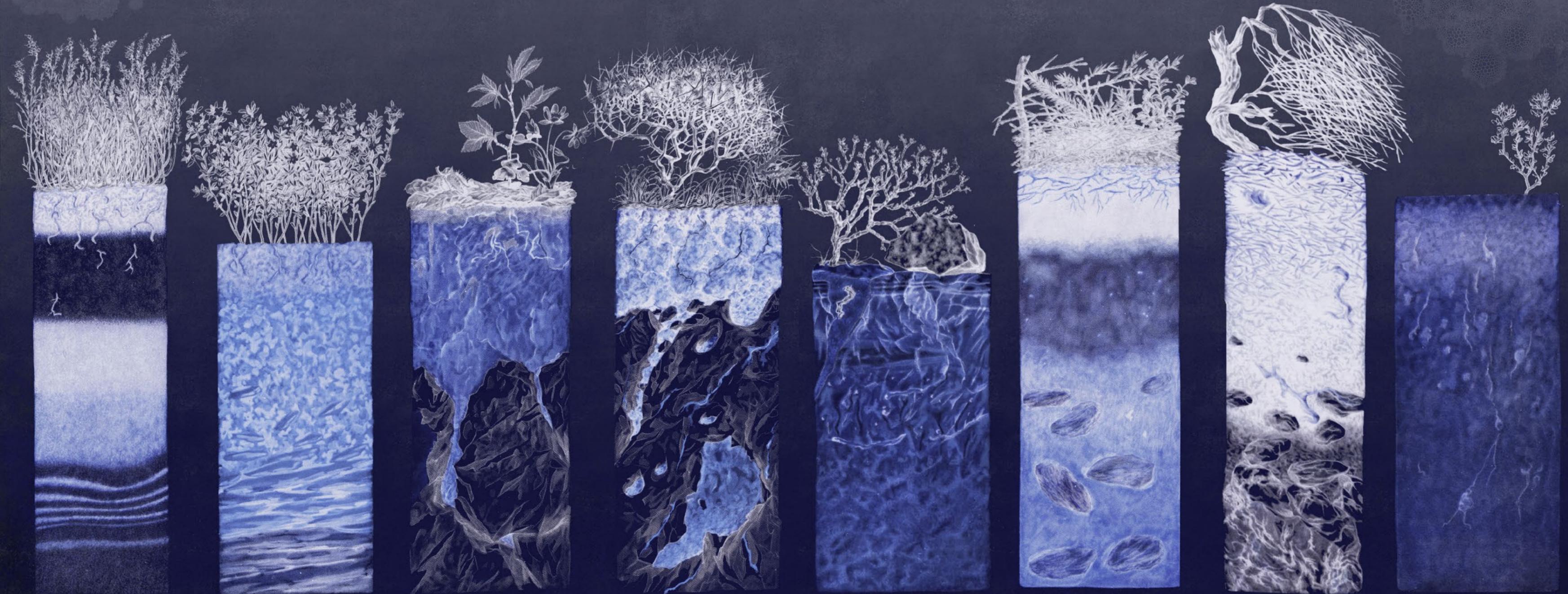


fonte: amycaseypainting.com / adaptado pela autora



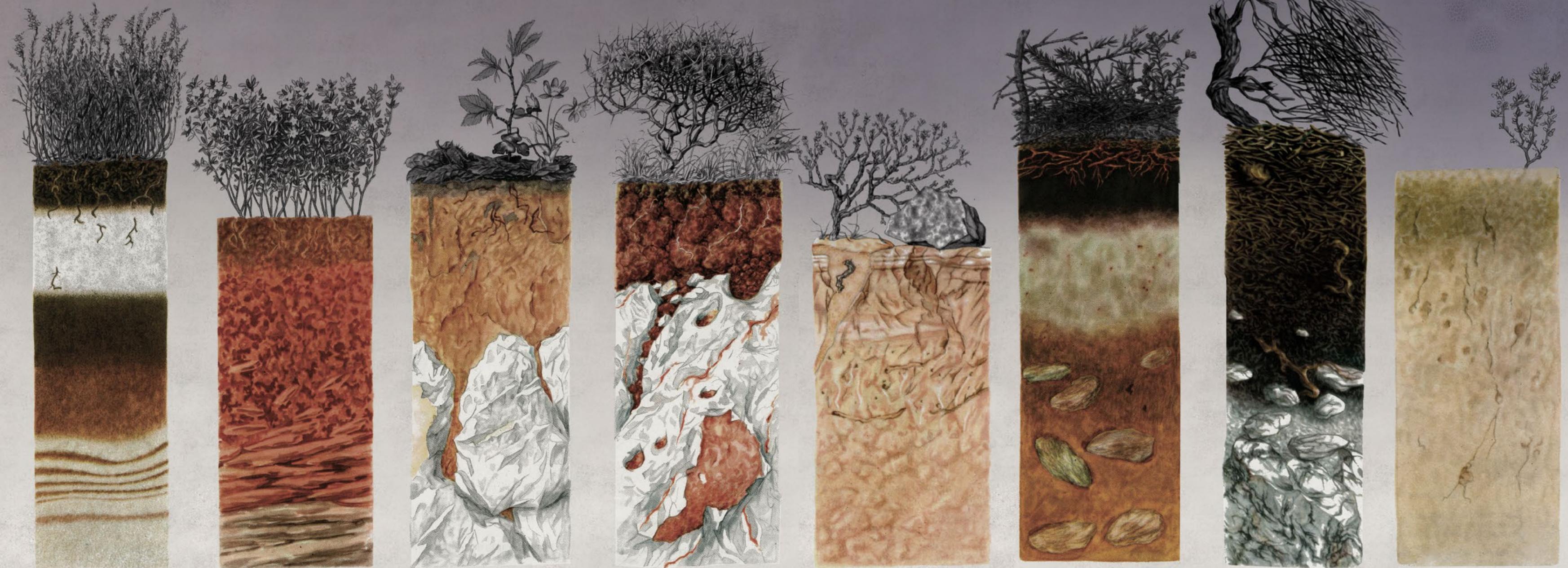
da água

fonte: *The Atlas of Soil Profiles* por W.L. Kubiena
< www.ica.csic.es / adaptado pela autora



à terra

fonte: The Atlas of Soil Profiles por W.L. Kubiena
< www.ica.csic.es > / adaptado pela autora



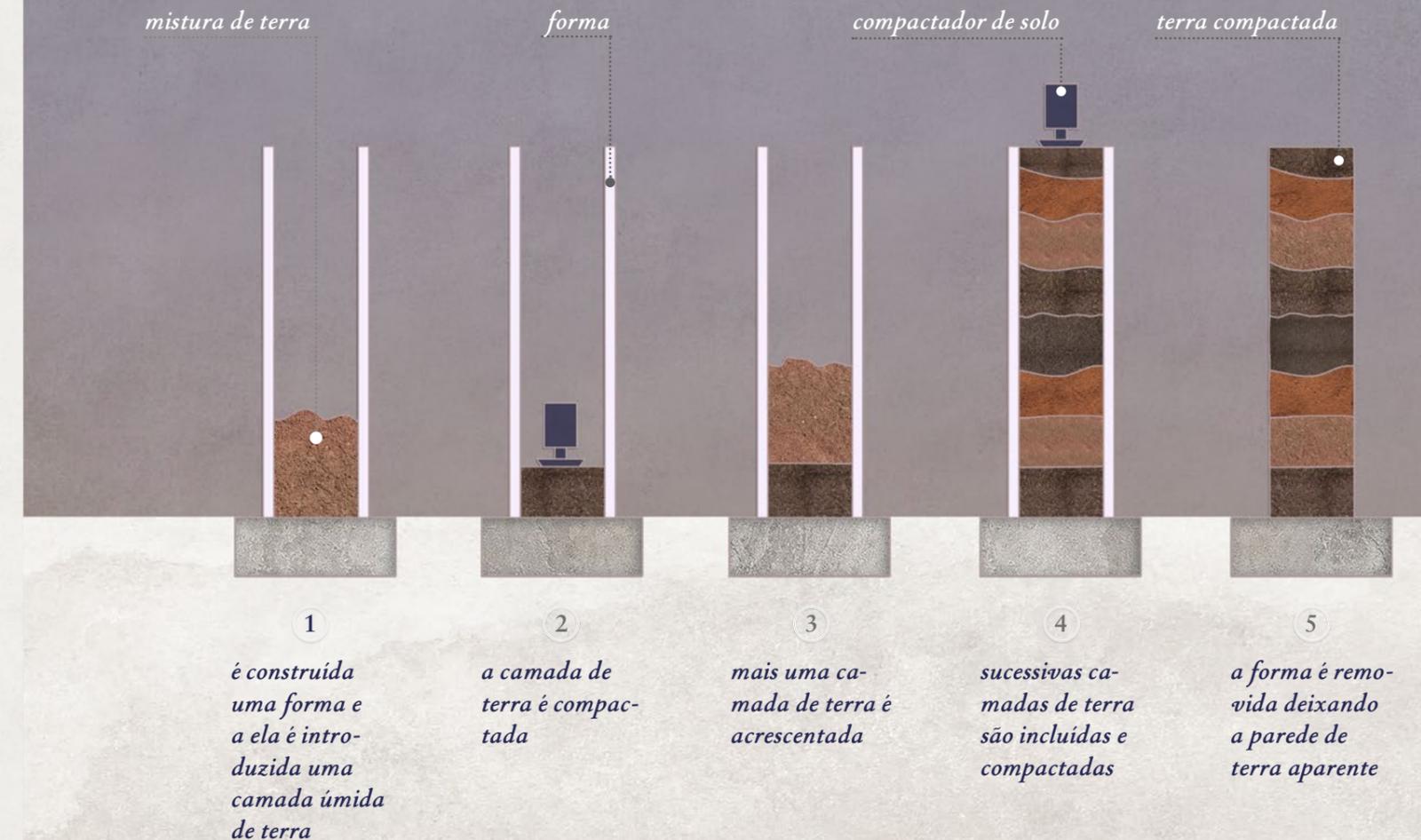
• *Museus* • *passado*

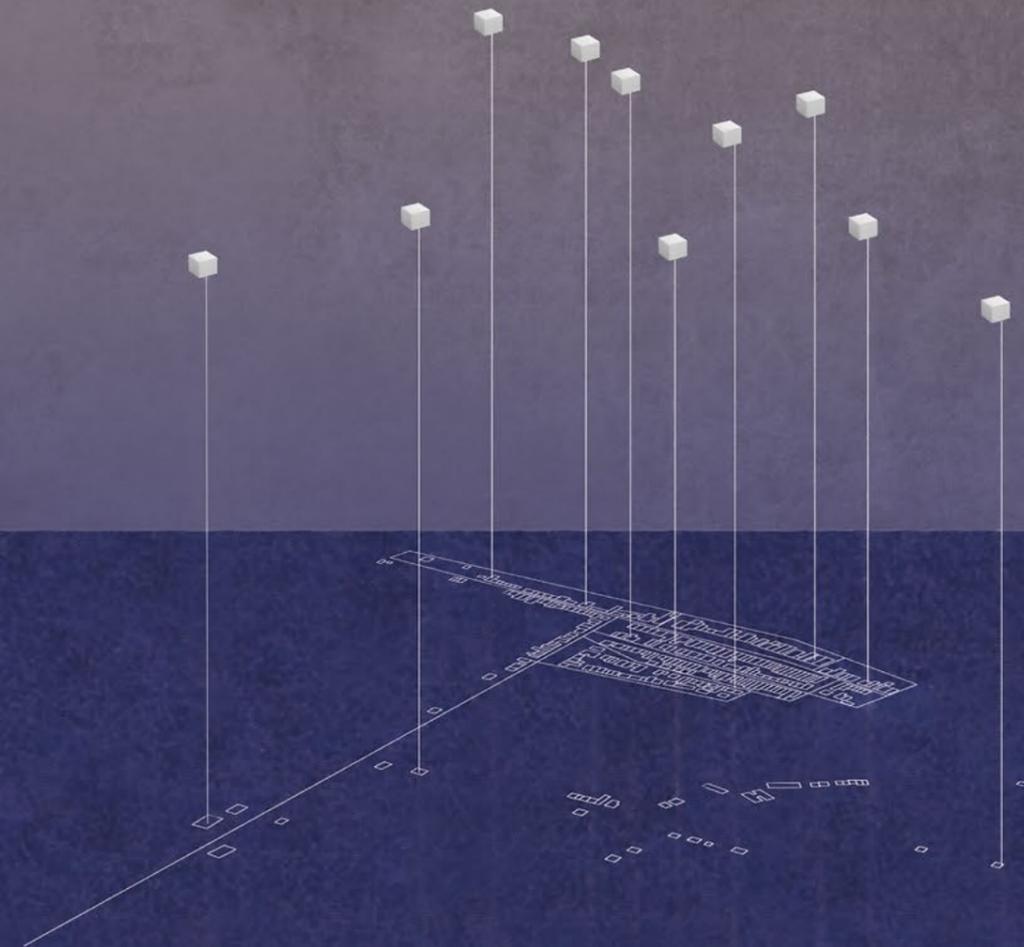
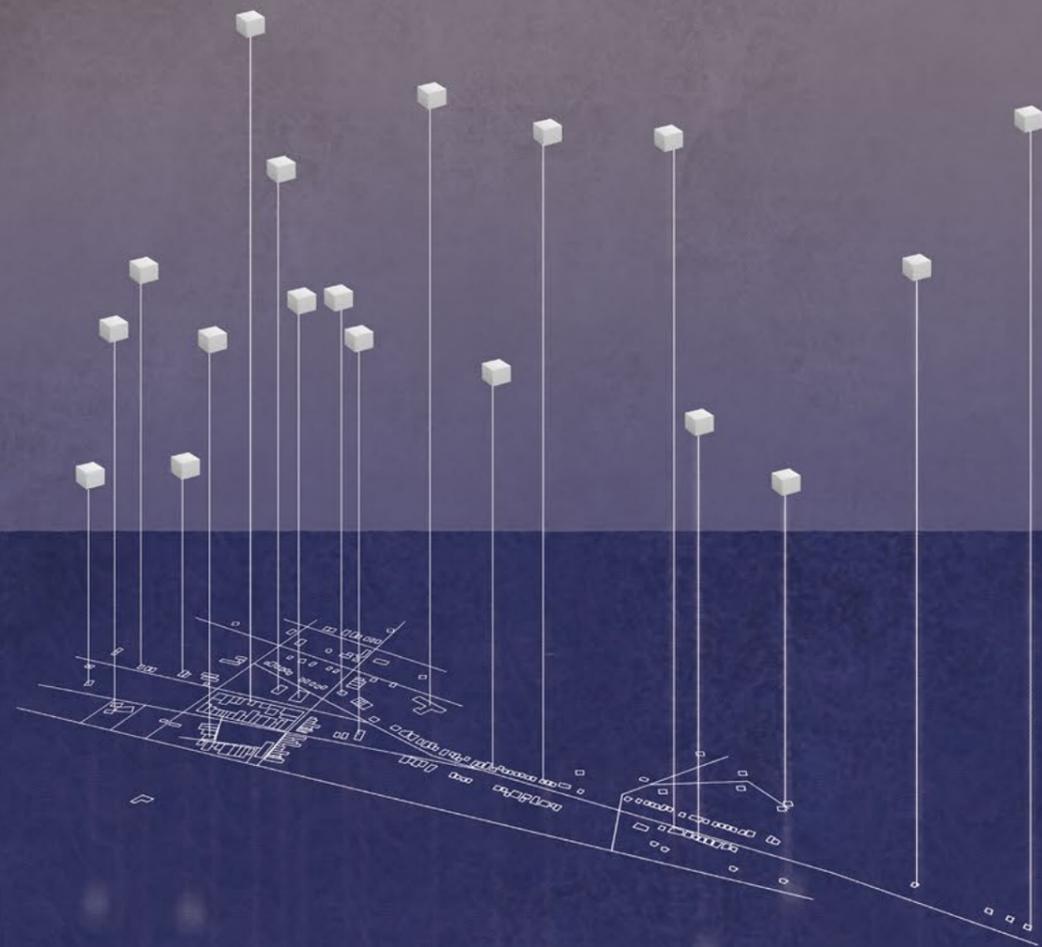
A linguagem fez-nos perceber, de forma inconfundível, como a memória [Gedächtnis] não é um instrumento, mas um meio, para a exploração do passado. É o meio através do qual chegamos ao vivido [das Erlebte], do mesmo modo que a terra é o meio no qual estão soterradas as cidades antigas. Quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem de se comportar como um homem que escava. Fundamental é que ele não receie regressar repetidas vezes à mesma matéria [Sachverhalt] – espalhá-la, tal como se espalha a terra, revolvê-la, tal como se revolve o solo [...] Mas igualmente imprescindível é saber enterrar a pá de forma cuidadosa e tateante no escuro reino da terra. E engana-se e priva-se do melhor quem se limitar a fazer o inventário dos achados e não for capaz de assinalar, no terreno do presente, o lugar exato em que guarda as coisas do passado. (BENJAMIN, 2015, p. 101)

No passado, logo antes da abertura das comportas da barragem de Itaparica, terras extensas foram enterradas, *sepultadas*, junto com memórias, lares e cidades inteiras. À vista disso, pode-se aferir - de acordo com Walter Benjamin - que o meio para se analisar os escombros dessas cidades é revirando e escavando essa terra, da mesma forma que, para investigar o

passado soterrado, é preciso revolver e sondar as memórias. Com base nesse processo arqueológico particular - prescrutando memórias e a *terra*, à procura de vestígios de um passado e de cidades ruínas - foi idealizada a construção dos *museus*. Aludindo às *terras* que foram perdidas, os museus, por sua vez, seriam construídos com a própria terra disponível na região - através do método construtivo vernacular denominado de taipa de pilão, que emprega a terra como matéria-prima. Os mesmos estariam localizados próximos às cidades novas, para que fosse possível assinalar, “no terreno do presente, o lugar exato em que guarda as coisas do passado”. Ou seja, para que a população hoje, nesse momento, pudesse ter acesso a sua história e suas raízes. O projeto busca reiterar e recuperar, simbolicamente, o significado da *terra* para a população, *desenterrando-a* do solo, *descobrimdo-a*, deixando-a à mostra: *suspensa* - de forma a *desenterrar* também, quem sabe, *memórias*. Os museus seriam conformados, assim, por blocos de taipa empilhados e associados entre si. Tais blocos fariam uma analogia aos edifícios das cidades antigas que, quando refletidos na água, remeteriam à *sobrevivência*, à presença das cidades alagadas, no fundo do Velho Chico.

taipa





◦ Vertentes ◦ referências projetuais

Compartilhando o Metabolismo: Uma Política Especulativa para Manhattan por MAIO

Logo no início do século XX, cidades como Nova York estavam cheias de apartamentos com cozinhas coletivas, refeitórios, quartos compartilhados e muito mais. Nesse período, tanto a moradia quanto a vida coletiva eram entendidas como ferramentas para a transformação social. Embora muitas das nuances e complexidades desses edifícios tenham se perdido ao longo do século XX, suas bases permanecem até o presente como um ponto de referência para propostas domésticas inovadoras.

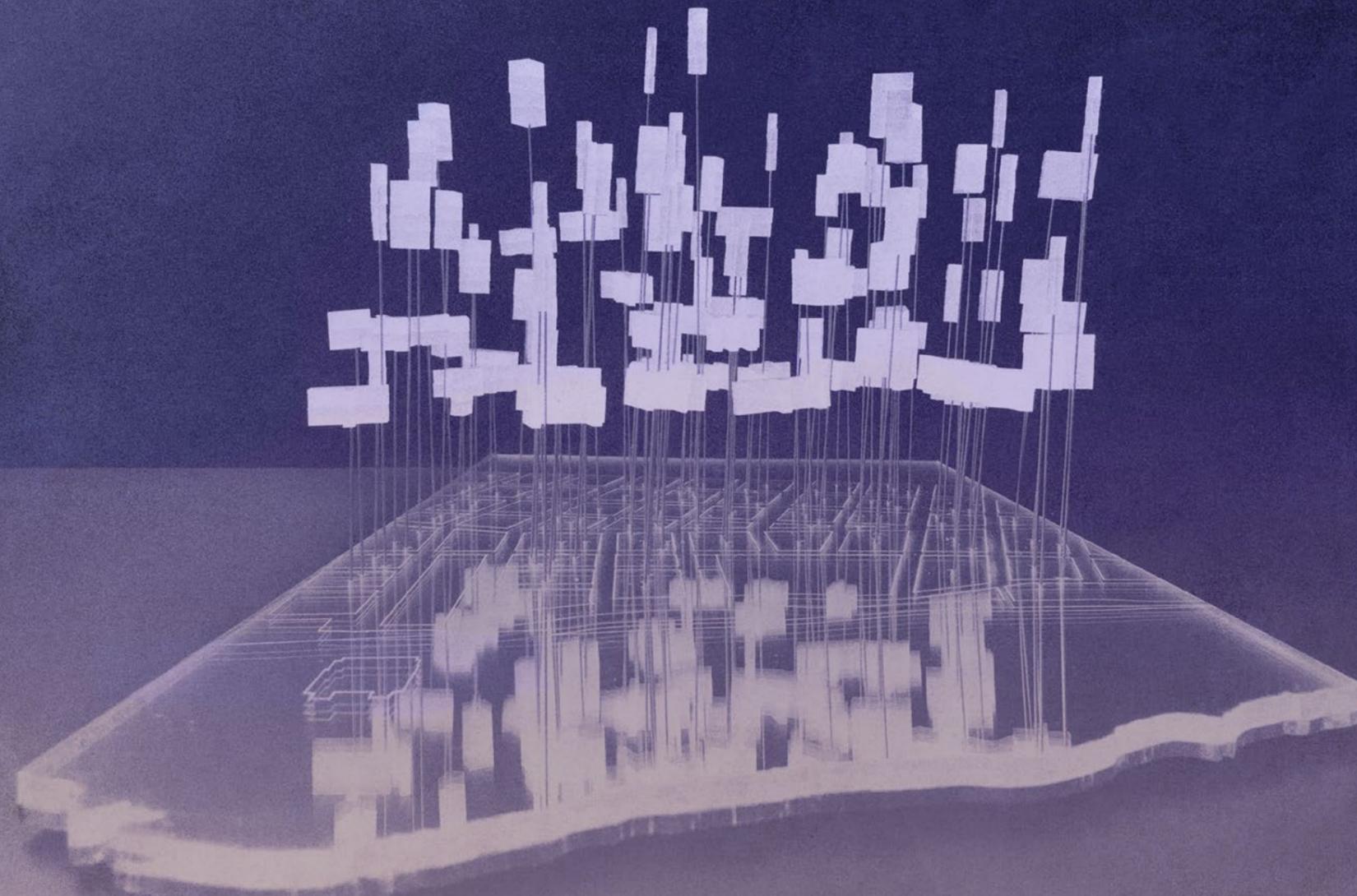
A política sugerida pelo escritório MAIO (um escritório de arquitetura, com sede em Barcelona), denominada de *Compartilhamento do Metabolismo*, visa incentivar o uso coletivo de espaços residuais, que se encontram em desuso ou que são subutilizados. Com essa nova política em Nova York, haveria a reelaboração das diretrizes iniciais que moldaram e permitiram o desenvolvimento do tecido urbano. Uma vez que a Resolução de Zoneamento de 1916 foi capaz de delinear o crescimento do ambiente construído e o perfil da cidade de Nova York, a política proposta, de *Compartilhamento do Metabolismo*, visaria moldar a forma como tais espaços, já consolidados, são compartilhados e dialogam com a sua comunidade próxima.

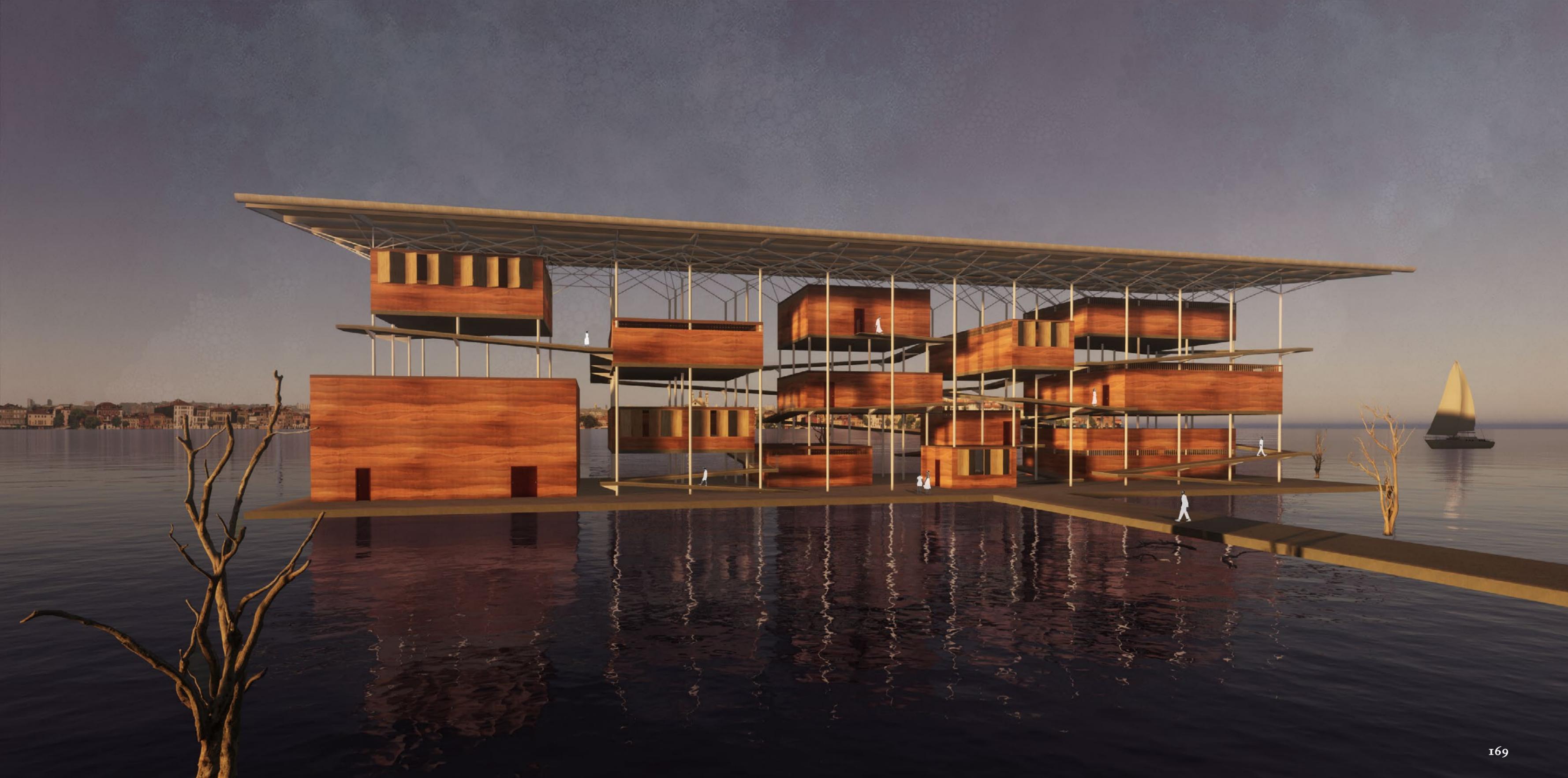
Existe um conjunto de regras que governam esses espaços ditos metabólicos, visto que se adaptam e absorvem as mudanças externas. Em suma, os espaços privados não utilizados, de propriedade coletiva (como telhados, pátios, vielas e salas de serviço vazias), são espaços potenciais a serem ocupados pela política do *Metabolismo Compartilhado*. Cada espaço pode ser

usado para mais de uma finalidade e os usos, por sua vez, podem ser diversos, mas devem ser temporários a fim de permitir a mudança e a adaptabilidade ao longo do tempo. A intenção do *Metabolismo Compartilhado* é que ele tenha impacto em toda a comunidade.

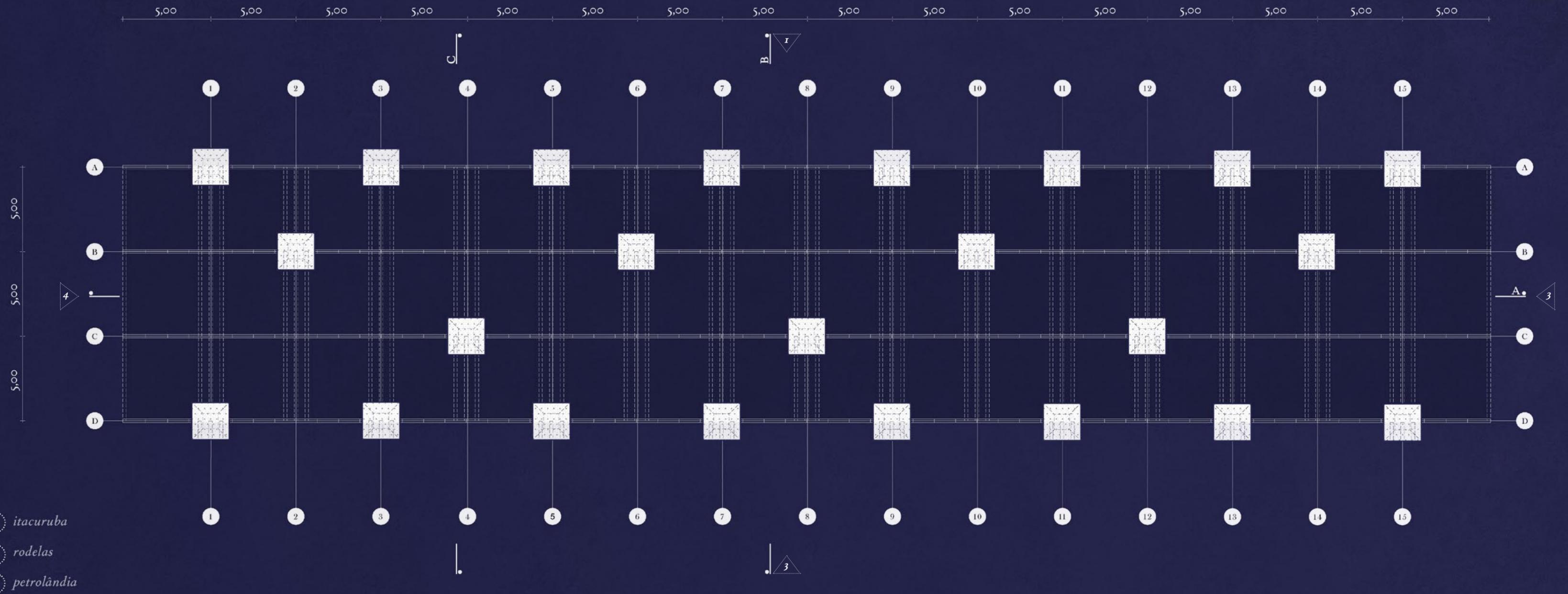
Quanto aos elementos de tal *Política Especulativa* que foram utilizados para o projeto dos museus, o que se destacou, inicialmente, foi a composição formal e imagética que a concepção física, da maquete elaborada pelo escritório (imagem ao lado), evoca. A figura remete, à primeira vista, à visibilidade de fragmentos (cubos) em duas camadas: tanto através da **suspensão** desses elementos, *destacando-os*, quanto através do **reflexo** desses cubos sobre a superfície em que se encontram. Essa ideia, transmitida a partir da observação da imagem ao lado, expressou formalmente a necessidade de se pensar em camadas a representação do **passado** e do **presente** das cidades naufragadas (rememoradas através dos museus): a camada da suspensão (**tornar o passado visível**) e a do reflexo (**mostrar onde esse passado está, no presente**).

Além disso, tal como a *Política* proposta, o museu também busca colocar em evidência espaços residuais das cidades - no caso, as *terras* das antigas cidades são consideradas residuais, visto que foram “jogadas fora” ou jogadas “pro fundo”: *destruídas e afogadas*. Dessa forma, busca-se ressignificar, metaforicamente, esses espaços, através das noções de partilha e congregação. O museu, assim, conformaria ambientes em que o coletivo, a comunidade (após *metabolizar* seu passado) pudesse reinventar-se.

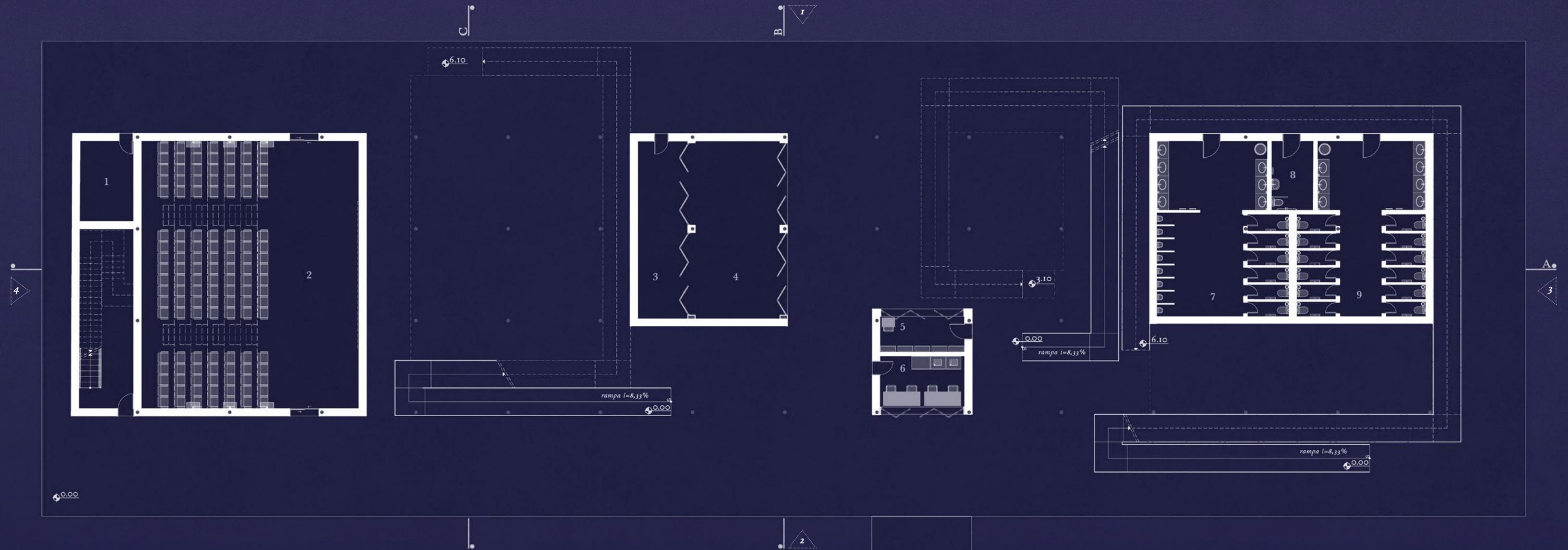




fundação



térreo

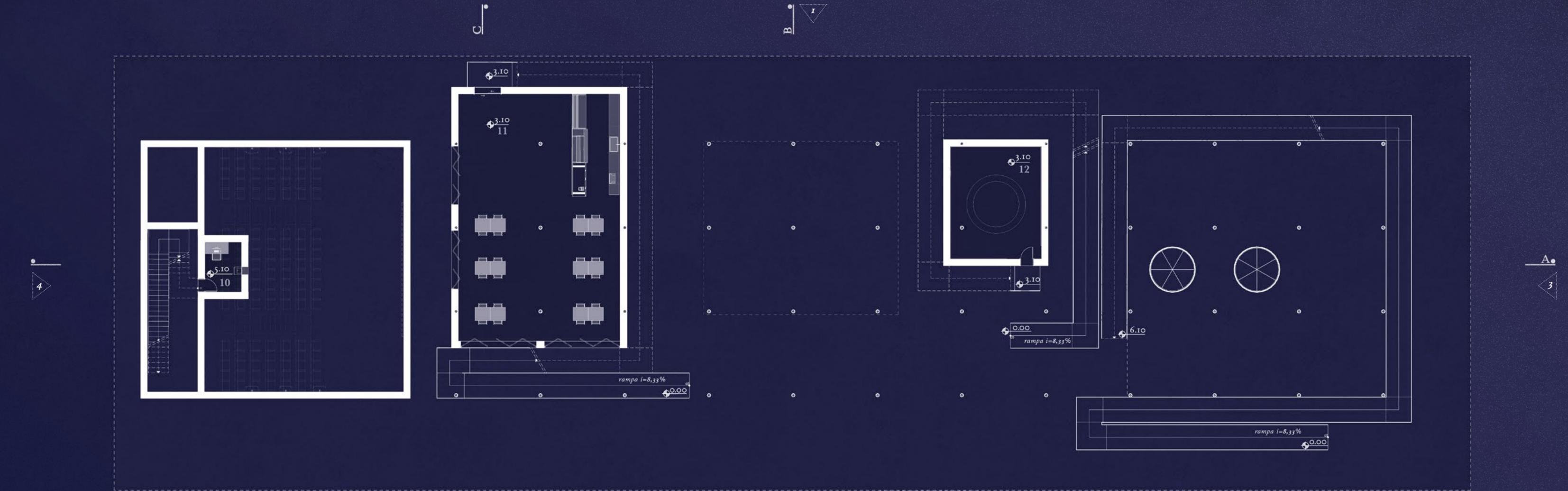


- itacuruba
- rodela
- petrolândia



1 - depósito I A= 12,9 m ²	4 - depósito II A= 44,8 m ²	7 - wc masculino A= 63,6 m ²
2 - cinema A= 172,2 m ²	5 - guarda-volume A= 8,8 m ²	8 - wc pcd A= 63,6 m ²
3 - área técnica A= 26,3 m ²	6 - recepção A= 12,8 m ²	9 - wc feminino A= 62,2 m ²

primeiro pavimento

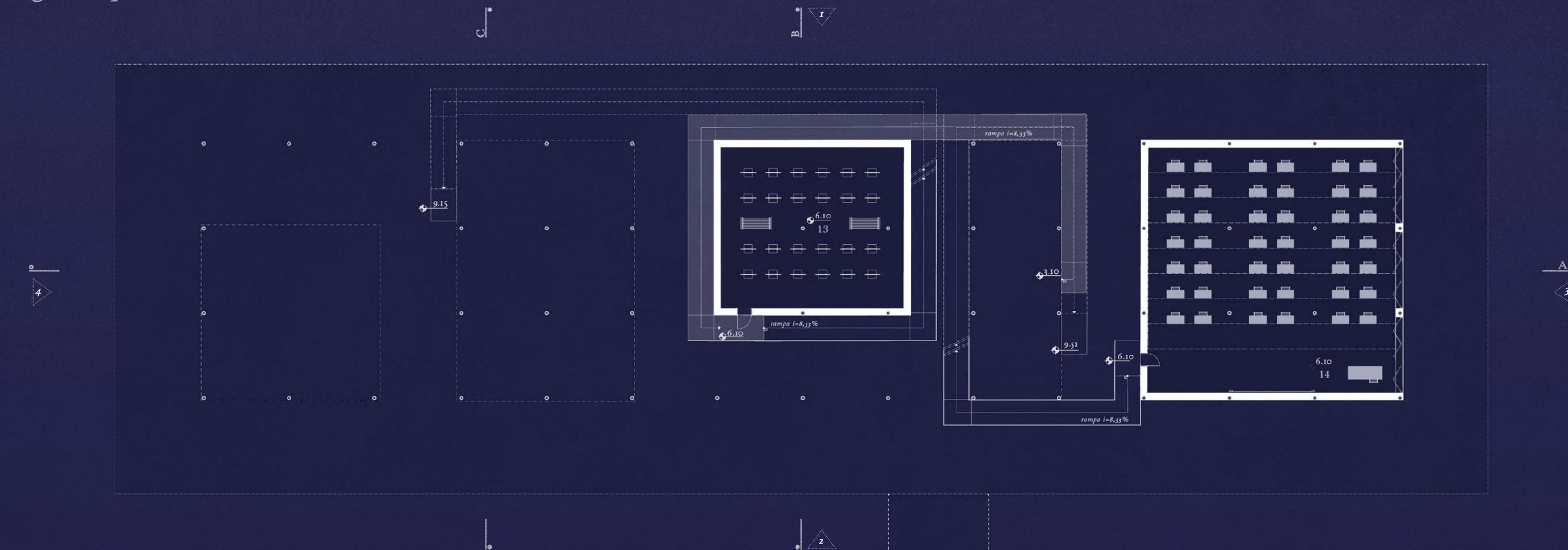


- itacuruba
- rodela
- petrolândia



- 10** - sala de projeção
A= 6,5 m²
- 11** - cafeteria
A= 141,1 m²
- 12** - museu 1
A= 36 m²

segundo pavimento



- itacuruba
- rodela
- petrolândia



13 - museu II
A = 101 m²

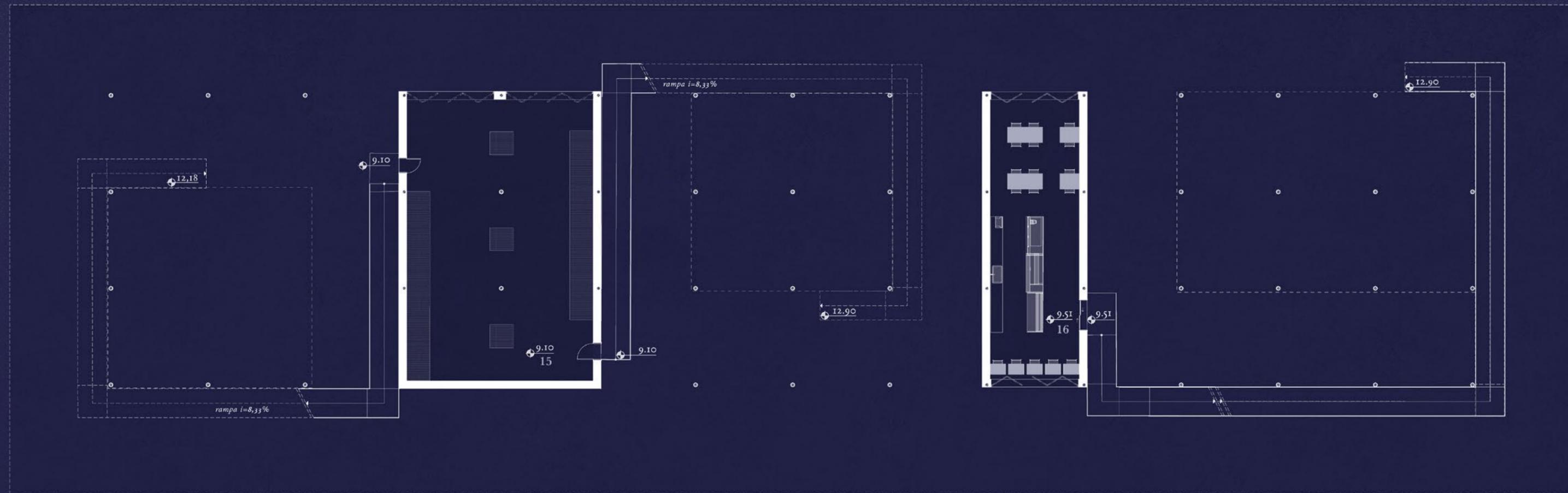
14 - sala de aula
A = 211 m²

terceiro pavimento

C

B

4



A

1

2

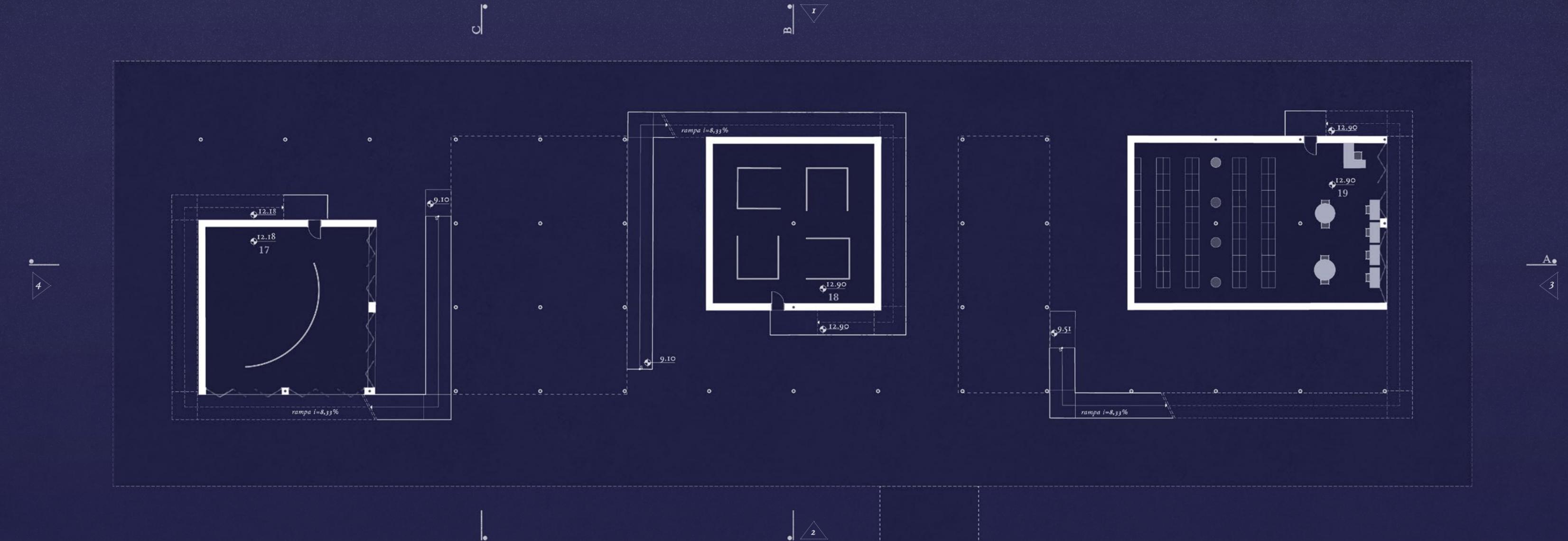
- / itacuruba
- / rodela
- / petrolândia



15 - museu III
A= 140 m²

16 - cafeteria II
A= 67,2 m²

quarto pavimento



- itacuruba
- rodela
- petrolândia



- 17** - museu iv
A=92,7 m²
- 18** - museu v
A= 91 m²
- 19** - biblioteca
A= 138,8 m²

cobertura

0°

B 0°

$i=15\%$

0°

A₀

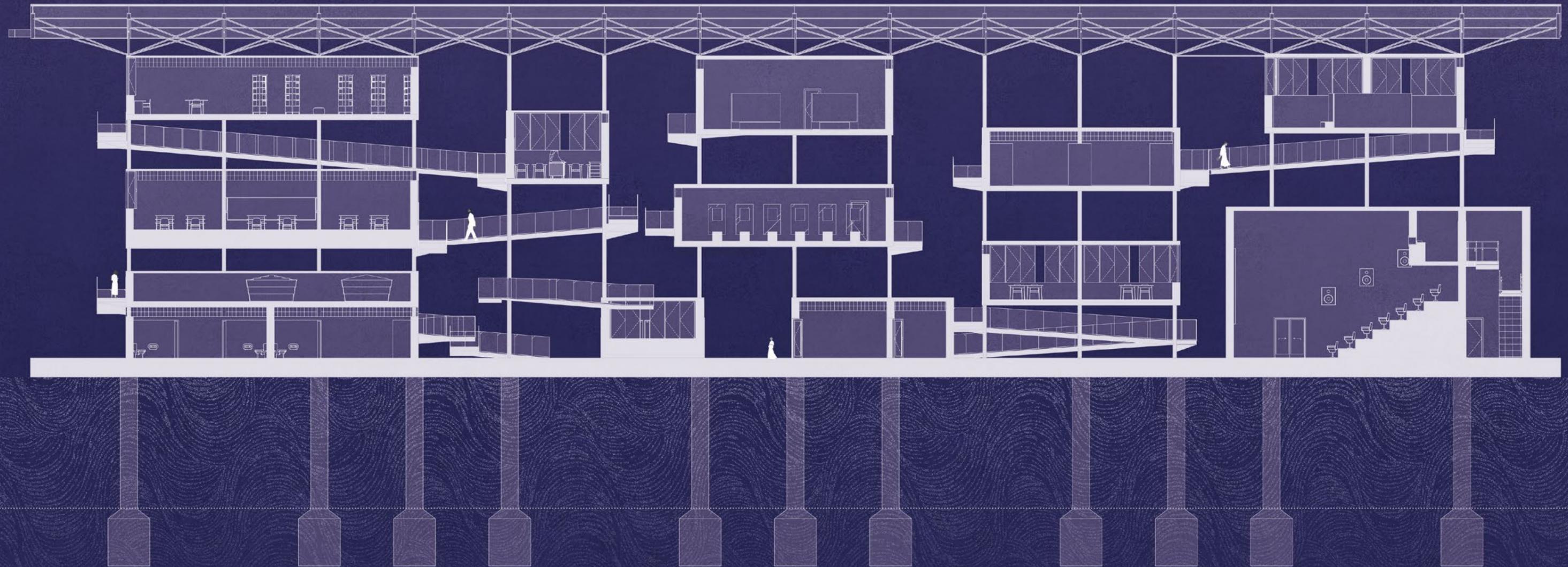
 itacuruba

 rodela

 petrolândia

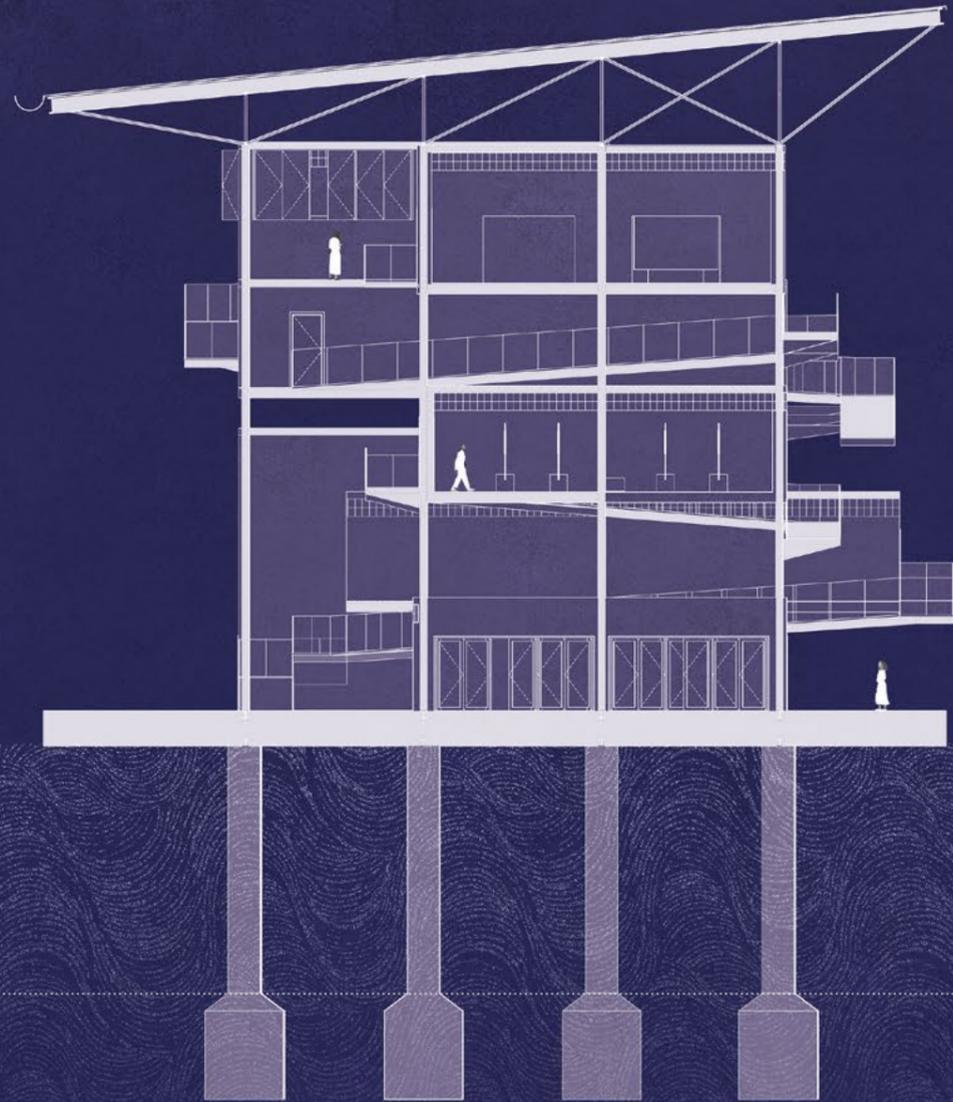
0 1 5 10

corte AA



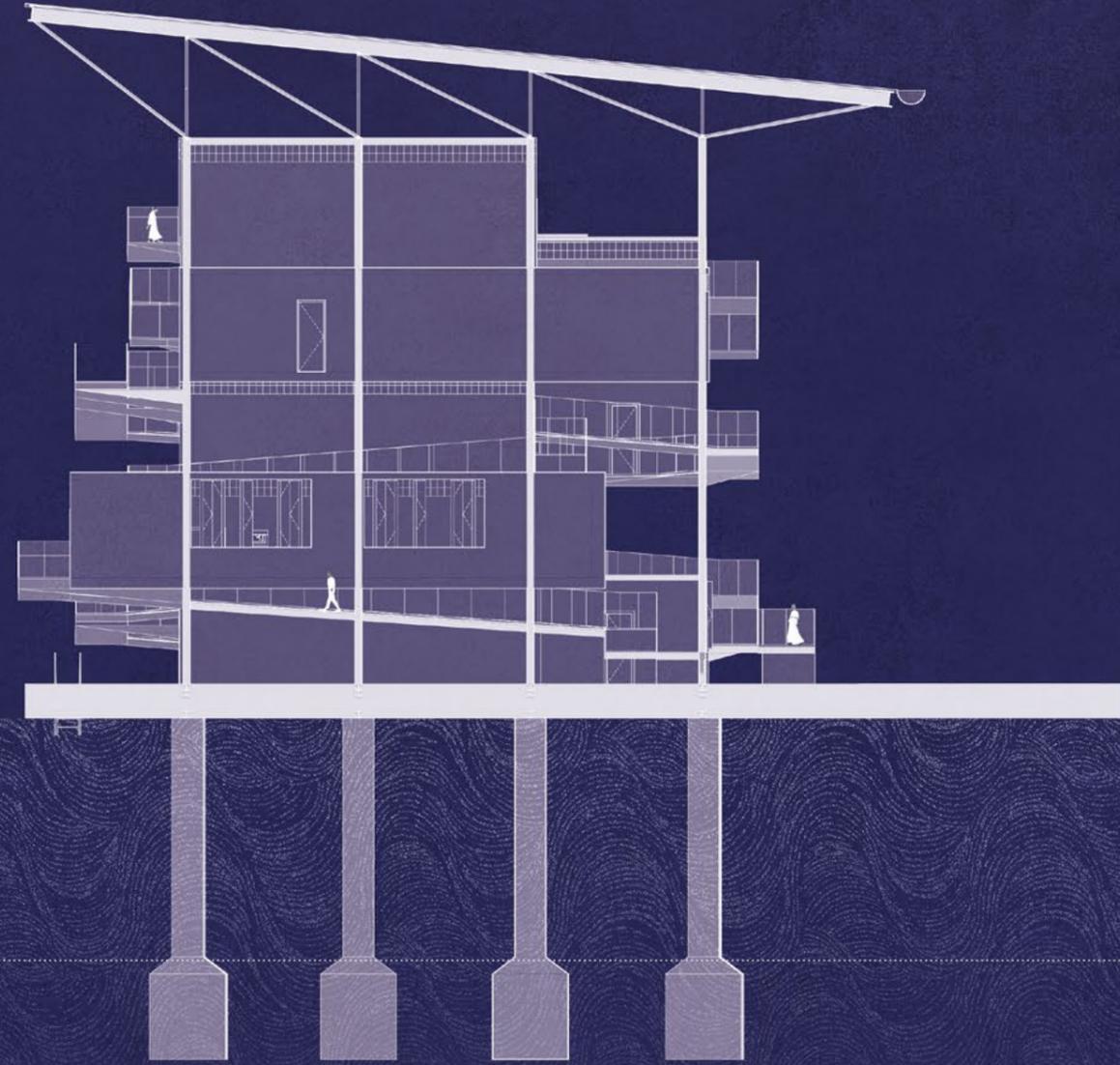
0 1 5 10

corte BB



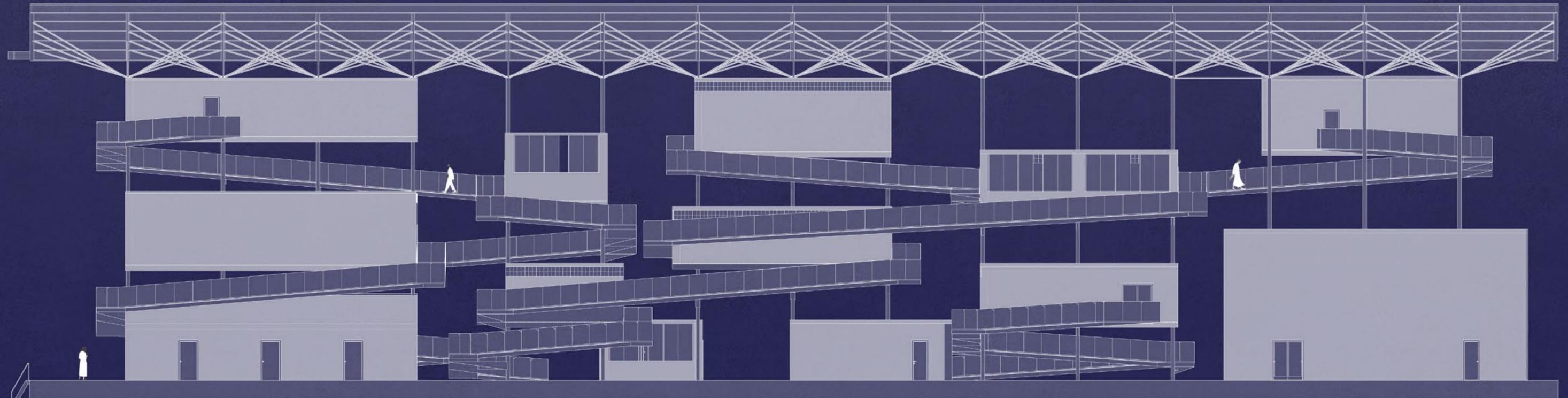
0 1 5 10

corte CC



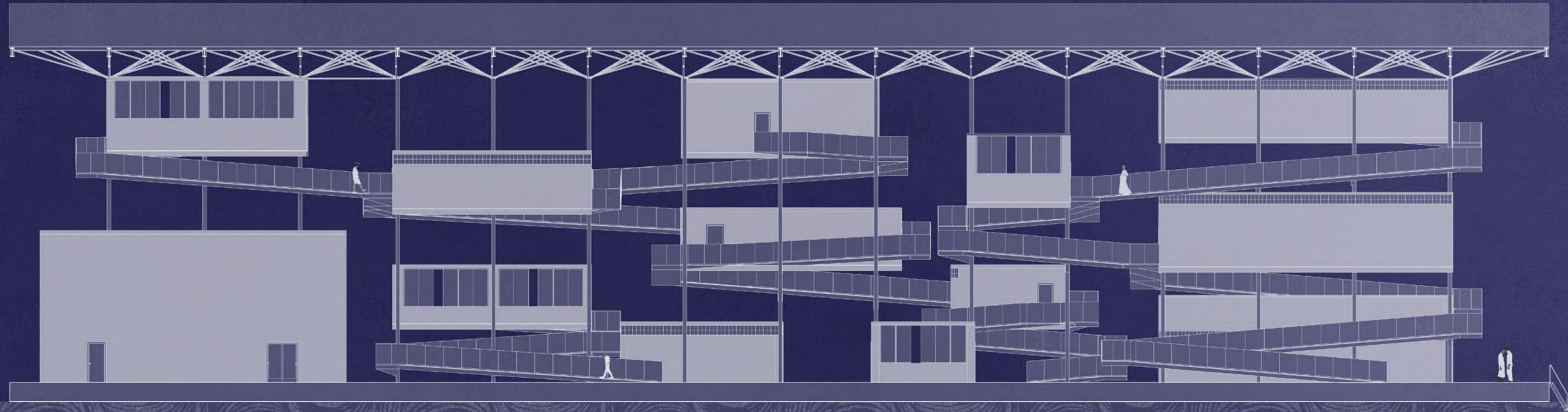
0 1 5 10

elevação 1



0 1 5 10

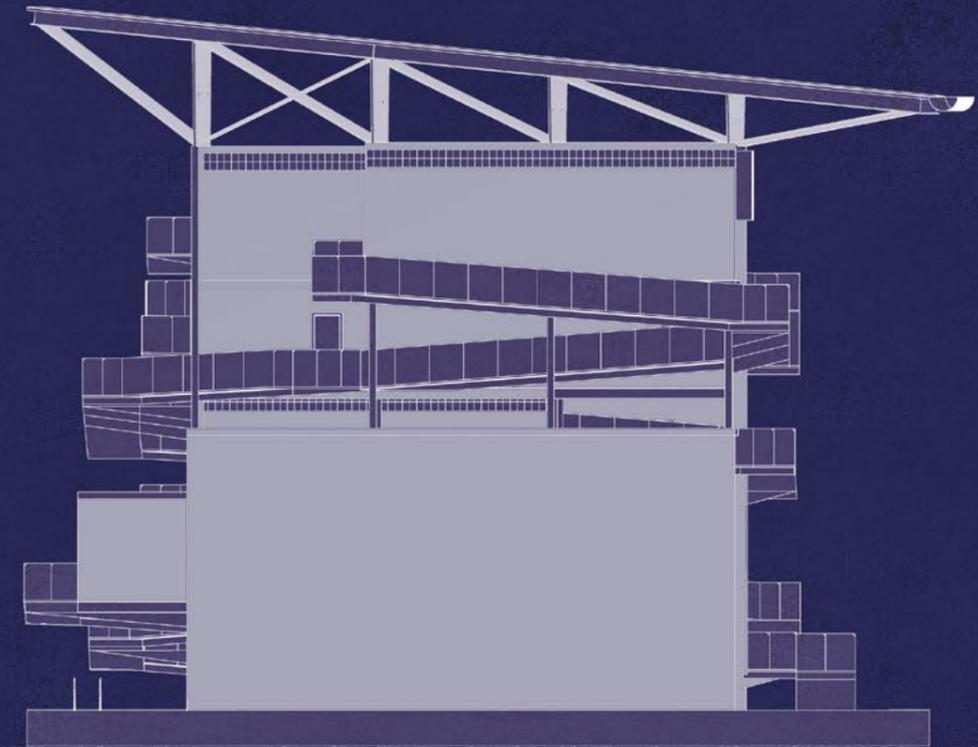
elevação II



elevação III



elevação IV

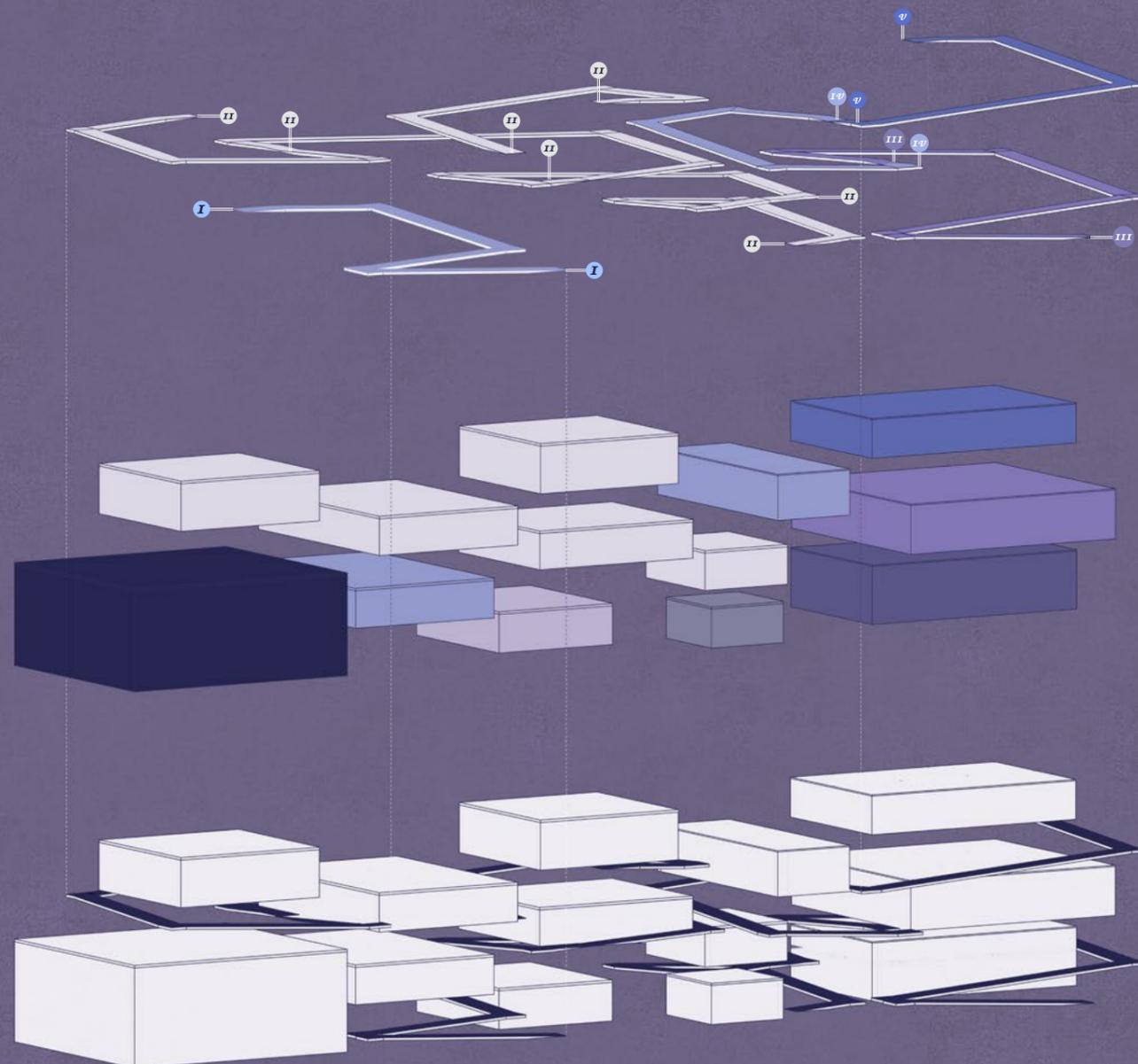


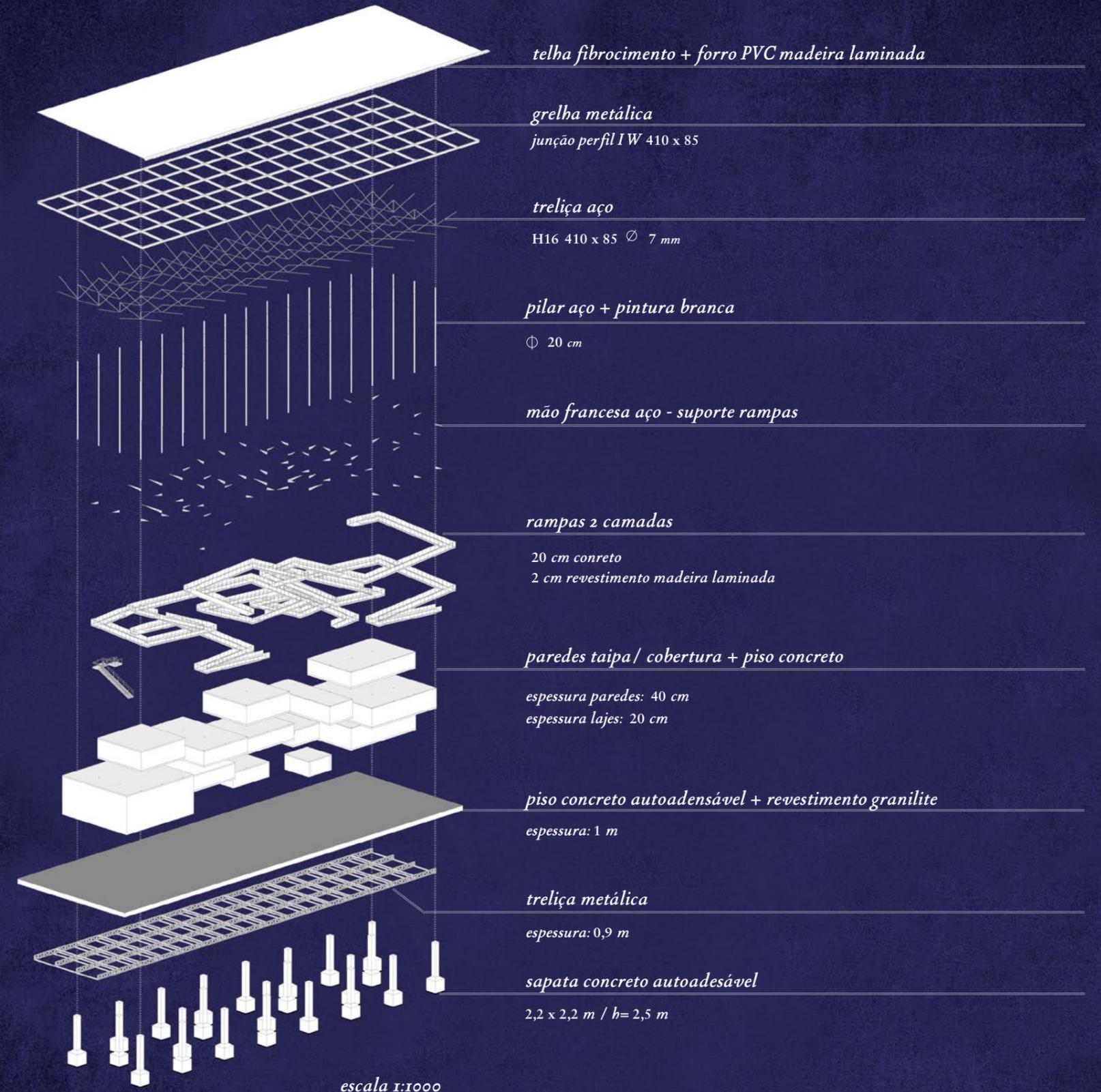
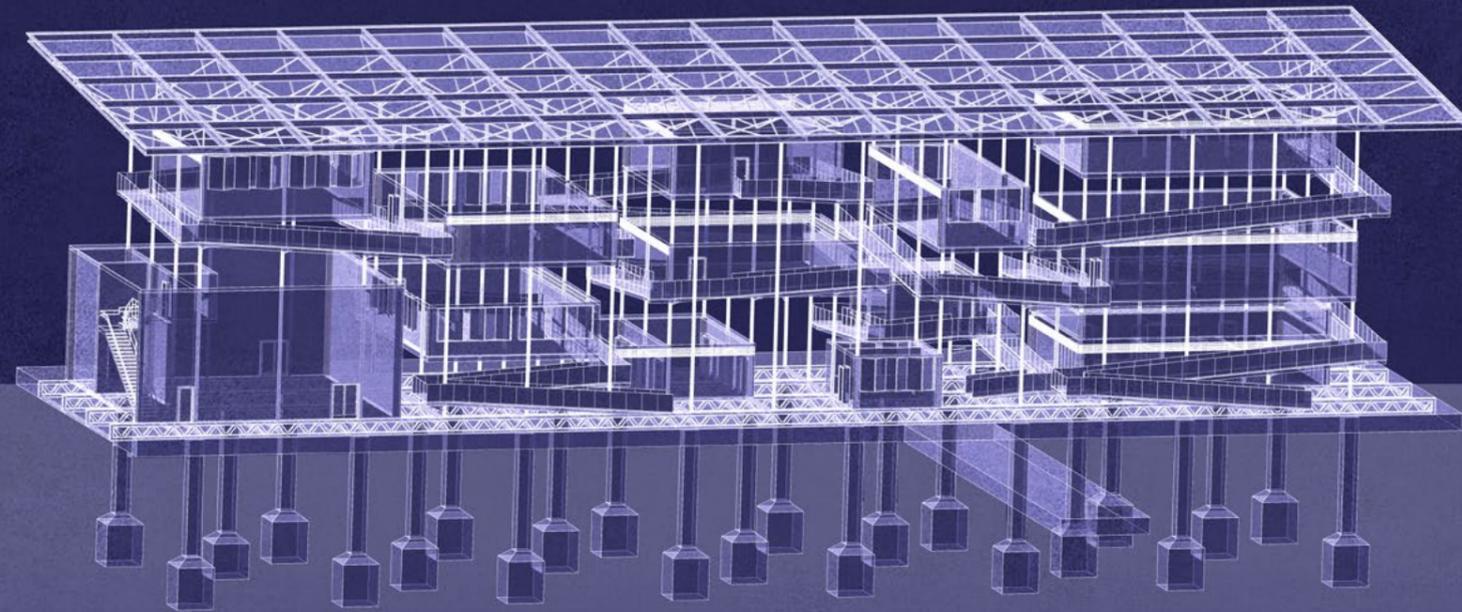
funções / fluxos

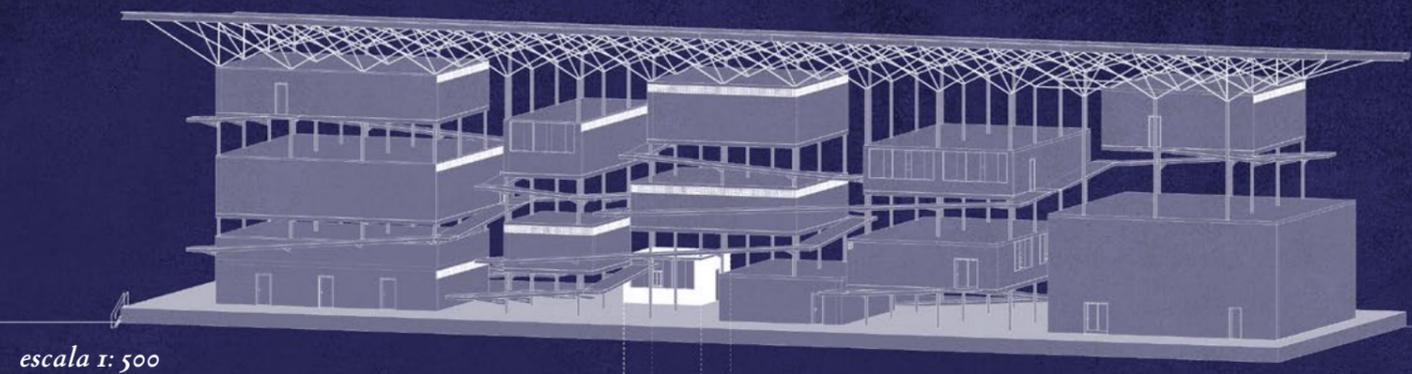


- museu I, II, III, IV, V
- cinema
- café I e II
- área técnica
- recepção / guarda-volumes
- banheiros
- sala de aula
- biblioteca

- circuito I**
chão - café I
- circuito II**
chão - museu I
museu I - museu II
museu II - museu III
museu III - museu IV
museu III - museu V
- circuito III**
chão - sala de aula
- circuito IV**
sala de aula - café II
- circuito V**
café II - biblioteca







escala 1: 500

detalhe I
escala 1: 500



laje em concreto + pintura cor adobe

verga em concreto

esquadria em madeira sanfonada

contra-verga em concreto

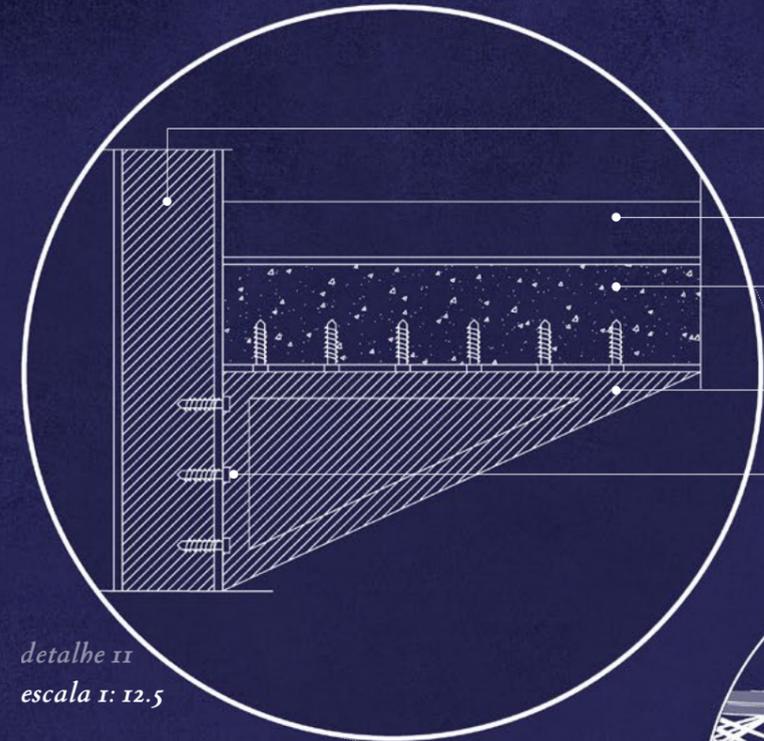
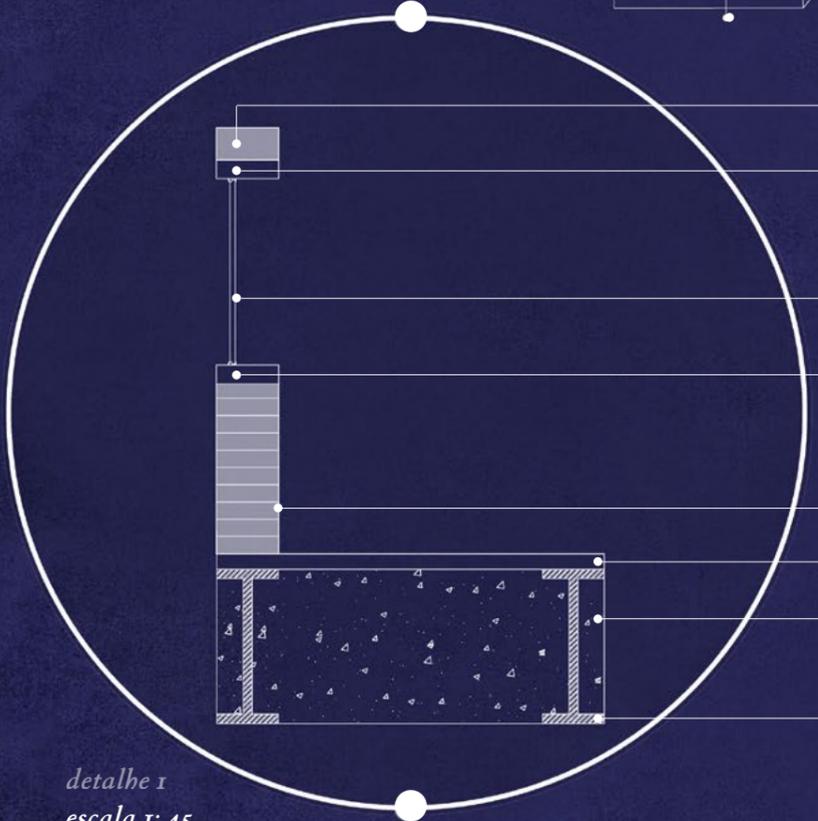
parede taipa

revestimento granilite

piso concreto autoadensável

grelha metálica - perfil I

detalhe I
escala 1: 45



detalhe II
escala 1: 12,5

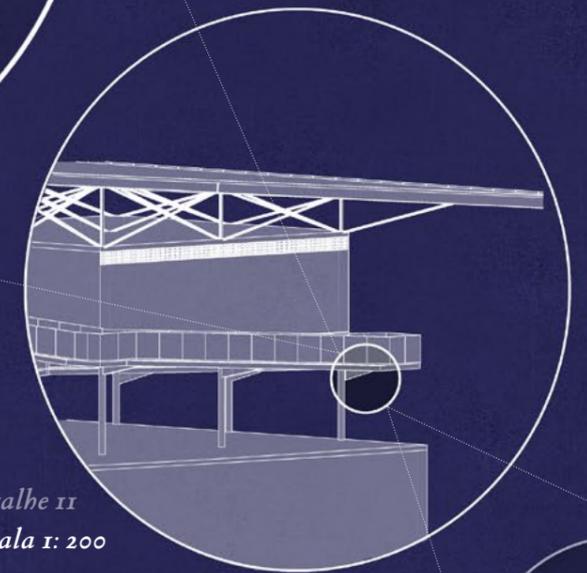
pilar aço \varnothing 20 cm

revestimento rampa madeira

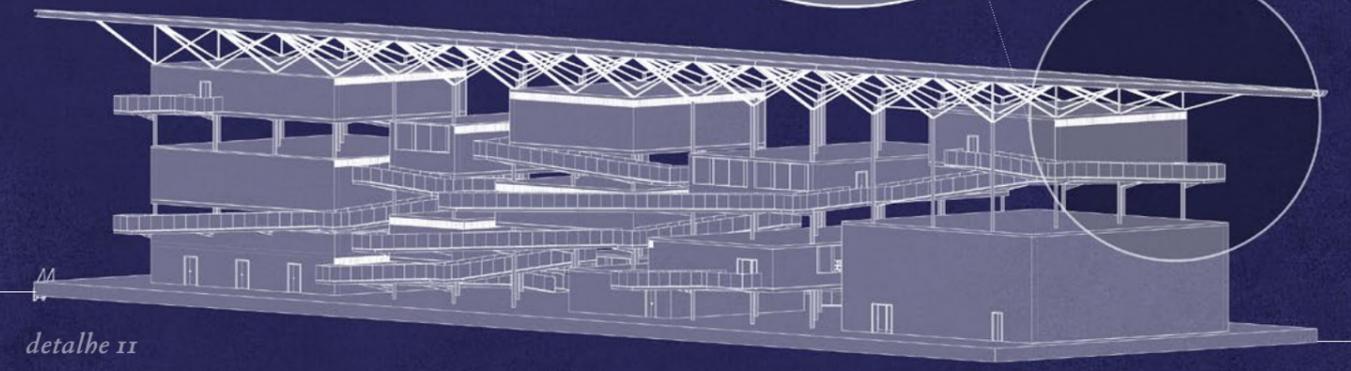
laje rampa concreto

mão francesa aço

parafuso allen m4



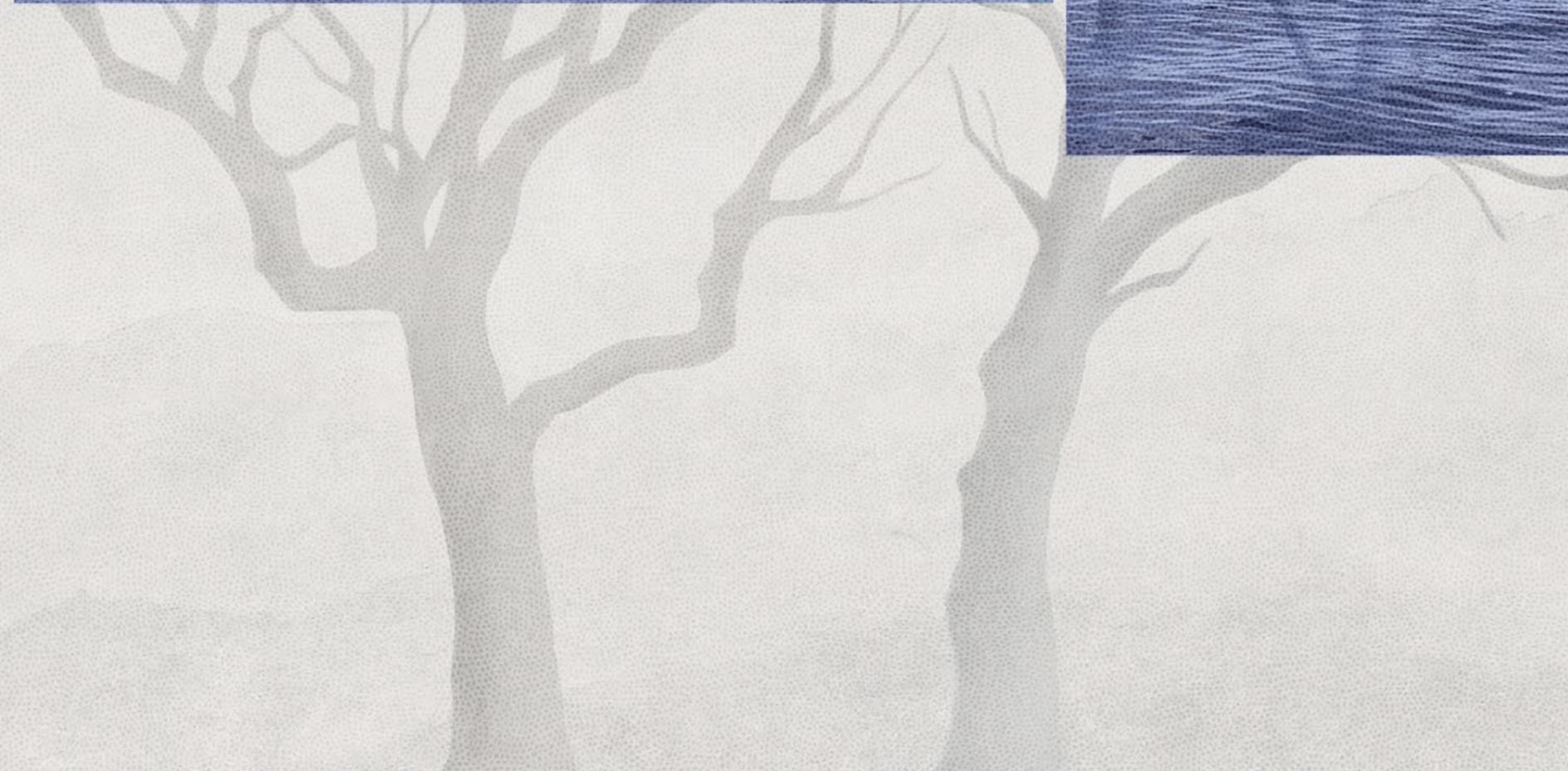
detalhe II
escala 1: 200



detalhe II
escala 1: 400







Topos de árvores nas proximidades da Igreja Sagrado Coração de Jesus - antiga Barreiras. Árvores subterrâneas: desenho autora / fonte foto: autora



Árvores: desenho autora

◦ *Mirantes* ◦ *presente*

Conseqüentemente, o desenrolar atual deve ser uma repetição (Wiederholung), como o é aquele que o engendrou e aquele que dele nascerá, e assim sucessivamente, em direção ao futuro - como em direção ao passado! Tudo já aconteceu inúmeras vezes no sentido em que a situação geral de todas as forças retorna (Wiederkehrt) sempre. (NIETZSCHE, p. 598, 2001)

Partindo do pressuposto de que o tempo é infinito e a força, finita (comportando-se, assim, de forma indefinidamente idêntica e permanentemente ativa) (ALMEIDA, 2003), pode-se supor que toda sucessão ou arranjo possível já ocorreu, ao menos uma vez, até o instante presente. Dentro desse raciocínio, o que existe é um tipo de repetição; repetição essa que, paradoxalmente, está em constante transmutação e renovação.

Ao dissolver o caráter linear do tempo - a fim de repensar as barreiras existentes entre o passado, o presente e o futuro - é possível vislumbrar o seu caráter fluido, cíclico, constante e infindo. Dentro dessa perspectiva não-linear, repetitiva, circular e integral que o tempo presente pode imprimir, foram idealizados os mirantes.

A sua composição espiralada foi inspirada na forma de um solenoide (ou bobina longa): um fio condutor que conforma um conjunto de espiras alinhadas a um mesmo eixo, espaçadas igualmente.

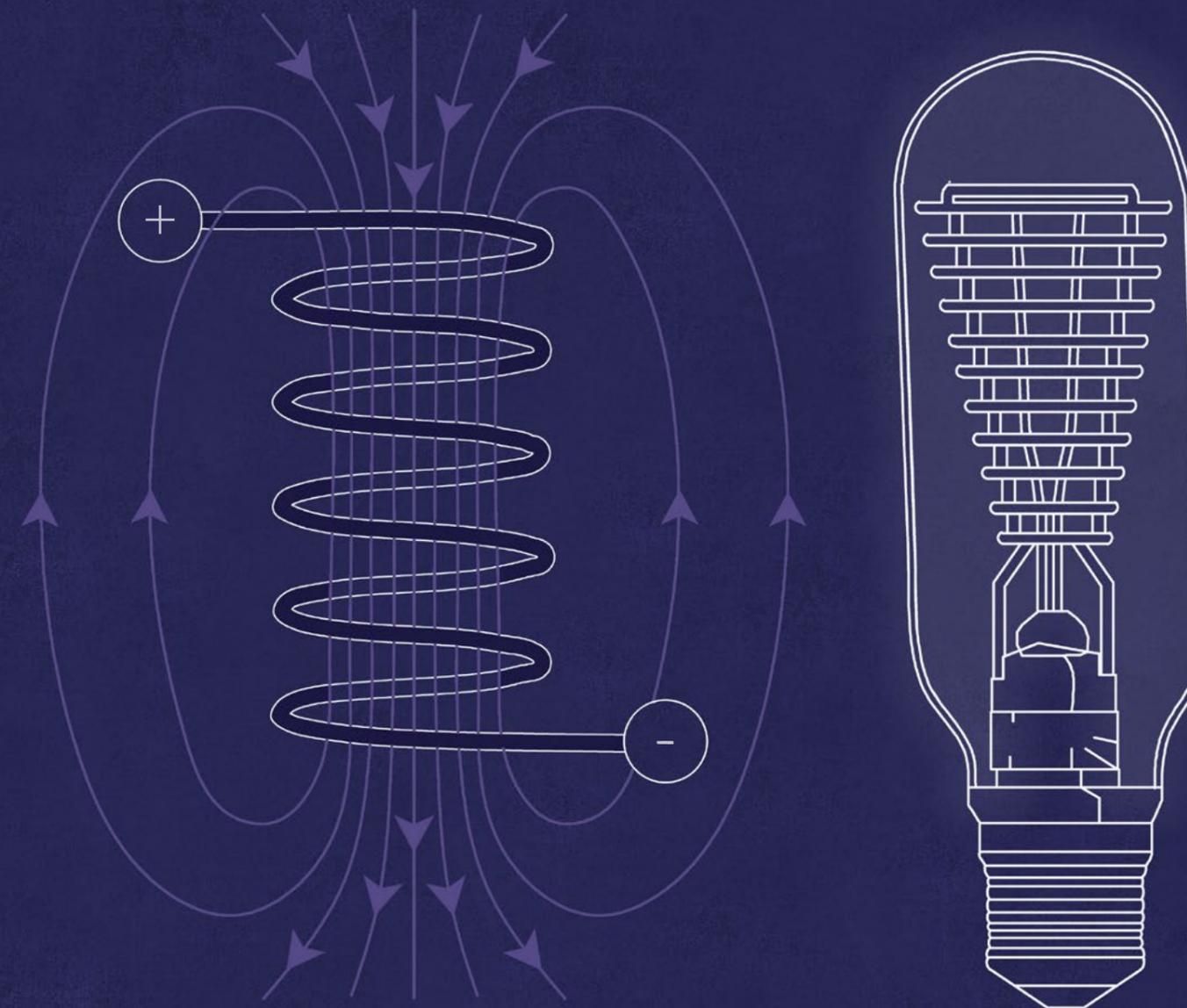
Quando um solenoide é submetido a uma corrente elétrica, ele gera um campo magnético externo e interno, cujas linhas são paralelas ao seu eixo. Uma vez que, supostamente, um ímã é movimentado dentro

de um solenoide, ocorre a variação do fluxo do campo magnético do solenoide. Essa variação do fluxo magnético é responsável pela produção de uma *corrente elétrica induzida* que é capaz, por sua vez, de acender uma lâmpada; exemplificando, assim, o procedimento de *indução de corrente elétrica* (no caso, a partir da criação de uma corrente elétrica alternada).

Em suma, a criação de corrente elétrica através de campos magnéticos é denominada de *indução eletromagnética* e a corrente produzida a partir desse processo é alcunhada de *corrente induzida*. **A indução é o sistema por trás do funcionamento de geradores e motores** como, por exemplo, **o gerador da usina hidroelétrica de Itaparica**.

Representando esteticamente um dos fundamentos para a geração de energia no mundo contemporâneo, o projeto seria sustentado, metaforicamente, por dois elementos principais: as **árvores** (sendo suas *extremidades* recorrentes na bacia de Itaparica, visto que são as árvores de outrora que, hoje, encontram-se parcialmente alagadas) e os **cabos** (muito prevalentes na paisagem que é circundada por fios elétricos, aqui, remetendo à e simbolizando a eletricidade memorial - capaz de manter de pé as "*árvores genealógicas*" da população, assim como fortificar as suas raízes).

Os mirantes, assim, convidam a população a ascender pelo presente, por essa bobina metafórica capaz de *acender* memórias, sobrevivências e novas perspectivas. O projeto estaria localizado no ponto onde costumavam estar as antigas cidades, a fim de que o mesmo local possa ser visto e ressignificado afetivamente no presente - mesmo que imbuído da paisagem do passado.



Campo magnético dentro de um solenoide

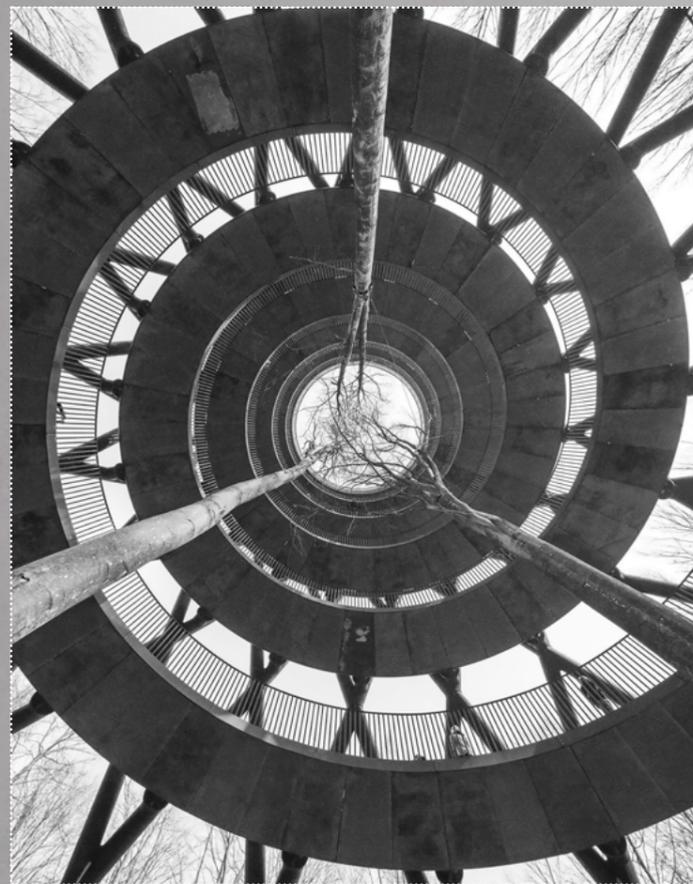
Tubo para produção de múltiplos comprimentos de onda de George Lakhovsky, patente 2.351.055.



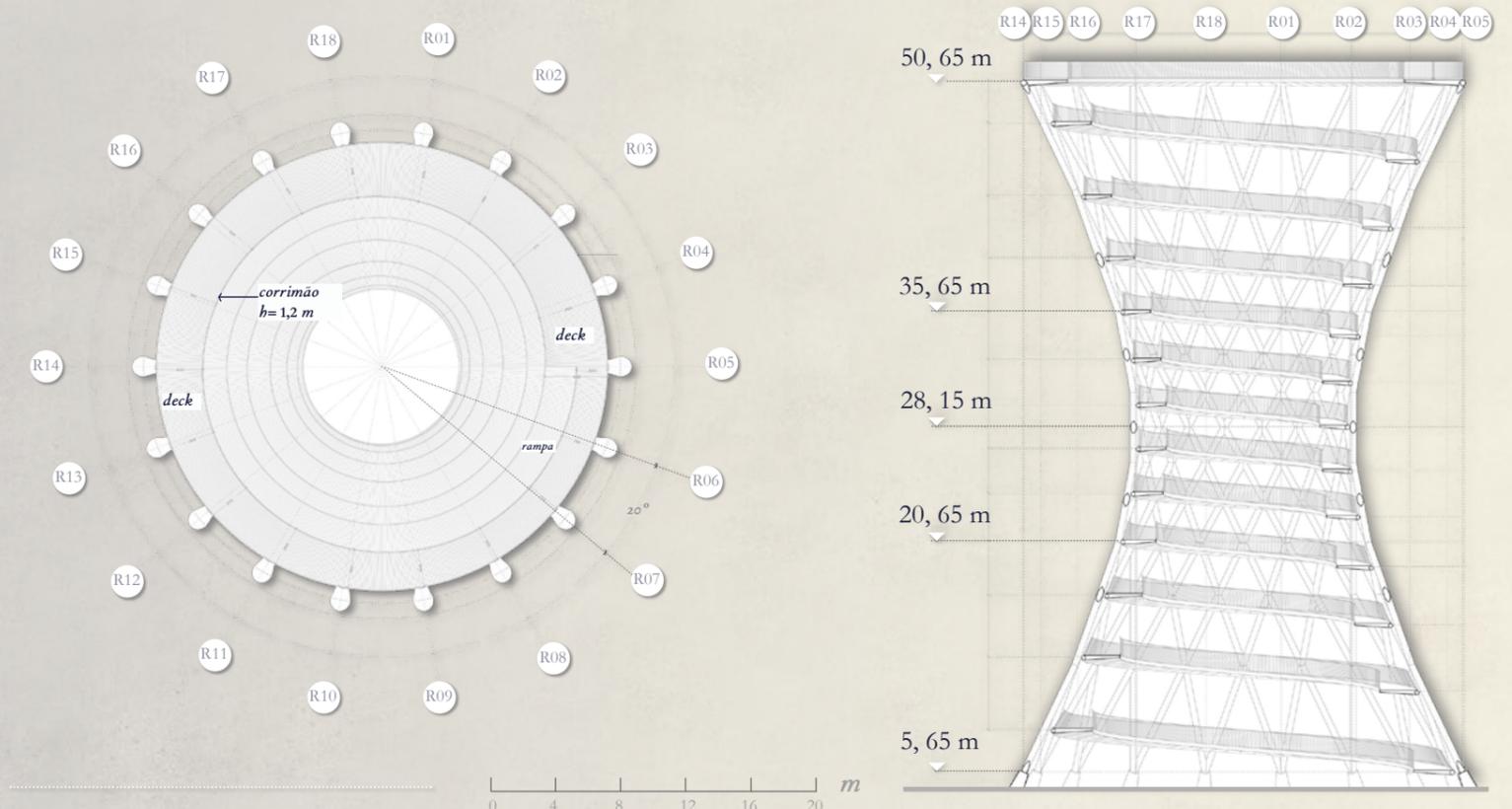


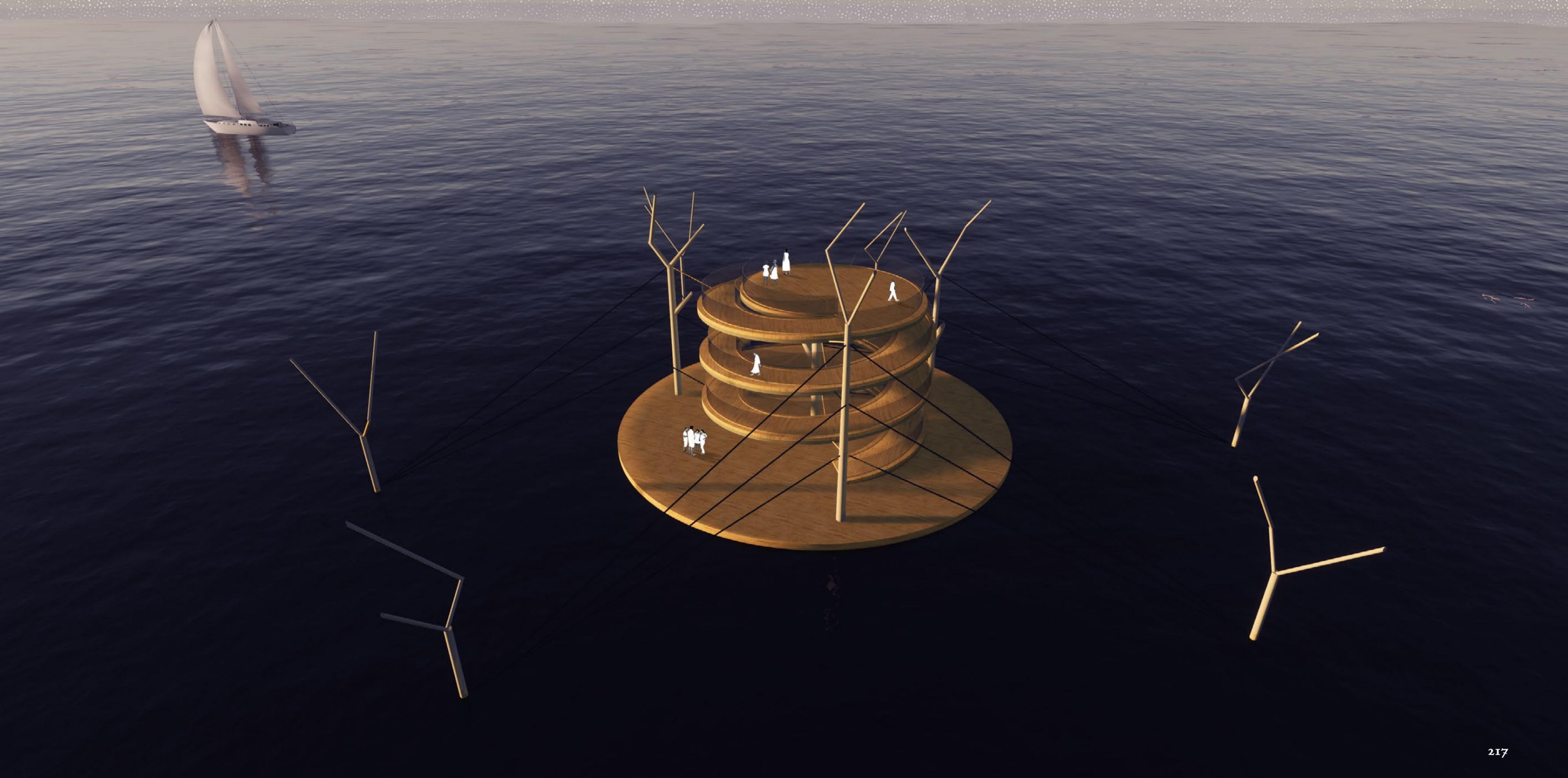
◦ *Vertentes* ◦
referências projetuais

A Torre de Observação (*Forest Tower*) do *Camp Adventure Park* é composta por um calçadão de 900 metros que ascende a 45 metros de altura do solo. Concebida pelo escritório EFFEKT, o mirante foi construído na floresta preservada, *Gissfeld Klosters Skove*, a uma hora ao sul de Copenhague, na Dinamarca. O projeto do mirante teve como referência projetual a Torre de Observação mencionada no que tange à forma (espiralada) e ao material da passarela (madeira).



fonte das 5 imagens (2 pags.): < archdaily.com.br > / adaptado pela autora





plantas

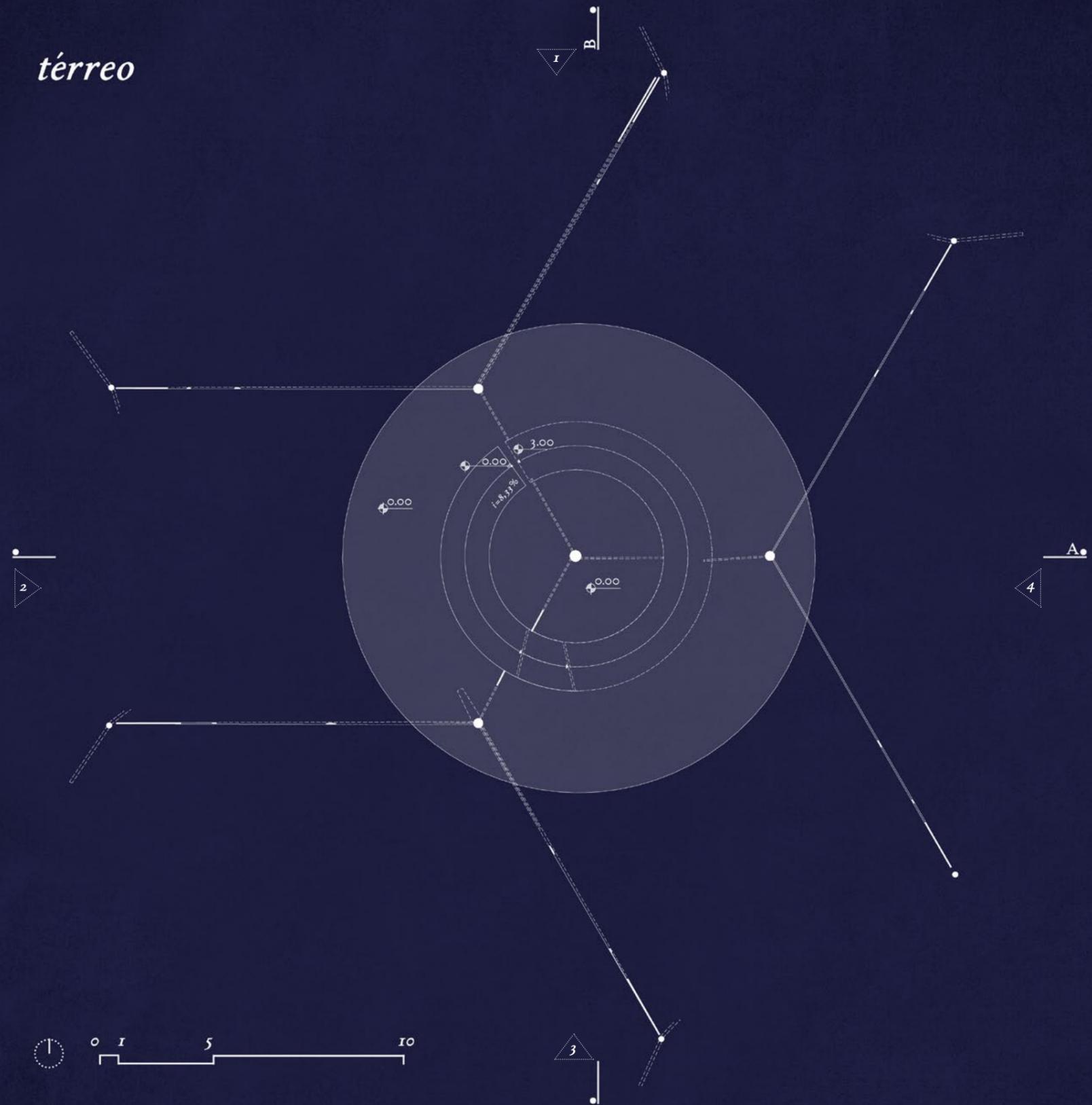
Neurônio

fonte: friesland-kliniken.de / adaptado pela autora

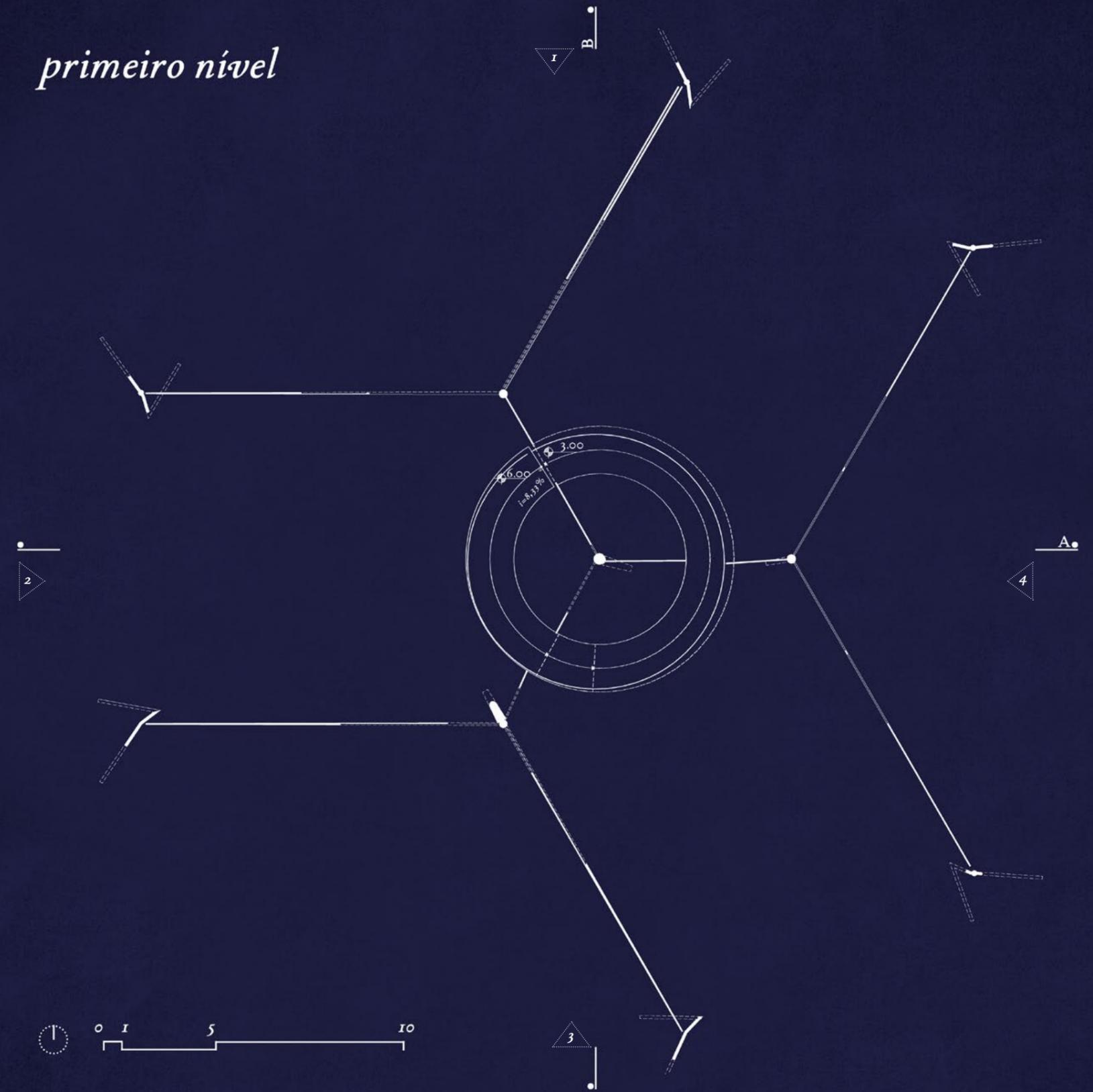
fundação



térreo



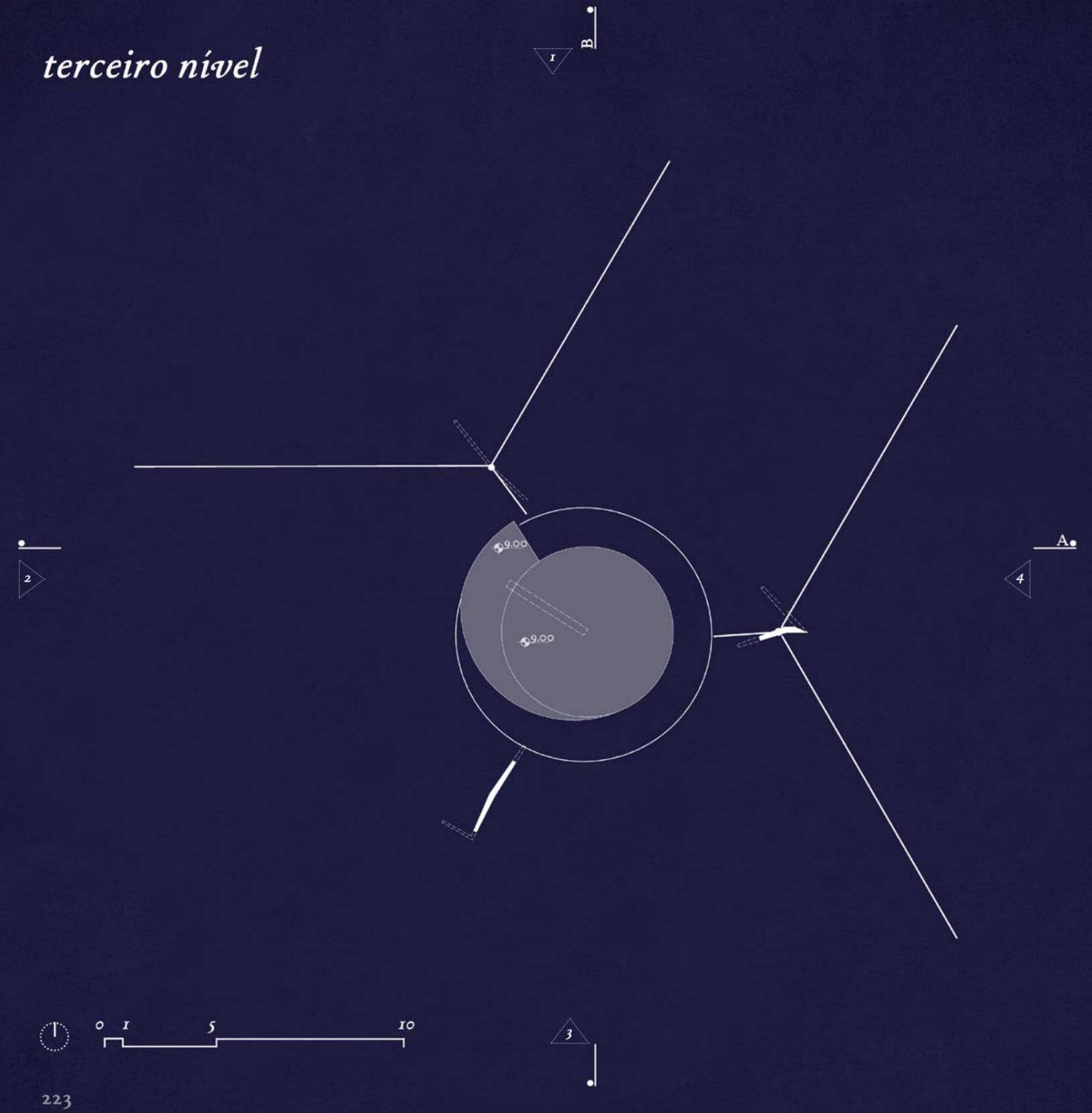
primeiro nível



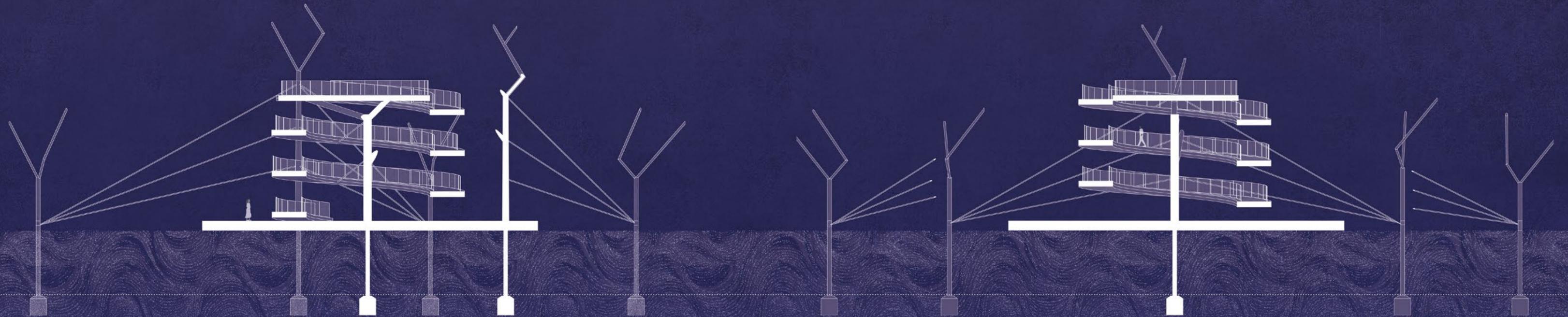
segundo nível



terceiro nível



cortes AA e BB



0 1 5 10

0 1 5 10

elevação I

elevação II



0 1 5 10

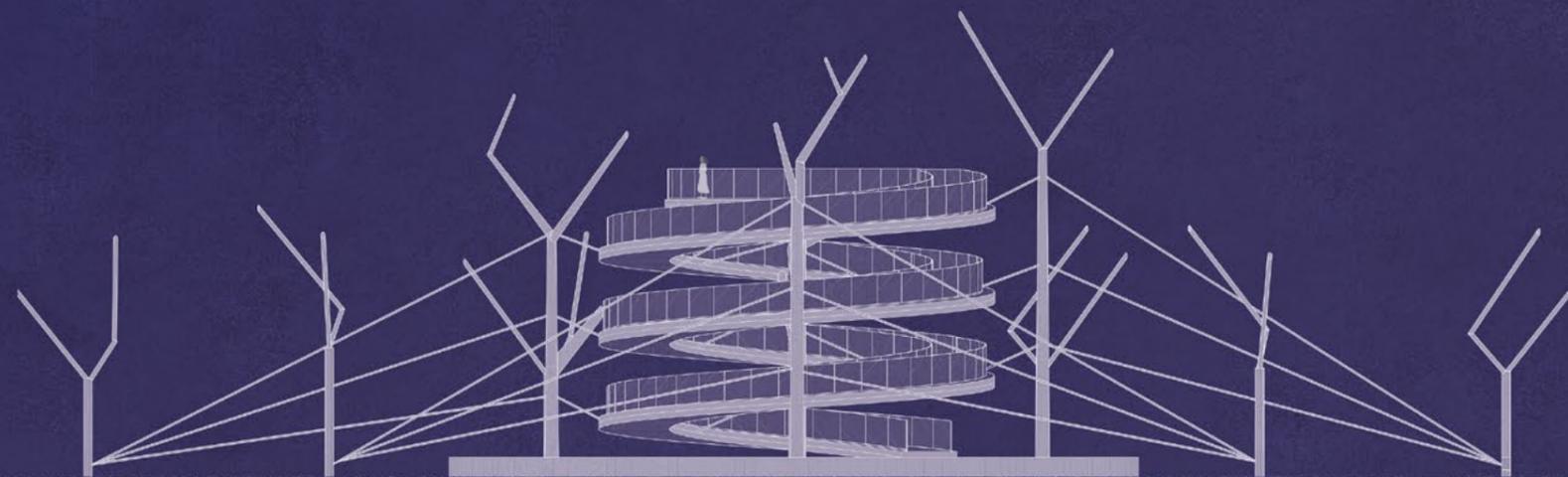
0 1 5 10

elevação III



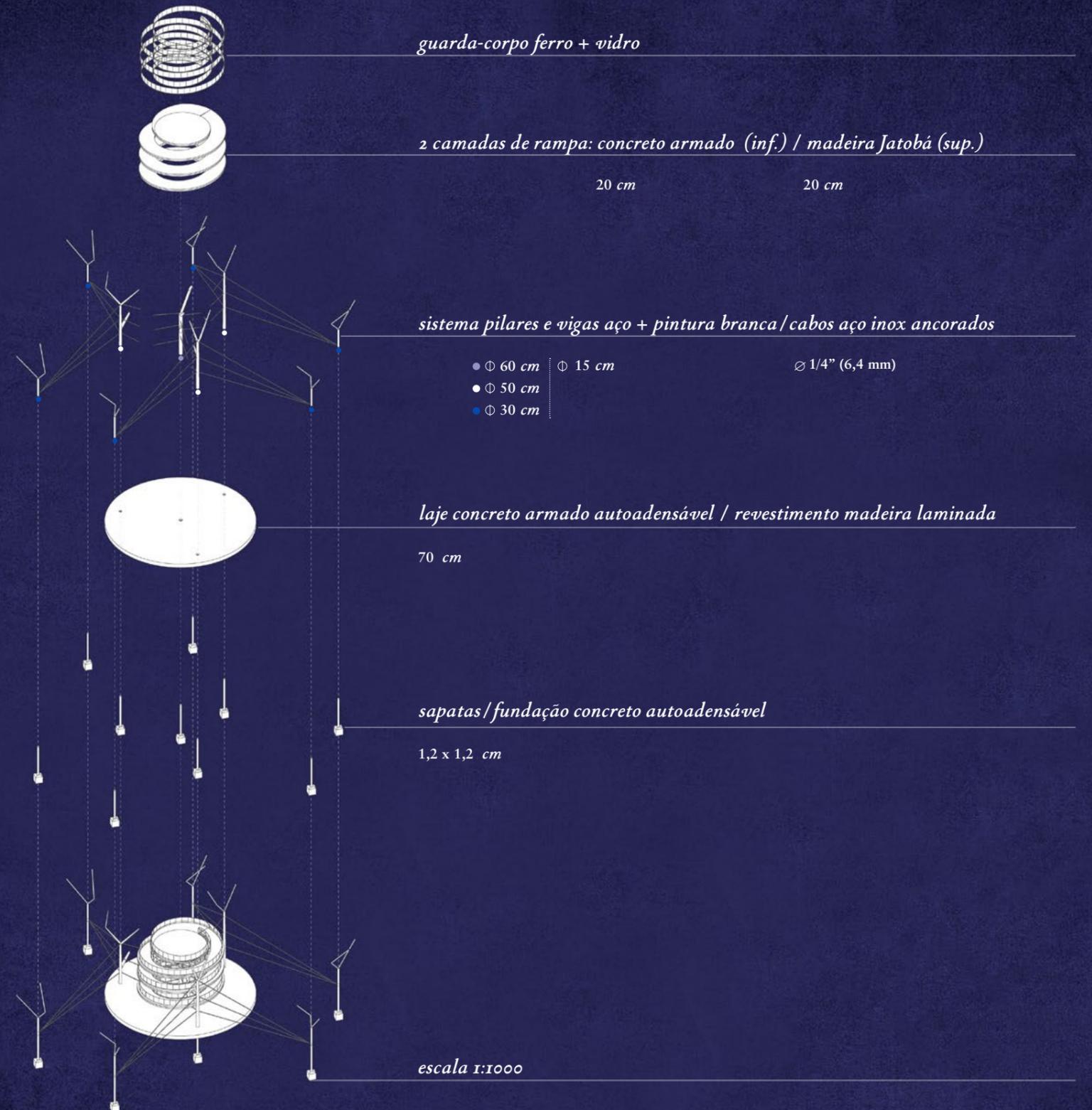
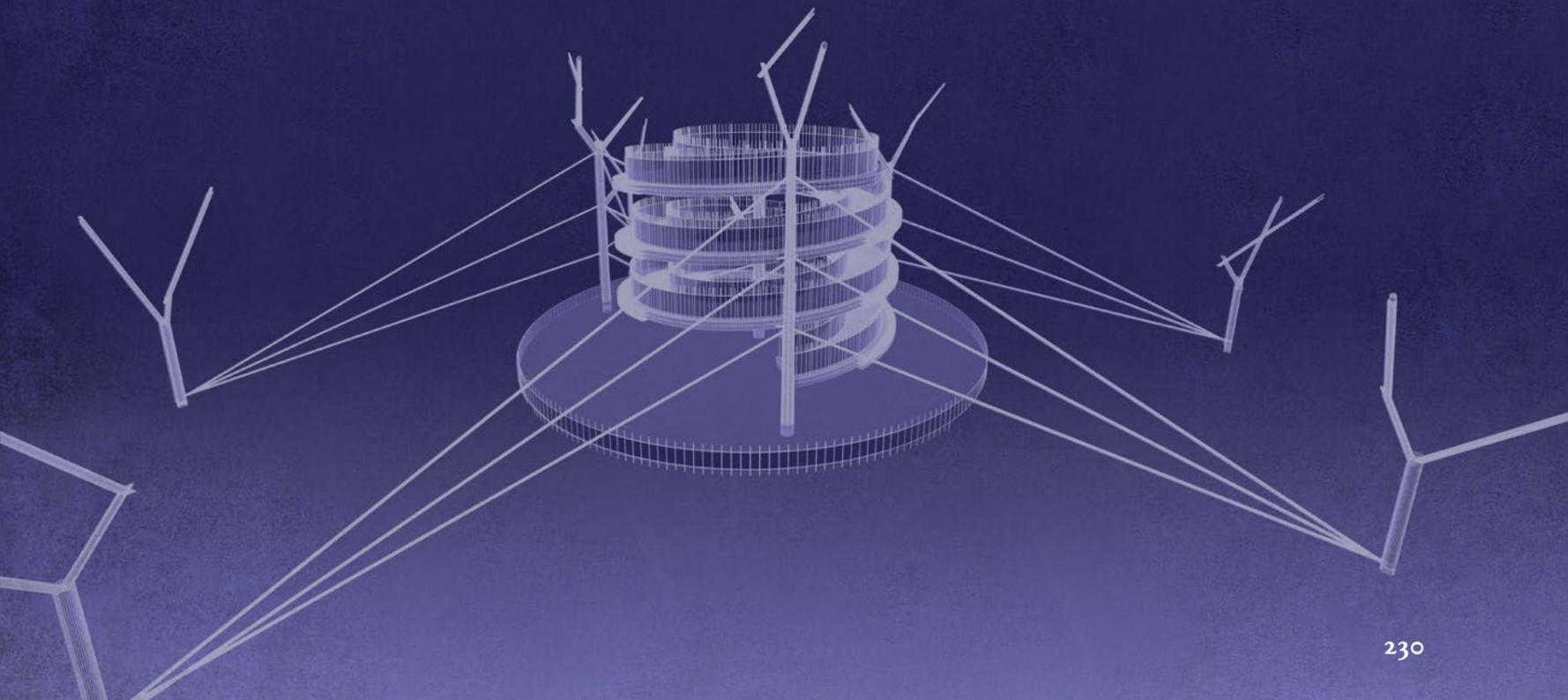
0 1 5 10

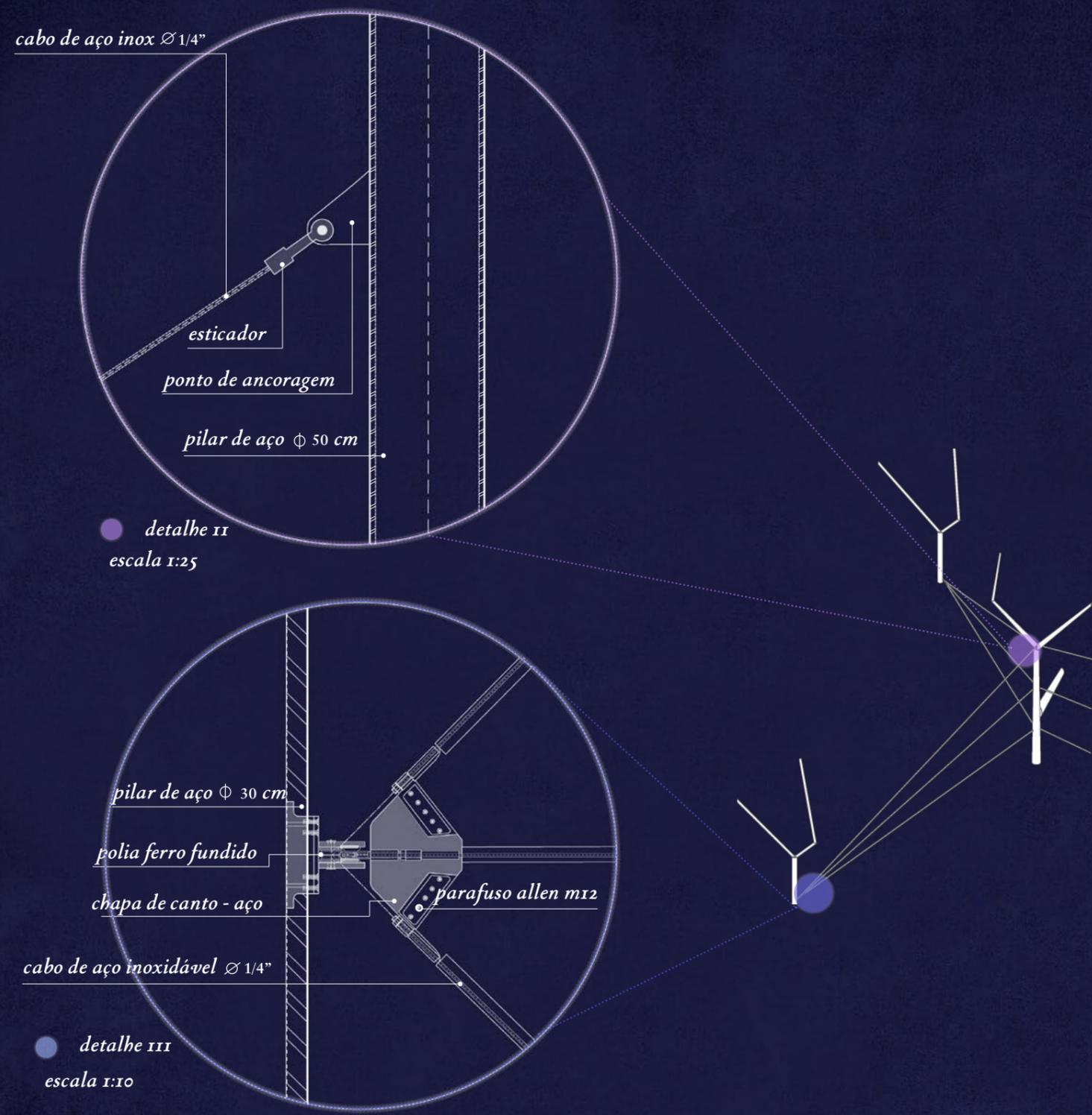
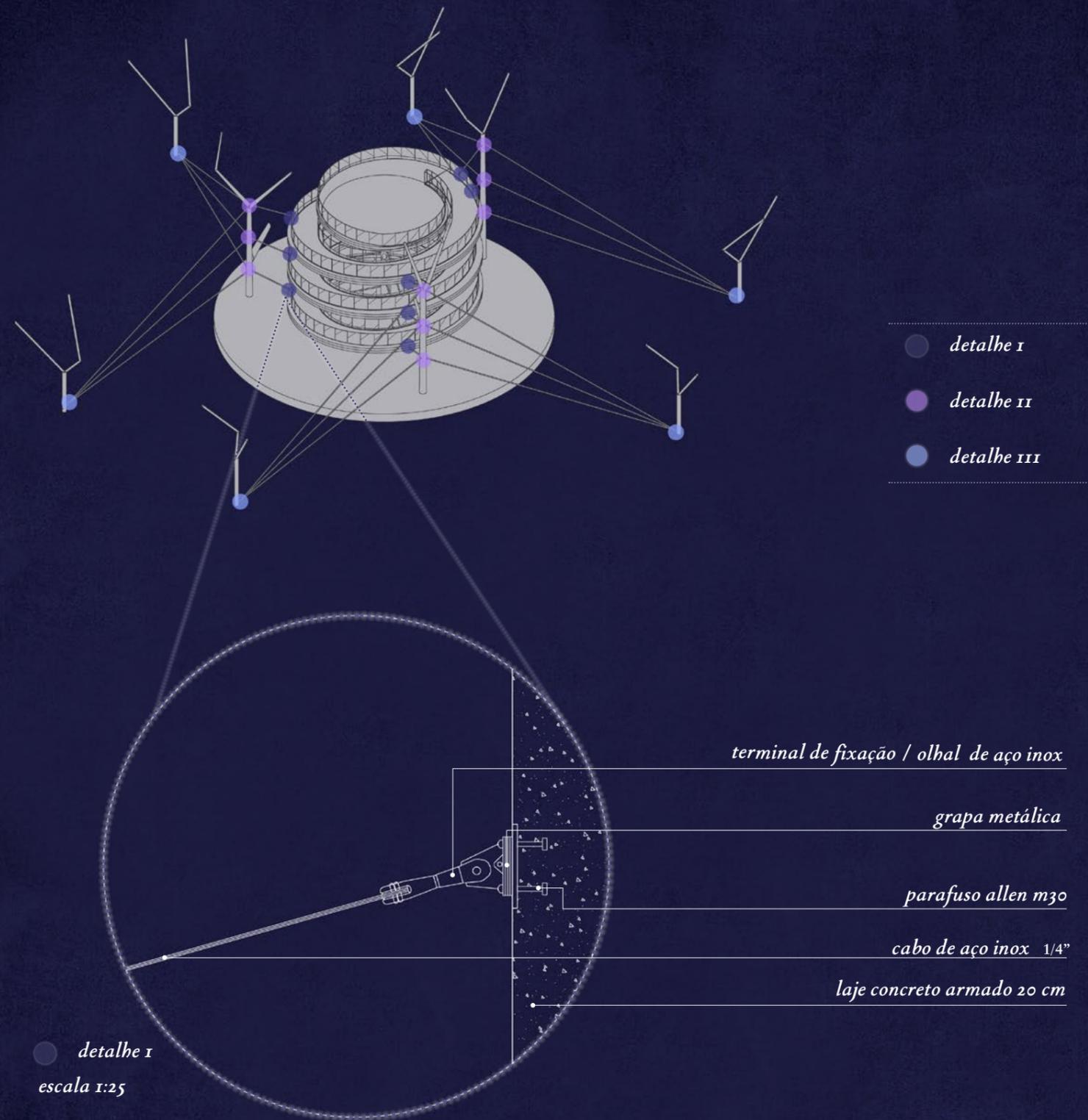
elevação IV

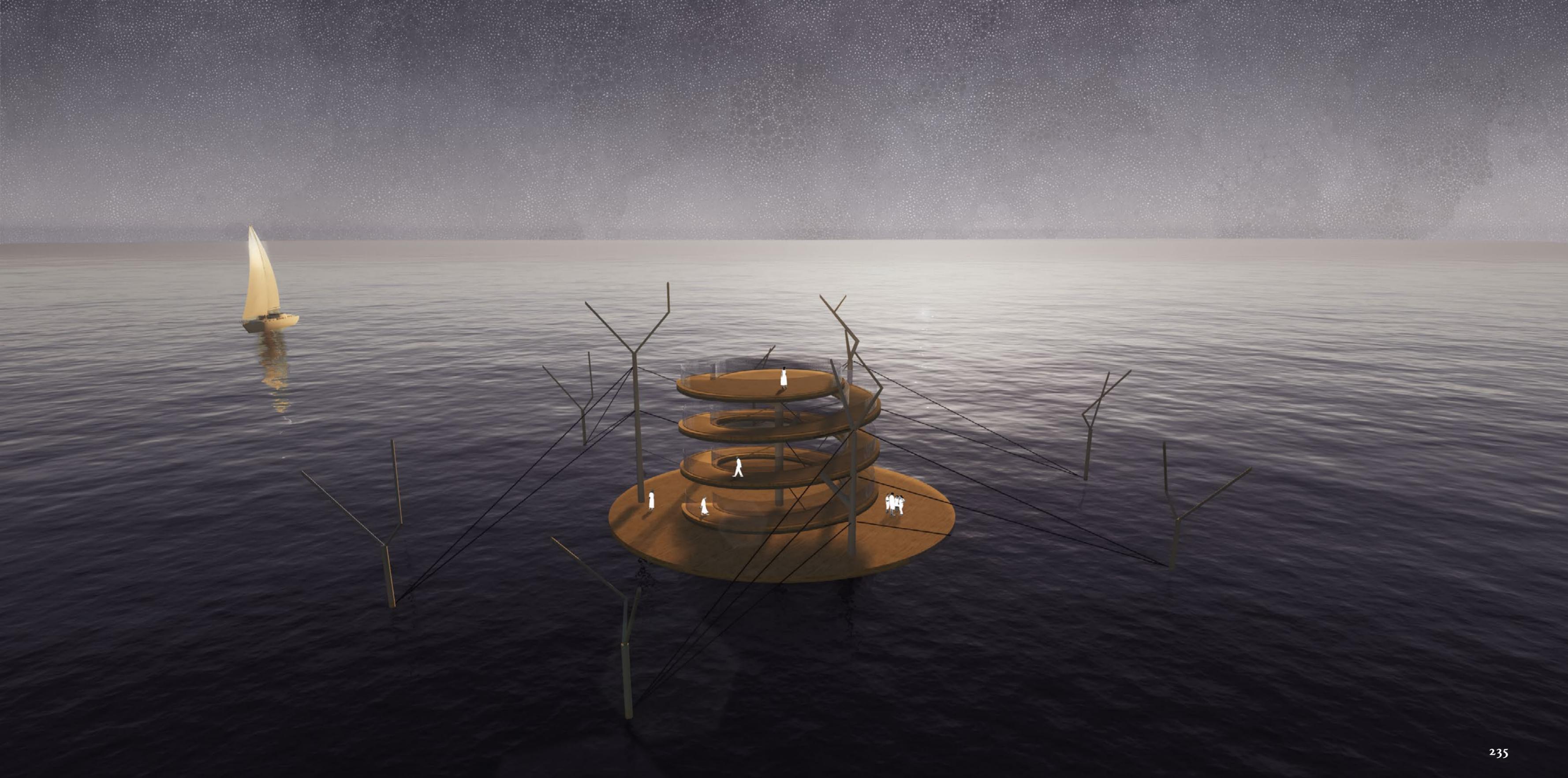


0 1 5 10

estrutura







Galerias futuro

Áporo

*Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.
Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?
Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:
em verde, sozinha,
antieuclydiana,
uma orquídea forma-se.*
(ANDRADE, p. 56, 2000)



O soneto “Áporo” do poeta Carlos Drummond de Andrade faz referência a palavra “áporo” de origem grega, em que “a” constitui um prefixo de negação e “poro” expressa passagem ou saída - significando, em conjunto, algo próximo a “sem saída”. Na língua portuguesa, porém, essa mesma palavra pode ter, além de seu significado de origem (sem passagem, passagem difícil ou inelutável), mais dois significados: 1- uma espécie de inseto cavador; 2 - um tipo de orquídea (ANCHCAR, 2000).

A partir da costura dos três significados da palavra “áporo”, o autor Carlos Drummond compôs tal poema homônimo. Em suma, o soneto pode ser interpretado como a trajetória de um inseto (áporo) que está buscando, silenciosamente, uma saída - cavando um solo labiríntico e obstruído (por raízes e minérios), em meio a escuridão. Até que, por motivos que extrapolam a razão (de forma misteriosa), esse labirinto “se desata”: o inseto encontra uma saída - saída essa que não foi descoberta através

da escavação daquela terra impedida, **mas a partir da abertura de si mesmo e de sua própria metamorfose - desabrochando-se numa orquídea.**

Após perpassar o passado “*bloqueado*”, cortando as terras densas e herméticas dos museus, logo capturados pelo “*labiríntico*” percurso espirado do presente - interpolado e estirado por árvores e cabos metálicos (alusão às “raízes e minérios”) - resta ao futuro daquelas comunidades (metaforicamente, “*às galerias*”), a possibilidade de desabrochar, apesar da fragilidade de suas “*raízes*”.

Ao romper com as “*terras*” (ressignificar o passado), o projeto das galerias *rebenta* cristalino e *verdejante*, a partir da criação de uma estufa flutuante e hidropônica. Toda água necessária para o cultivo agrícola na estrutura seria extraída do Rio São Francisco e toda energia crucial seria suprida através da energia solar, feito na “*Jellyfish Barge*” - referência projetual que será replicada nessas galerias - exposta nas páginas seguintes.

Foi idealizada, então, a construção de uma galeria por cidade, instaladas ao lado dos museus - local em que seriam disponibilizados workshops e aulas promovidas pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), a respeito do manejo hidropônico.

As galerias representam uma sugestão simbólica de que **há saída**: buscam exprimir a capacidade e necessidade do homem de se reinventar, em meio às adversidades. De que é possível florescer, mesmo *sem chão*.

Foi considerada, inicialmente, a importância da agricultura para as comunidades ribeirinhas analisadas e, a partir dessa premissa, foram buscadas alternativas que se adaptassem às características climáticas e geológicas da região, assim como a sua consequente vulnerabilidade em relação aos recursos hídricos.

fonte imagem: biodiversitylibrary.org/ page/40569701 / adaptada pela autora

A extensão territorial do semiárido aqui abordada é caracterizada por seus baixos índices pluviométricos, intensa insolação, altas temperaturas (e baixas amplitudes térmicas) durante todo ano, além de sua elevada taxa de evotranspiração. Contudo, como foi visto, a área estudada, também conhecida como “polígono das secas”, concentrou diversas ações estatais que, a partir da década de 70, proporcionaram a geração de energia e o desenvolvimento da agricultura irrigada na região, também conhecida, a partir de então, como *mancha irrigada*. Apesar de tais intervenções, como também da obra de transposição do Rio São Francisco (que visavam expandir a oferta hídrica na região do semiárido), a relação entre a disponibilidade e a demanda hídrica no nordeste brasileiro permanece sendo, até os dias atuais, uma problemática na região e pauta de estudos e discussões, os quais buscam alternativas de aproveitamento e de uso eficiente da água acessível.

Proposições como a melhoria na eficiência da irrigação e a reutilização das águas são os principais alicerces a serem considerados para garantir um gerenciamento satisfatório dos recursos hídricos no semiárido (FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A., 2018). Visto que, mundialmente, a irrigação é responsável pelo consumo de 60 a 70% de água doce disponível, a maior eficiência desse sistema poderia proporcionar a economia de até um terço da água empregada (no semiárido, equivalente a, aproximadamente, 6 a 20 mil m³ por hectare a cada safra, dependendo da demanda de cada cultura) (FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A., 2018).

Além disso, na região abordada, encontram-se solos, predominantemente, com baixa permeabilidade e susceptibilidade à erosão. Essas propriedades são agravadas pela irrigação, muitas vezes, pouco eficiente e por recursos hídricos com altos níveis de sais solúveis que, aliados à drenagem ineficiente, proporcionam a ocorrência de solos salinos e sódicos.

Dessa forma, tais solos apresentam dois processos que motivam a desertificação/dificuldade de manejo: susceptibilidade à erosão e a salinização.



● **Luvissole Crômico** - solos rasos e sódicos característicos de regiões afetadas pela seca. Apresentam baixa permeabilidade e são muito susceptíveis à erosão. (FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A., 2018)

● **Planossolo Nátrico** - possui grande importância econômica, pela sua utilização para agropecuária. Esses solos ocorrem preferencialmente em relevo plano ou suave ondulado e possuem baixa permeabilidade. Apresentam limitações quanto à utilização agrícola, em função das altas concentrações de sódio, mas condições físicas e suscetibilidade a erosão (SANTOS, 2013).

● **Neossolo Quartzarênico** - solos originados de depósitos arenosos constituídos primordialmente de grãos de quartzo. São considerados solos de baixa aptidão agrícola visto que suas culturas perenes requerem cuidados intensivos no controle da erosão, da adubação (principalmente com N e K) e da irrigação (SOUSA; LOBATO).

fonte imagem: <embrapa.br> - 2011 / adaptada pela autora

Diante da problemática climática, hidrológica e geológica, a hidroponia surge como possível recurso viável, a fim de auxiliar e minimizar alguns desses empecilhos para a produção agrícola no semiárido (FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A., 2018).

A hidroponia constitui um método de cultivo de plantas que emprega soluções de nutrientes e minerais na água, **sem o uso da terra**. No cultivo convencional, todos os nutrientes e minerais necessários para o crescimento da planta se encontram no solo. Na hidroponia, em contrapartida, esses elementos nutritivos são introduzidos na água (em quantidades predeterminadas para cada tipo de cultura) e atingem mais facilmente o metabolismo da planta.

Entre as vantagens da produção em sistema hidropônico, está o menor consumo de água e de insumos agrícolas. No sistema hidropônico, a água é reutilizada em um sistema cíclico e, ainda, os sistemas hidropônicos são, habitualmente, instalados em locais protegidos, evitando grandes perdas de água por evaporação. Quanto à redução dos insumos, em se tratando de uma cultura em água, inexistem problemas como a lixiviação ou indisponibilidade de nutrientes no solo (FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A., 2018).

No semiárido, o grande bloqueio para os pequenos produtores e para a agricultura familiar na adoção da hidroponia, é o elevado custo inicial dos equipamentos e, principalmente, a manutenção de um sistema hidropônico em atividade, visto que é necessário ter conhecimentos específicos quanto à solução nutritiva ou às necessidades hídricas e nutricionais das culturas. Dessa forma, o suporte técnico é fundamental para que seja possível um produtor investir na mudança de modelo de produção. Contudo, essa não é uma dificuldade intransponível. O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) já disponibiliza em algumas regiões do Brasil aulas para a instalação e manutenção de um sistema hidropônico, a fim de capacitar o pequeno e médio produtor. (FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A., 2018)

Por fim, visto que para promover a instalação do sistema hidropônico é necessário um financiamento e investimento iniciais consideráveis, tais equipamentos surgem, então, como *símbolos e amostras* - elementos potencializadores de aproximação e conhecimento da população de tal método e sistema. As galerias flutuantes, então, pairam e vagam sobre o Velho Chico, sugerindo o acaso e a qualidade errante e adaptativa do futuro. Não resguardam em si mesmas a pretensão de se desenvolverem como uma *solução* futura para aquelas comunidades mas, antes, representam uma atividade alternativa e possível para um porvir, considerando os diversos aspectos que definem a região.



Princípio básico da Hidroponia (NFT) Técnica do Fluxo Laminar

fonte (figuras das páginas 208- 209):
<supragarden.com> / adaptadas pela autora

Canais de Cultivo - tubos de PVC

Temporizador

Dreno

Solução Nutritiva

Bomba



◦ Vertentes ◦ referências projetuais

As galerias espelhariam o projeto “Jellyfish Barge”; uma estufa modular octogonal (de 70 m²) montada sobre uma base flutuante, capaz de gerar sua própria água doce e energia através, apenas, do uso da energia solar. É uma solução acessível, transportável e replicável para cultivar alimentos nas cidades.

A “Jellyfish Barge” não impacta os recursos terrestres, hídricos ou energéticos existentes na cidade e pode ser utilizada como unidade de produção intensiva (como extensão de bares e restaurantes que propõem hortaliças locais em seu cardápio) ou como horta comunitária. Finalmente, as pessoas podem simplesmente assistir ao cultivo de hortaliças e experimentar a agricultura em sua vida diária.

A estrutura, construída com tecnologias de baixo custo e materiais simples, é composta por uma base de madeira de cerca de 70 metros quadrados, flutuando sobre 96 barris de plástico reciclado que suportam, por sua vez, uma estufa de vidro amparada por uma estrutura de madeira.

A água doce é fornecida por 7 placas solares dispostas ao longo do perímetro. As estufas podem produzir até 150 litros/dia de água doce limpa a partir de água salgada, salobra ou poluída, através da destilação solar. A destilação solar é um fenômeno natural: nos mares, a energia do sol evapora a água, que cai como água da chuva. Em Jellyfish Barge, o sistema de dessalinização solar replica esse fenômeno em pequena escala, sugando o ar úmido e forçando-o a se condensar quando

em contato com a superfície fria do mar ou rio.

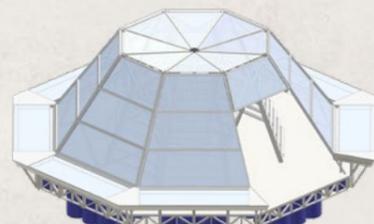
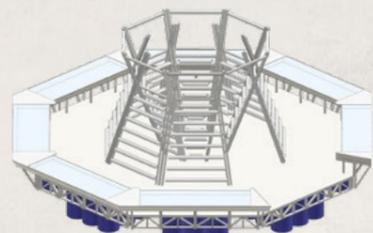
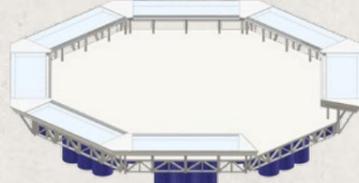
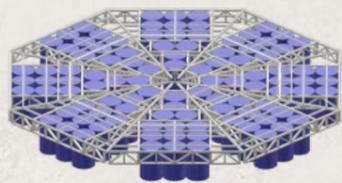
A baixa energia necessária para alimentar ventiladores e bombas é fornecida por sistemas de aproveitamento de energia renovável integrados à estrutura.

Quanto a sua produção, a estufa incorpora um sistema hidropônico de alta eficiência, técnica de produção de culturas que utiliza 70% menos água em comparação com o cultivo tradicional, graças à reutilização contínua da água. Além disso, a Jellyfish Barge utiliza cerca de 15% da água do mar/rio, que é misturada com água destilada, garantindo ainda maior eficiência hídrica.

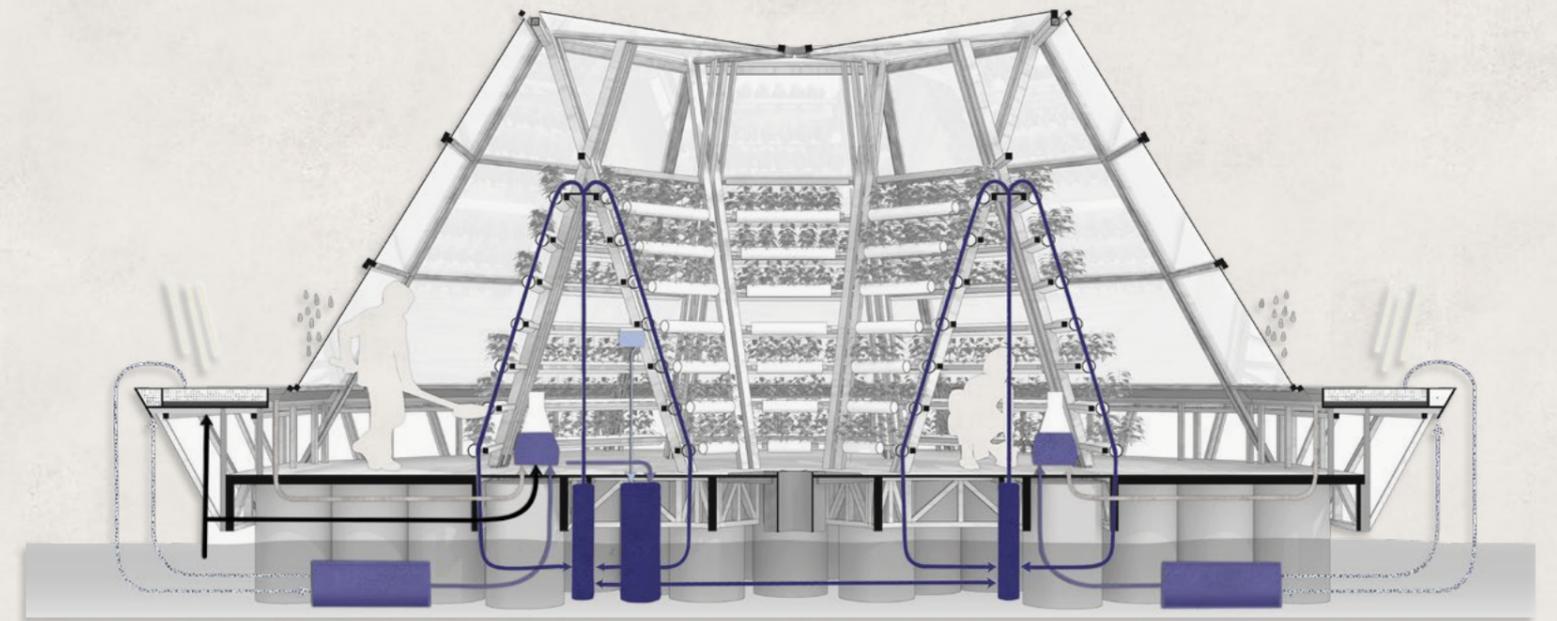
A Jellyfish Barge é inovadora em sua capacidade de responder de forma eficaz com recursos limitados. Por esta razão, foi concebida em um tamanho relativamente pequeno (capaz de abastecer duas famílias), sendo assim, fácil de construir - mesmo em condições econômicas mais vulneráveis. Apesar de ser modular, sendo um único elemento completamente autônomo, sua forma octogonal permite a combinação de diferentes módulos, ligando-os a bases flutuantes quadradas, que podem tornar-se mercados e pontos de encontro de uma pequena comunidade.

Atualmente, já foram construídos dois protótipos: no Canal Navicelli (Pisa) e no Nueva Darsena (Milão). O projeto Jellyfish Barge é de autoria do grupo denominado PNAT, coordenado pela Universidade de Florença e apoiado por doações da Região da Toscana e da Fondazione Cassa di Risparmio di Firenze.

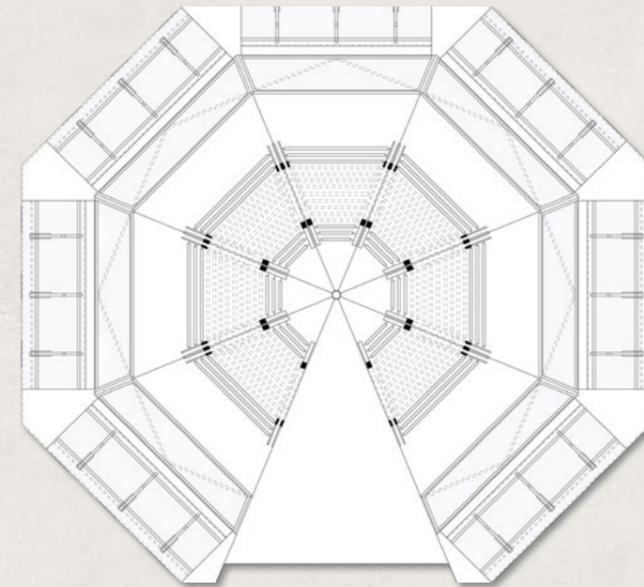
fonte imagens: < www.archdaily.com.br > / adaptado pela autora



240

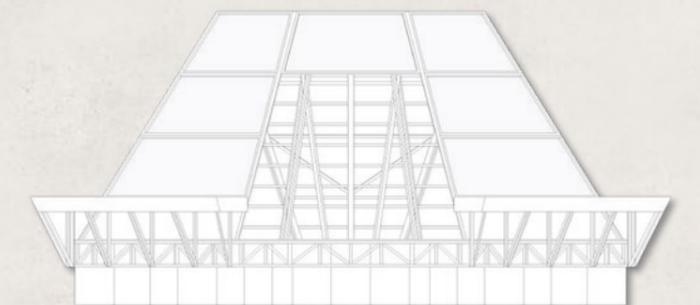
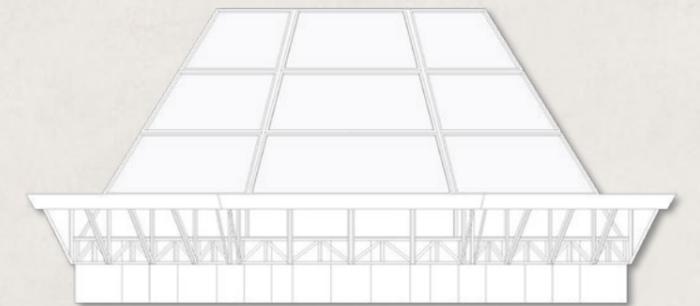


● água do mar ● água + nutrientes ● água pluvial ● água doce ● nutrientes ● mistura



planta baixa

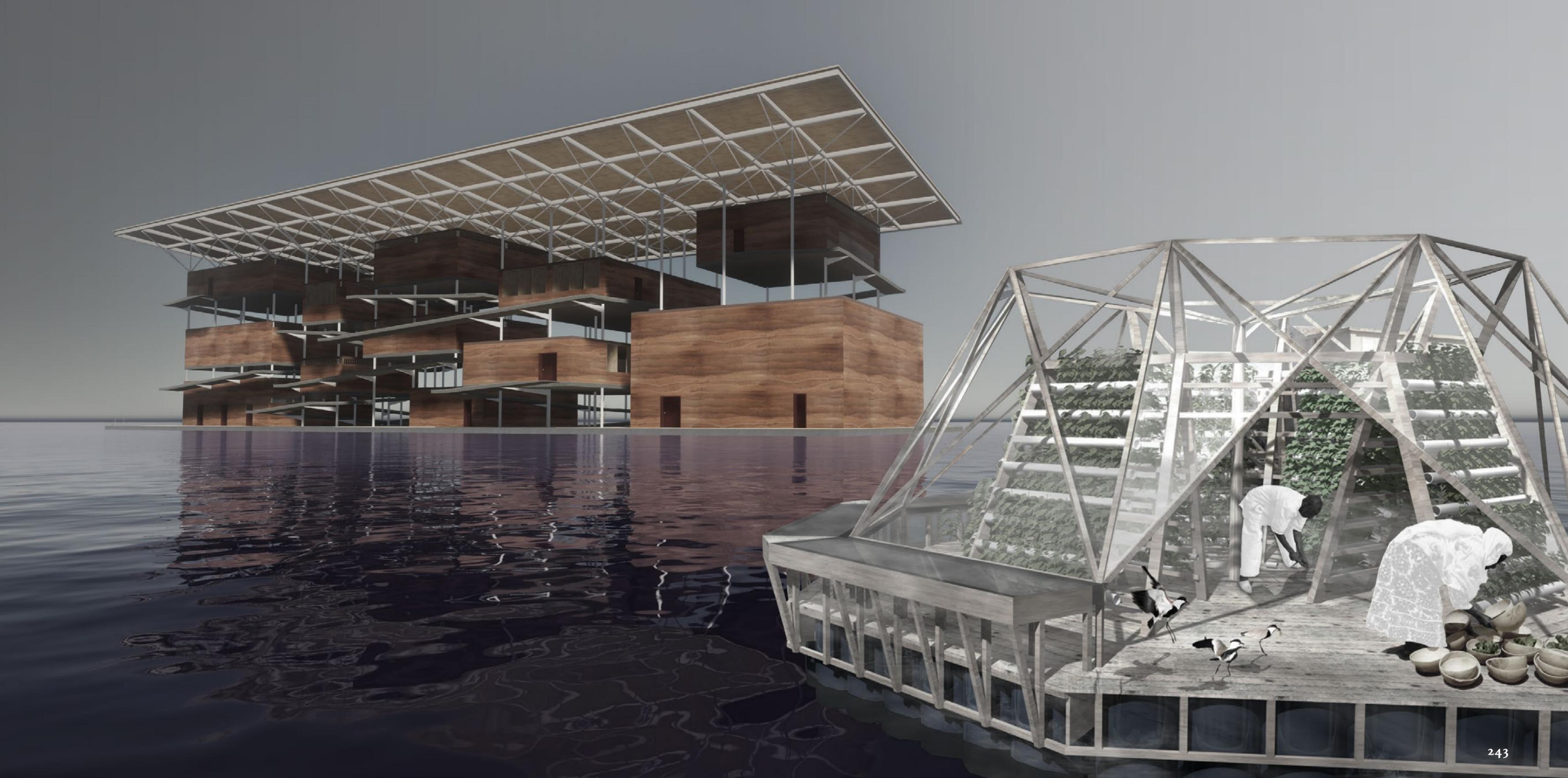
0 3,5 7 m



fachadas

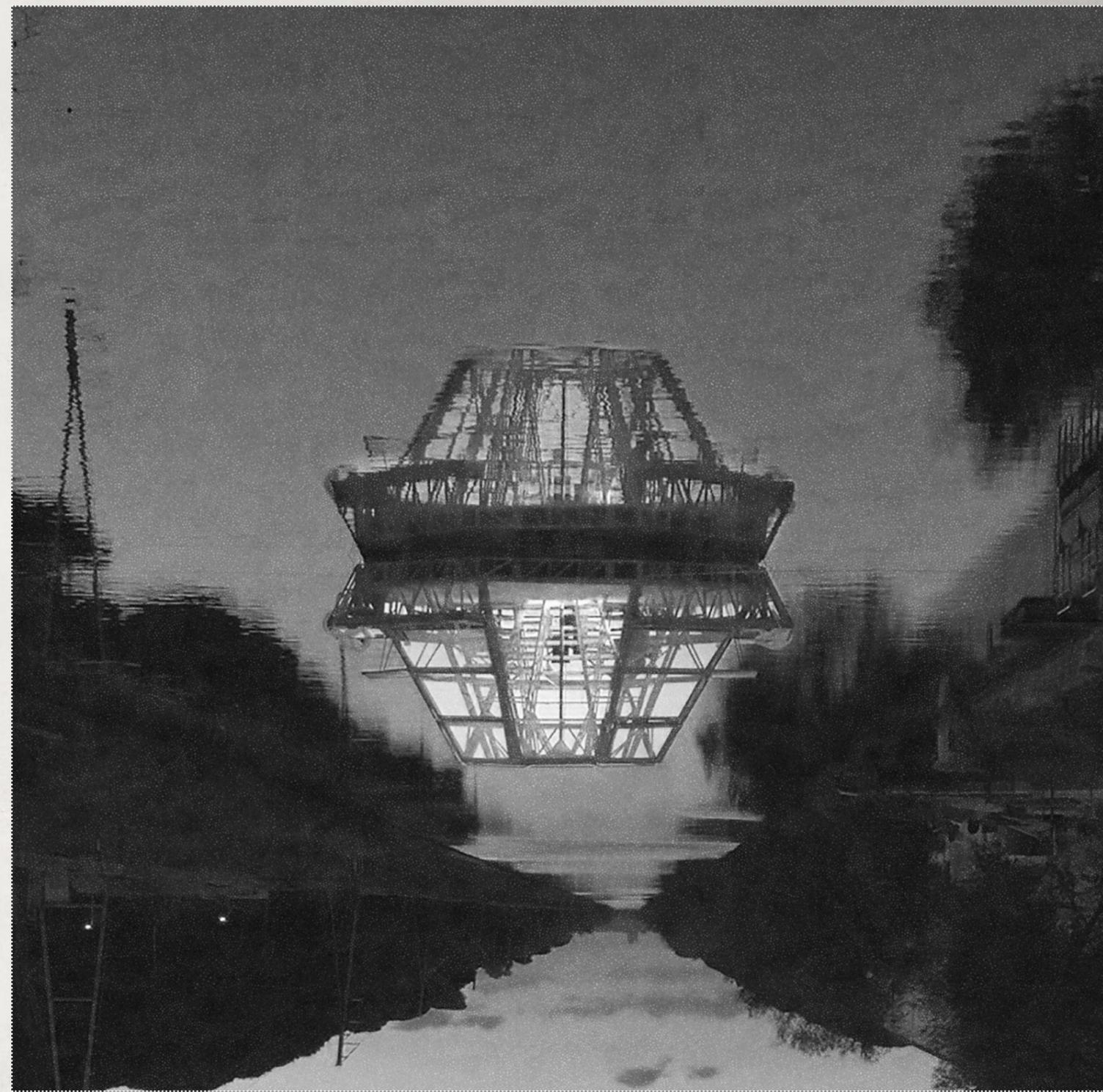
fonte imagens: < www.archdaily.com.br > / adaptado pela autora

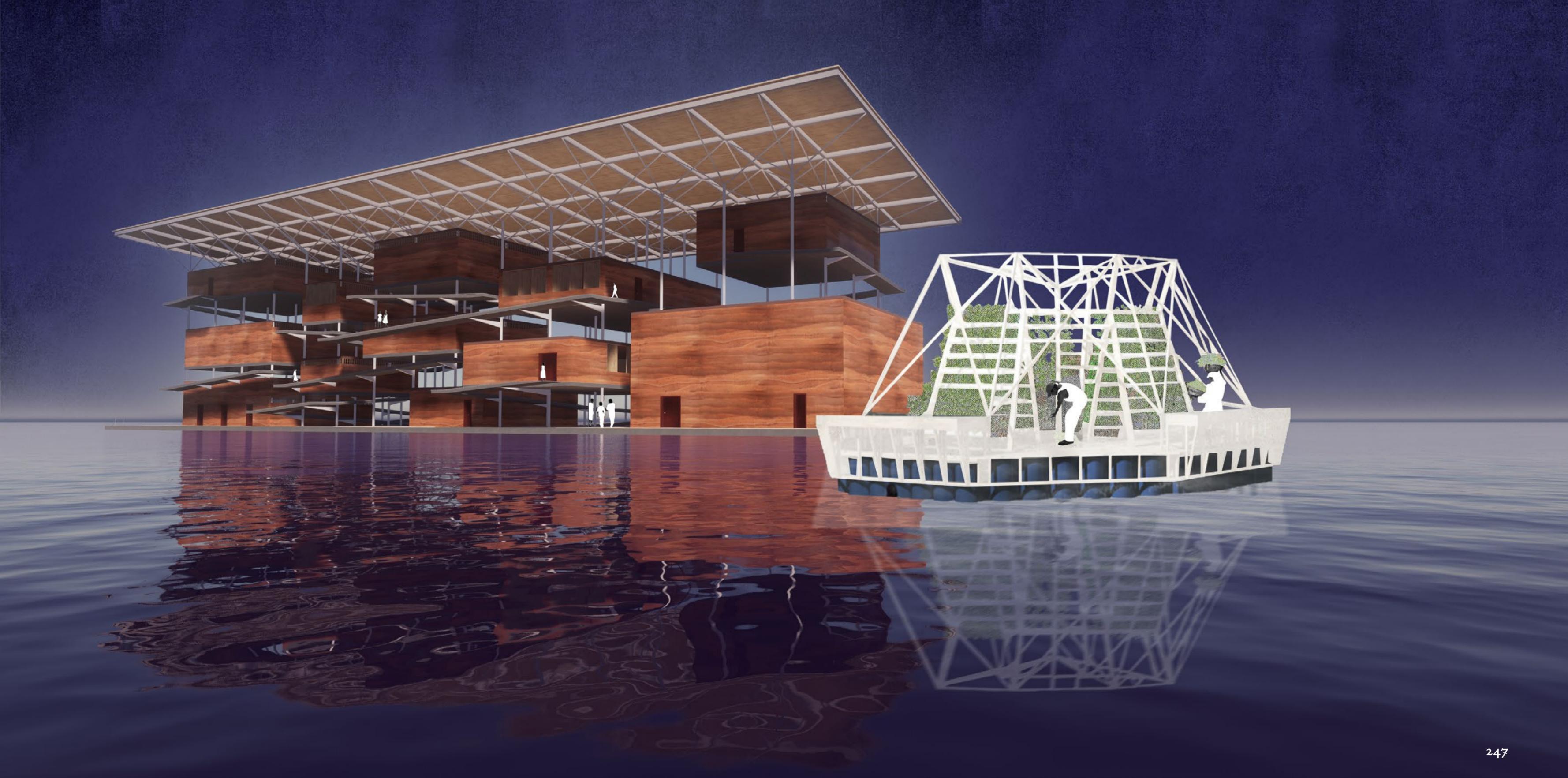
241





fonte: < www.archilovers.com > / adaptado pela autora





implantação geral
Itacuruba, Rodelas e Petrolândia

-  *museu + galeria*
-  *mirante*
-  *sobrevivência*





implantação geral

Itacuruba

— estradas de terra que
serão pavimentadas

— vias pavimentadas

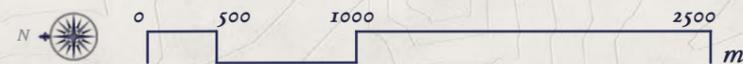
○ museu + galeria

○ mirante

○ sobrevivências:

◦ Observatório do
Centro de Estudos
Astronômicos (CEA)

◦ Observatório Astro-
nômico do Sertão de
Itaparica (OASI)



implantação museu + galeria

Itacuruba

— estradas de terra que
serão pavimentadas

— vias pavimentadas

○ museu + galeria

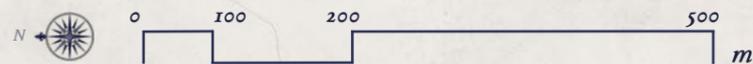


implantação mirante
Itacuruba

— estradas de terra que
serão pavimentadas

— vias pavimentadas

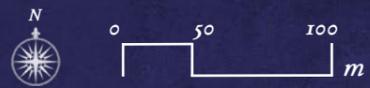
○ mirante





implantação geral
Rodelas

- museu + galeria*
- mirante*
- sobrevivência:*
Caixa d'água



implantação geral
Rodelas

- museu + galeria*
- mirante*
- sobrevivência:*
Caixa d'água



implantação geral
Petrolândia

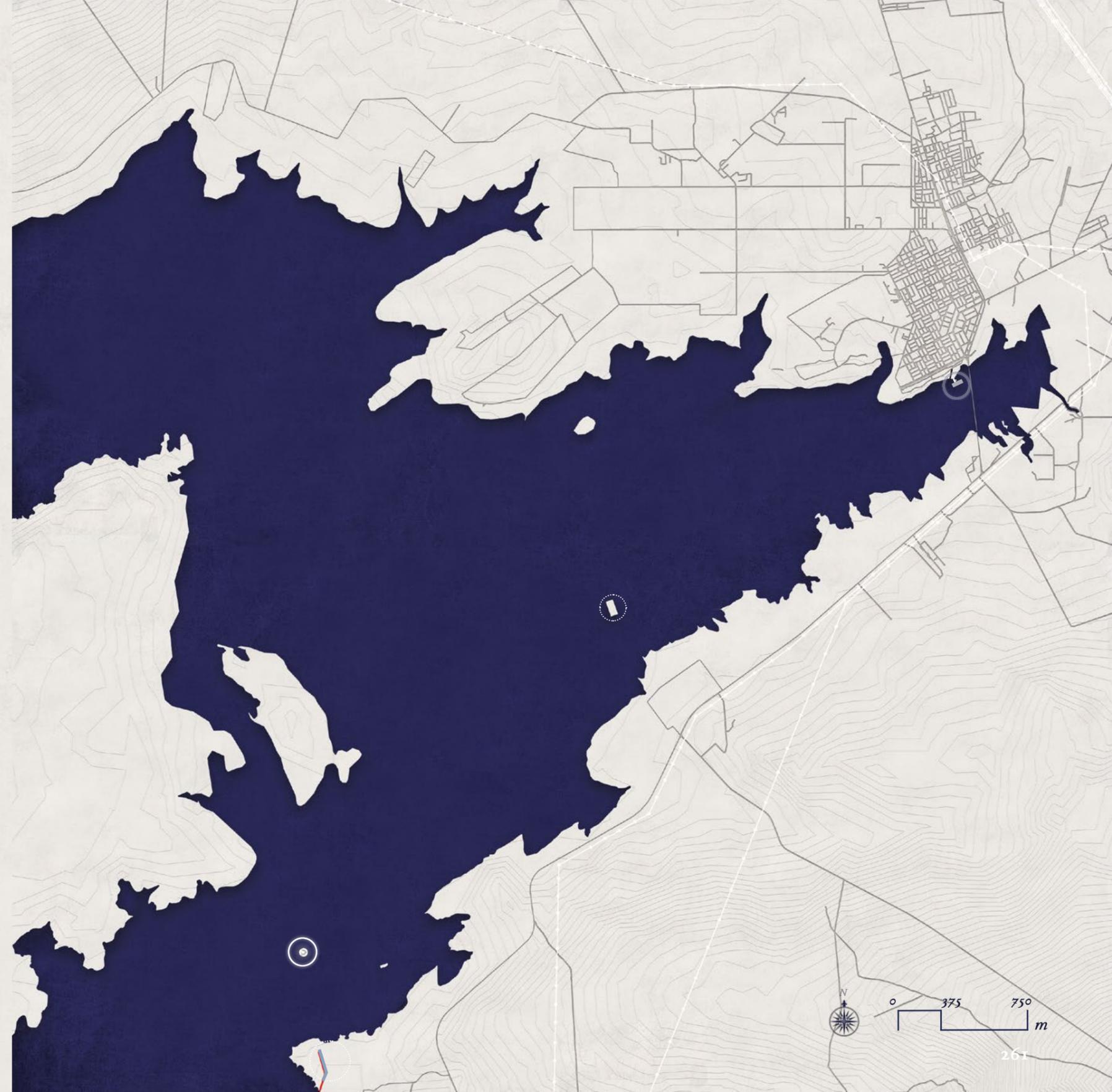
○ *museu + galeria*

○ *mirante*

sobrevivências:

○ *Igreja Sagrado Coração de Jesus*

○ *antiga estrada que acessava a
velha Petrolândia*

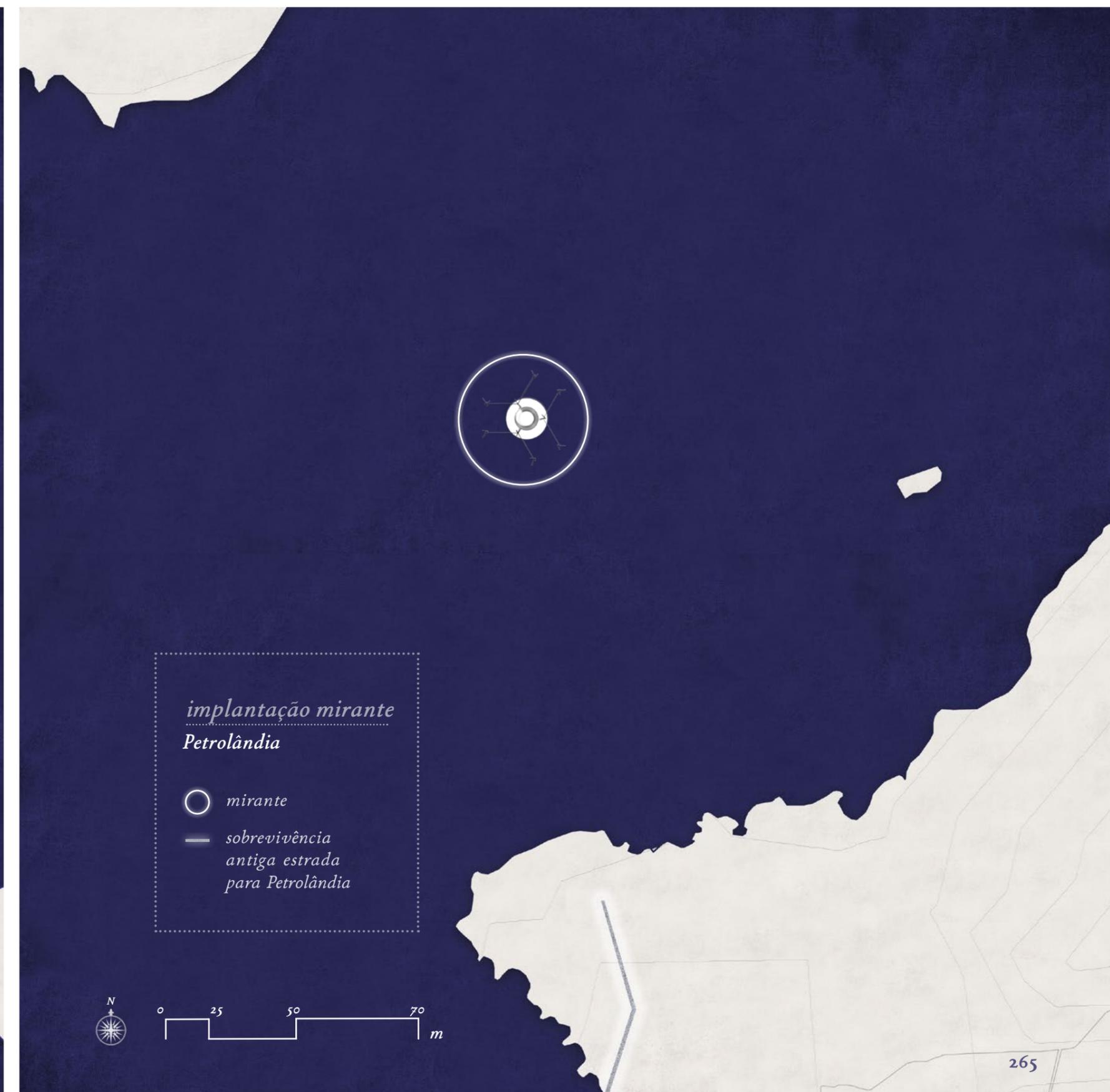




implantação museu + galeria
Petrolândia

○ *museu + galeria*





De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas, estava a cidade. Subia pela montanha e seus sinos badalavam, dela vinham músicas alegres, risadas de homens, ruídos de carros. [...] Do outro lado era o mar, a lua e as estrelas, tudo iluminado também. A música que vinha dele era triste e penetrava mais fundo. Os saveiros e as canoas chegavam sem ruído, os peixes passavam sob a água. (AMADO, p. 45, 1987)



fonte: [pinterest.com/](https://www.pinterest.com/) adaptado pela autora

• Saveiros • sinapses

Há mais de quatrocentos anos introduzido na paisagem marítima, o saveiro é uma embarcação famosa no que concerne ao patrimônio naval. A embarcação foi trazida da Índia (particularmente, da cidade portuária de Gôa) pelos portugueses, sendo suas bases fundamentais ancoradas no antigo Egito e da China milenar (SMARCEVSKI, 1996). O saveiro desempenhou, por séculos, o importante papel de transporte, escoamento e abastecimento de mercadorias entre o interior e a capital, concentrando-se, especialmente, na região do Recôncavo Baiano e sua metrópole – Salvador (à época, São Salvador). Salvador era a parada obrigatória na rota da navegação portuguesa, desde meados do século XVI, assim, a embarcação contribuiu para a expansão de entrepostos e portos marítimos que, por sua vez, desencadearam o desenvolvimento de assentamentos em toda a região. De acordo com Celestino (2004, apud MASCARENHAS; PEIXOTO, 2009), o saveiro foi o agente principal para o crescimento do Recôncavo Baiano nos três primeiros séculos do Brasil. Ainda, com o desenvolvimento e expansão da malha rodoviária, o saveiro foi, paulatinamente, sendo substituído pelo caminhão. Além de sua função de carga, o saveiro também era utilizado, em larga escala, para a pesca. Ao longo do tempo, contudo, foi majoritariamente substituído por barcos motorizados. Segundo Noronha (2004), em 1950 navegavam aproximadamente 1.500 saveiros na Baía de Todos os Santos. Hoje em dia - de acordo com a Associação Viva Saveiro (apud WEISSHEIMER, 2010) -, porém, restam aproximadamente vinte. Resistiram os saveiros de pesca, detentores de menores dimensões (variam entre 11 e 17 metros).

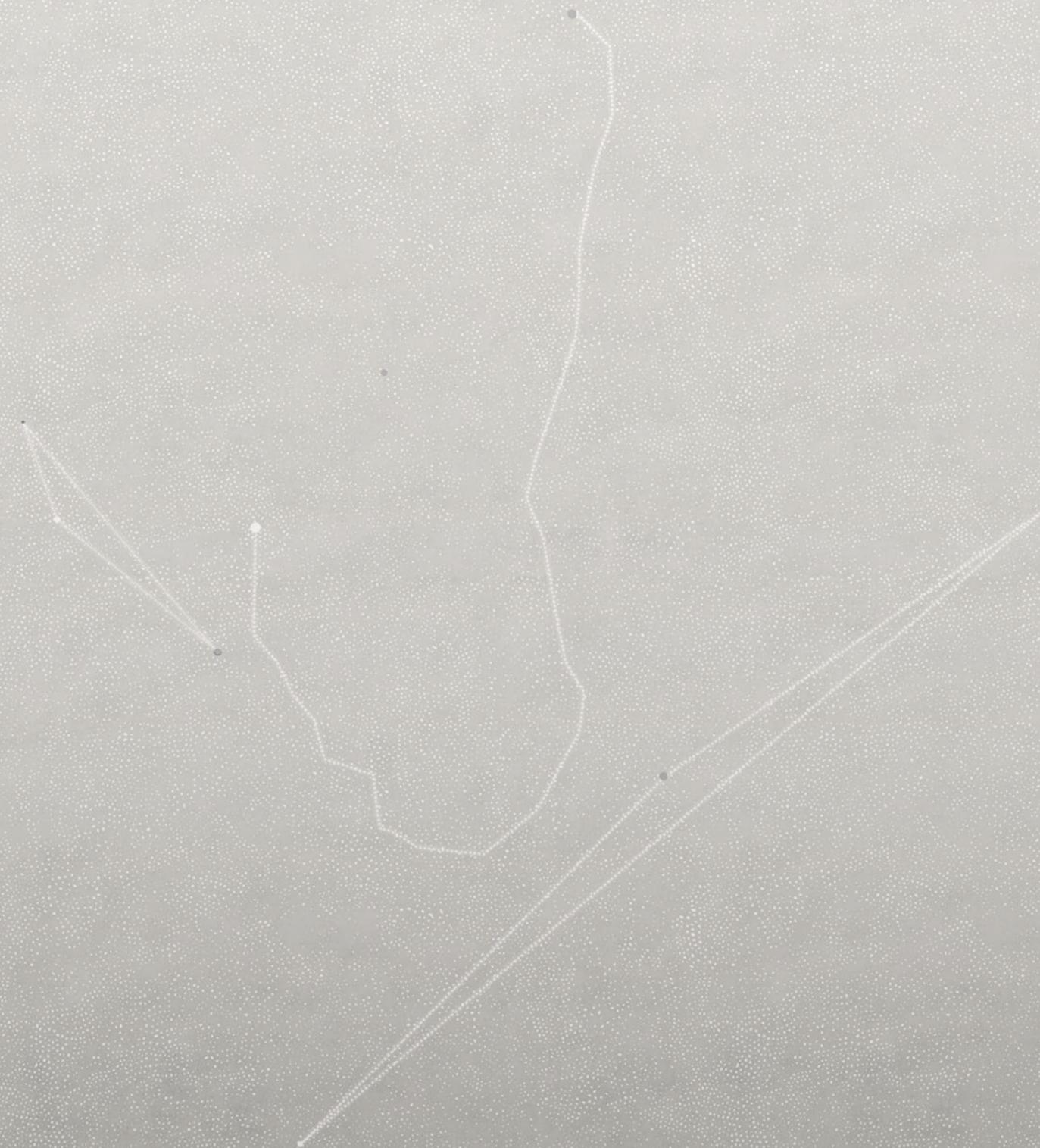
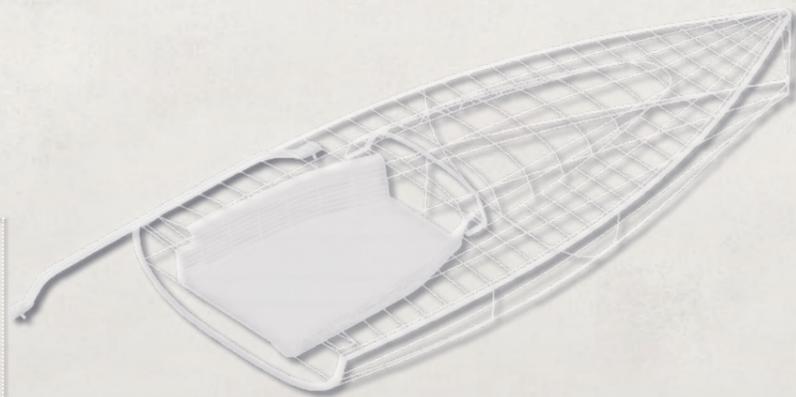
Não obstante seu gradual desaparecimento e extinção, o saveiro foi um elemento fundamental para a construção da identidade econômica e cultural da população no en-

torno da Bahia. Parte do crédito dado a sua perpetuação e sobrevivência, deve-se ao Graminho, um pedaço de madeira riscado em diversas direções, detentor dos parâmetros, proporções e escalas diferenciadas – utilizado desde os primórdios por mestres construtores indianos advindos de Gôa, Cochim e da Ilha de Bitão e, posteriormente (após o século XVI), por mestres brasileiros – para confecção dos saveiros. O graminho é considerado “um ábaco genealógico” (SMARCEVSKI, 1996), que une o passado ao presente. Tal tradição - de fornecimento de parâmetros diversos com escalas distintas - tem suas raízes no Velho Oriente, local em que os “arquitetos divinos” produziam uma tábua com parâmetros de apenas um plano térreo, junto com sete escalas variáveis e as instruções para a construção de um enorme templo de sete andares (SMARCEVSKI, 1996). Os conhecimentos teóricos, essenciais para o uso do graminho, foram armazenados e difundidos oralmente e, de forma mnemônica, perpetuaram através de cantigas rimadas (SMARCEVSKI, 1996).

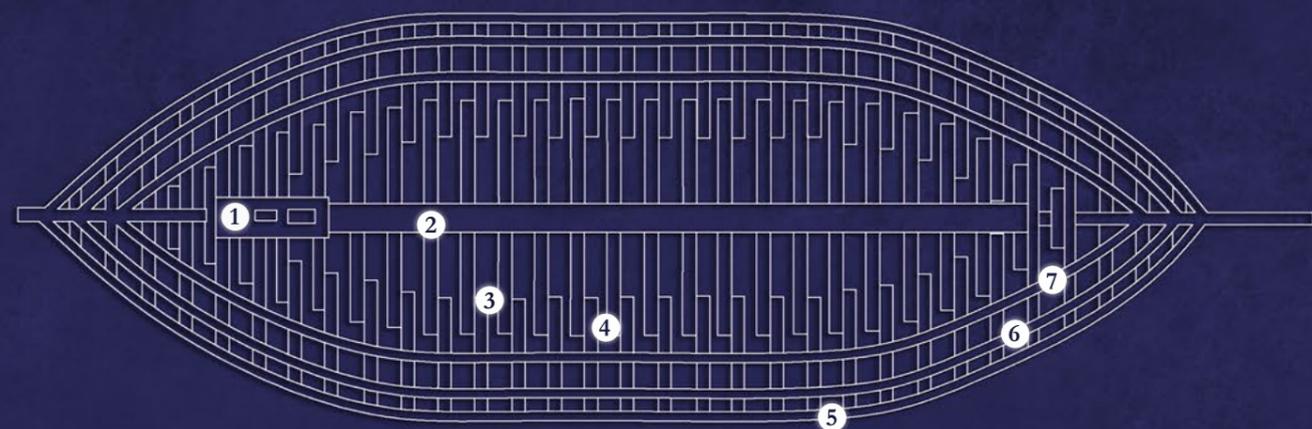
É importante salientar que, a fim de que seja garantida a preservação dos poucos saveiros que restam, para além da perpetuação do graminho, tem sido necessário, também, recuperar os saberes de carpintaria naval e produção de velas com os calafates nos estaleiros, a fim de possibilitar a reforma dos saveiros já existentes (que encontram-se em estados precários). Exemplificando esse cuidado mencionado, está o saveiro Sombra de Lua, tombado em 2010 pelo IPHAN, um dos últimos saveiros que conservam, integralmente, os atributos originais de um saveiro de vela de içar de um mastro. Provavelmente construído em 1923 (WEISSHEIMER, 2010), conta com tijupá e popa torada, estendendo-se por 12,5 metros de comprimento por 4 de boca (largura).

Foi idealizada a recuperação de alguns estaleiros com o objetivo de promover a revitalização da construção naval artesanal e, com o estímulo resultante, fomentar salvaguardas para que proceda a preservação das técnicas, artes e tecnologias de produção (MASCARENHAS; PEIXOTO, 2009). Resgatando os saberes locais, assim, seriam previstas reformas em três saveiros, adaptando-os para a recepção de tripulantes com a construção de bancos mais cômodos protegidos no contorno (com guarda macebos). Dessa forma, no presente trabalho, seria resgatado o uso e confecção desse meio de transporte, no caso, de pequeno porte. Especificamente, foi pensada a utilização do tipo de saveiro alcunhado de Flor do Passe (SMARCEVSKI, 1996), que, tal como o Sombra de Lua, estende-se por aproximadamente 12,5 metros de comprimento e 4 metros de largura, portador da vela de içar e buja pequena (com pau de bolina). Os 3 saveiros “Flor do Passe” com vela de içar, (1 para cada cidade) realizariam os curtos-circuitos, perpassando cada elemento constituinte do projeto funcionando como uma espécie de *sinapse*, ou seja, como componente de comunicação, ligação e condução entre elementos.

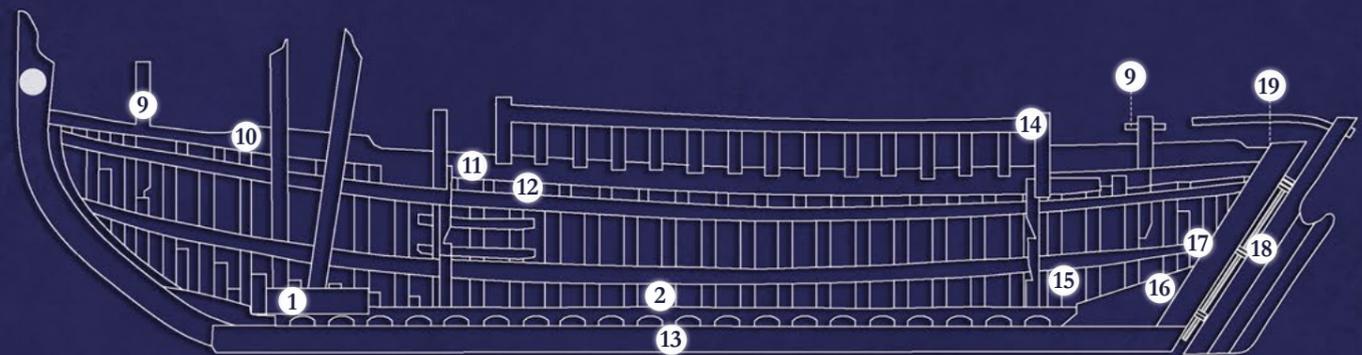
Tendo em vista as pequenas reformas necessárias, o projeto tem como base o trabalho do arquiteto Lev Smarcewski, autor que, após 20 anos de pesquisa, propôs a criação da escuna: um saveiro adaptado a funções do lazer e turismo, reinserido no contexto socioeconômico das cidades (SMARCEVSKI, 1996). A partir dessas ponderações e contando com poucas alterações, a utilização do saveiro no projeto é considerada possível e exequível. Dessa forma, busca-se recuperar, no presente, a história de uma embarcação que vem sendo extinta para que, quem sabe, sejam navegadas e riscadas rotas e possibilidades futuras.



0 2 3 4 5 m



Planta baixa

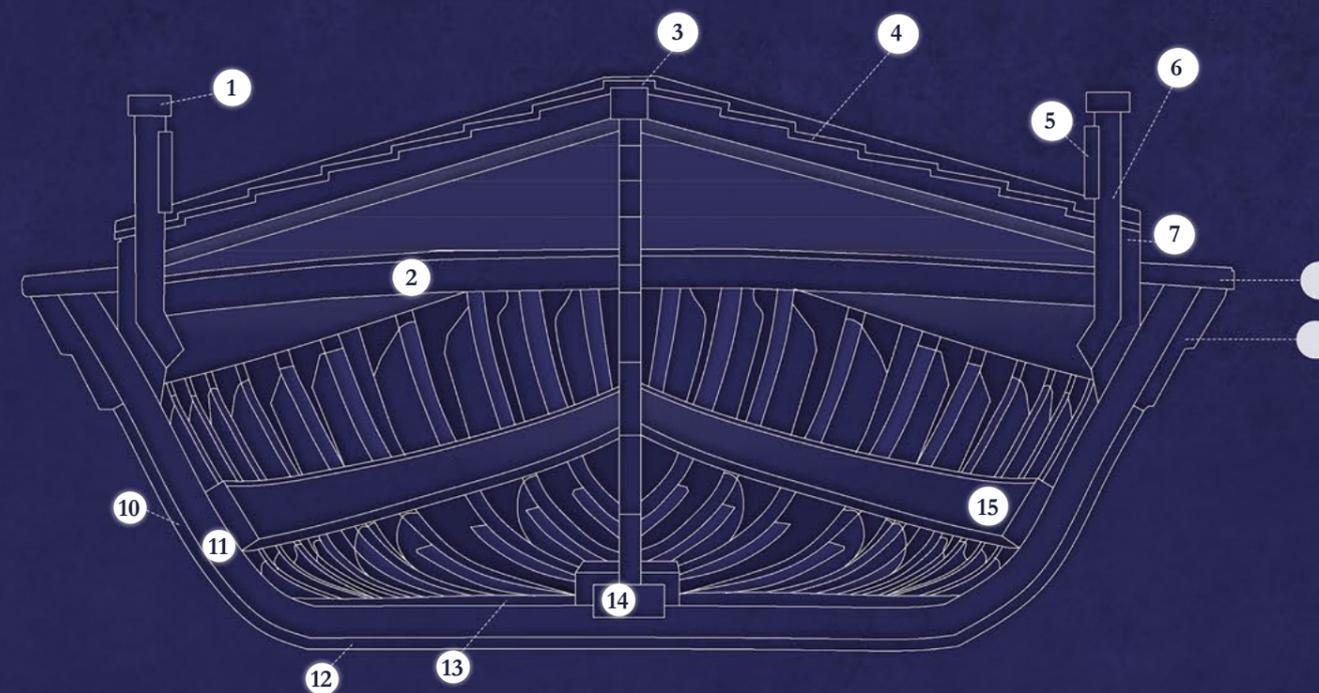


Corte longitudinal

- | | |
|---|---------------------------|
| 1. Boçarda (berço ou caringa) | 11. Boca de escotilha |
| 2. Sobre-quilha | 12. Banco (vau reforçado) |
| 3. Caverna | 13. Quilha |
| 4. Braço de caverna | 14. Cumeeira |
| 5. Projeção da popa aberta européia (12 cm) | 15. Pé-de-carneiro |
| 6. Dormente | 16. Chapus |
| 7. Serreta | 17. Cadaste |
| 8. Capelo | 18. Porta do leme |
| 9. Cabeço | 19. Cachola |
| 10. Tamborete | |

fonte: SMARCEVSKI, L., 1996, p. 76-81. / adaptado pela autora

0 1 2 3 m



Corte transversal com cobertura em tijupa

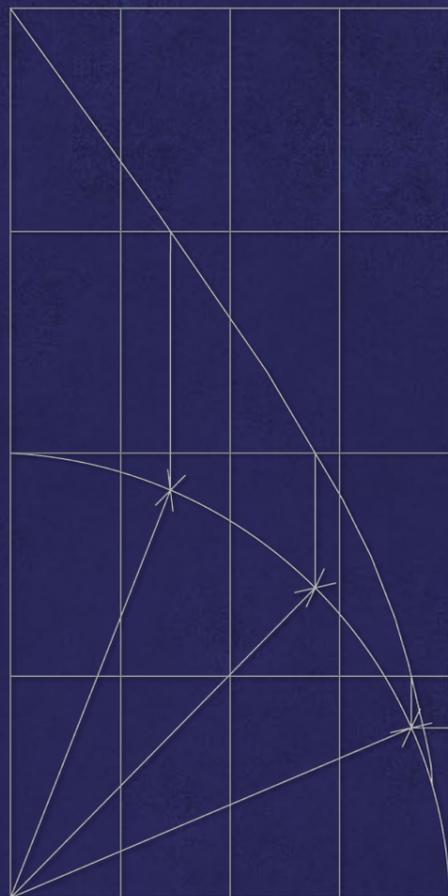
- | | |
|------------------------|----------------------|
| 1. Corrimão | 8. Tabica |
| 2. Vau (lata) | 9. Contra-cinta |
| 3. Cumeeira | 10. Taboado |
| 4. Cobertura do tijupa | 11. Braço de caverna |
| 5. Farca | 12. Cinta |
| 6. Cabeço | 13. Caverna |
| 7. Boca de escotilha | 14. Sobre-quilha |
| | 15. Serreta |

fonte: SMARCEVSKI, L., 1996, p. 76-81. / adaptado pela autora

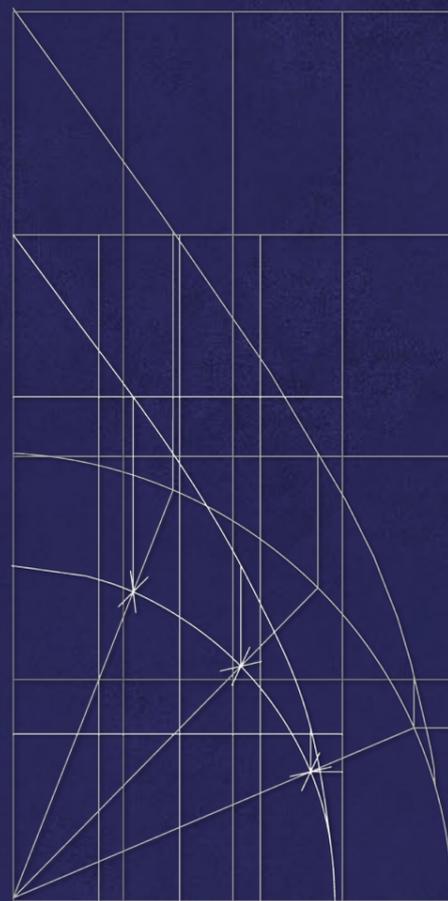
O Graminho: palimpsesto



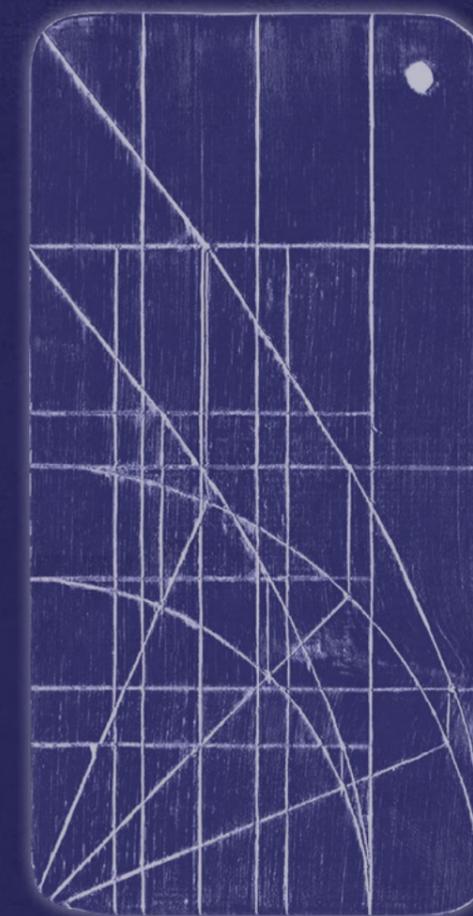
O graminho é inicialmente dividido em quatro partes iguais, tanto verticalmente quanto horizontalmente. O tamanho do graminho que define o corte transversal da quilha, sobre-quilha, cadaste, porta do leme, espessura do chapuz, da roda de proa e do banco e tamborete - dimensionados e programados estruturalmente.



Do lado inferior esquerdo é riscado um quarto de círculo, cujo raio tem a dimensão da base do graminho. Esse quarto de círculo é dividido em quatro partes com três raios que, na interseção do círculo, projetam pontos de encontro escalonados em relação à marcação inicial.



O primeiro e segundo procedimento do graminho podem ser replicados para a confecção de um graminho menor. Quanto às escalas, suas medidas-base são obtidas partindo de um graminho padrão (1 palmo x 2 palmos) dimensionado para a construção de um saveiro de 100 palmos. (1 palmo = 20 cm)



Alguns parâmetros:

1. $1/2 \times 1/2$ graminho: cumeeira e ripões.
2. Corrimão $1/4$ do graminho.
3. $1/4 \times 1$ graminho: cobertura do sapite.
4. $1/4 \times 1$ graminho: farca.
5. $1/2 \times 1/2$ graminho: cabeça.
6. $2 \times 1/2 \times 2$ graminho: escotilha, serreta.
7. $3/4 \times 1$ graminho: tabica, dormente e cintado.
8. $1/2 \times 1$ graminho: contra-cinta.
9. $1/4 \times 1$ graminho: tabuado.
10. $1/2 \times 1/2$ graminho: lata (vaus), caverna e braço de caverna.
11. 1 graminho: banco, quilha e sobre-quilha.
12. $1/4$ graminho: pé de carneiro.
13. $1/2 \times 1$ graminho: cham de caverna (flecha).

*Flor do Passe
"Lanxa", vela de içar*

fonte: SMARCEVSKI, L., 1996, p. 47 / adaptado pela autora



circuitos

- Sobrevivência
- Mirante
- Museu + Galeria

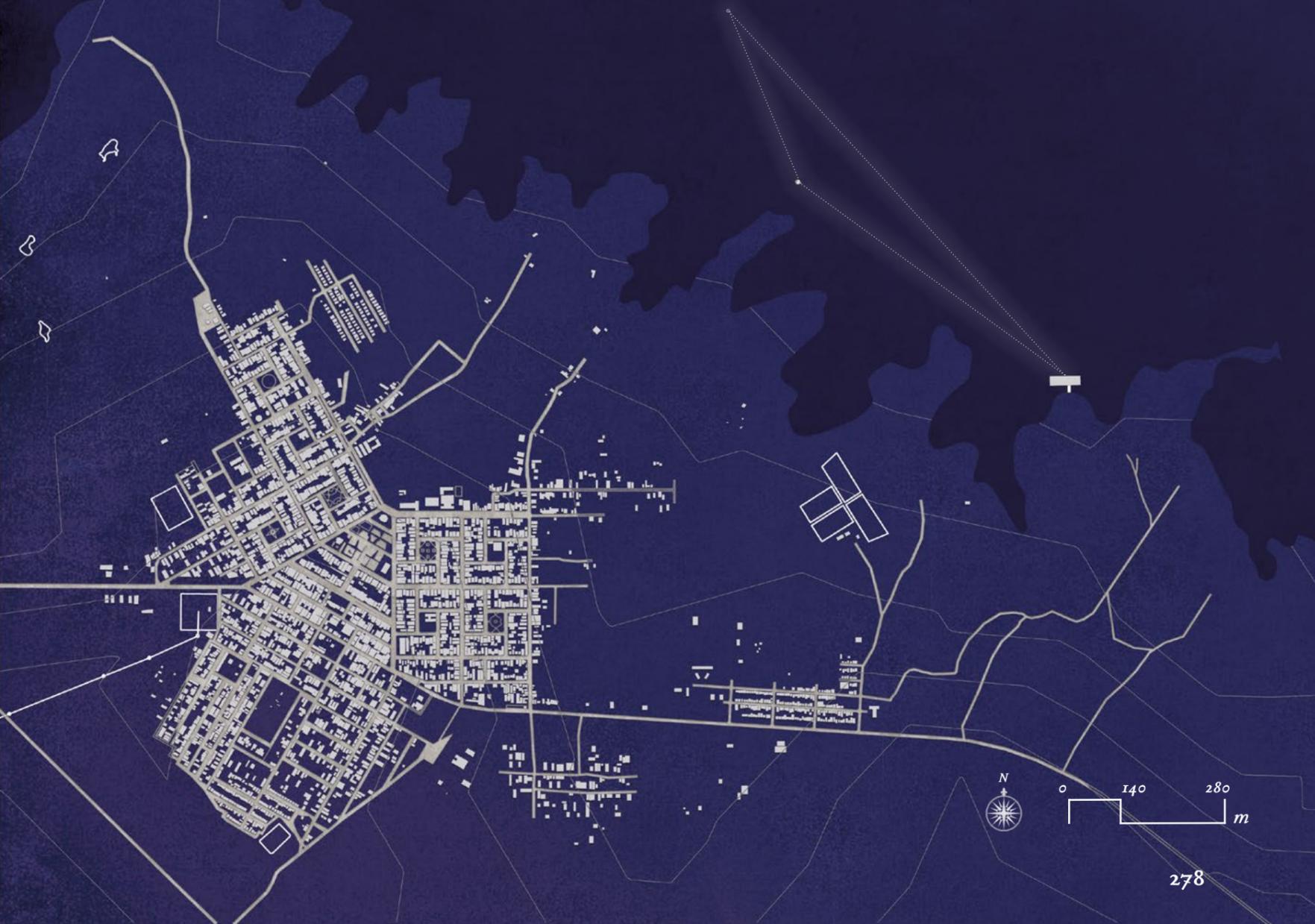
Curtos-Circuitos

1	<i>museu</i> <u>1 km</u> <i>mirante</i>	<i>ida =</i> 1,56 km	<i>ida e volta =</i> 3,26 km
	<i>mirante</i> <u>566 m</u> <i>sobrevivência</i>		
	<i>sobrevivência</i> <u>1,7 km</u> <i>museu</i>	<i>volta =</i> 1,7 km	
2	<i>museu</i> <u>20,5 km</u> <i>mirante</i>	<i>ida =</i> 20,5 km	<i>ida e volta =</i> 41 km
	<i>mirante</i> <u>20,5 km</u> <i>museu</i>	<i>volta =</i> 20,5 km	
3	<i>museu</i> <u>6,22 km</u> <i>sobrevivência</i>	<i>ida =</i> 12,95 km	<i>ida e volta =</i> 25,85 km
	<i>sobrevivência</i> <u>6,73 km</u> <i>mirante</i>		
	<i>mirante</i> <u>12,9 km</u> <i>museu</i>	<i>volta =</i> 12,9 km	

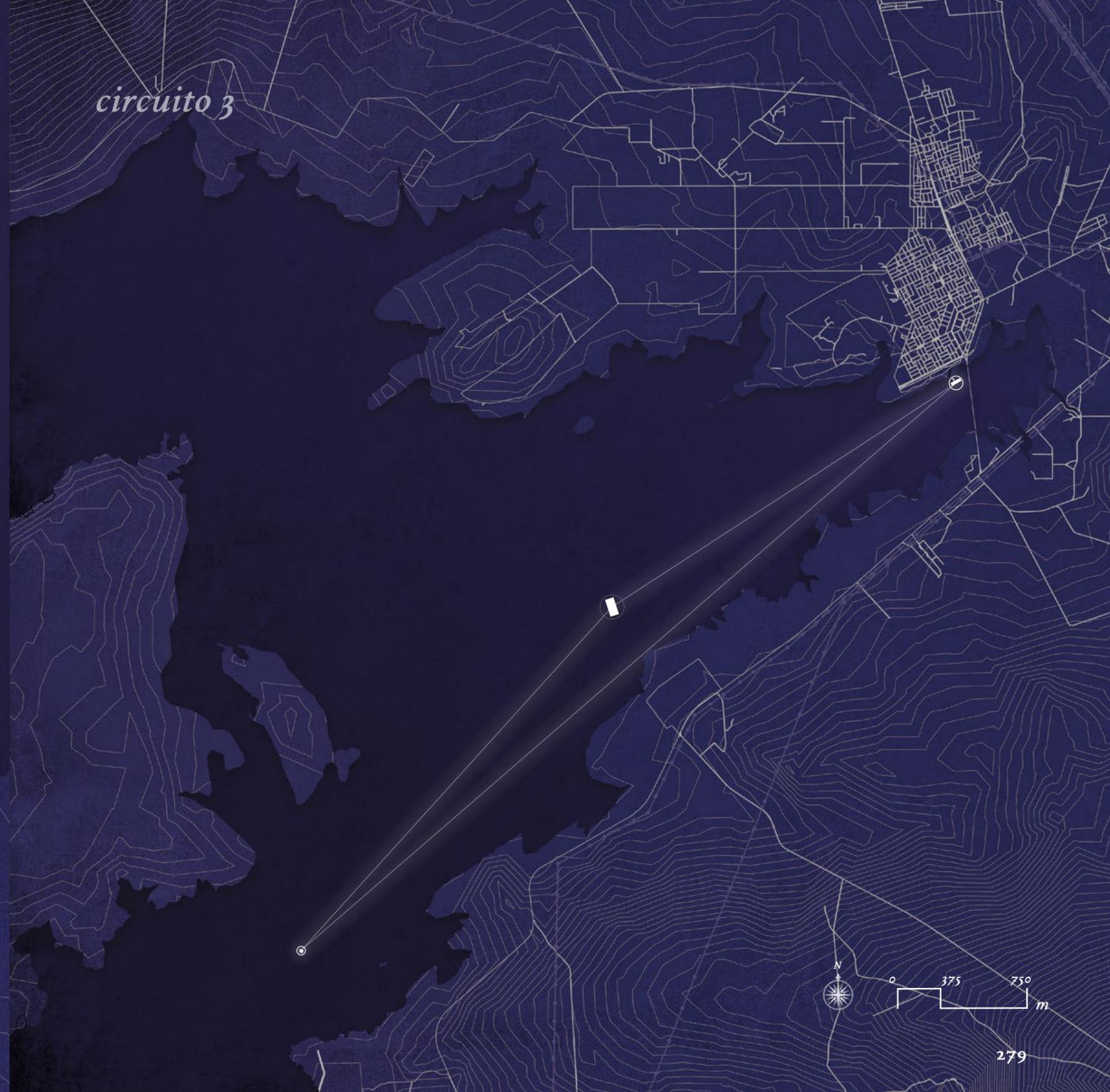


1: 180.000

circuito 1



circuito 3



circuito 2



281



*[...] repensar nosso próprio “princípio esperança” através do modo como o Outrora encontra o Agora, para formar um clarão, um brilho, uma constelação onde se libera alguma forma para nosso próprio Futuro. Ainda que beirando o chão, ainda que emitindo uma luz bem fraca, ainda que se deslocando lentamente, não desenham os vaga-lumes, rigorosamente falando, uma tal constelação?
(DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 60-61, grifos nossos).*

*Essa imagem da constelação de vaga-lumes como a reunião de minúsculos fragmentos de poder em uma unidade maior, como uma cristalização do ato de resistência, fornece-nos, de fato, uma preciosa fórmula para o nosso futuro, ensina-nos um caminho a seguir: tal qual o signo da constelação, nossa sobrevivência é um fenômeno que somente se exprime por meio de um coletivo.
(MOREIRA, p. 58, 2020)*

*Se a imaginação – esse mecanismo produtor de imagens para o pensamento – nos mostra o modo pelo qual o Outrora encontra, aí, o nosso Agora, para se liberarem constelações ricas de Futuro, então podemos compreender a que ponto esse encontro dos tempos é decisivo, essa colisão de um presente ativo com seu passado reminiscente.
(DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 62)*

agradecimentos

O presente trabalho é fruto de uma constelação de estudos, leituras, imagens, memórias e, principalmente, encontros. Encontros com pessoas que, feito vagalumes, iluminaram e acompanharam, de alguma forma, esse percurso.

Primeiro, gostaria de agradecer a meu orientador e grande mestre, Ricardo Trevisan. Trevisan me formou como arquiteta e pesquisadora dentro da faculdade, de forma que esse trabalho não seria possível sem ele. Foi ele quem me apresentou as suas cidades novas; abriu-me portas, incluindo-me em tantas oportunidades; refinou e estruturou a minha escrita ao longo dos anos; incentivou e ouviu as minhas ideias, revisando minhas produções com cuidado e zelo... Enfim, Trevisan é alguém que me acompanhou e guiou por esse caminho, inspirando-me com sua sabedoria, generosidade, dedicação e profundidade. Qualquer trabalho ao seu lado ganha uma outra dimensão: sinto-me impelida a transpor meus limites, indo ao encontro do fundo das ideias, feito ele. Muito obrigada por tudo, professor querido!

Gostaria de agradecer, também, à professora Elane Peixoto por suas considerações sensíveis e por todo auxílio ao longo desse processo.

Agradeço, ademais, ao Professor Antônio Willamys Fernandes da Silva por tamanha prontidão e generosidade ao disponibilizar seu livro “Do Plano da Região ao Traçado Urbano: A experiência de planejamento integrado da Chesf”, uma pesquisa extensa sobre as cidades novas abordadas, incluindo plantas inéditas (das antigas cidades e de seus respectivos planos para as cidades novas), além de tantas informações historiográficas que não teria conseguido sem sua ajuda.

Gostaria de agradecer, da mesma forma, aos entrevistados - seu Jailton, seu Carlos, dona Primitiva e Lucilene - pela abertura e atenção, que mudaram totalmente minha perspectiva a respeito da história e dos locais abordados.

Num segundo momento, gostaria de agradecer a minha família, que faz parte do meu coração e da minha história. Realmente não sei como agradecer os meus pais, Flávia e Wagner, pelo apoio incondicional e por todo amor. Agradeço a minha irmã Estela, meu porto seguro, por estar ao meu lado e tornar tudo mais leve, mesmo nos momentos mais difíceis. Agradeço a minha avó Cylene por iluminar meus dias, com seu companheirismo e carinho. Agradeço, por fim, a minha avó Ieda pelo marcante exemplo de dedicação, ética e doçura que representa.

Não obstante, gostaria de agradecer a meus amigos. Agradeço, a princípio, as minhas amigas-irmãs, Flávia, Maria Clara, Lorena, Mila, Laura e Renata pela amizade preciosa e rara.

Agradeço também a meus amigos queridos, tão importantes nessa caminhada. Em especial, agradeço a: Victor Rocha, Rafael, Mattiello, Jorge Brando, Kallyo, Talita Reis, Cristhian, Aldo, Dani Fonseca, Gi Soares, Marina Paixão, Bárbara Gomes, Victória Barreiros, Rubens Braz, Caio Sato e Eric Costa.

Por fim, gostaria de agradecer ao Artur por modificar minha trajetória e fazer florescer, até no sertão mais profundo e árido, a delicadeza.

Referências

ACQUA Movie. Direção: Lírio Ferreira. Produção de Chica Mendonça e Lírio Ferreira. Brasil, 2019. 105 min. Canal Arter.

AGOSTINHO, Santo. De Civitate Dei, XII, XII. *Apud* LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução por Bernardo Leitão et al. 5ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. 544p.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. Nietzsche e o eterno retorno. **Revista Reflexão**, Campinas, nos 83/84, p. 23-36, jan./dez., 2003.

AMADO, Jorge. **Mar Morto**. Circulo do Livro: São Paulo, 1987.

ACHCAR, Francisco. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

ANDRADE, C. D. Áporo. In: ANDRADE, C. D. **A rosa e o povo**. 21. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2000. p. 56.

BEAUVOIR, Simone. **Balanço Final**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BENJAMIN, Walter. **Imagens de Pensamento**: sobre o haxixe e outras drogas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BORGES, Jorge L. **Elogio da Sombra**. Obras Completas. Tradução por Carlos Nejar e Alfredo Jacques. Revisão de tradução: Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz. São Paulo: Globo, 1999. Vol. II.

BORGES, Jorge L. **O outro, o mesmo**. Obras Completas. Tradução por Leonor Scliar- Cabral. São Paulo: Globo, 1999. Vol. II.

BOSI, Alfredo. **O tempo e os tempos**. In: NOVAES, Adauto (Org.). Tempo e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CORSI, F. L. **Estado Novo: política externa e projeto nacional**. São Paulo: UNESP, 2000.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. São Paulo: Circulo do Livro, s/d.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução por Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

DIDI-HUBERMAN, G. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Tradução por Vera Casa Nova, Márcia Arbex. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2015. 328 p.: il. (Humanitas)

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução por Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOMINGUES, Filipe. Com mais de 90% da transposição concluída, impactos ambientais no Rio São Francisco ainda são incertos. **Fundação Joaquim Nabuco**. 23 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.fundaj.gov.br/index.php/transposicao-do-rio-sao-francisco/11594-com-mais-de-90-da-transposicao-concluida-impactos-ambientais-no-rio-sao-francisco-ainda-sao-incertos>>. Acesso em: 29 set. 2021.

FERNANDES, I.; NETO, O.; OLIVEIRA, A. **A importância da hidroponia para o semiárido brasileiro**. 2018.

FERREIRA, V. R.; EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FIGUEIREDO, M. S. **Exílio: Pertencimentos e reconhecimentos em populações deslocadas - o caso Itacuruba**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife, 2011.

GOMINHO, K. C.; CARNEIRO, H.F. Velha Petrolândia: memórias de uma cidade perdida no semiárido pernambucano. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Sistema Eletrônico de Revistas SER/ UFPR. Edição especial - Sociedade e ambiente no Semiárido: controvérsias e abordagens. v. 55, p. 262-279, dez. 2020.

HESSE, Hermann. **Sidarta**. Tradução por Herbert Caro. Rio de Janeiro: O Globo, 2003, 88 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades: Petrolândia**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolandia/historico>>. Acesso em: 1 out. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. V. XVIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer: cérebro e memória**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. **Montagem de uma outra herança: urbanismo, memória e alteridade**. Tese acadêmica (Defesa para Professor Titular). Salvador: FAUFBA, 2018.

JACQUES, Paola Berenstein. **Fantasmagóricos modernos : montagem de uma outra herança** v. 1. Salvador : EDUFBA, 2020. 423 p.

JUNG, C.G. **Símbolos da transformação** [1924]. Petrópolis: Vozes, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução por Bernardo Leitão et al. 5ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. 544p.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASCARENHAS, Claudio; PEIXOTO, José. Saveiros de Vela de Içar: 400 anos de história. **Revista Veracidade**, ano IV, número 5, p. 1-21. Outubro, 2009.

MENEZES, G. **De Jatobá a Petrolândia**: três nomes, uma cidade, um povo. Recife: Ed. do autor, 2014. 287 p.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues; SOARES, L. F.; KRAUZ, L.; SIEWIERSKI, H.; RIBEIRO, E. F. N.; SANTOS, M. C.. **Constelações de vagalumes**: Bruno Schulz e outros insetos fosforescentes no cosmos da palavra poética. 2020. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia.

MOREIRA, F. D.; MAIA, R. T. T. Ruptura com o lugar e destruição de imagens espaciais em cidades reassentadas. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**. v. 5, n. 2, p. 36-52, 30 mai. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. A Gaia Ciência. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NORONHA, Silvia. Réplica da saudade – Miniaturas eternizam os saveiros, embarcação antiga em processo de extinção. In Aqui Salvador. **Correio da Bahia**, 09 de agosto 2004. Disponível em: <<http://saveiromodelismo.vilabol.uol.com.br/replicadasaudade.htm>> Acesso em: 13/06/2022.

REINALDO, Gabriela. **Uma cantiga de se fechar os olhos**: mito e música em Guimarães Rosa [2005]. 1a ed. Annablume, 2005. 239 p.

RIBEIRO, Ana Maria Motta. O “Polígono da Maconha”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 4 jun. 2008. 11º ed. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/o-poligono-da-maconha/>> Acesso em: 27 set. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas** [1956]. 19a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, J.L.D; ALMEIDA, J.N. & SANTOS, A.C. **Caracterização Física e Química de um Planossolo localizado no semiárido baiano**. Revista ACSA, v. 9, p. 13-17, 2013.

SILVA, Antonio Willamys Fernandes da. **Do Plano da Região ao Traçado Urbano: A experiência de planejamento integrado da Chesf**. Novas Edições Acadêmicas: 24.08.2020. ISBN: 978-620-2-56150-1.

SMARCEVSKI, L. **Graminho: A Alma do Saveiro**. Salvador: Odebrecht, 1996. 148

SOUSA, Djalma; LOBATO, Edson. Perfil representativo de Areia Quartzosa (AQ) ou Neossolo Quartzarênico (NQ). **Agência de Informação Embrapa**. Disponível em: <agencia.cnptia.embrapa.br>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SUASSUNA, C. C. de A.; PAULETTE, C. Y. R. D. **Dano moral ambiental coletivo em populações atingidas por empreendimentos hidrelétricos: o caso de Petrolândia - PE**. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Gestão e Políticas Ambientais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TORRES, Avani Terezinha Gonçalves. **Os meandros da política hídrica do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco : representatividade, efetividade, e formação de hidroterritórios**. 2016. 356 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

TREVISAN, R. **Cidades novas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.

WEISSHEIMER, Maria R. IPHAN. Parecer Técnico: **Processo no 1.615-T-2010 - Tombamento do Saveiro de Vela de Içar, de nome Sombra da Lua, no Recôncavo Baiano, estado da Bahia**. Depam/IPHAN, 2010.

*Sob a história, a memória e o esquecimento.
Sob a memória e o esquecimento, a vida.
Mas escrever a vida é outra história.
Inacabamento.*

(RICCEUR, 2007)